MÃOS DE CURA

J. BERNAD HUTTON

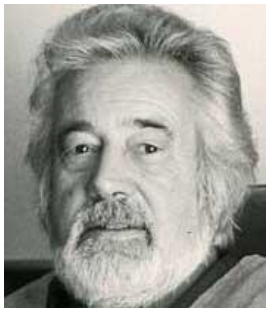
TRADUÇÃO AMADEU ANTÔNIO

NOTA PESSOAL

O método de cura por excelência passa pela chamada imposição das mãos que os antigos praticavam, ou transmissão de magnetismo animal, chi ou energia vital, contudo isso requer um 'instrumento' que goze de energia magnética em excesso. Só depois vêm os tratamentos 'placebo,'' como eu designo, ou medicamentosos e tratamentos baseados nas ditas 'especialidades'. No caso presente, o cirurgião aplicava-a por outra via, diretamente no corpo espiritual (etérico). Pude constatá-lo em primeira-mão quando lhe fiz uma visita em novembro de 90, e tive a oportunidade de assistir ao seu método.

Conheci pessoal e diretamente o médium e assisti à ação levada a cabo pelo espírito que o controlava, o falecido Dr. William Lang, oftalmologista (1852-1937) quando a ele recorri em busca de auxílio para o meu falecido pai, em finais de 1990, a quem queriam operar aos intestinos, na sua condição de idade avançada. Fomos a Machynlleth, no condado de Aylesbury, no país de Gales. Conheci George no estado de vigília, senhor de uma serenidade notável (que inclusive me revelou que eu era artista – quando o que tinha pintado de forma furtuita tinha sido unicamente cerâmica, dez anos antes) e vi-o transfigurado, completamente diferente, figura afável e simpática, com uma aparência muito mais velha e traços de uma personalidade completamente distinta. Á sua memória e a título de homenagem, dedico este trabalho iniciado com base na estima que granjearam da minha parte, como um tributo a um importante trabalho que pude testemunhar em primeira mão.

Amadeu António 2000



George Chapman

Ano de publicação: 1968

PREFÁCIO

Este é um livro invulgar, escrito com a perícia de um talentoso escritor acerca da cura espiritual, um tema que poderia correr o perigo da rejeição, caso não tivesse uma introdução preliminar.

É uma narrativa verdadeira dos “milagres” levados a cabo pela cura espiritual conseguida através da devotada cooperação de dois homens, o famoso cirurgião clínico William Lang, que viveu no século dezanove e princípios do vinte, e que é conhecido por um certo número de médicos ainda vivos, e o seu médium, George Chapman, que devota a sua vida à mediunidade, através da qual, o doutor Lang – como ele gostaria de ser tratado -- e seus colaboradores espirituais são capazes de aplicar forças curativas que não se enquadram no âmbito dos tratamentos ordinários.

A maior parte dos médicos tem consciência das limitações de que padece em trazer alívio à doença e ao sofrimento, e este livro deveria mesmo ajudar a convencê-los da cura espiritual e das potencialidades que tem. Contudo, o âmbito de que este livro goza é amplo e carrega uma mensagem de esperança para todos quanto s se acham enfraquecidos e desesperados, a despeito da dedicação prestada por médicos e enfermeiros.

Não posso realçar o suficiente que não se trata de um livro de Espiritualismo, mas de uma narrativa muito humana e comovente dos “milagres de cura.” O autor inclui o próprio milagre que vivenciou e admite que, como a maior parte das pessoas, nunca tinha ouvido falar acerca do corpo espiritual, que é conquanto seja invisível é parte integrante de todos nós. Para muitos, tal proposição parecerá invulgar, mas ciente disso, o Dr. Lang transmite a todos quantos o visitam a simplicidade dessa ideia e a razão óbvia por que é possível receber através do corpo espiritual, tratamento que auxilia o corpo físico.

Nada contém o presente livro que deva ofender qualquer forma de credo religioso que seja, ou ausência dele, nem qualquer intenção de devastar emoções. Tudo quanto é nele relatado são factos comprovados. Estou convencido de que os “milagres” descritos não são invenção da imaginação. Eu sei o quanto é duro para os médicos aceitar que isso não seja verificável pelos métodos usuais de avaliação, mas este é um livro que devia estimular ambos, médicos e pacientes a uma pesquisa adicional imparcial. Quanto maior for o ceticismo inicial maior será a sólida convicção final. Não hesito em dizer que, da própria experiência que tive na minha carreira cirúrgica, aceito sem questionar que milagres possam ocorrer e que na realidade acontecem sob as condições tão fielmente apresentadas por Mr. Hutton no seu livro, que, acredito, no devido curso será visto como uma referência pioneira da até agora pouco conhecida “Ciência de Cura.”

Edward Townley Bayley (Cirurgião consultor ortopédico)

William Lang

NOTA DO AUTOR

Quando me deparei, por acaso, com o nome de George Chapman e li que a entidade controladora dele era o falecido William Lang, do Hospital de Oftalmologia de Middlesex e Morfield, eu pouco ou nada sabia sobre cura espiritual. Tinha dificuldade em aceitar algumas declarações como: “As operações espirituais e tratamentos semelhantes são capazes de tratar casos incuráveis ou complicados, que não tivessem reagido à ação médica ortodoxa.” Eu não acreditava em milagres. Não era pois, de surpreender que, tendo marcado um encontro com George Chapman, para 6 de Janeiro de 1964 eu fosse a Aylesbury com certas reservas. Eu ia “conhecer o médico espiritual” Lang.

Mas a visita resultou gratificante. Depois de ter recebido tratamento do doutor Lang, fiquei sem dúvidas de que a sua operação espiritual tivesse provocado resultados não só assombrosos como convincentes. Quanto mais evidente se tornava a melhoria da minha condição, mais forte se tornou, na minha mente, o desejo de conhecer minuciosamente o que de intrigante tem a cura espiritual. Dei o primeiro passo e estudei algumas evidências disponíveis acerca do trabalho do doutor Lang e de George Chapman. Descobri que a própria experiência por que tinha passado era semelhante a muitos milhares de casos nos quais o doutor espiritual tinha obtido êxito e conseguido resultados extraordinários.

Contudo, havia muito, muito mais que eu precisava conhecer, caso pretendesse apresentar um relato autêntico e destituído de preconceitos acerca do trabalho conjunto de Lang e Chapman. Ambos me disseram que me ajudariam da forma que pudessem. O cenário estava determinado e eu encontrava-me pronto para ir adiante com a entediante, embora gratificante satisfatória tarefa que eu próprio tinha determinado.

Muitas foram as entrevistas que gravei com Mr. Lang enquanto ele controlava o médium em estado de transe e as reuniões que tive com

George Chapman no seu estado de vigília. Frequentemente, essas entrevistas adotaram a forma de um interrogatório, de um questionário obstinado, e pedidos de provas de quaisquer declarações proferidas. Viajei milhares de quilómetros pela Inglaterra para entrevistar os pacientes de Lang que tinha escolhido ao acaso, dos arquivos históricos de Chapman. À medida que o tempo passava, eu reunia bobines de declarações gravadas por pessoas a afirmar que Lang as tinha curado. Algumas alegavam que tinham sido completamente curadas de doenças que os médicos nos hospitais tinham afirmado ser incuráveis. Além de entrevistar os pacientes, também confrontava os seus estados com os seus historiais médicos. Eu queria estar completamente seguro de estar na posse de factos e dão relatos emocionais profundamente tendenciosos (e possivelmente inexatos).

Todos os nomes e lugares de residência publicados neste livro são autênticos. Aproveito esta oportunidade para agradecer a cada um deles pelo amável auxílio e cooperação, porquanto se essas pessoas desinteressadas não tivessem permitido gravar os seus casos individuais e divulgar as suas identidades verdadeiras, a autenticidade e a credibilidade dos feitos de Lang e de Chapman teriam sido sujeitas a sérias dúvidas.

Também quero agradecer a William Lang e a George Chapman pela infatigável assistência que me prestaram, porque sem a sua inestimável ajuda não teria sido capaz de escrever este livro. Expresso uma dívida de gratidão para com Liam Nolan pelos conselhos e auxílio que me estendeu na elaboração deste livro – esforços que foram além das funções de um amigo.

Ciente de ter escrito um livro invulgar, quero deixar plenamente claro que não tenho a menor intenção de tentar influenciar ou converter quem quer que seja a uma nova maneira de pensar. A minha tarefa termina com a apresentação de um trabalho objetivo sobre a verdade acerca do tema em questão.

J. Bernard Hutton,

PRÓLOGO

Era um dia de Outono de 1963, e à medida que o ano findava, a vida parecia esvair-se de mim também. O doutor, de pé à beira da minha cama falava numa voz calma e grave. Mantínhamos relações de amizade, e dado que nunca na minha vida me tinha sentido tão doente como agora, sabia que ele seria honesto comigo quando lhe perguntei o que se passaria de errado comigo.

“Tu padeces de um tipo de poliomielite que não provoca paralisia,” disse ele. “Mas eu quero que faça algumas análises sanguíneas.” As palavras

deixaram-me apavorado. Poliomielite – poderia eu padecer disso? A parte do “não provoca paralítica” não me aliviou o temor. Não sabia o que dizer. Senti como se a minha cabeça tivesse sido rachada. As minhas pernas e os meus braços latejavam devido às fortes dores que sentia, e quando procurava levantar-me, fui acometido de tonturas.

Poliomielite. A palavra martelava e ecoava pelo meu cérebro. Atravessei um período em que os detalhes e o tempo se fundiam. Era o hospital, as análises ao sangue, os tróleis, o sono, a fraqueza, a confusão e a dor. Os antibióticos provaram-se inúteis, E então comecei a cegar. Toda a minha vida tinha sofrido de uma visão deficiente, e de Julho de 1958 para cá tinha estado sob os cuidados do notável especialista oftalmológico Mr. Hudson, que tinha sido perfeitamente franco comigo desde o início, pelo que eu começara a aceitar o facto de haver uma chance, embora pequena, de melhorar a minha visão.

Agora, em 1963, tendo-me sido diagnosticado o caso de poliomielite, tinha de enfrentar também a perspetiva da cegueira. Começava a ficar tão má que, eventualmente, tudo quanto podia distinguir da figura de uma pessoa de pé, afastada de mim dez metros, não passava de um perfil indistinto. Por fim apresentava sinais de visão dupla.

Numa certa manhã, numa altura em que me sentia completamente desolado, a minha esposa Pearl, atirou-me um exemplar do Psychic News para as mãos: “Lê a história desse homem de Aylesbury,” disse-me ela. Nessa altura eu encontrava-me de temperamento pouco animado, sempre rabugento com Pearl e as crianças. A ideia de esforçar a vista para distinguir as palavras pequenas do jornal era demais. “Não sejas ridícula,” disse, “sabes o quão difícil me é ler nem que seja um livro com letra grande; sem precisar mencionar que isso não passa de um disparate sem sentido.”

“Não, faz favor de ler isso,” insistiu ela. Resmungão, peguei no jornal até à ponta do nariz e tentei focar as palavras. Sentia-me dolorosamente ciente do facto de que, quem quer que me visse nessa posição, pudesse ver-se tentado a rir. Isso, mais que tudo, tinha-me induzido a abandonar a leitura exceto quando me encontrasse completamente só. Mesmo então, o esforço e a dor que sentia nos olhos constituía uma provação. Eu tinha que procurar a página da história que Pearl queria que eu lesse e estava quase para atirar com o jornal para longe de mim num ato de cólera e de frustração, quando notei um fragmento sobre alguns acontecimentos notáveis que tinham ocorrido em Aylesbury, que se prendiam com operações dos olhos, os quais, reivindicava o jornal, eram levados a cabo por algum médico espiritual.

Voltei ao início da história e com um enorme esforço lá comecei a ler. Falava sobre um doutor Lang, que tinha sido um notável especialista oftalmológico na última metade do século dezanove e na primeira metade do vinte. Ele morrera em 1937, mas agora, reclamava o jornal, estava a operar através de um médium em Aylesbury. Pousei o jornal com um comentário ridículo. Pearl, contudo, pensava de outro modo e disse: "Porque não tentas, Joe? Podíamos ir de carro e pelo menos ver." A princípio eu encontrava-me firme na minha recusa, mas finalmente cedi. Concordei em escrever a marcar um encontro.

O médium era um homem chamado George Chapman. Dois dias depois obtive uma resposta dele dizendo para os devidos efeitos que o doutor William Langa me poderia receber a 6 de Janeiro de 64 às duas horas da tarde. Bom, pensei, se se tratar de uma brincadeira, pelo menos esse Mr. Chapman fá-lo de uma forma elaborada. Olhei para a carta outra vez. O doutor Lang ia-me receber, dizia. Não o Sr. Chapman mas o doutor Lang. Eu conhecia o suficiente acerca do Espiritismo para compreender que isso significava que Mr. Chapman tinha que estar em transe, controlado pelo doutor espiritual.

A 6 de Janeiro saímos de casa cedo. Devido ao estado em que os meus olhos se encontravam, Pearl há muito que se encarregara da função de condutor, e como ia ser um dia longo fora de casa, as crianças também foram. Cerca das duas menos cinco, bati à porta da casa do Sr. Chapman. Penso que no meu íntimo havia a ideia de que, mesmo que essa atitude resultasse falsa, deveria dar uma história importante para os jornais de Domingo.

Fui conduzido para a sala de espera e, passados alguns minutos, a rececionista disse: "Mr. Hutton, o doutor Lang vai recebê-lo agora." Lá estava outra vez, o doutor Lang ia-me receber. Olhei atento através das minhas lentes grossas, para a figura de casaco branco em pé junto da janela do consultório. A face parecia enrugada e ter uma certa idade, e os olhos permaneciam firmemente cerrados. Só tive tempo para me sentir surpreendido quando, sem abrir os olhos, o homem de bata branca se me dirigiu para dizer: "Bem, que é que o incomoda, jovem?" Eu estava novamente admirado. Eu não era jovem; decerto não tão jovem quanto o médium, Chapman, cuja fotografia tinha visto no jornal.

Agora que me encontrava a alguns passos no interior da sala, podia constatar a semelhança entre a figura que se encontrava de pé e a foto de Chapman. Mas o rosto parecia de uma pessoa muito mais velha. As rugas e as linhas eram de uma pessoa verdadeiramente avançada na idade, mas eu

sabia que Chapman rondava a idade de quarenta e poucos anos. A figura de branco moveu-se na minha direção, olhos ainda cerrados.

"Sou Mr. Lang," disse. Até mesmo a voz soa a velho, pensei. "Você queria ver-me, não queria?"

"Sim," disse eu. Ele estendeu a sua mão direita na minha direção e eu erguia minha própria mão na direção da dele, mas só a meia distância. Observava a sua cara. Os seus olhos não se abriram, mas a sua mão, sem tatear nem hesitar, veio ao encontro da minha.

"Estou encantado por conhecê-lo," disse ele "Sente-se aqui, por favor." Gesticulou e apontou para uma cadeira que se encontrava à face da janela. Lá fora o dia estava cinzento e o frio e a luz, ou o que dela restava, caiu sobre a minha face.

"Os seus olhos, jovem, estão a causar-lhe problemas," disse ele. "Sim," respondi, "e nos últimos dois meses eles têm vindo a piorar. Atualmente acho quase impossível ler. Não posso escrever. O meu trabalho chegou a um termo e…"

"Posso vê-los, por favor?" interrompeu ele, removendo os meus óculos da cara. Ainda não tinha aberto os seus olhos. Segurou nos óculos em frente à sua cara dando a impressão de estar a olhar através deles.

"Ah, meu caro!" exclamou abanando lentamente a cabeça. "Menos dezoito." Estava absolutamente correto – as lentes que eu usava tinham uma graduação menos dezoito, mas eu não lhe tinha contado nada acerca disso. Ele colocou os óculos no seu bolso de cima do casaco, depois abaixou-se para perto de mim, ergueu os polegares e apalpou-me os olhos. Nem uma só vez abriu os seus. Depois de um minuto ou isso endireitou-se.

"Você sofreu uma operação de fixação em ambos os olhos, quando era criança. Um trabalho perfeito." Eu estava aturdido. Como podia ele ter sabido disso? Nem mesmo Pearl, a minha mulher, sabia disso. Eu nunca falara a cerca disso. De facto já nem pensava nisso há anos. Tinha acontecido há muito tempo atrás – quando eu tinha seis anos. O cirurgião que tinha realizado a operação, o Professor Elschenick do Sanatório Gottlieb de Praga, já havia morrido.

Ele inclinou-se sobre mim novamente, tocando os meus olhos enquanto falava durante todo o tempo. A torrente de frases e de termos médicos que usou inundava-me. "… e a sua vista deteriora-se a cada passo… o sistema de drenagem linfático não está a trabalhar corretamente…diplopia…" As palavras eram compreendidas pela metade "…devido à perturbação do equilíbrio muscular dos dois olhos… escotoma central…"

Eu não sabia o que fazer, dizer ou pensar. "E uma certa lesão na retina assim como dilatação da conjuntiva devido à presença de fluído... uma mancha a turvar-lhe a visão..." Por fim endireitou-se uma vez mais.

"Você também está com um problema com respeito à visão dupla, jovem, não está?" A esta altura eu só podia assentir com a cabeça. "Que profissão exerce?" perguntou de repente.

"Sou escritor e jornalista," respondi.

Ele franziu os lábios e balançou a cabeça umas três ou quatro vezes. "Bom, certamente você depende muito dos seus olhos. Farei o máximo que puder para o ajudar."

"Obrigado, muito obrigado," disse eu, "qualquer coisa que possa fazer será profundamente..."

"Está muito bem, muito bem," disse ele evitando que eu manifestasse a gratidão que sentia. "Agora, há algo para além dos seus olhos a incomodá-lo. Deixe-me fazer-lhe um pequeno exame."

Eu esperava que ele me pedisse para tirar o casaco e a camisola, mas ele não o fez. Sentado onde eu me encontrava, ele tocou-me delicadamente com as suas mãos. Durante o que me pareceu alguns minutos não se escutava o menor ruído na sala. Os olhos dele permaneceram cerrados o tempo inteiro. Ele não os tinha aberto desde que eu entrara na sala. Eventualmente prosseguiu:

"Ora bem, o vírus responsável pela sua doença, o qual o seu médico acredita ser de um tipo não causador de paralisia, desapareceu. Mas você tem algo muito sério, um vírus de hepatite que lhe perturba o fígado. Devido a isso, ocorrem alterações na temperatura do seu corpo, pelo que o equilíbrio do fígado não poder ser mantido. Este vírus da hepatite esgota-lhe as energias."

Se eu ficara assombrado antes, agora estava mudo. Não tinha dito nada a Chapman sobre o meu médico quando lhe escrevi, nem tinha mencionado o facto de me encontrar doente. Contudo, aqui estava o médium a dizer-me algo que só o meu médico e a minha mulher podiam possivelmente conhecer. E nenhum tinha estado em contacto com George Chapman. Era um mistério.

A tentação de aceitar por completo todas as pretensões acerca do cirurgião, agora a operar através do seu médium, tornou-se subitamente premente. Mas o instinto jornalístico reafirmou-se. Palavras tais como telepatia, transferência de pensamento, clarividência, e tudo o que isso significava surgiu de repente no meu cérebro. Algures por entre estes

aspetos poderia estar a resposta para o conhecimento misterioso de factos acerca de mim, que o médium citava. Mas ainda assim, o que dizer dos termos médicos? Ele certamente não poderia tê-los obtido da minha parte. Eu jamais tinha ouvido falar na maior parte deles, antes.

Ele estava outra vez a conversar com aquela peculiar naquela voz de idoso, com os estalidos secos da dentadura, numa voz que tinha tanto de fraco quanto de cansado. "Para o ajudar terei que realizar uma operação aos seus olhos. Não precisa preocupar-se, jovem, porque todos possuem dois corpos - o físico e o corpo espiritual. Operarei o seu corpo espiritual e tentarei produzir um efeito correspondente no seu corpo físico. Você pode ouvir-me a pronunciar nomes e pedir instrumentos. Não se alarme. Serei assistido na operação por meu filho Basil e por vários outros colegas meus que não será capaz de ver por eles também terem passado para o espírito. Mas você não sentirá qualquer dor. Agora quero que se deite ali naquele divã."

As impressões que colhi daquela pequena narrativa eram, no mínimo, divertidas. Aquilo estava tornar-se cada vez mais numa charada, mas pensei que também devia tentar resolvê-la.

Quando o médium me pediu para me deitar no divã esperava que ele me dissesse para me despir. Mas não o fez. Deitei-me, inteiramente vestido, com os olhos amplamente abertos. Ele aproximou-se do divã e erguendo as mãos começou a movê-las e a estalar os dedos, mesmo por cima dos meus olhos. Os seus olhos continuavam firmemente cerrados. Ele movia os dedos das suas mãos abrindo-os e fechando-os, dando a impressão de estar a pegar e a utilizar instrumentos.

De repente senti um impulso quase incontrolável de desatar a rir. A mímica que ele executava era engraçada. Tive de morder firmemente o lábio para suportar a gargalhada que me acometia. Depois forcei-me a prestar atenção àquela voz idosa outra vez.

"Afastei levemente o seu corpo espiritual do físico e estou agora a operar no seu corpo espiritual... estou a fazer uma incisão através da dobra da supratarsal e estou a examinar os fluídos e as partes situadas por detrás dos olhos... o cristalino, a retina, e assim por diante." E assim prosseguiu. A vontade de rir subitamente abandonou-me.

"Tratei o seu globo ocular e os próprios músculos, por ter verificado que os músculos ciliares se encontravam contraídos..." Então, por mais incrível que possa parecer, comecei a experimentar a sensação física de incisões feitas nessa área. Eram indolores, mas suscetíveis de serem sentidas. Os olhos do homem nunca se abriram, e ele nunca chegou a tocar-me. Mas então,

um pouco mais tarde senti como se ele estivesse a costurar-me a ferida. Agora tudo estava longe de ser engraçado.

Tão logo quanto os meus olhos estavam tratados, ouvi-o chamar a atenção dos seus assistentes invisíveis e inaudíveis para o facto de que, se o vírus da hepatite não fosse atendido, a operação das vistas poderia não ser de grande valia.

"Agora vou realizar uma operação no seu corpo espiritual," disse-me ele. Tentarei eliminar o vírus." Uma vez mais, pude ver as mãos dele suspensas por cima de mim. Uma vez mais elas pareciam estar a manusear instrumentos invisíveis, e de novo tive aquela sensação indolor de incisões a ser feitas sobre carne anestesiada. Quando aquilo passou, senti a mesma sensação de uma agulha a ser inserida, puxada, e inserida de novo.

Quando me foi pedido para me sentar senti-me tonto e aturdido. E de seguida um alarme terrível apossou-se de mim, ao descobrir que não conseguia ver em absoluto. Só conseguia distinguir luz e escuridão. De súbito veio-me ao espírito o que o Dr. Hudson, o especialista oftalmológico que me atendia desde 1958, me dissera certa vez, sobre a única possibilidade da minha visão residir numa série de complicadas operações que tanto podiam ser bem-sucedidas como não.

E enfatizou que, se não fossem bem-sucedidas, eu poderia ficar permanentemente cego. Outros médicos tinham confirmado a sua opinião, e eu decidi não correr o risco. Tudo isso me acudiu à mente assim que me sentei, sem poder enxergar, naquele divã em Aylesbury. Havia o medo pavoroso de que a interferência desse chamado médium tivesse resultado naquilo que Mr. Hudson me tinha advertido. Em pânico comecei a exclamar alto: "Que se passa de errado comigo? Não consigo ver. Faça alguma coisa, pelo amor de Deus!"

A voz serena com o mesmo bater de dentes de antes, chegou aos meus ouvidos: "Não se preocupe, jovem, é temporário e em breve passará, e irá notar uma considerável melhoria." Depois acrescentou: "Não prometo restituir-lhe a visão normal, jovem, mas posso prometer que melhorará a visão consideravelmente. Continuarei a visitá-lo no seu estado de sono, por poder então separar mais facilmente o seu corpo espiritual do seu corpo físico e aplicar-lhe o tratamento necessário. Asseguro-lhe de que farei todo o possível para melhorar a sua visão."

"Só espero que esteja certo," disse-lhe eu em desespero.

"Não se preocupe; não se preocupe, jovem," repetiu ele. "Gostaria de o ver de novo daqui a três meses. Acha que será capaz de vir?

"Oh, sim, eu virei," confirmei eu. "Mas agora não consigo nem ver onde fica a porta."

"Não se preocupe, jovem," disse uma vez mais e ouvi uma campainha soar algures, lá fora, e depois a porta a abrir-se.

"Sim," disse uma voz feminina.

"Ah, Margaret, pode conduzir o Joseph, se faz favor?"

"Obrigado, Dr. Lang. Espero que tenha razão e eu seja capaz de ver."

"Ah, você vai ver, você voltará a ver; não irá levar muito tempo."

A voz dele era tranquilizadora. Fui conduzido ao exterior e pedi para me indicarem a porta da frente. Era com a maior das dificuldades que tateava o caminho até ao sítio onde tinha deixado o carro. Sentia uma intensa dor de cabeça e sentia-me tonto, e tinha o corpo todo a tremer. Que tolo fui em me submeter à insistência de Pearl para vir até aqui, pensei. Podia não ser capaz de ver muito, mas pelo menos era capaz de enxergar alguma coisa antes deste embuste me ter retribuído com a cegueira.

Sentei-me no carro. Pearl e as crianças tinham ido algures dar um passeio para esticar as pernas e comer qualquer coisa. Eu procurei desajeitadamente pelos meus cigarros e o isqueiro, queimei-me na mão ao tentar acendê-lo e fiquei deprimido e a praguejar.

Mas então começou a acontecer. Eu contemplava meio-cego diante de mim quando muito lentamente a forma de uma árvore começou a materializar-se. A princípio pense que fosse imaginação, mas não, não se tratava da imaginação. Como um daqueles truques cinematográficos, a silhueta da árvore tornou-se nítida e completamente distinta, e logo era capaz de distinguir os ramos largos e depois os pequenos, e por fim os pequeninos, os ramos despidos de folhas do inverno. Fechei os olhos incrédulo. Quando os voltei a abrir, reparei que o para-brisas estava sujo e precisava ser limpo.

O PARA-BRISAS ESTAVA SUJO E EU CONSEGUIA VER ISSO! Quase gritei as palavras. Olhei para fora pelo vidro traseiro, e longe à distância pude ver algumas pessoas a aproximar-se. E então, com uma onda de emoção, reconheci as pessoas. Eram minha mulher, Pearl, e os meus próprios filhos, e mesmo a essa distância eu conseguia reconhecer os rostos deles. Então, chorei, livre e copiosamente, ali sentado, enquanto esperava por eles.

CAPÍTULO UM

Sentado no banco da frente junto a Pearl, enquanto ela nos conduzia de volta a Worthing, descobri, para meu enorme regozijo, que era capaz de ver mais longe do que antes. E tão logo a escuridão encobriu a luz do dia e os candeeiros das ruas e os faróis dos automóveis foram ligados, descobri que não mais me ofuscavam nem feriam os olhos conforme me faziam há algum tempo. Tinha o espírito e o coração em fulgor. Falei de forma ininterrupta e depois calei-me. Pearl compreendeu e deixou-me com os meus pensamentos. Tinha sido um dia repleto de acontecimentos e de uma louca agitação emocional, e Pearl sabia quando devia manter-se calada.

Na manhã seguinte, terça-feira, encontrávamo-nos calmamente sentados a tomar o pequeno-almoço tendo de fundo o som familiar da voz de Jack de Manio (locutor de rádio) no nosso programa de serviços domésticos “Today.” Eu estava a ler o jornal da manhã mas logo senti uma mão pousando suavemente no meu braço, e virei-me para ver Pearl de pé, a sorrir serenamente para mim. Passado um bocado ela disse: "Já notaste o que estás a fazer? Estás realmente a ler o jornal. Não é maravilhoso? E estás a pegar-lhe a, pelo menos, uns vinte centímetros dos teus olhos." Ela tinha razão. Eu não tinha reparado o quão rapidamente a normalidade se restabelecera e havia começado a ser aceite sem refletir. Nenhum de nós falou depois disso. Não era necessário.

Na manhã seguinte acordei a sentir-me estranhamente diferente. Levei um bocado a compreender porquê. A cruel dor de cabeça e as tonturas que tinham sido meus companheiros do despertar por muitas semanas, tinham desaparecido. Tinha também desparecido do meu corpo a fadiga dolorosa que tinha suportado longamente e estava de tal modo satisfeito com a sensação crescente de bem-estar que decidi ali mesmo ir a Londres durante o dia e mostrar aos meus colegas e amigos o excecional homem novo em que Joe Hutton se tinha tornado.

Agora que todas as dores e aflições associadas à minha condição de fígado tinham desaparecido, uma certa conclusão me era repetidamente sugerida. Mas consciente e repetidamente a desviei da ideia. Eu era prudente. Eu precisava de provas. Não queria deixar-me levar por uma metamorfose imaginativa. Quando contei a meus amigos, em Londres, as coisas extraordinárias que me tinham sucedido, a princípio sentiram-se pouco inclinados a mostrar qualquer entusiasmo, conquanto estivessem obviamente satisfeitos por me encontrarem em tão boa forma. Também eles, senti, precisavam de provas. Até então tinham-me conhecido como um pateta de vistas curtas, pelo que decidi deixar que julgassem por si mesmos.

Sentei-me à máquina de escrever e comecei a dactilografar, e eles viram de imediato que não mais tinha que me inclinar com o nariz sobre o teclado, nem tinha que me dobrar para a frente, para ler o que tinha escrito. Era capaz de me sentar na vertical como qualquer outro. Eles agruparam-se à minha volta excitados e murmurando congratulações aos meus ouvidos. Então eu tive a certeza.

Nessa noite, quando me despi para me deitar, notei uma longa marca, uma linha pronunciada de cerca de doze centímetros de comprimento no meu corpo. Fui até ao espelho para ver o que seria aquilo. Cor-de-rosa, apresentava uma série se pontos acima e abaixo da linha. Parecia exatamente a costura de uma incisão cirúrgica. Passei os dedos sobre aquilo e senti ser bastante macio e liso e que não apresentava qualquer relevo, como se tivesse sido uma operação ao meu fígado!

A 22 de Janeiro fui de novo a Aylesbury, desta vez com alguém que estava precisando de auxílio que queria ser visto pelo médico espiritual. Eu próprio fui dado como bom, e depois do exame no divã, foi-me dito:

"A operação foi um sucesso, jovem." Mas não tinha sido preciso dizê-lo. Eu sabia-o! Foi um milagre o que sucedeu em Aylesbury num dia frio de janeiro de 64.

CAPÍTULO DOIS

O DOUTOR ESPIRITUAL E O SEU MÉDIUM

Poderá alguém negar que o que aconteceu tenha sido um milagre? Não sei como uma asserção dessas poderá ser refutada, mas sem querer ser impertinente, não ligo. Estou convencido que se deu um milagre. De início desloquei-me a Aylesbury na qualidade de cético, preparado para escarnecer -- cheio de menosprezo e desconfiança. Fui lá como um homem que se encontrava seriamente doente e perto da cegueira. Vim de lá com a visão restabelecida e a saúde renovada. Estes são os factos.

Para mim, a prova de milagre é mais do que conclusiva. Também estou certo de que o falecido William Lang foi um instrumento na minha cura. Jamais tinha ouvido falar dele antes. O nome de George Chapman nada significava para mim. Mas estou convencido de que, quando George Chapman entra em transe como médium, é controlado pelo seu espírito, William Lang.

Não espero que acreditem no que digo, nem é meu propósito convertê-los à minha maneira de pensar. Quero que isso fique bem claro desde o início. Tudo quanto estou a fazer é registar neste livro aquilo com que me deparei

ao longo do ano de viagens e de pesquisa que empreendi. Encontrei-me com toda essa gente cujas evidências pretendo apresentar, mas as palavras aqui transcritas são deles e não minhas. Não lhes estou a oferecer uma história acabada. É sem qualquer esquema formal, e conquanto apresente um princípio e um meio, não tem um epílogo, por ainda continuar. É assim que acho que essas coisas devem ser narradas, e que agora é tempo de o fazer.

Um outro aspeto que gostaria de mencionar é que decidi, por uma questão de conveniência e não como tentativa de influenciar qualquer leitor, tratar George Chapman quando em transe como Mr. Lang.

Em maio de 1964 voltei ao Dr. Lang para um exame, e depois conversei com ele por bastante tempo. A conversa que tivemos abrangeu vários assuntos, mas descobri nele uma pessoa encantadora e um orador inteligente. Eventualmente conduzi a conversa para a possibilidade de eu escrever acerca dele e do seu médium. Quando lhe coloquei a questão evidenciou um certo acanhamento. Esboçou um leve sorriso reservado e deixou descair a cabeça a refletir. Depois disse:

"Bom, suponho que um dia destes um livro desses venha a ser escrito, Joseph, e se tem que ser feito, gostaria que você o fizesse. Vá em frente, jovem, e escreva-o, mas há uma coisa que quero que tenha sempre em mente - que o George e eu somos somente instrumentos de Deus. É através da Sua ajuda e da Sua ajuda somente que sou capaz de usar a minha destreza, enquanto médico espiritual, para aliviar o sofrimento."

Eu sabia. todavia, que o projeto podia ser levado a cabo caso Mr. Lang concordasse em falar bastante comigo e de uma forma livre, acerca da sua vida na Terra e no mundo espiritual, e da associação que tinha com o médium George Chapman. Mencionei que tal preparativo não poderia ocupar muito do seu tempo.

"Oh, não se preocupe com isso, jovem," respondeu-me ele. "venha em qualquer altura. Apraz-me muito vê-lo e à sua querida esposa. É bom conhecer pessoas com quem se pode falar tão despreocupadamente."

Agradeci-lhe e disse que tinha várias perguntas a fazer a George Chapman, embora nunca o tivesse conhecido no seu estado de vigília. "Isso não será problema. George é um homem encantador e você irá gostar dele, estou certo. Sugiro que lhe escreva a sugerir-lhe a marcação de um encontro consigo."

"Haverá alguma objeção que ele possa fazer ao uso de um gravador?" perguntei. "É mais fácil do que ter que fazer um monte de apontamentos."

"Claro que não," disse ele, "tenho a certeza de que tudo correrá satisfatoriamente." Esse foi o fim da conversa e assim que voltei para Worthing escrevi de imediato a George Chapman. Foi muito mais tarde, e por acaso, que fiquei a saber que várias solicitações de autores bem conhecidos, jornalistas, escritores de roteiros de cinema e de produtores de televisão tinham sido recebidos no passado, e que todos tinham sido recusados.

Quando minha mulher e eu eventualmente nos encontramos com George Chapman na sua casa de Aylesbury, deparamo-nos com um homem jovem extremamente bem apresentado que parecia encontrar-se na casa dos trinta. Ele estava de facto com 43 anos de idade. Durante as três visitas que fiz ao médico espiritual tive ampla oportunidade de o estudar de perto. Apresentava um distinto porte de cabeça levemente erguido, à maneira de escuta de um homem muito idoso. Uma outra indicação do suposto peso dos anos era a inclinação demasiado acentuada do corpo. Essas eram as características do Chapman enquanto médium, mas agora não se achavam mais presentes. Esta era uma pessoa que caminhava erecta e com facilidade. Apresentava um rosto macio e uma individualidade um tanto tímida. o contraste na conversa evidenciou-se igualmente notável.

A voz de Chapman inequivocamente de acento do tipo Merseyside, era a de um homem bastante novo e ele falava serenamente devido a um inerente acanhamento, enquanto a conversa de Lang, por outro lado, era culta e segura, caracterizada por forte sotaque sulista, polvilhada por termos médicos e de uma frequência elevada, à maneira dos idosos.

Havia, contudo, certos atributos que eram posse comum: excecionais qualidades de amabilidade e de bondade, uma absoluta magnanimidade, e uma poderosa devoção à ajuda daqueles que tivessem sido considerados incuráveis pelos médicos. Logo no primeiro encontro que tive com Chapman, fiquei com a impressão de o conhecer há muito tempo.

CAPÍTULO 3

MUITO ANTES DOS BEATLES

A neblina envolvia tudo num torvelinho a 4 de Fevereiro de 1921. Era arrastada do mar por um vento tempestuoso que chicoteava as esquinas e penetrava nos ossos de qualquer um que se aventurasse pelas ruas. Rio abaixo, ouvia-se uma cacofonia lúgubre das sinetas dos navios. Ao longe, nas docas, guinchos gemiam nos convés encharcados, cargas moviam-se de um lado para o outro, na ponta de amarras precariamente presas em

cabos que rangiam, e homens que, de mãos inflamadas amaldiçoavam o inverno.

Alto, por entre o aglomerado cinzento escuro dos edifícios que dominavam o Pier Head e todo o rio em frente, o Liver Bird dourado e descarnado olhava com sobranceria sobre a ensopada e deprimida Liverpool. Mais além, ao longo do rio, no distrito de Bootle, uma mulher padecia das dores de parto, e quando os seus suores e agonia terminaram, tinha junto a si uma cara comprimida de um bebé que viria a ser batizado George William Chapman.

Eram tempos difíceis, aqueles. Na Irlanda reinava a inquietação, a pobreza e a sombra negra da guerra civil. Em Inglaterra havia muitos jovens que pareciam velhos devido ao que a guerra mundial lhes causou, e muitos de meia-idade mais pareciam cadáveres ambulantes. As pessoas desmembradas e desiludidas pelas ruas, e os pobres, como sempre eram atingidos forte e repetidamente.

Mas George Chapman era muito novo para ter consciência disso. Assim, foi amamentado e cresceu forte e aprendeu a gatinhar e a falar. E de repente o bebé não era mais um bebé mas um rapazinho de seis anos que via e sentia muitas coisas. Nas ruas de miséria confrontou-se com a pobreza e a dureza da vida, companheiros constantes a qualquer hora e por toda parte. Escutava o sotaque dos Irlandeses, vivia por entre rixas de Católicos e de Protestantes, e ficou eternamente chocado com as coisas que as pessoas faziam aos animais, quer por gozo, quer por maldade.

Sempre que via um garoto aproximar-se sorrateiramente de um cão ou de um gato que farejava um caixote de lixo à procura de comida, dava um berro a avisar o animal desprevenido, na esperança de o poupar à dor de um tijolo atirado de forma certeira. Havia alturas em que era visto como um desmancha-prazeres. Seria falso dizer que ele não se importava, porque se importava, e ficava tão assustado como qualquer menino de rua sempre poderia ficar, só que ele parecia não aprender a lição.

À medida que se tornava maior e mais forte, o instinto de sobrevivência tornava-se igualmente mais predominante, e, cheio de confiança, aprendeu a fazer uso dos punhos e dos pés com destreza, de maneira que chegou a ser respeitado. Mas lutava apenas quando se fazia necessário, e mais vezes do que queria, caso a vida de um gato ou de um cão estivesse em perigo. Era assim que ele costumava ser. Contudo, havia mais cães e gatos feridos e vadios em Bootle e nos arredores do que George Chapman podia mesmo ter esperado salvar. E os quartos de abrigo de George eram demasiado restritos para consentir até mesmo um pequeno número daqueles sinais que George queria resguardar. Ele tinha necessidade de

toda a sorte de sítios para poder abrigar os animais vadios. Mas não só tinha falta de acomodações como não havia reserva de dinheiro tão pouco para comprar alimentos para os animais que ele amava. Mas um dia encontrou uma ideia. Porque não ir pelas portas e pedir se queriam que fizesses recados.

As primeiras cinco ou seis portas foram-lhe fechadas na cara. Não teriam eles bocas suficientes para alimentar sem tentar dispensar moedas para dar a um garoto vagabundo que fazia recados? Mas George Chapman não era de ser dissuadido facilmente, e quando se voltou para a casa das mulheres idosas que tinham famílias numerosas que trabalhavam fora de casa todo o dia, ele próprio encontrou uma mão cheia de pessoas inclinadas a contribuir.

Nem meio penny gastou consigo próprio mas em comida para animais. Então, num dia magnífico, uma senhora ofereceu-lhe o uso do porão dela como abrigo para os seus animais de estimação. Em troca ela queria que ele fizesse as compras e uma porção justa de limpezas domésticas. Para George Chapman, isso parecia um acordo justo.

O abrigo animal do jovem George em breve era bem conhecido no distrito. As pessoas começaram a falar do rapaz que empreendia qualquer recado ou tarefa para ganhar alguns cobres extra para comprar comida para os seus gatos e cães vadios, e que lhes colocava talas nas patas quebradas e os curava quando os encontrava feridos. Ele também fazia o que podia para ajudar os bichinhos de estimação doentes dos vizinhos, quando os traziam ao "garoto veterinário." Até hoje, algumas pessoas em Bootle falam acerca do rapaz altruísta que curava animais com ternura.

George deixou a escola aos catorze anos, quando foi lançado para o mundo frio e severo do desemprego em que entrou, e por mais tempo do que era devido para a sua mente e corpo, andou pelas esquinas das ruas e ouviu as conversas de sarjeta dos companheiros. O futuro, tal como as coisas paravam, parecia sombrio e destituído de esperança. Ele não conhecia nada nem queria saber. Com que motivação? O que teria feito o mundo por ele? Ele era um vagabundo que começava a deixar-se levar pela corrente, que diabo!

Mas certo dia ouviu falar de passagem num emprego, e quase antes de ter chance de pôr os cabelos em ordem, estava a correr para a garagem onde estavam a pedir um empregado de abastecimento e para serviços gerais. Chegou lá antes de qualquer um dos seus companheiros e eles deram-lhe o emprego. Não era excelente mas era melhor do que andar pelas esquinas. E o que era melhor, ele gostou do emprego, por lhe fazer sentir que tinha

um lugar no mundo. Até ao dia em que, deitado debaixo de um camião, a tentar aliviar um parafuso que não cedia, no reservatório do óleo.

Os cantos da chave encontravam-se gastos, as facetas do parafuso arredondadas, e a chave não conseguia demovê-lo. Assim, agarrou-a bem, e puxou com toda a força com ambas as mãos. Num instante a chave escorregou e caiu-lhe sobre a cara com toda a força. O gosto do sangue a escorrer-lhe pela garganta deixou o jovem doente, e ele foi arrastado para fora com o nariz gravemente lacerado. Mas recebeu escassa simpatia da parte do proprietário da garagem, e o rapaz ficou sem salário. "Um acidente sangrento estúpido," foi tudo quanto o patrão disse, e George Chapman encontrava-se uma vez mais nas ruas.

Poucas semanas mais tarde ele teve sorte suficiente para arranjar um emprego como assistente de carniceiro, e se bem que precisasse trabalhar das seis da manhã até às onze horas da noite, ele gostava do trabalho. Cedo, porém, recomeçaram os rumores de guerra, e quando isso se tornou numa realidade, ele disse ao patrão que pretendia alistar-se. George tinha metido na cabeça a ideia de se juntar aos Guardas Irlandeses, e tão logo recebeu o salário, apanhou um autocarro para o departamento de recruta em Renshaw Hall.

Ali viu os guardas altos, cerimoniosos e eretos com os gorros pontiagudos baixados até à testa, e tentou imaginar-se no mesmo uniforme. Mas o desapontamento aguardava-o. Assim que Chapman passou em frente de uma mesa, o oficial de recruta lançou os olhos pelo seu impresso de recrutamento e depois olhou para o rapaz. "Tu és muito novo, moço. Precisas de mais um ano para poderes alistar-te no exército." George estava mesmo para apelar por uma oportunidade quando lhe disseram: "De qualquer modo, só tens 1,73m, e a altura mínima para a Guarda Irlandesa é de 1,76. Lamento."

Mas a reputação de George como pugilista salvou-lhe o dia de uma maneira inesperada. No outro lado do Hall, um funcionário, que tratava do exame dos inscritos, reconheceu-o e chamou-o ao oficial. "É o George Chapman, senhor, não é? Ele é um bom boxer e podia ser um bom companheiro para se juntar a nós." O oficial olhou para Chapman. "Então, tu és meio pugilista, não é verdade, jovem?"

"Sim senhor, sou um pouco," disse George.

"Hmm." O oficial lançou um olhar ao impresso uma vez mais.

"Vejamos. Encoste-se à parede, sim?"

George agora apressou-se de encontro à parede, por detrás da mesa do oficial e este mediu-lhe a altura. "Parece-me que alguém cometeu um erro quanto à sua altura," disse ele. de acordo com o modo como a leio, tu tens exatamente 1,76m. E que me dizes do facto da tua data de nascimento estar errada? nasceste em 1920, dizes tu, e não em 1921?"

"Sim senhor, está certo senhor," disse George, captando a deixa com sagacidade. Desse modo alistaram George Chapman, deram-lhe um xelim, e mandaram-no para a reserva do Q.M., e ele foi colocado nos depósitos da Guarda Irlandesa. No devido curso, foi enviado para Caterham, e foi-lhe imposta a regra do cabelo cortado, uma refeição de fígado e presunto e uma transferência para um pelotão de treino.

"Mas, a primeira vez que estive na parada," revogou ele, encontrava-me no centro de um grupo de tipos de 1,85cm, quando constatei ser o mais pequeno. Senti-me como um pigmeu na companhia de gigantes."

"Alguns dias após ter ido para lá, encontrava-se entre uma multidão de companheiros na caserna quando alguém entrou. Todos se puseram de pé num salto, mas eu estava a fazer uma tarefa qualquer e permaneci sentado. Aquilo de que tive consciência a seguir, foi da presença de um jovem oficial que, à minha frente olhava para baixo. *Estás cansado ou doente, ou alguma coisa assim?* disse. Eu disse que não. Ele quase se sentiu lançado ao telhado próximo e perguntou-me se sabia que estava a falar com um oficial, e continuou algo alarmante, após o que se voltou e saiu enfurecido. O sargento veio ter comigo e usou uma linguagem que nunca esperei repetir pelo simples teor da obscenidade que encerrava. De qualquer modo, uns dias mais tarde, foi-me dito que iria ser transferido para os Reais Fuzileiros Irlandeses, e eu tive que ir ao quartel general para conseguir os meus papéis. O oficial que me recebeu não era o mesmo que me tinha repreendido, mas olhou para mim e disse:

"Deixa-me cá ver, chamas-te George William Chapman? Eu respondi: "Sim, senhor." E ele lá continuou: "A sua data de nascimento, Chapman?" Ao que sem pensar eu respondi: "4 de fevereiro de 1921, senhor." Aí ele começou a rir. "Aah!" disse. "Era o que eu pensava. Bem, lamento Chapman, mas tu não tens idade. Nós podíamos usar o teu espírito de companheirismo, mas os regulamentos têm que ser cumpridos, compreendes? Lamento." E eu fui excluído.

Novamente de volta a Merseyside, Chapman tratou de arranjar emprego nas docas mas ainda desejava intensamente alistar-se, e depois de pensar nisso por mais umas semanas, decidiu tentar alistar-se na R.A.F. Pela altura em que as formalidades estavam completas, o seu baptismo tinha cegado, e o George Chapman civil tornou-se no Cabo Chapman.

A vida na RAF foi um período repleto para um jovem de Bootle. O primeiro cargo que teve foi em Blackpool, onde ele se tornou num instrutor militar. Depois, seguiram-se transferências para Tangmere e Merston. Ele defrontou-se com o lutador de pesos pesados Tony Mancelli, o pugilista de Birkenhead, Jackie Parnell, e vários outros que eram bons executantes no ringue, e em pelotão eles faziam exibições de boxe para os acampamentos estabelecidos em torno da costa sul.

Em seguida veio uma transferência para Portsmouth com o propósito de treino de artilharia no H.M.S. Excellent. Ele deu atenção aos testes práticos e estudou muita teoria, passando eventualmente como Instrutor de Artilharia.

Um dia, quando um grupo de trabalho agitado de Worthing chegou para preparar uma pista de aterragem para Spitfires, um dos engenheiros, aparentemente em busca de um tema de conversa, casualmente perguntou ao cabo Chapman se alguma vez tinha considerado a possibilidade de vida depois da morte.

Antes que ele conseguisse responder, a sua mente dele foi inundada de recordações, muitas delas pertencentes à infância. Recordou, por um instante, como um dos seus tios, um tipo de semblante sisudo, era capaz de falar sobre a vida depois da morte e o Espiritismo. Mas o seu sobrinho recusou-se a interessar-se por questões que estavam para além do seu entendimento. "Eu não estou realmente interessado nessas coisas," disse ao engenheiro, e deixou o assunto por aí.

O outro disse-lhe: "Mas devias estar, sabes?"

Chapman rodopiou rapidamente para ele: "Não me venha com nada disso, companheiro" Já há por aqui muita coisa sem que tenha que me apoquentar com respeito ao que me vier a suceder quando soar a hora do destino. Entende? Por isso, deixe isso de lado, está bem?" E o engenheiro lá desandou e foi à vida dele.

Em 1943 G.W. Chapman foi transferido para a RAF Halton, em Buckinghamshire, onde foi promovido a Sargento. E foi, lá estacionado lá, que encontrou a garota que viria a tornar-se sua esposa. Um ano após o casamento, Margaret presenteou o seu marido com uma garotinha que foi batizada Vivian Margaret Chapman. O acontecimento trouxe a dose usual de orgulho aos corações dos noivos, mas todo o seu júbilo foi, em breve, endurecido pela tragédia, quando o doutor chamou George à parte para o prevenir de que infelizmente o bebé não viveria mais do que um mês.

"Lembro-me das lágrimas que chorei pelos bosques em redor do hospital de Ashbridge no dia em que o doutor me trouxe a notícia," lembrou

Chapman. "Não era um tipo religioso nem um crente no que a religião ensina, mas estou certo de que ninguém jamais rezou com maior fervor a Deus do que eu, nessa altura. Mas quando não mais se tornava possível ter esperança, eu costumava pensar que não podia ser um Deus deixar um bebé inocente morrer assim. Compreende? Eu estava louco de dor."

"Mas ela morreu. Sabe, dizem que a tragédia nunca nos deixa conforme éramos antes. Eu constatei que isso era verdade. Ambos constatamos, Margaret e eu. De qualquer modo, a morte do bebé juntou-nos, aproximou-nos e quando nos resignamos com a perda, foi como se tivéssemos sido fortificados espiritualmente."

Como a guerra estava a chegar ao fim, o Sargento Chapman tornou-se ciente do problema do desemprego que confrontaria quando viesse a sair da Real Força Aérea. Ele não possuía quaisquer qualificações especiais que lhe proporcionassem um emprego civil, e não queria continuar no serviço militar. Ele estava ansioso por arranjar um lar permanente para Margaret como ela e as crianças ansiavam ter. As minas de carvão estavam a recrutar, mas ele não tinha intenção de gastar o resto da sua vida debaixo do chão a derrubar os veios de metal e a inalar o pó negro para os pulmões. As duas únicas ocupações que o atraíam, embora vagamente, eram a polícia e os bombeiros. Em parte nenhuma havia esperança de emprego. Uma vez mais, a falta de idade jogou contra ele, devido ao convite que recebeu para se juntar à polícia de Aylesbury estipular um mínimo de 1,90m para os pretensos recrutas. Havia uma única saída. A 2 de Maio de 1946 o sargento Chapman da RAF foi desmobilizado. Dentro de poucos dias mudou de uniforme e tornou-se no bombeiro Chapman dos Bombeiros de Aylesbury.

CAPÍTULO QUATRO

OS DADOS ESTÃO LANÇADOS

Quando finalmente chegou a hora da minha consulta com o Sr. Lang, disse a Chapman, e ele respondeu que era melhor manter o gravador ligado, pois levaria apenas um curto espaço de tempo para entrar em transe. Fiz isso e mantive os olhos em George Chapman.

Ele acomodou-se na poltrona onde já estava sentado durante a minha entrevista com ele, fechou os olhos e apoiou a cabeça no encosto da cadeira como se estivesse a dormir. A minha mulher e eu observámos atentamente. Vimos a expressão do rosto a transformar-se na de um homem idoso. A boca foi-se torcendo gradualmente numa nova forma, e novas rugas apareceram ao redor dos olhos. Uma das mãos subiu

lentamente para uma posição que eu tinha notado no Sr. Lang. Quanto mais fundo o médium afundava no transe, mais ele se transformava, até que ficou exatamente igual à pessoa que me saudou naquela primeira tarde de janeiro. Depois, levantou-se e dirigiu-se a Pearl.

"Olá, minha jovem, é um prazer vê-la novamente", começou. Apertou-lhe a mão e depois voltou-se para mim. "E você, meu jovem, também é bom vê-lo."

"Agradeço por nos ter permitido vir falar consigo", disse eu, apertando a sua mão estendida.

"Sim, sim..." disse ele naquela sua forma encantadoramente vaga. "Agora vejamos, você vem de Worthing, não é? Sim. Sabe, costumava alugar uma casa de fim de semana lá uma vez, no início dos anos vinte, creio eu. Encantador, encantador. Mas não devo desperdiçar o seu tempo, meu jovem. Veio de longe para falar comigo. Tentarei responder a todas as suas perguntas."

A 28 de dezembro de 1852, Isaac Lang – um próspero e estimado comerciante de Exeter – esperava na sua esplendidamente mobilada sala de estar, enquanto a sua mulher se encontrava em trabalho de parto num quarto do andar superior. Não estava preocupado. Mais tarde disse que, de alguma forma, sabia que não haveria complicações e que sabia também que o bebé seria um rapaz. Quando, finalmente, o médico da família apareceu para anunciar: "A sua esposa abençoou-o com um belo...", Isaac Lang interrompeu e disse: "Sim, eu sei, com um belo menino."

"Como sabe?" exclamou o médico. "Eu tinha a certeza absoluta de que seria uma menina e disse isso a si e à sua esposa várias vezes. Raramente me engano nestes casos."

"Eu disse desde o início que teríamos um rapaz, mas você não quis ouvir", lembrou-lhe o orgulhoso pai.

"Sim, mas como?" insistiu o médico.

"Não consigo explicar... simplesmente sabia."

O médico saiu da casa intrigado.

O bebé foi batizado William e, no dia do batismo, Isaac Lang fez mais uma previsão sobre o seu filho, o seu quarto filho: William romperá com a tradição familiar e tornar-se-á um médico muito bem-sucedido – um especialista notável. Os parentes e amigos de Isaac Lang recusaram-se a acreditar nele. Durante gerações, os Lang tinham sido comerciantes bem-sucedidos e era impensável que um Lang seguisse outro caminho. Riram-se

de Isaac e disseram que ele estava a sonhar acordado. Mas Isaac Lang falava com tal convicção sobre o futuro da criança que fez muitos deles reconsiderarem.

"A minha vida foi uma de prazer", contou-me William Lang enquanto conversávamos sobre a sua infância feliz. O gravador estava ligado, e eu estava sentado de frente para ele no seu consultório em Aylesbury. "Claro que não viajávamos muito, porque viajar era bastante lento naquela época. Se fôssemos, por exemplo, a Plymouth ou a qualquer outro lugar em Devon, demorava-se muito tempo a chegar lá.

"Passámos a maior parte da nossa infância na nossa grande casa em Exeter. Nunca frequentámos nenhuma escola. Não, tínhamos um tutor muito competente que vinha a casa. Era muito rigoroso, mas, embora gostássemos e o respeitássemos, fazíamos-lhe muitas travessuras, porque éramos tão traquinas como a maioria das crianças. Quando exagerávamos, chamavam o pai, porque o nosso tutor não tinha permissão para nos castigar. O pai costumava ser muito mais severo do que o tutor teria sido."

Aos doze anos, William foi enviado para a então famosa Escola Morávia em Lausana para receber educação superior. Embora o seu tutor o tivesse preparado suficientemente bem para justificar a sua aceitação no colégio suíço, o jovem de Exeter teve, ainda assim, dificuldades iniciais em lidar com o latim e várias outras disciplinas novas para ele. Mas, desde o início, o Mestre Sénior, Pirie, tomou afeição pelo pequeno rapaz do campo vindo de Inglaterra e ajudou-o a superar as dificuldades iniciais.

O rapaz revelou-se um estudante aplicado e rapidamente chegou ao topo da sua turma. Destacou-se em química, uma das suas disciplinas favoritas.

"Sabe que os colégios internos suíços são muito rigorosos", recordou o Sr. Lang, "mas também nos divertíamos bastante lá. O nível de educação era alto e tínhamos de trabalhar arduamente, mas podíamos visitar a cidade e as aldeias vizinhas, e também fomos à Alemanha em várias ocasiões. Os meus colegas vinham de muitas nações diferentes, por isso aprendemos bastante sobre os hábitos e a vida dos nossos respetivos países."

Enquanto estudava em Lausana, William decidiu tornar-se médico. Conhecendo a tradição da família como comerciantes, temia a oposição do pai. Quando, finalmente, ganhou coragem para lhe comunicar o seu desejo de estudar medicina, a resposta do velho homem surpreendeu-o.

"É a tua vida, William, e quero que tenhas uma profissão de que realmente gostes. Torna-te médico, sim, claro."

Em 1870, aos dezoito anos, William Lang entrou para o Hospital de Londres em Whitechapel como estudante de medicina, e desde o início da sua carreira estudou com enorme energia e entusiasmo.

"Quando fui viver para o East End de Londres", recordou, "conheci pessoas muito simpáticas. Em Stepney e arredores viviam pessoas de diversas religiões e raças. Muitas eram extremamente pobres – e, de alguma forma, tornei-me mais amigo delas do que de qualquer outra pessoa."

O ano de 1874 foi marcante para o então estudante de medicina de vinte e dois anos. Obteve a qualificação de M.R.C.S. – Membro do Colégio Real de Cirurgiões – e casou-se com a sua prima em segundo grau, Susan. Tiveram um romance idílico, e o casamento foi o início de uma união muito feliz, que só terminou com a morte de Susan em 1892.

O jovem cirurgião era tão dedicado à medicina que passava muitas horas com os seus pacientes, conversando com os seus familiares e fazendo tudo o que podia para descobrir mais sobre a verdadeira causa das doenças. Quando decidia que era necessário operar, providenciava para que os pacientes fossem internados no hospital com uma antecedência significativa, visitava-os diariamente, ganhava a sua confiança e conhecia-os melhor como indivíduos.

"Sempre tentei tocar a alma de uma pessoa para que ela tivesse vontade de recuperar", explicou-me o Sr. Lang. "Os meus colegas cirurgiões costumavam pensar que eu estava a perder tempo. Alguns até diziam que 'William Lang passa demasiado tempo a falar com os seus pacientes'. Bem, talvez tenha sido assim, mas, graças a Deus, os meus pacientes pareciam recuperar notavelmente bem. Fui... eh... bastante bem-sucedido – e espero não soar presunçoso. Não é essa a minha intenção.

"Lembro-me de Susan me dizer um dia: 'Sabes, William, deves ter a lista de pacientes femininas mais longa de qualquer cirurgião em Londres!' Eu respondi que devia ser pelos meus bons modos!"

Na vida de todo cirurgião, há casos em que, apesar de todos os seus incansáveis esforços, se vê derrotado. Perguntei ao Sr. Lang o que sentia em relação a esse aspeto do seu trabalho.

"Sim, tem toda a razão", respondeu. "Às vezes, ao examinar um paciente, sabia imediatamente que ele iria morrer, que não importava quem operasse, o paciente não sobreviveria. Mas, como cirurgião, nunca se perde a esperança até que o último batimento cardíaco tenha cessado há muito tempo."

"Agora, sempre que perdia um caso, ficava profundamente, profundamente deprimido. É uma experiência comum a todo médico. Sente-se que falhou. Falhou com um ser humano. Sente-se responsável. A sua mente racional dir-lhe-á que não foi responsável, que fez tudo o que estava ao seu alcance, mas ainda assim fica com a sensação de ter falhado. E olha à sua volta para o desgosto dos familiares que têm de enfrentar a vida sem quem morreu, e de alguma forma o sofrimento deles torna-se também sua responsabilidade. Oh, lembro-me disso tão claramente. Foi muito difícil. Muito difícil."

Passava grande parte do seu tempo no lado sociológico do seu trabalho. Algo que sempre o afetava era quando ouvia que idosos estavam prestes a ser enviados para o asilo. Tal possibilidade fazia-o sair do hospital ou do consultório à primeira oportunidade para implorar e suplicar aos familiares da pessoa idosa que não a mandassem embora. E quando conseguia (como aconteceu em muitas ocasiões), saía feliz por saber que aquela pessoa poderia viver os seus últimos anos num ambiente familiar e reconfortante, em vez de num albergue para indigentes, onde a dignidade humana era arrancada.

William Lang serviu como Médico Assistente e Cirurgião Assistente no Hospital de Londres em Whitechapel durante nove anos. Já no fim da sua estadia, foi Demonstrador de Fisiologia e Anatomia na faculdade de medicina, e foi então que conheceu e ficou sob a influência de James Edward Adams, um famoso cirurgião oftalmológico. Tal era a dedicação e o poder da personalidade de Adams que Lang se envolveu profundamente na oftalmologia e começou a estudá-la. Adams incentivou-o sempre que pôde e, quando Lang obteve o seu título de membro do Colégio Real de Cirurgiões em 1879 e lhe foi oferecido um cargo no Hospital Oftalmológico Central de Londres, aceitou.

Os seus anos em Whitechapel tinham sido muito felizes e, quando chegou o momento de partir, sentiu-se angustiado e receoso de ter tomado uma decisão errada.

CAPÍTULO CINCO

UMA CARREIRA BRILHANTE

William Lang, F.R.C.S., foi nomeado Cirurgião Oftalmológico do Hospital Middlesex, em Londres, em 1880. Quatro anos depois, numa ironia do destino, o seu amigo James Edward Adams foi forçado a renunciar ao seu cargo no Hospital Oftalmológico Central de Londres (mais tarde Moorfields Eye Hospital) na City Road devido à crescente cegueira, e Lang sucedeu-lhe no cargo, assumindo também a sua prática privada.

Sendo um cirurgião oftalmológico dedicado, Lang percebeu que havia uma necessidade vital de uma sociedade de especialistas em olhos e, juntamente com colegas e amigos da profissão, fundou a Sociedade Oftalmológica em 1881. Apesar do árduo trabalho no seu consultório particular e no Hospital Middlesex, encontrou sempre tempo para desempenhar um papel de liderança nas atividades da Sociedade. Em 1903 tornou-se Vice-Presidente Sénior; mais tarde, ocupou ainda um cargo adicional – Presidente da Secção de Oftalmologia da Sociedade Real de Medicina.

"Não fui um escritor prolífico – na verdade, achava escrever e falar em público bastante difícil", disse-me o Sr. Lang. "Sabe, passava por verdadeiros tormentos mentais se tivesse de escrever uma tese médica, fazer um discurso ou participar num evento público."

No entanto, a sua produção foi considerável e as suas publicações mais importantes tiveram grande significado. Os muitos casos que apresentava nas reuniões da Sociedade Oftalmológica geravam, frequentemente, longas e frutíferas discussões.

Em 1882, quando tinha trinta anos, Lang publicou, juntamente com W. A. FitzGerald, um estudo sobre os movimentos das pálpebras em associação com os movimentos do olho. Foi a sua primeira contribuição de relevo, na qual conseguiu identificar a função do músculo reto inferior no movimento descendente da pálpebra inferior.

A publicação gerou grande controvérsia. Foi acusado de recorrer a "métodos não convencionais", uma vez que Sir William Gowers havia anteriormente afirmado que a pálpebra inferior era deprimida pela pressão do limbo sobre a sua margem. Sir William acabou por ser provado errado, e a teoria de Lang foi aceite pelos oftalmologistas de todo o mundo desde então.

Durante muitos anos foi editor dos **Relatórios do Hospital Oftalmológico Real de Londres** e, em colaboração com Sir James Barrett, contribuiu com importantes estudos.

Entre outras contribuições notáveis para a oftalmologia, destaca-se **A Condição Refrativa dos Olhos em Mamíferos**, publicada em 1880. Este estudo resultou de extensos exames feitos a uma grande variedade de animais – 185 pares de olhos no total – e estabeleceu que a maioria era hipermétrope. Nessa altura, Lang fazia parte da comissão que relatou 211 casos de oftalmite simpática e publicou um estudo aprofundado sobre **A Ação dos Mióticos na Acomodação**.

Fortemente impressionado pela sugestão de Adams Frost para uma operação revolucionária – a inserção de um globo ocular artificial na cápsula de Tenon após a excisão do olho – Lang investigou a possibilidade minuciosamente e publicou o seu próprio relato em 1887. No mesmo ano, também publicou, em colaboração com Sir James Barrett, **A Ação dos Mióticos e Midriáticos na Acomodação** – um trabalho de grande importância prática que levou, em última instância, ao uso de cicloplégicos no trabalho de refração.

Este estudo foi o registo de um caso acompanhado por uma investigação cuidadosa e introduziu um inquérito sobre a ação de uma mistura de homatropina e cocaína – muitas vezes chamada "Gotas de Lang" – bem como de uma solução oleosa extremamente engenhosa desses alcaloides. Demonstrou-se neste estudo como a ação desses fármacos poderia ser controlada de forma fácil e segura através do uso subsequente de eserina.

Estas são apenas algumas das publicações de Lang.

O Sr. Lang estava sempre preocupado com o lado prático da oftalmologia, e nesse aspeto era um mestre. Melhorou muitos dos instrumentos de uso comum.

O Perímetro McHardy, por exemplo, foi amplamente aperfeiçoado por Lang e a sua modificação foi extensivamente utilizada até ser substituída por modelos mais modernos. O seu espéculo de lâminas sólidas ainda é utilizado, e as suas facas gémeas para a divisão de sinéquias anteriores marcaram um avanço significativo na extração de cataratas, pois, ao usá-las, chamou a atenção para a importância de evitar a inclusão da cápsula do cristalino na incisão.

Como observador clínico e oftalmologista completo, Lang era brilhante. A sua técnica cirúrgica e a sua capacidade de encontrar soluções para casos difíceis eram admiradas e lembradas pelos cirurgiões assistentes que trabalharam com ele. A delicadeza, a precisão e a rapidez com que operava faziam dele um cirurgião inesquecível.

Os seus alunos (a quem chamava "meu caro rapaz") relutavam sempre em deixá-lo, pois tinha muito para ensinar e fazia-o com uma fluência brilhante. Descobri isso por mim mesmo ao fazer o trabalho preparatório para este livro. Diziam que Lang era extremamente paciente, a personificação da cortesia, e raramente mostrava impaciência. De facto, quando era levado ao limite da sua paciência, a pior exclamação que alguma vez usava era "Que raio de situação!"

Lang voltou a casar-se e, com a sua segunda esposa, Isabel, e o seu filho Basil, reencontrou a felicidade que julgava perdida para sempre com a

morte da sua primeira mulher. Foi uma grande satisfação para ele quando Basil, ainda jovem estudante, revelou interesse pela medicina. Esse interesse tornou-se uma vocação, e Basil Lang também se tornou um cirurgião distinto.

Durante uma das nossas entrevistas gravadas em Aylesbury, Lang interrompeu de repente o seu pensamento e perguntou: "Você fuma, meu jovem, não fuma?" Eu respondi: "Sim, fumo, mas pediram-me para não fumar enquanto estivesse consigo."

Ele não fez qualquer comentário sobre isso, mas prosseguiu:

"Hoje dizem que fumar causa cancro do pulmão. No meu tempo, costumavam dizer que o escotoma central — a área cega no campo de visão — era causado pelo tabaco. Embora nunca tenha fumado, não conseguia acreditar que fumar causasse escotoma central e, sendo o tipo de pessoa que gosta de ir até ao fundo de qualquer problema, decidi pôr à prova a teoria dos meus distintos colegas.

"Escolhi um jovem médico, que era um dos meus pacientes, como a minha primeira 'cobaia'. Ele era ideal para a minha investigação porque sofria de escotoma central há vários anos e também fumava bastante. Expliquei-lhe a teoria dos meus colegas sobre a relação entre o tabaco e o escotoma e disse: 'Vamos tentar uma coisa, está bem? Quero que pare de fumar.' Ele concordou em colaborar e deixou de fumar completamente. Recebeu o mesmo tratamento de antes, mas os seus olhos não melhoraram — na verdade, pioraram.

"Isso foi suficiente para mim, mas percebi que teria de apresentar provas muito mais sólidas se quisesse fundamentar as minhas descobertas e convencer os meus teimosos opositores. Fiz muitos outros testes em diferentes pacientes que sofriam de escotoma central e, por fim, reuni provas suficientes para demonstrar conclusivamente que o tabaco não podia causar escotoma central. Escrevi bastante sobre a extensa pesquisa que realizei, e os meus artigos sobre o assunto iniciaram uma controvérsia.

"Os meus eruditos opositores tentaram descartar as minhas descobertas e disseram: 'Lang não pode estar certo, não pode ser como ele diz.' Isto porque tinham aceite a sua própria teoria durante tanto tempo que não gostavam de ser contrariados por ninguém, especialmente por um 'sabe-tudo', como me chamaram. No entanto, alguns decidiram realizar as suas próprias experiências com vários pacientes e, como sabe, acabaram por admitir que o escotoma central não era causado pelo tabaco.

"Fiquei, naturalmente, grato por ter sido provado certo, porque sempre tentei deixar claro que pode haver muitas causas para qualquer doença. Se

uma pessoa tem escotoma central, pode ser causado por tantos fatores. Se tiver uma irritação no olho, o tabaco pode agravá-la, claro, mas não pode criar a doença, assim como não pode pôr um cancro no pulmão — a doença tem de estar lá, e o tabaco pode apenas piorá-la..."

O pai de Lang, Isaac, esteve no centro de muitos acontecimentos estranhos na sua casa em Exeter. A palavra 'psíquico' não teria qualquer significado para as crianças. Nunca foi usada. O que as impressionava eram as visões e os sons inexplicáveis numa divisão que sabiam estar vazia. E era sempre o pai que tentava tranquilizá-las, explicando os fenómenos.

"São espíritos", dizia ele, "e não há nada a temer. Os espíritos não vos farão mal. Apenas vêm visitar-nos, estar connosco e ajudar-nos."

Foi assim que, desde cedo, William tomou consciência de um mundo invisível. A vida depois da morte era um tema que ouviu ser discutido muitas vezes. À medida que cresceu, certas crenças tornaram-se fortes dentro dele, mas, sendo um homem eminente na medicina, percebeu que seria imprudente divulgar demasiado algo que, no fim de contas, era muito pessoal para ele. De qualquer forma, as suas crenças eram impopulares na altura, tal como são agora, e ele não queria expor-se desnecessariamente ao ridículo.

Três homens que entraram na sua vida proporcionaram-lhe um meio de discutir esses assuntos. Eram todos médicos distintos e cavaleiros — Sir John Bland-Sutton, Sir Arnold Lawson e Sir William Lister.

"Eram pessoas esplêndidas", disse-me o Sr. Lang em Aylesbury. "Falávamos sobre tudo, tudo o que possa imaginar — mas o nosso tema favorito era a vida depois da morte. Lembro-me de dizer-lhes: 'O conhecimento da vida depois da morte é muito consolador, porque sabemos que, mesmo que façamos o nosso melhor por um paciente, que o operemos e falhemos, ele continuará a viver.' Eles concordavam, mas sempre que nos deparávamos com um caso no bloco operatório em que o desfecho podia pender para qualquer lado, esquecíamos essa linha de pensamento e fazíamos tudo o que era humanamente possível para salvar, ou pelo menos prolongar, a vida do paciente..."

Uma das maiores alegrias da vida do Sr. Lang era o prazer que sentia na carreira do seu filho Basil, que seguiu os seus passos e se tornou cirurgião. Pai e filho operavam juntos frequentemente, e nada dava maior prazer ou satisfação ao velho Lang do que ver Basil a realizar cirurgias muito difíceis e complicadas e a conseguir sucesso em muitas operações que pareciam impossíveis.

Então, a felicidade do Sr. Lang sofreu um golpe cruel. Basil adoeceu com pneumonia e, embora os melhores médicos tenham feito tudo o que podiam por ele, não foi possível salvá-lo.

"Perdi toda a esperança então, perdi toda a esperança", disse o Sr. Lang, revivendo a tragédia. "O meu mundo desmoronou-se, e com ele todos os meus sonhos para o brilhante futuro de Basil. Ele era meu filho. Era também um cirurgião maravilhoso, um cirurgião muito maravilhoso, e não suportava a ideia de que nunca mais seria visto no bloco operatório. Perdi o interesse em tudo e fui para Crowborough, em Sussex, porque queria afastar-me por um tempo da minha casa na Cavendish Square — continha demasiadas memórias dolorosas para mim..."

Muitos dos seus ilustres colegas e amigos foram visitá-lo e ofereceram ajuda, mas não havia muito que pudessem fazer. O Sr. Lang já estava na casa dos oitenta anos.

Um dos médicos que foi vê-lo foi o Dr. Alexander Cannon — um médico muito competente que, no entanto, não era bem visto pela profissão devido às suas ideias sobre a vida depois da morte. O Dr. Cannon acreditava na projeção do corpo astral e falou longamente com o Sr. Lang sobre isso, bem como sobre muitos outros aspetos psíquicos.

"Tornámo-nos bastante próximos", contou-me o Sr. Lang. "Não aceitei tudo o que o Dr. Cannon dizia e, por vezes, achei que ele tinha ideias completamente loucas. Mas gostava da maneira como se mantinha firme nas suas convicções quando acreditava em algo e do facto de nunca desistir do que fazia, mesmo que isso, por vezes, lhe causasse problemas.

"Quando o Dr. Cannon veio ver-me um dia, disse: 'Podia curá-lo, afastando um pouco o seu corpo espiritual e dando-lhe tratamento.' Ele foi muito amável e fez tudo para me ajudar, mas suponho que eu já tivesse sofrido demasiado e não tivesse mais vontade de reagir, por isso ele não pôde fazer muito."

Na terça-feira, 13 de julho de 1937, o coração de William Lang parou de bater. Segurava nas mãos o livro **A Vida de Jesus**.

(De Ernest Renan, Membro da Academia Francesa, Mathieson & Company).

CAPÍTULO SEIS

O MOMENTO DA MORTE

Incontáveis vezes, durante as nossas sessões de entrevista, sentei-me e olhei atentamente para a figura sentada na cadeira à minha frente. Os meus pensamentos ocasionalmente divagavam, perguntando-me exatamente o que estava eu a fazer. Mas não era uma fantasia o que eu estava a viver. O zumbido constante e suave da máquina de gravação lembrava-me onde estava. Esta era a realidade, e eu estava a fazer um trabalho sério de entrevista árdua para aquilo que esperava ser, no final, um relato factual sólido.

Havia uma pergunta que queria fazer, mas não tinha a certeza se teria coragem. De repente, senti que precisava de saber.

"Consegue lembrar-se exatamente como foi quando morreu?"

"Oh, sim, sim. Está perfeitamente claro para mim. Veja, naquele dia — 13 de julho de 1937 — eu sabia que o meu tempo na Terra tinha chegado ao fim. Disse aos meus queridos amigos, que estavam sentados à volta da minha cama, que ia morrer. Um deles disse: 'Bem, William, um dia todos nos encontraremos no mundo espiritual e, quando isso acontecer, teremos o privilégio de vê-lo operar novamente.' Abanei a cabeça. Não conseguia falar porque me sentia muito cansado e comecei a mergulhar num sono profundo.

"Eu sabia bastante sobre a vida depois da morte, sabia que, de uma forma ou de outra, continuaria a existir. Mas não sabia o que esperar quando adormecesse e passasse para o espírito. Não tive consciência do momento em que o meu coração parou de bater. De alguma forma, sentia-me tranquilo, livre de problemas e preocupações, e pensei que, de repente, tinha melhorado.

"Então vi as minhas duas queridas esposas, Susan e Isabel, o querido Basil, meu filho, e vários dos meus melhores amigos ao meu redor. Naquele momento, não me ocorreu que os espíritos sabem quando uma pessoa termina o seu tempo na Terra e se reúnem à sua volta para estar perto dela e ajudá-la. Pensei que estava simplesmente a sonhar. E, enquanto me perguntava: 'Onde estou? Com o que estou a sonhar?', vi-me deitado, sem vida, na minha cama, com os meus amigos médicos e cirurgiões sentados à volta. Conseguia distinguir sons estranhos, mas não vozes. Obviamente, eles nem me ouviam nem me viam. Tudo aquilo era bastante inquietante e

eu não sabia o que pensar. Depois, mergulhei num outro sono profundo, sem sonhos, e fui poupado a mais preocupações.

"Não sei quanto tempo durou esse período — se foram segundos, horas ou até dias. Nunca tentei descobrir, pois isso não tinha real importância para mim, mas mais tarde soube que, durante esse período de inconsciência, médicos e ajudantes espirituais trataram de mim, aliviando-me desta doença e também das preocupações que ainda estavam na minha mente.

"De repente, tudo mudou, e consegui ver claramente as minhas duas queridas esposas, Susan e Isabel, de braços estendidos; o querido Basil, claro, estava com elas, bem como o resto da minha família e alguns dos meus amigos mais próximos. Conseguíamos falar uns com os outros e já não havia dúvida se eu tinha deixado a Terra ou se tudo aquilo era apenas um sonho estranho, porque um dos meus amigos médicos disse: 'William, agora estás connosco no mundo espiritual.' Vi então muitos dos meus pacientes que conheci na Terra e que, infelizmente, partiram antes de mim. Vieram agradecer-me e senti-me feliz, muito, muito feliz.

"As minhas esposas e amigos disseram-me que me mostrariam este novo mundo, que me dariam umas férias, por assim dizer. Tudo era muito bonito, com flores magníficas e paisagens encantadoras, e senti uma paz profunda ao poder conversar novamente com a minha querida família e amigos.

"Quando era criança, costumava perguntar-me: 'O que é Deus? Quem é Deus?' Fui criado na fé da Igreja Anglicana, mas, ao longo da vida, relacionei-me bem com quase todas as pessoas — anglicanos, católicos, judeus e aqueles de outras crenças. Não era o que se pode chamar um homem muito religioso, porque não passava muito tempo na igreja a rezar, mas costumava pensar muito em Deus. Quando via os meus pacientes antes de uma operação, rezava sempre por eles.

"Quando fiquei doente e soube que o meu tempo na Terra estava a chegar ao fim, esperava que, no momento em que passasse para o mundo espiritual, seria levado à presença de Deus para prestar contas da minha vida. Nada disso aconteceu. Quando passamos para aqui, vemos Deus todos os dias, claro, mas ninguém é levado perante Ele. Deus não é uma figura lendária imaginária. Deus é o que vejo em si; Deus é o que vejo em tudo o que é bom; e quando curo, estou a fazer o trabalho de Deus. Deus é simplesmente um Grande Amor, um grande sentimento de fazer o bem. Veja, Deus é um Deus muito bom, maravilhoso — mas apenas se O compreendermos, e sinto que O compreendo. Estamos aqui para fazer o trabalho de Deus — você, George, eu, qualquer outra pessoa; e ao fazê-lo, aproximamo-nos de Deus e recebemos as Suas bênçãos.

"Quando passa para cá, mantém exatamente a mesma personalidade que tinha na Terra. Algumas pessoas que vêm ver-me dizem: 'O senhor é um espírito tão maravilhoso, Dr. Lang', e eu digo-lhes: 'Ora, ouça aqui, minha jovem, ou meu rapaz, quando vivia na Terra, gostava de viver a minha vida ao máximo. Tentei fazer o bem e não prejudicar ninguém intencionalmente, mas nunca fui um ser perfeito. E agora que passei para o mundo espiritual, sou ainda o mesmo William Lang que fui na Terra. Sei um pouco mais sobre o meu trabalho, mas quanto a mudanças em mim — não há nenhuma, continuo a mesma pessoa.' Veja, as pessoas acreditam que, ao passar para cá, se tornam seres maravilhosos, mas não é assim. Continua-se o mesmo.

"Bem, depois de ter passado para o espírito, logo senti vontade de voltar a fazer algo produtivo. Disse aos meus amigos que estavam comigo: 'A medicina foi a minha vida inteira. Sabia pouco mais do que isso, e gostaria de usar os meus conhecimentos e experiência novamente para ajudar as pessoas. Podem ajudar-me?' Foi então que me mostraram os hospitais aqui, que são bastante semelhantes a outros hospitais que conheci. Pude ver como os pacientes que passaram para cá num estado imperfeito recebiam tratamento de médicos e enfermeiros espirituais. Notei imediatamente que tratar pacientes no mundo espiritual era muito diferente da forma como o fazíamos na Terra, e estava ansioso por aprender essa técnica especializada o mais rapidamente possível.

"'Não será difícil para ti aprender a operar no corpo espiritual, William', disse-me o meu querido amigo Bland-Sutton, que tinha vindo para cá um ano antes de mim. 'Todos tivemos de voltar aos tempos de estudantes para adquirir este novo método, que é vastamente diferente de trabalhar num corpo físico, mas é a única forma de um médico espiritual ajudar os seus pacientes aqui.'

"Estava muito interessado e desejoso de voltar a trabalhar e comecei imediatamente a estudar a arte da cirurgia espiritual. Embora o corpo espiritual seja mais ou menos idêntico ao corpo físico, é bastante difícil explicar a alguém que vive na Terra exatamente como um médico espiritual opera num corpo espiritual ou realiza qualquer outro tipo de tratamento, porque não seria totalmente compreendido.

"Juntamente com vários amigos médicos, operei muitas pessoas que passaram para cá num estado imperfeito e ajudei a libertá-las de todos os seus problemas. Foi um trabalho muito gratificante, mas acabei por pensar: 'Na verdade, não sou necessário aqui como médico. Há muitos cirurgiões e médicos altamente qualificados aqui que são perfeitamente capazes de cuidar das pessoas espirituais. Talvez eu pudesse ajudar as pessoas que

sofrem de doenças graves na Terra.' Falei sobre isso com os meus amigos e, depois de considerarem bem a minha ideia, disseram-me:

"'A única forma de concretizares essa ambição é encontrar um médium através do qual possas reaparecer no plano terrestre. É muito difícil encontrar o médium certo, mas é possível.'"

"'Bem, então vamos tentar encontrar um', sugeri."

"Tem de ter a certeza absoluta de que regressar ao plano terrestre e prestar ajuda médica às pessoas que lá vivem é realmente o que deseja fazer, antes de encontrarmos e treinarmos o médium certo para si", continuaram. "A razão para isso é que, quando encontrar o seu médium, isso significa que terá de permanecer com ele, completar o seu trabalho e, depois, quando a vida do médium na Terra terminar, o seu trabalho como médico espiritual também estará concluído."

"Bem, já tomei a decisão de que quero regressar à Terra como médico espiritual e estou perfeitamente disposto a continuar o trabalho pelo maior tempo possível", assegurei-lhes. "Ajudar-me-ão agora a encontrar o médium certo?"

"Pode ter a certeza, William, de que tudo será feito para o ajudar", prometeram os meus amigos. "Tem de ser paciente, claro, porque, como lhe dissemos antes, é difícil encontrar o médium certo. Não se esqueça de que há muitos médicos aqui que têm a mesma ambição que o senhor e que desejam regressar ao plano terrestre para trabalhar como médicos espirituais através de médiuns; para muito poucos deles, no entanto, foi encontrado um médium. Pode, no entanto, ter mais sorte do que os outros. Há um jovem a viver no plano terrestre que poderia ser treinado para se tornar o seu médium. Mas é um processo complicado e cheio de incertezas. Por agora, deve continuar o seu trabalho nos hospitais aqui. Aperfeiçoe as suas competências como médico espiritual. Faremos o nosso melhor para que sejam realizados testes com este jovem, para que ele possa ser treinado para si."

CAPÍTULO SETE

UMA TRANSFORMAÇÃO

Pouco tempo depois de George Chapman se ter juntado ao Corpo de Bombeiros de Aylesbury, um dos oficiais queixava-se de dores nas costas.

"O que precisas é de um pouco de ioga", disse Chapman, acreditando que isso poderia ajudar. O seu colega olhou para ele surpreendido e disse: "Não sabia que te interessavas pelo Espiritualismo."

Chapman respondeu: "O que tem o Espiritualismo a ver com isso?"

O outro homem começou então uma explicação que foi quase uma pequena palestra, cujo ponto essencial era que era possível receber mensagens espirituais se as pessoas se sentassem à volta de uma mesa, colocassem os dedos levemente sobre um copo virado ao contrário e esperassem que este soletrasse palavras. Chapman ficou suficientemente interessado no que o seu colega lhe contou e decidiu experimentar um dia, só para ver o que acontecia.

Pouco depois, fez amizade com outro homem na corporação que afirmava saber tudo sobre a receção de mensagens espirituais através do método do copo invertido. Aconteceu que essa pessoa tinha participado em sessões espíritas enquanto servia nas forças armadas durante a guerra e, consequentemente, sabia como conduzir uma sessão com o copo. Chapman propôs a alguns dos seus colegas que tentassem uma sessão. No início, houve uma recusa divertida, mas alguns dias depois reuniram-se num grupo e realizaram uma sessão bem-sucedida. O copo invertido movia-se de letra em letra sobre uma folha de papel onde o alfabeto estava escrito em círculo e soletrava mensagens gerais para todos os que estavam sentados à mesa.

A partir desse momento, a vontade de explorar o Espiritismo tornou-se mais forte na mente de Chapman, levando-o a assistir a reuniões espíritas e a participar em círculos. Repetidamente, recebia mensagens de espíritos. A mensagem mais recorrente era de que ele se tornaria um curador.

"Descobri que não avançava no círculo e que apenas estava a perder tempo no que dizia respeito ao meu próprio desenvolvimento espírita", disse-me ele. "Consequentemente, cheguei à conclusão de que a única forma de realmente descobrir algo era tentar sentar-me sozinho. Pensei: 'Bem, nada me pode acontecer porque sei que sou o mestre da minha própria mente, sei o que quero e, se algum espírito aparecer, certamente não me assustará. Talvez até me ajude a descobrir mais sobre isto.'"

"Então comecei a sentar-me sozinho no meu quarto – todos os dias, incluindo sábados e domingos – e meditava durante horas a fio. Percebi que o meu desenvolvimento psíquico avançava rapidamente e, um dia, decidi tentar algo novo. Agora sei que se chama viagem astral. Simplesmente deitei-me e aconteceu imediatamente – parecia saber que passos deveria seguir e ninguém precisava de me dizer: 'deverias fazer isto ou aquilo ou estudar livros sobre o assunto.'"

"Ao início, costumava observar-me a mover-me por diferentes partes da casa enquanto o meu corpo permanecia deitado na cama – deixava-me

espreitar diferentes divisões no andar de baixo. Depois, tentei enviar-me para mais longe."

"Outra fase do meu desenvolvimento foi que costumava adormecer e, quando acordava, sabia conscientemente onde tinha estado. À medida que amadurecia ainda mais, comecei a cair num sono profundo, mas, quando despertava, não sabia nada do que tinha acontecido. Foi o início da minha capacidade de entrar em transe profundo."

A maioria das pessoas sem faculdades mediúnicas tem curiosidade em saber o que um médium sente ao entrar em transe, por isso interrompi Chapman para lhe perguntar.

"Bem", disse ele, "sento-me e, passado um curto tempo, sinto um peso na cabeça. Parece ocorrer uma forte sensação de puxão na base do crânio. Logo depois, sinto-me muito cansado e adormeço – ou assim parece. Neste estado, experiencio todos os tipos de sonhos – alguns bastante ridículos e fantásticos, outros instrutivos e interessantes. No entanto, não tenho qualquer lembrança do que o meu espírito guia faz quando assume completamente o controlo do meu corpo físico."

Aproveitei para perguntar se lhe era sempre fácil entrar em transe sempre que necessário e onde quer que estivesse, ou se havia ocasiões em que enfrentava dificuldades.

"Entrar em transe nunca me cria qualquer dificuldade", disse ele. "Não faz a mínima diferença onde estou ou sob que circunstâncias tenho de o fazer. Simplesmente sento-me, acomodo-me e o resto já sabe."

"Houve apenas uma ocasião em que tive alguma dificuldade e não consegui entrar em transe com a facilidade habitual. Isso aconteceu há dez anos, nas Midlands – no outono de 1954."

"Uma mulher daquela região estava a receber cura à distância há algum tempo para um problema interno e, um dia, escreveu-me a pedir que a visitasse para lhe dar cura por contacto. Naquela época, eu ainda conseguia visitar pacientes que necessitavam urgentemente de cura por contacto, por isso marquei um encontro e dirigi-me até onde ela vivia."

"Quando cheguei, ela pediu-me se podia esperar até o marido chegar, pois ele também precisava de ajuda, mas recusava-se a ter qualquer envolvimento com o Espiritismo ou com a cura espiritual. Ela esperava que, ao vê-la a receber tratamento de William Lang, o marido se convencesse e, talvez, aceitasse ser tratado também. Já tinha recebido pedidos semelhantes anteriormente e, como ela me assegurou que o marido chegaria em breve, concordei em esperar por ele."

"Quando ele chegou e a esposa lhe contou o que tinha planeado para ele, foi bastante categórico e determinado em não querer nada com a cura espiritual. Era um homem altamente inteligente, mas de uma teimosia inflexível. Lembro-me de me perguntar qual seria a sua profissão, mas não me foi dito e não senti vontade de perguntar. De qualquer forma, acabou por ceder à insistência da esposa – provavelmente por cortesia para com ela e devido à sua curiosidade sobre o que iria acontecer – e levou-me para a sala de estar. Disse que 'experimentaria primeiro'. Tinha uma lesão na coluna e reparei que caminhava com bastante dificuldade."

"Quando nos retirámos para a sala de estar, tentei entrar em transe, mas, pela primeira vez na minha associação com William Lang, tive dificuldades. Assim que senti que estava prestes a consegui-lo, rostos desconhecidos materializaram-se e um odor estranho – que me fez lembrar a morte – espalhou-se pelo ambiente.

"Mencionei esta dificuldade ao meu paciente, que não tinha tido oportunidade de tomar o seu banho habitual e trocar de roupa desde que chegou do trabalho. Ele sorriu e levantou-se. Caminhou até à porta e, ao sair, disse: 'Voltarei dentro de momentos.'

"Quando finalmente regressou à sala, preparei-me novamente para entrar em transe. Desta vez consegui sem qualquer dificuldade e, pouco depois, William Lang pôde tomar pleno controlo de mim. Ele tratou do paciente, realizou uma operação no seu corpo espiritual e conseguiu curá-lo quase instantaneamente. Depois, a esposa foi operada e o seu problema interno foi resolvido.

"Pouco depois, enquanto tomávamos uma chávena de chá, o marido mencionou a minha dificuldade em entrar em transe. 'Como lhe disse,' expliquei, 'senti um cheiro muito peculiar e todos aqueles rostos continuavam a materializar-se. E era um cheiro de—espero que me desculpe—um cheiro de morte.'

"O marido inclinou ligeiramente a cabeça e sorriu. 'Acho que posso explicar porquê', disse ele. 'Sabe, sou cirurgião. Hoje estive a fazer autópsias.' As condições que captei naquele primeiro instante eram, sem dúvida, as dos corpos mortos que o cirurgião tinha examinado naquele dia."

Mas isto leva-nos à frente no desenvolvimento mediúnico de George Chapman.

O processo foi lento e, no início, esteve longe de ser espetacular. Houve pouco de sensacional nele que pudesse convencer de imediato os mais influenciáveis a aceitarem o extraordinário.

Mas, um dia, em 1946, Chapman caminhava apressadamente por uma rua a caminho do quartel dos bombeiros. Ao dobrar uma esquina, deparou-se com um homem idoso cujas roupas esfarrapadas denunciavam que já tinha vivido dias melhores. Aparentemente, o velho estivera de pé junto ao passeio durante algum tempo, tentando atravessar o fluxo de trânsito. A High Street estava movimentada, e ele permanecia ali, isolado e impotente.

George Chapman parou ao vê-lo e disse: "Está a tentar atravessar, não está, amigo?"

O homem voltou para ele uns olhos velhos e lacrimosos, acenou com a cabeça e murmurou imprecações frustradas contra o trânsito e a sua própria falta de mobilidade.

"Aqui, eu ajudo-o a atravessar", disse Chapman, pegando no braço do homem.

Avançaram lentamente, Chapman, por vezes, levantando a mão para deter os veículos em alta velocidade.

Enquanto segurava o braço do estranho, Chapman percebeu que o homem mal conseguia usá-lo, tão imóvel estava na sua posição dobrada. No entanto, não comentou nada, mas colocou a sua mão livre sobre a articulação rígida. Quando chegaram ao outro lado da estrada, o velho gritou de repente:

"Está livre! Está livre!"

Chapman não disse nada. Deixou o homem ali e afastou-se rapidamente. Depois de andar um pouco, olhou para trás e viu o velho ainda parado no passeio, movendo o braço para cima e para baixo e gritando excitado:

"Ele fez com que se movesse! Está livre! Está livre!"

Havia outras pessoas no distrito de Aylesbury que, com o passar do tempo, foram ajudadas pelo bombeiro de voz suave e sotaque de Merseyside. E, como Chapman estava totalmente consciente nessas ocasiões, também ele ficava muitas vezes surpreendido com as coisas que aconteciam.

Chovia nas ruas de Aylesbury, e um vento frio fustigava as gotas geladas contra as janelas. Era um daqueles dias traiçoeiros em que conduzir exigia grande cuidado e concentração. Durante toda a viagem desde Worthing, Pearl, a minha esposa, ouviu-me falar, mas não disse nada. Manteve os olhos na estrada. Só quando finalmente chegámos a Aylesbury e tivemos de abrandar é que relaxou. Ambos esperávamos que o tempo melhorasse até à conclusão da entrevista com o Sr. Lang.

Ele estava sentado na sua cadeira habitual, de costas para a janela, cujos estores venezianos estavam fechados. As luzes vermelhas da parede lançavam um brilho quente e suave na sala. Os carretos do gravador giravam lentamente a uma velocidade de 15/16. Lang falava, e as suas palavras estavam a ser preservadas na fita castanha fina.

"... e assim, Joseph, os meus amigos no mundo espiritual vieram até mim e disseram-me que tinham conseguido encontrar o médium certo para mim. Prepararam-no e testaram-no e estavam bastante confiantes de que conseguiríamos trabalhar perfeitamente juntos."

"Esse teste e preparação, quanto tempo durou?" perguntei.

"Oh, creio que uns cinco anos, mais ou menos. Mas pode confirmar isso. Sim, os meus amigos disseram-me que o meu médium era um jovem chamado George Chapman, que vivia em Aylesbury. Ele era membro do Corpo de Bombeiros local. Bem, naturalmente, achei o George um sujeito extraordinariamente simpático."

"Pode contar-me como foi a primeira vez que trabalhou através de George Chapman?" perguntei.

"Sim, sim, claro. Deve saber, a propósito, que no seu período de preparação George já tinha sido o instrumento de várias curas. Estas foram realizadas por alguns dos meus colegas do mundo espiritual, notavelmente por dois escoceses. Um deles era o Dr. McPherson, que, pelo que entendi, tratou da mãe de George em Bootle nos anos 1920. O outro era o meu amigo cirurgião escocês McEwen. Acho que já lhe disse noutra ocasião que ele era um especialista notável em ossos.

"Mas, agora, à primeira vez — lembro-me bem. Assim que me disseram: 'Concluíste o teu treino e o teu médium está pronto', fui tomar controlo de George. Ele simplesmente entrou em transe (sempre lhe foi fácil, pode sentar-se e entrar em transe em qualquer lugar como se fosse adormecer) e pude controlá-lo de imediato. Os meus colegas, os outros médicos espirituais, fizeram um excelente trabalho e permitiram que tanto George como eu iniciassemos uma parceria de trabalho que sempre foi ideal."

"George Chapman é o seu único médium, ou trabalha através de outros também?" perguntei.

"Apenas através de George", disse Lang com decisão. "Não poderia trabalhar através de nenhum outro médium. Porque pergunta isso?"

"Porque certos curadores e médiuns afirmam que o senhor também trabalha através deles quando não está a usar George."

"Isso é um disparate!" exclamou o médico espiritual enfaticamente. "Nunca trabalhei através de outro médium além de George, e, na verdade, nem poderia fazê-lo. Disse-lhe há pouco tempo que George e eu fomos treinados um para o outro e que, antes de o treino de George como meu médium começar, eu tive de decidir, de uma vez por todas, se queria ficar com ele durante toda a sua vida na Terra. Tomei a decisão de o fazer, por isso, veja, mesmo que quisesse deixá-lo e trabalhar através de outra pessoa, não poderia. Mas, claro, não quero nunca deixá-lo. Tenho muito carinho por ele, como já lhe disse, e a nossa parceria é ideal."

"Não consigo entender como é que certas pessoas se atrevem a afirmar com certeza que o senhor está a trabalhar através delas se isso não é verdade."

Verifiquei isto e descobri que George Chapman já era bem conhecido na região de Aylesbury naquela altura. Sabia-se que frequentemente viajava a suas próprias custas para atender pacientes que não podiam deslocar-se até ele ou que não tinham meios para pagar as viagens. Assim, enquanto ainda era bombeiro, começou a ganhar reputação como médium de cura.

"Bem, sabe como é," disse Lang. "George e eu somos agora bastante conhecidos, por isso outras pessoas tentam aumentar a sua credibilidade fingindo que estou a trabalhar com elas – que estão, por assim dizer, em boas mãos. Mas isso não nos preocupa. É suficientemente bem conhecido que o meu único médium é o George e isso é tudo o que importa."

Também perguntei a George Chapman como foi a primeira vez que o espírito do médico tomou pleno controlo dele.

"Bem, ele transmitiu-me que tinha sido um homem chamado William Lang," disse-me George Chapman. "Disse que tinha sido cirurgião a trabalhar em Londres na última parte do século passado e até alguns anos antes da Segunda Guerra Mundial."

Perguntei: "Qual foi a sua reação a isso?"

"Não me interprete mal," disse ele, "não é que eu não acreditasse, sabe, mas queria, bem, pô-lo à prova. Então, da próxima vez que entrei em transe, pedi a um dos meus colegas do Corpo de Bombeiros para vir e anotar todos os detalhes. Não consigo lembrar-me de nada do que acontece ou é dito quando estou em transe, e queria ter alguns detalhes para verificar."

CAPÍTULO OITO

NÃO HÁ QUALQUER DÚVIDA

Desde o dia, em 1951, em que o Sr. William Lang, F.R.C.S., regressou como médico espiritual, esforçou-se por estabelecer que era o mesmo William Lang que nasceu em Exeter a 28 de dezembro de 1852 e faleceu a 13 de julho de 1937. Para convencer o seu médium da sua verdadeira identidade, revelou muitos episódios da sua vida na Terra – coisas que só poderiam ser conhecidas por um círculo íntimo de amigos – e pediu que as suas informações fossem corroboradas.

Quando George Chapman analisou essas revelações, que os seus colegas registaram para ele enquanto estava em transe profundo, ficou satisfeito por o seu guia espiritual lhe ter dado algo para confirmar. Como leigo, nunca tinha ouvido falar de um cirurgião chamado William Lang. Isso não era surpreendente, pois, durante a sua vida, o Sr. Lang não era aquilo a que se poderia chamar "famoso" ou "popular", e o seu nome, portanto, não era mencionado na imprensa comum. Embora se tenha distinguido de muitas formas como um cirurgião oftalmológico notável, esteve longe de ser uma figura espetacular, e a sua reputação era mais conhecida dentro da própria profissão médica.

Chapman estava satisfeito por o seu guia ser altamente qualificado, pois já tinha obtido provas mais do que suficientes. Vários pacientes que tinham ido à casa de Chapman para serem tratados por Lang já tinham sido classificados como "incuráveis" pelos seus próprios médicos e especialistas. Lang, trabalhando através de Chapman, curou esses "incuráveis". No entanto, Chapman queria saber o máximo possível sobre a vida passada do homem que controlava o seu corpo enquanto ele estava em transe profundo. Para confirmar o que lhe tinha sido dito pelo seu guia, pediu aos amigos que procurassem detalhes sobre o Sr. William Lang, F.R.C.S., nas bibliotecas públicas.

Isso foi feito da melhor forma possível, mas os investigadores não encontraram nada.

Sem saberem que os detalhes sobre Lang não poderiam ser encontrados dessa forma, saltaram para a conclusão de que a confirmação não existia. Seria isso uma prova de fraude? Um dos ajudantes de Chapman disse-lhe: "Parece que o seu médico espiritual nos deu informações fictícias sobre si próprio, porque não conseguimos encontrar um único livro ou panfleto que contenha qualquer referência a um cirurgião chamado Lang na época em que ele afirma ter vivido."

O Sr. Lang ficou desapontado com as "pobres" tentativas feitas para autenticar as suas declarações. Disse a George Chapman: "Claro que não vão encontrar nada sobre mim nos livros publicados para o público em

geral; procurem na literatura publicada para membros da profissão médica e verão que tudo o que vos disse está correto."

A Associação Médica Britânica foi então contactada com uma consulta sobre se havia algum registo de um Sr. William Lang, F.R.C.S., nascido a 28 de dezembro de 1852, falecido a 13 de julho de 1937. Não foram fornecidos mais detalhes.

A resposta da B.M.A. chegou e confirmou todas as informações que o médico espiritual tinha revelado sobre a sua carreira médica. Chapman e os seus amigos aceitaram então como facto que o médico espiritual era o mesmo Sr. William Lang, F.R.C.S., que começou a sua carreira médica no Hospital de Londres e que mais tarde se distinguiu como cirurgião oftalmológico no Middlesex e no Moorfields.

Algum tempo depois, surgiram provas ainda mais convincentes de que o médico espiritual que controlava George Chapman durante o transe era, de facto, o brilhante William Lang, F.R.C.S. Essa evidência não solicitada foi fornecida por várias pessoas que tinham conhecido o Sr. Lang, seja no Hospital Middlesex, no Hospital Moorfields ou na sua prática privada. Eram pessoas que se lembravam vividamente do elegante e bondoso cirurgião oftalmológico.

Ao procurarem a ajuda do médico espiritual no santuário de George Chapman, os antigos pacientes e amigos de Lang esperavam apenas ser atendidos por um "Dr. Lang". Assim que o encontravam e falavam com ele, ficavam espantados com as familiaridades no discurso e na maneira de ser. Aqui estava alguém que não viam há anos, alguém que tinha morrido antes da Segunda Guerra Mundial! E, no entanto, ele era capaz de recordar encontros passados, assuntos que apenas eles conheciam. Tinham agora mais certeza do que nunca de que não havia possibilidade de erro de identidade.

O médico espiritual é geralmente conhecido como "Dr. Lang", embora, como cirurgião, o seu título correto seja "Sr."

Uma das personalidades que identificou o médico espiritual como sendo o Sr. William Lang, F.R.C.S., em 1961, foi o Dr. Kildare Lawrence Singer, M.R.C.S. (Eng.); L.R.C.P. Londres, 1917, Middlesex; Capitão do I.M.S., que se lembrava bem de Lang. Conheceu-o pela primeira vez enquanto estudante no Hospital Middlesex, onde recebeu instrução em oftalmologia dele. Mais tarde, depois de se qualificar como médico, desenvolveu uma amizade com o seu distinto mentor, que perdurou até à morte de Lang.

O reconhecimento do seu velho amigo pelo Dr. Singer foi totalmente inesperado. Singer sofria de cancro e, ao descobrir que um médico

espiritual chamado Lang tinha curado alguns pacientes também afetados pela doença, decidiu consultá-lo. Nunca lhe ocorreu que pudesse haver alguma ligação entre esse Dr. Lang e o Sr. Lang, o seu antigo mentor e amigo, mas quando entrou no santuário de George Chapman e o médico espiritual o saudou com um caloroso: "Olá, meu caro rapaz, fico feliz por vê-lo novamente", Singer soube imediatamente que estava diante de William Lang, F.R.C.S.

O Sr. Lang conversou com o seu "jovem" amigo durante bastante tempo, recordando até episódios há muito esquecidos do passado.

"Recebi provas mais do que suficientes de que ele é, sem dúvida, o mesmo Sr. Lang que conheci no Hospital Middlesex pela primeira vez em 1914," disse o Dr. Singer logo após o encontro. A sua visita seguinte reforçou ainda mais essa convicção.

A Sra. Katherine Pickering, de Aylesbury, identificou, em 1952, o "Dr." Lang como sendo o Sr. William Lang, F.R.C.S., com a mesma certeza que o Dr. Singer fez nove anos depois. Ela conhecera o Sr. Lang quase sessenta e um anos antes, tinha estado sob os seus cuidados durante quinze anos e, consequentemente, podia afirmar que o conhecia bastante bem.

"Tinha quatro anos e nove meses quando tive um ataque grave de sarampo e rubéola, que afetaram a minha visão e foram suspeitos de ter contribuído para a minha alarmante miopia", disse-me a Sra. Pickering quando a visitei na sua casa em Aylesbury, a 26 de agosto de 1964. "Fui levada ao Departamento de Oftalmologia do Hospital Middlesex e tornei-me paciente do Sr. Lang.

"Era uma criança bastante tímida e costumava ter medo de estranhos, especialmente médicos, mas assim que o Sr. Lang me sentou numa cadeira e começou a falar comigo, antes mesmo de olhar para os meus olhos, toda a minha timidez e medo desapareceram, e senti como se estivesse a falar com um tio ou um parente.

"Não era alto, como alguns dos outros médicos ali, e falava com tanta bondade que me afeiçoei a ele desde o início."

"É extraordinário que se lembre de todos esses detalhes", interrompi. "Isso aconteceu há mais de sessenta anos."

"Bem, não tanto", explicou a Sra. Pickering. "Fui paciente do Sr. Lang durante quase quinze anos – até ter quase vinte. Ficaria surpreendido com a clareza com que se recordam certas coisas na vida, desde que tenham causado uma impressão suficientemente forte na altura. O Sr. Lang causou-me uma impressão muito grande. Era tímida e medrosa, como lhe disse, e

esta é, sem dúvida, a razão pela qual a memória de infância de um homem tão gentil e amável ficou tão profundamente gravada na minha mente."

"O que a fez ter tanta certeza de que o médico espiritual é o mesmo Sr. Lang que a tratou no Hospital Middlesex?"

"Bem, assim que entrei no santuário do Sr. Chapman em 1952, o Dr. Lang saudou-me com as palavras: 'É bom vê-la novamente depois de todos estes anos, Topsy. Lembro-me de si quando era tão pequenina,' e estendeu a mão. Ora, ele sempre me chamou 'Topsy' quando era criança, e a forma como o disse agora e como colocou a mão no meu ombro – bem, quero dizer, quem poderia saber algo assim sobre mim, de há mais de sessenta anos? Nunca tinha conhecido o Sr. Chapman antes. Estou convencida de que era, e é, o Sr. Lang.

"Ele examinou os meus olhos e a forma como disse: 'Oh, céus, ainda não estão muito bem,' fez-me lembrar que ele frequentemente usava essa mesma frase quando eu o visitava na adolescência. Senti-me verdadeiramente de volta ao Hospital Middlesex. Encontrar o Sr. Lang depois de todos estes anos foi algo verdadeiramente espantoso."

A Sra. Pickering disse-me que o Sr. Lang realizou uma operação espiritual nos seus olhos e que, como resultado, a sua visão melhorou a tal ponto que agora consegue ler sem óculos – algo que não podia fazer antes de visitar o santuário de George Chapman. Acrescentou que não tinha dito a Chapman ou ao Sr. Lang que sofria de um problema interno pelo qual também procurara ajuda; no entanto, o Sr. Lang diagnosticou com precisão a sua condição sem lhe perguntar nada sobre os sintomas. Ele realizou algumas operações espirituais adicionais, deu-lhe injeções espirituais e aliviou-a do seu problema e do seu sofrimento.

"Fui criada numa antiga família quaker – os meus antepassados vivem em Buckinghamshire há trezentos anos – e o meu pai sempre me incutiu a obrigação de dizer a verdade solenemente," continuou a Sra. Pickering. "Menciono isto para deixar absolutamente claro que nunca digo nada em público sem ter a certeza absoluta dos factos. Quando digo que acredito que o médico espiritual e o Sr. William Lang são a mesma pessoa, estou absolutamente segura disso."

A Sra. Pickering é, de facto, muito rigorosa na verificação de tudo antes de fazer qualquer declaração. Desde a infância que mantém diários, registos concisos, mas descritivos, das pessoas que conheceu e dos acontecimentos que a impressionaram. Antes de responder a qualquer das minhas perguntas, consultava os seus registos. Disse que não queria confiar apenas na memória, pois esta pode ser falível.

Na época do tratamento da Sra. Pickering, George Chapman não fazia ideia de como era a aparência de William Lang. Não tinha conseguido encontrar fotografias e tudo o que tinha eram as descrições que a Sra. Pickering lhe dava. Então, um dia, deparou-se com uma referência a um Sr. McDonald, que se autodenominava Artista Psíquico. A descrição intrigou George Chapman.

O Sr. McDonald afirmava ser capaz de pintar retratos de pessoas falecidas com nada mais do que a assinatura da pessoa que solicitava o retrato. Curioso para ver o que receberia, George Chapman escreveu uma carta simples que dizia: "Gostaria de um retrato do meu guia espiritual." Para além do endereço e da sua assinatura, não havia mais nada na folha de papel.

Algum tempo depois, um pacote fino e retangular foi entregue na casa de Chapman. Quando o abriu, viu um retrato a cores de um homem idoso, usando uma gola alta e um lenço de seda. Uma nota que acompanhava a pintura explicava que o nome do guia espiritual era William Lang e que ele tinha sido médico.

Chapman nunca tinha conhecido este Sr. McDonald. Nunca tinha falado ou escrito para ele, além do pedido do retrato. No entanto, ali estava a nota de McDonald, já identificando o guia espiritual como William Lang. Pela enésima vez na sua vida, George Chapman ficou estupefato. No entanto, a questão ainda não estava resolvida. Chapman perguntou-se até que ponto a semelhança captada pelo Artista Psíquico era realmente fiel.

Poucos dias depois da chegada do retrato, Chapman encontrou-se com a Sra. Pickering. Assim que teve oportunidade, disse: "Ah, a propósito, alguém enviou-me um quadro há poucos dias. É de um homem idoso. Um quadro muito bonito, por sinal. É um original. Gostaria de vir vê-lo?"

A Sra. Pickering olhou intrigada com o estranho pedido, mas acompanhou Chapman até sua casa para ver a pintura. Assim que a viu, levou a mão à boca num gesto involuntário de surpresa e disse: "Oh, mas este é o Sr. Lang! Não sabia?"

"Sr. Lang, diz?" respondeu Chapman.

"Sim, sim, claro que é."

"Veja, Sra. Pickering, até que ponto tem certeza de que este é realmente o Sr. Lang?" insistiu Chapman.

"Meu caro Sr. Chapman, como poderia alguma vez confundi-lo? Conheci este homem, fui tratada por ele durante quinze anos, desde a infância até aos meus vinte anos! Não compreende? Não se esquece um rosto que

conheceu durante todo esse tempo." Virou-se para olhar novamente para o retrato. "Porque até me lembro desse lenço de seda que ele está a usar. Extraordinário. Uma semelhança absolutamente extraordinária." Ficou ali a olhar para a pintura durante alguns minutos. Quando saiu, foi com um olhar enigmático para George Chapman.

Alguns meses depois, depois de persuadir amigos a procurar em várias fontes, Chapman conseguiu encontrar uma antiga publicação médica que continha uma fotografia de William Lang no auge da sua carreira.

Levou o livro consigo, encontrou a página com a fotografia de Lang e comparou-a com o retrato. A semelhança entre a pintura e a fotografia era notável.

O sucesso alcançado por George Chapman como médium de um médico espiritual tornou-se rapidamente conhecido e admirado, não apenas em Aylesbury e em todo o Hertfordshire, mas por todo o país.

As suas realizações foram impressionantes. Muitas pessoas que sofriam de doenças incuráveis visitaram-no e conseguiram sair da sua casa para divulgar as notícias das curas milagrosas realizadas pelo "médico morto" — o médico espiritual chamado William Lang. Em pouco tempo, o número de pacientes que procuravam George Chapman para serem tratados pelo Sr. Lang tornou-se enorme.

CAPÍTULO NOVE

A VOZ DA AUTORIDADE

Percy Wilson, M.A. (Oxon) — Editor Técnico da revista *The Gramophone*; antigo Vice-Presidente do *College of Psychic Science*; uma das maiores autoridades mundiais em pesquisa e fenómenos psíquicos; e Presidente da *Psychic Press Ltd.* — é um dos poucos que não só conheceu George Chapman nos primeiros dias da sua mediunidade, mas que também continuou a encontrá-lo e ao médico espiritual em intervalos frequentes. No entanto, ao contrário dos outros, o Sr. Wilson não procurou inicialmente o médium com o propósito de cura. Como investigador crítico, mas imparcial, o seu objetivo era determinar se a alegação de George Chapman de estar a

ser controlado por um médico espiritual era genuína ou se o jovem era vítima de autoilusão.

"Conheci George Chapman pela primeira vez há cerca de doze anos, em Londres, e de certa forma gravitámos um para o outro", disse-me o Sr. Wilson quando o entrevistei a 11 de dezembro de 1964. "Ele era uma das pessoas que eu queria conhecer porque estava ansioso por estabelecer, através de uma investigação séria, se este jovem era realmente controlado por um médico espiritual e, se assim fosse, se estava suficientemente desenvolvido para permitir que o seu guia espiritual trabalhasse eficazmente através dele.

"Claro que nunca suspeitei realmente que o jovem tivesse qualquer intenção fraudulenta consciente, mas há tantas pessoas que desejam tanto ser médiuns de transe que muitas vezes acabam por cair vítimas de uma autoilusão involuntária; enganam-se a si próprias acreditando que a sua imaginação é realidade. Embora possa não haver qualquer intenção deliberada de impostura, são ainda assim tão perigosas quanto fraudes premeditadas, pois iludem e frequentemente dececionam gravemente aqueles que os procuram com fé. Dessa forma, lançam uma sombra sobre a cura espiritual e sobre o Espiritismo como um todo. Por isso, nunca se pode ser demasiado cuidadoso ao investigar a mediunidade de transe.

"Agora, no caso de George Chapman, tive de ser particularmente minucioso, pois ele não apenas alegava ser um médium de transe controlado por um médico espiritual, mas também afirmava que o seu guia era um certo William Lang, F.R.C.S., que faleceu em 1937 e que, durante a sua vida, foi cirurgião e consultor especialista em vários hospitais conhecidos de Londres. Bem, se o resultado da minha investigação me convencesse de que isso era um facto, seria uma contribuição maravilhosa e significativa para a cura espiritual e para o Espiritualismo em geral, e eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudar o jovem e o seu guia espiritual de todas as formas possíveis.

No entanto, se a minha pesquisa me convencesse de que a alegação não tinha fundamento, teria naturalmente de tornar público que, na minha opinião, este não era um caso genuíno de cura espiritual. Um passo como este seria, de facto, o meu dever, pois, na cura espiritual, em particular, devem ser tomadas todas as precauções possíveis para garantir que apenas sejam aceites como curadores espirituais aquelas pessoas cuja autenticidade tenha sido provada além de qualquer dúvida razoável."

"Tendo sido um espírita ativo por mais de meio século e tendo realizado extensas investigações psíquicas, está convencido de que não poderia ser enganado por um impostor muito hábil e astuto?" perguntei.

"Bem, acredito que sou qualificado para realizar estas investigações com competência. Nos últimos cinquenta anos, estudei as várias fases da mediunidade de transe através de muitos dos seus expoentes mais notáveis", respondeu o Sr. Wilson. "Acredito que é verdade dizer que tenho mais experiência direta com mediunidade de transe e mais conhecimento sobre os seus diferentes aspetos do que qualquer outra pessoa viva hoje. Isso pode parecer estranho, porque há muitos médiuns de transe que têm mais experiência direta de estar em transe.

Mas uma pessoa que entra em transe não conhece necessariamente as complexidades da mediunidade de transe, a sua variedade, as suas peculiaridades ou mesmo as suas técnicas. Se eu investigar uma forma de transe – ou um suposto transe – consigo dizer rapidamente se é genuíno, se é apenas autoilusão, ou até mesmo se é uma fraude deliberada. Uma grande parte do chamado transe não passa de autoilusão."

"Investigou a alegação de George Chapman quando o conheceu pela primeira vez?"

"Bem, não. Encontrei-o em Londres, como disse, e nessa altura ele estava no seu estado normal de consciência. Para poder investigar as suas alegações, precisava de vê-lo em transe. Assim, tudo o que pude fazer no nosso primeiro encontro foi marcar uma reunião para vê-lo sob o controlo espiritual.

"Conversei com ele, claro, sobre a sua mediunidade e o seu trabalho, e não tive dúvidas de que era um jovem sincero, imbuído do desejo de servir a humanidade sofredora. Infelizmente, isso não era garantia de que fosse realmente um médium de transe genuíno – o seu desejo de ajudar os que sofrem podia muito bem ser a raiz de uma autoilusão involuntária e completamente inocente. Mas, claro, não tirei conclusões precipitadas, porque, se estava a envolver-me numa investigação séria, não podia chegar a nenhuma conclusão antes de ter reunido todos os factos relevantes através de uma investigação cuidadosa."

O Sr. Wilson compareceu à sua consulta com George Chapman e, quando entrou no consultório do Sr. Lang, encontrou o médium já em transe.

"Quando fui a Aylesbury pela primeira vez e vi o Dr. Lang, tive uma impressão extremamente favorável", disse o Sr. Wilson. "Pude perceber de imediato – e qualquer pessoa experiente na mediunidade de transe pode fazê-lo – que não era apenas um transe genuíno, mas um dos mais elevados níveis.

"Tive uma impressão muito clara de que estava a encontrar uma personalidade completamente diferente – completamente distinta de George

Chapman – um homem idoso, um homem sábio, cujo conhecimento médico se tornava evidente a cada palavra. Poderia tê-lo tomado por um especialista de Harley Street imediatamente, percebe, tanto pela sua atitude geral como pela forma fluente e quase casual com que falava sobre questões médicas.

"Depois de realizar uma investigação muito rigorosa, que me forneceu provas conclusivas de que se tratava, sem dúvida, de um caso de mediunidade de transe de nível muito elevado, encontrei-me novamente com George Chapman assim que ele recuperou o seu estado normal de consciência. Embora já tivesse recolhido todas as provas de que se tratava de um médium verdadeiramente notável, controlado por um cirurgião identificável, interroguei-o exaustivamente mais uma vez no seu estado normal de consciência. Havia muitas coisas que queria saber dele.

"Nos primeiros tempos da sua associação mediúnica com o Dr. Lang, era evidente que o conhecimento médico de George Chapman era muito inferior ao meu e que, além disso, era um homem muito simples, genuíno e honesto. No entanto, o Dr. Lang era inquestionavelmente um especialista. A diferença era notável.

"Além disso, naqueles dias, George Chapman não era o que se poderia chamar um homem intelectual – era bastante simples em certos aspetos e talvez até um pouco desajeitado; mas, à medida que a sua mediunidade curadora se desenvolveu e ele ficou cada vez mais sob a influência do Dr. Lang, tornou-se mais culto e mais intelectual. Aprendeu muito através do Dr. Lang, mas mesmo agora, após treze longos anos de estreita associação com o seu guia espiritual, continua a ser tão diferente em personalidade do Dr. Lang como era quando o conheci pela primeira vez no seu estado normal de consciência.

"Quando deixei Aylesbury naquela noite de 1952, o meu veredito foi: Esta é uma das formas mais interessantes e completas de mediunidade de transe que já vi. E, quanto mais conheci George Chapman e o Dr. Lang nos anos seguintes, mais confirmei o veredito a que cheguei há doze anos."

O Sr. Wilson também conheceu o Dr. Lang como paciente quando foi consultá-lo há dez anos para receber ajuda do médico espiritual, ajuda que não conseguiu obter através do tratamento médico ortodoxo. A cura completa da sua doença foi tão rápida e impressionante que, sempre que sentia necessidade de aconselhamento médico, ia consultar o Sr. Lang, além do seu próprio médico ou especialista. E ficou tão impressionado com as capacidades e realizações do Sr. Lang que levou um número considerável de familiares e amigos a Aylesbury para operações espirituais e cura.

"Uma das pessoas que levei ao Dr. Lang foi a minha sobrinha, que tinha sido um problema médico desde que nasceu", disse o Sr. Wilson. "Quando tinha dezasseis semanas, começou a sofrer de problemas de estômago e não conseguia reter nenhum alimento. Os médicos do hospital operaram-na três vezes para tentar descobrir qual era o problema. Não chegaram a nenhuma conclusão definitiva, mas, felizmente, as operações pareceram ter o efeito desejado, e durante alguns anos esteve livre do problema.

"Depois, há cinco anos, teve uma recaída repentina. Os pais levaram-na de volta ao hospital. O mesmo especialista que tinha realizado as operações ainda lá estava e, depois de a examinar novamente, disse que era o mesmo problema antigo e que teriam de operar novamente para tentar detetar a causa.

"Nessa altura, levei a minha sobrinha ao Dr. Lang. Assim que a examinou, disse: 'Oh, esta é uma inflamação muito peculiar do estômago, muito peculiar. É uma inflamação das paredes interiores. Eu próprio irei operar e corrigiremos isso.' Ele realizou uma operação no corpo espiritual dela e, desde então, nunca mais teve uma recaída.

"Isso foi há cinco anos. O especialista do hospital, que a tinha acompanhado durante anos, ficou – e ainda está – intrigado com a recuperação milagrosa, que ocorreu antes que ele tivesse a oportunidade de operar. Bem, aí está ela. É uma criança altamente inteligente que se sai muito bem na escola. Perguntei-lhe, há cerca de um mês, se tinha tido algum problema desde então, e ela respondeu: 'Não, nada, nem o mais pequeno desconforto.' Bem, levei várias pessoas como ela ao Dr. Lang. Nenhuma delas deixou de obter um alívio considerável através das operações espirituais e da cura do Dr. Lang."

O Sr. Wilson também recordou o caso de uma senhora que levou ao Sr. Lang, mas que já estava para além de qualquer ajuda, mesmo através da cura espiritual:

"Depois de a examinar, o Dr. Lang disse-me abertamente que não acreditava que pudesse salvar a sua vida terrena porque tinha sido consultado demasiado tarde. Esta é uma das qualidades únicas do Dr. Lang. Se sabe que não pode ajudar, nunca ilude ninguém, dando-lhes falsas esperanças, embora, claro, diga isso de forma diplomática para não perturbar ou assustar o paciente. Esta franqueza é muito importante porque, por outro lado, se ele diz que pode ajudar um paciente, não é apenas uma afirmação feita de forma leviana.

"Bem, segundo o prognóstico do médico da família, a senhora tinha uma expectativa de vida de mais duas ou três semanas. Quando falei com ela no

dia seguinte à consulta com o Dr. Lang, disse-me: 'Tomarei o pequeno-almoço com o Dr. Lang na segunda ou terça-feira.' Perguntei: 'Porque pensa isso?' Ela olhou para mim com um daqueles olhares perspicazes e disse: 'O Dr. Lang é muito astuto.'

"Na segunda-feira à noite, faleceu calmamente e em paz."

Durante as suas numerosas visitas a Aylesbury ao longo dos últimos doze anos, o Sr. Wilson teve amplas oportunidades de estudar o comportamento e as técnicas de cura do Sr. Lang, e resumiu as suas conclusões da seguinte forma:

"Sempre me impressiona o facto de o Dr. Lang fazer um esforço extra para explicar as coisas a um paciente – e especialmente a um novo paciente – e a forma como quase imediatamente conquista a confiança de todos. Fico igualmente impressionado com a sua explicação sobre como ele separa o corpo espiritual de uma pessoa para poder operar nele ou administrar outros tipos de tratamento de cura, e particularmente pela clareza com que faz compreender a todos que há uma diferença entre o corpo espiritual e o espírito propriamente dito.

"Outra coisa no Dr. Lang que me impressiona é a sua segurança em tudo o que faz, a sua confiança em cada aspeto. Veja, tenho boas razões para saber que, quando está a fazer o seu diagnóstico e a explicar as coisas a um paciente, é bastante diplomático sobre isso. Uma das suas grandes subtilezas é que nunca revela nada impulsivamente que possa chocar o paciente ou dar-lhe uma ideia errada de qualquer tipo. E só promete curar uma doença se estiver completamente seguro de si. Mesmo assim, geralmente só diz 'Acho que podemos tentar ajudá-lo', e isso é, de um modo geral, o mais longe que vai.

"Para além da sua cura, acho ainda mais notável o seu poder incomparável de diagnóstico – os seus olhos de raio-X, como eu os descrevo. A sua descrição dos sintomas de um paciente e até do seu historial médico é sempre precisa, tal como é a sua previsão dos efeitos que as suas operações e o tratamento do corpo espiritual terão no corpo físico.

"Não há qualquer dúvida, ao ouvir o Dr. Lang, de que estamos diante de um homem médico experiente e erudito. E isto não é apenas a minha opinião, mas também a de muitos membros da profissão médica, alguns dos quais foram seus amigos e alunos quando estava no Hospital Middlesex durante a sua vida terrena."

O testemunho do Sr. Wilson sobre a autenticidade da mediunidade de George Chapman tem um enorme peso. Aqueles envolvidos na pesquisa psíquica estão demasiado conscientes dos rigorosos testes que são

necessários para provar a veracidade das alegações feitas por aqueles que se consideram dotados de qualidades psíquicas. No campo da ciência e pesquisa psíquica, o nome de Percy Wilson é, sem dúvida, de grande importância.

CAPÍTULO DEZ

A VIDA DE UM POLÍCIA

Reginald Abbiss, de Aylesbury – um Superintendente reformado da Polícia, que serviu trinta anos na força – foi uma das pessoas que visitaram o santuário de George Chapman nos primeiros tempos da sua associação com o Sr. Lang.

Queria saber como aconteceu que um oficial de polícia sénior, com uma mente cética, procurou a ajuda de um médico espiritual em vez de consultar o seu próprio médico.

"Bem, vou contar-lhe," disse o Sr. Abbiss quando o encontrei na sua casa em Aylesbury, a 16 de setembro de 1964. "Um amigo meu, que serviu comigo na polícia desde 1929 e que sabia que a minha esposa estava com problemas de saúde, contou-me como o Dr. Lang tinha ajudado maravilhosamente um amigo seu que estava gravemente doente.

Ele pensou que o médico espiritual poderia fazer mais pela minha esposa do que o tratamento médico ortodoxo, que, francamente, não tinha apresentado bons resultados. Na verdade, descobri mais tarde que este meu amigo tinha ponderado sobre o assunto durante algum tempo antes de me abordar. Ele receava que eu reagisse mal à menção de coisas do outro mundo. Ao mesmo tempo, não queria que a minha esposa fosse privada de algo que poderia trazer-lhe uma cura. Então, primeiro, contou-me todas as coisas notáveis que o Dr. Lang estava a fazer.

"Nunca tinha tido contacto com ninguém ou com qualquer coisa relacionada com o Espiritualismo ou a cura espiritual antes, mas interessei-me em saber pelo meu amigo que o Dr. Lang trabalhava através do seu médium, o Sr. George Chapman, e como o médico espiritual realmente trabalhava e ajudava os seus pacientes. Fiquei tão intrigado com o que o meu amigo me contou que decidi visitar o Dr. Lang para descobrir por mim mesmo como seria encontrar o espírito de um 'homem morto'.

"O meu amigo marcou uma consulta para a minha esposa ser vista pelo Dr. Lang no santuário do Sr. Chapman e eu fui com ela. Pelo que já tinha aprendido até então, tinha alguma ideia de como as coisas funcionavam, mas na verdade não sabia exatamente o que esperar."

Quando a minha esposa e eu entrámos no consultório do Dr. Lang, um cavalheiro idoso e cortês, ou assim me pareceu, com os olhos fechados, deu-nos as boas-vindas e estendeu a mão em saudação. Conversou connosco durante algum tempo e falámos sobre todo o tipo de assuntos. Quando soube que eu era um Superintendente de Polícia reformado, disse que eu era o seu primeiro paciente desse tipo e falou comigo sobre como o trabalho de polícia era muito mais fácil no seu tempo.

"Foi uma experiência invulgar, de certo modo esmagadora. Foi a primeira vez na minha vida que vi alguém em transe. Na verdade, quando falei com o espírito de um homem 'morto' através do médium, tão livremente como com qualquer pessoa, pensei: 'Pergunto-me o que terei perdido por não ter tentado descobrir estas coisas antes.'"

O Sr. Lang pediu à Sra. Abbiss que se deitasse no divã de tratamento e, enquanto tocava ligeiramente no seu corpo completamente vestido com as mãos, diagnosticou a sua doença em todos os pormenores. Depois explicou ao Sr. e à Sra. Abbiss que cada pessoa tinha um corpo físico e um corpo espiritual e que ele tratava apenas o corpo espiritual, numa tentativa de obter um efeito correspondente no corpo físico.

Então, o Sr. Lang realizou uma cirurgia espiritual na Sra. Abbiss, enquanto o seu marido observava atentamente tudo o que acontecia.

"Fiquei surpreendido quando ele quis examinar-me, pois eu não tinha marcado consulta—tinha vindo apenas para acompanhar a minha esposa", continuou o Sr. Abbiss. "Na verdade, há algum tempo que sentia um ligeiro desconforto interno, mas nunca me tinha preocupado com isso e, certamente, não tinha mencionado nada a ninguém. Perguntei-me como poderia o Dr. Lang saber disso.

"Fiz, naturalmente, o que me foi pedido e, assim que me deitei no divã de tratamento e o Dr. Lang—com os olhos ainda fechados—tocou levemente no meu corpo totalmente vestido com as mãos, disse-me exatamente qual era o problema: que sofria de algo relacionado com a abertura pilórica, que necessitava de atenção devido à obstipação e ao desconforto que causava. Explicou então que realizaria uma operação espiritual para me aliviar do problema.

"Tenho de admitir que senti uma sensação extremamente agradável enquanto ele trabalhava.

"O Dr. Lang tinha razão em tudo o que disse. No dia seguinte à operação, senti uma ligeira melhoria. Não pense que isso aconteceu por desejo ou força de vontade. De qualquer forma, em cerca de quinze dias, estava

completamente curado, prova suficiente de que o Dr. Lang realmente me curou."

"Está-me a dizer então que aceitou tudo desde o início?" perguntei.

"Bem, quando entrei pela primeira vez na sala do Dr. Lang, sem saber exatamente o que esperar, tenho de confessar que estava atento para ver se tudo era legítimo", respondeu o ex-Superintendente. "Veja, é natural que, depois de trinta anos de serviço na polícia, eu tivesse adquirido o hábito de analisar as coisas criticamente para diferenciar entre o genuíno e a fraude. Observei atentamente todos os movimentos do Dr. Lang.

"Qualquer suspeita que pudesse ter tido dissipou-se rapidamente e, de certo modo, senti-me envergonhado por ter sido tão cético. Toda a atmosfera naquela sala era de sinceridade e desejo de ajudar quem precisasse.

"Sim, fiquei convencido de que estava perante um verdadeiro médico espiritual que falava e trabalhava através do seu médium. Além disso, fiquei—e continuo—profundamente impressionado com o Dr. Lang. Senti que estava a falar com um velho médico cujos maneirismos e comportamento proclamavam a sua profissão e não hesitei em aceitá-lo completamente. A minha rápida recuperação confirmou a minha fé nele."

O ex-Superintendente Abbiss acompanhava a sua esposa ao santuário de George Chapman para continuar o tratamento com o Sr. Lang. Numa ocasião, conheceu George Chapman quando o médium não estava em transe.

"Que contraste marcante entre o Sr. Chapman e o Dr. Lang!" disse-me o Sr. Abbiss. "Fisicamente, o Sr. Chapman era um homem muito mais jovem e a sua forma de falar também era completamente diferente. O velho médico falava sempre como um consultor experiente, enquanto o Sr. Chapman tinha um forte sotaque do Norte. Os seus maneirismos eram muito distintos e não tive dúvidas de que estava, de facto, perante duas pessoas completamente diferentes. Aliás, o Sr. Chapman ainda era oficial no Corpo de Bombeiros de Aylesbury naquela altura."

O Sr. Abbiss acompanhava regularmente a sua esposa quando esta ia receber tratamento. Numa ocasião, muito tempo depois da primeira visita, Lang pediu-lhe inesperadamente que se deitasse no divã de tratamento.

Abbiss ficou surpreendido com o pedido, conforme me contou.

"Não tenho nada de errado, Dr. Lang," disse eu. "Curou-me completamente do meu problema." O Dr. Lang respondeu: "Gostaria de dar uma vista de olhos aos seus olhos, jovem." Pois bem, fiz o que me foi

pedido e o Dr. Lang realizou uma operação espiritual nos meus olhos. Disse-me que tinha corrigido a fraqueza e, de facto, pouco depois notei uma melhoria considerável na minha visão. Costumava usar óculos para conduzir, mas, desde a operação do Dr. Lang, já não preciso de os usar.

"Não sou, de maneira nenhuma, um caso excecional—conheço muitas outras pessoas que beneficiaram das operações e tratamentos do Dr. Lang de forma tão notável quanto eu.

"Não seria correto assumir que todos os pacientes do Dr. Lang são espiritualistas convictos dispostos a aceitar tudo sem questionar. Pelo contrário. Os pacientes na sala de espera do Sr. Chapman vêm de todas as origens. Um número considerável deles nem sequer é espiritualista. Lembro-me de ouvir um paciente perguntar a outro se era espiritualista e a resposta imediata foi: 'Não, não sou. Mas que importância tem isso para a cura? Estou a receber uma ajuda maravilhosa e não preciso de saber ou acreditar em mais nada.'"

CAPÍTULO ONZE
A FACA É ENGANADA

Durante a associação inicial de George Chapman com William Lang, ele concordou em visitar pacientes que necessitassem de ajuda sempre que pudesse encontrar tempo. Por vezes, isso significava fazer longas viagens que ele próprio financiava. Uma dessas visitas ocorreu em 1954, quando se dirigiu à casa da Sra. Winifred Holmes em Chester.

A Sra. Holmes sofria de cálculos biliares há bastante tempo. Não tendo obtido alívio significativo com o tratamento médico convencional e relutando em consentir numa operação (como muitas pessoas, tinha um medo extremo do bisturi do cirurgião), decidiu experimentar a cura espiritual. Tinha ouvido falar dos sucessos do Dr. Lang e escreveu a George Chapman para organizar uma cura à distância com o médico espiritual. Isso foi feito, mas não produziu alívio notável, pelo que a Sra. Holmes perguntou se poderia receber um tratamento presencial e se seria possível que Chapman fosse a Chester. Ele aceitou e marcou a visita para o dia 3 de setembro de 1954.

Quando ele chegou à casa da Sra. Holmes, ela pediu-lhe que esperasse até que o marido chegasse do trabalho.

"Ele também precisa de tratamento," explicou. "Não acredita na cura espiritual—na verdade, não tem tempo para o Espiritualismo ou qualquer coisa do género—mas espero que, ao assistir ao meu tratamento, ele se

convença do seu valor e concorde em ser tratado também." Acrescentou que o marido estava a receber tratamento médico no hospital, mas não parecia estar a melhorar.

Enquanto esperavam, a Sra. Holmes contou a George Chapman sobre o problema do seu marido.

Ele teve um acidente há algum tempo e, desde então, tem estado num estado muito mau—frequentemente em agonia," disse a Sra. Holmes. "Os raios-X revelaram que era uma hérnia discal, uma condição da qual já sofreu em três ocasiões anteriores sem nunca conseguir obter alívio permanente. Ele é operário metalúrgico e pode imaginar como é difícil para ele ter de usar um horrível colete de aço. Os médicos decidiram agora que um colete de gesso poderia ser melhor para ele. Rezo para que o Dr. Lang possa aliviar o seu sofrimento e pô-lo bem..."

"Tenho a certeza de que fará tudo o que puder," respondeu Chapman.

Quando John Holmes chegou, foi apresentado a George Chapman e, de imediato, demonstrou uma forte antipatia por tudo o que estivesse relacionado com a cura espiritual. Disse que não queria ter nada a ver com isso, mas a Sra. Holmes era uma esposa persuasiva e acabou por derrubar a sua resistência. A contragosto, concordou em ser tratado pelo médico espiritual, embora permanecesse muito cético, se bem que ligeiramente curioso. Mas deixou claro que cedeu apenas para agradar à esposa.

Os dois homens retiraram-se então para outra sala, onde o médium entrou em transe com a sua habitual facilidade. Pouco depois, o Sr. Lang tomou total controlo dele.

"Prazer em conhecê-lo, jovem," saudou o Sr. Lang. Enquanto tocava o corpo completamente vestido do paciente com as mãos, acrescentou: "Estou muito feliz por a sua querida esposa querer que me visse, porque penso que poderei colocar a sua hérnia discal permanentemente no sítio certo. Não será necessário usar um colete de aço nem um colete de gesso depois disso—ficará perfeitamente bem, jovem, e poderá trabalhar com a mesma facilidade que tinha antes do acidente. E quando for ao hospital para o seu próximo exame, o médico confirmará isso."

Holmes ficou surpreso por o médico espiritual não ter sentido necessidade de lhe fazer perguntas, mas ter sabido de imediato qual era a sua doença. Começou a sentir-se muito menos certo de que nada resultaria desta experiência estranha.

O Sr. Lang realizou uma operação espiritual e, à medida que estalava os dedos e dava ordens ao seu filho Basil e a outros assistentes invisíveis, John Holmes sentiu uma dor aguda repentina.

"Foi notável," declarou mais tarde o Sr. Holmes. "O Dr. Lang não tocou realmente no meu corpo—suas mãos estiveram sempre suspensas logo acima dele. Quando senti a pontada de dor durante a 'operação', percebi que as suas mãos ainda estavam a um ou dois centímetros de distância de mim."

A princípio, a chamada operação espiritual parecia ter sido um fracasso. Em vez de se sentir melhor, o Sr. Holmes estava convencido de que a sua condição tinha piorado. Sentiu-se um tolo por se ter deixado persuadir a algo em que não acreditava desde o início. Por que não tinha seguido as suas próprias convicções? As mulheres—estavam sempre a meter-se! Agora, veja-se no estado em que estava!

Holmes estava prestes a dar largas aos seus sentimentos quando lhe disseram: "Muito bem, jovem, pode tentar andar e mexer-se agora, se quiser."

Holmes conteve a raiva e ergueu-se do divã. Incrivelmente, foi mais fácil do que esperava. Deslizou as pernas para fora e pôs-se de pé no chão. Nenhuma pontada. Deu um passo hesitante. Não sentiu dor. Depois, caminhou pelo chão até ao outro lado da sala e voltou, sentindo-se prestes a rir de puro alívio.

Mas ainda havia algo que queria tentar. A memória da dor passada inibia-o. Mas sabia que, se não tentasse, nunca saberia se o que pensava ter acabado de acontecer era real. Reuniu coragem, depois, lentamente, esperando a cada momento sentir-se imobilizado pela dor, começou a inclinar-se para a frente o máximo que conseguia. Conseguiu sem qualquer pontada e, com igual sucesso, voltou à posição ereta. Tinha conseguido! Não havia dor! Estava curado!

John Holmes ficou a olhar para a figura curvada que o observava.

"Então, jovem, sente-se melhor agora?"

Holmes não conseguiu falar. Acenou com a cabeça.

"Agora quero ver a sua boa senhora. Pode pedir-lhe que entre aqui, por favor?"

Holmes saiu e chamou a esposa. Quando ela viu o rosto do marido, teve vontade de lhe perguntar muitas coisas—especialmente sobre o sorriso tolo

que ele exibia. Mas não havia tempo para isso agora. O Sr. Lang estava à espera.

John Holmes ficou a assistir enquanto as operações espirituais eram realizadas na esposa. E quando terminaram, viu-a sentar-se, um sorriso no rosto, as linhas de dor já a suavizar-se. Ela caminhou até ele após agradecer ao médico espiritual e estendeu-lhe as mãos.

"John," disse ela, "sinto-me muito melhor. Não há mais dor e não terei de ser operada. Não é maravilhoso?" Virou-se novamente.

"Oh, Dr. Lang, muito obrigada. Muito obrigada, obrigada," disse ela.

John Holmes nunca mais usou um colete de aço.

Quando visitou o hospital alguns dias depois da sua cura pelo Sr. Lang, foi informado de que a sua hérnia discal tinha voltado ao lugar. O médico que o examinou expressou espanto e confirmou também o que o Sr. Lang dissera—que não haveria mais necessidade do colete de aço ou do colete de gesso. O Sr. Holmes manteve silêncio sobre o médico espiritual.

Em janeiro de 1965, localizei os Holmes. Nenhum dos dois tinha voltado a contactar George Chapman ou William Lang desde aquela única ocasião, dez anos antes.

"Não houve necessidade de os contactar," disse-me o Sr. Holmes. "Tenho trabalhado no meu antigo emprego como operário metalúrgico desde então, sem um único dia de doença. Há muitos anos que não me sentia tão bem."

A Sra. Winifred Holmes também se manteve de boa saúde desde aquele dia de setembro de 1954.

CAPÍTULO DOZE
A RAPARIGA MILAGRE

De todos os casos que investiguei, o da dona de casa de Amersham, Sra. Dorothy James, foi o mais surpreendente e comovente. Tirando tempos de guerra, nunca encontrei ninguém tão terrivelmente ferido; fratura do crânio, membros estilhaçados, perda de visão, perda de memória—a sua condição parecia tão desesperada que um padre foi chamado para lhe administrar a extrema-unção.

Mas num dia de junho de 1964, encontrei a Sra. James e ouvi dela e do marido o que acontecera a 12 de novembro de 1954. A Sra. James era uma pessoa animada e encantadora.

"Lembro-me de ter saído do autocarro a caminho do trabalho," recordou. "E, como de costume, esperei que ele se afastasse da paragem para poder ver em ambas as direções. Sempre fui extremamente cautelosa ao atravessar—a tal ponto que era motivo de brincadeira entre as minhas duas irmãs. Elas sempre diziam que eu nunca morreria atropelada por um carro porque era 'demasiado cuidadosa'! De qualquer forma, esperei até o autocarro sair e devia estar bastante certa de que nada vinha antes de dar um passo em frente. Isso é tudo o que consigo lembrar."

O marido da Sra. James continuou a história:

"Dorothy foi atingida por um Aston Martin cujo condutor o estava a experimentar pela primeira vez. Fora um presente pelo seu vigésimo primeiro aniversário e admitiu à polícia que estava a 130 km/h. Disse que desviou os olhos por um momento para admirar os belos campos outonais e, quando voltou a olhar para a estrada, Dorothy estava bem à sua frente. Carregou nos travões, mas atingiu-a. Ela foi lançada para cima do capô, a cabeça atravessou o para-brisas e, por fim, foi projetada por cima do carro, caindo na estrada atrás dele. Ficou ali estendida, quebrada e coberta de sangue."

Quando a ambulância chegou, um morador que tinha coberto o corpo dela com um cobertor disse à equipa: "Chegaram tarde demais, ela está pronta para a morgue, não para o hospital." Mas o motorista da ambulância puxou o cobertor e, após uma rápida inspeção, respondeu: "Não, ainda há vida nela, vamos levá-la para o hospital o mais rápido possível." Isto foi-me contado mais tarde.

"Quando Dorothy chegou ao hospital, os médicos verificaram que tinha o crânio fraturado e ambas as pernas partidas. Estava terrivelmente lacerada e a sua condição era tão crítica que não esperavam que sobrevivesse mais do que algumas horas. Enfaixaram-lhe a cabeça, engessaram-lhe as pernas e chamaram o padre.

"Eu estava praticamente fora de mim," disse-me o Sr. James. "Quero dizer, mal conseguia pensar direito. Tudo o que sabia era que a minha esposa estava desfeita e a morrer. E então ouvi uma mulher a falar sobre um curador espiritual que podia salvá-la. Não me lembro de alguma vez ter pensado no Espiritualismo. Mas disse para mim mesmo: 'qualquer coisa, qualquer coisa que possa ajudar.' E disse à mulher: 'Não tenho objeções. Mas, se ele pode fazer algo, pelo amor de Deus, que se despache.'"

George Chapman foi contactado, informado da situação do Sr. James e perguntaram-lhe se o Dr. Lang poderia iniciar a cura à distância o mais

rápido possível. Entretanto, no Hospital de Bucks, a Sra. James estava a morrer.

"As enfermeiras," disse ela, "contaram-me depois que havia um auxiliar de uma ala masculina próxima que costumava entrar pelo menos uma vez por dia, às vezes duas, e até durante a noite, para olhar para o quadro ao pé da minha cama e fazer perguntas à enfermeira." A Sra. James continuou: "Quando lhe pediram para explicar o seu interesse por mim, ele respondeu: 'Está tudo bem, é para o bem da Sra. James. Tenho de dizer a um amigo exatamente como ela está.' Mais tarde, muito tempo depois, o Sr. Chapman contou-me que um amigo seu, que trabalhava noutra ala, fornecia-lhe um relatório diário sobre a minha condição. Isso permitiu que o Dr. Lang me desse a cura à distância mais eficaz. Mas, claro, eu não sabia nada sobre isso na altura. Na verdade, passaram-se séculos antes de eu saber alguma coisa.

"Os médicos do hospital, claro, não sabiam que eu estava a receber cura à distância e não conseguiam entender como ainda estava viva. Primeiro disseram que nunca sobreviveria. Quando não morri, disseram que nunca mais veria, nem falaria, nem andaria, e que, se de facto sobrevivesse, teria de passar o resto da vida num hospital psiquiátrico. Os especialistas diagnosticaram que o meu cérebro estava danificado, todo o meu sistema nervoso afetado e que esse dano resultaria em deficiência mental e cegueira permanente; além disso, a minha perna e tornozelo direitos estavam esmagados."

"Dorothy esteve semi-consciente durante quase seis semanas," acrescentou o Sr. James. "Por vezes, despertava, mas não fazia ideia de onde estava ou do que tinha acontecido."

"Os médicos e enfermeiras costumavam referir-se a ela como A Rapariga Milagre. Foi levada várias vezes para o bloco operatório, onde lhe coseram as feridas e onde consideraram amputar-lhe a perna direita esmagada. E, se o cirurgião não tivesse recusado operar por temer que ela morresse na mesa de operações (ele achava que as lesões cerebrais eram demasiado graves para a submeter a tal esforço), teria perdido a perna."

Os médicos do hospital repetidamente avisaram o Sr. James de que deveria estar preparado para o pior a qualquer momento. Quando algumas semanas se passaram e a Sra. James começou a recuperar forças, os médicos opinaram que, se sobrevivesse, ficaria cega, possivelmente com graves danos mentais e teria de ser internada num hospital psiquiátrico.

A cura à distância continuou a ser administrada pelo Dr. Lang e, embora a Sra. James continuasse apenas semi-consciente e em estado crítico,

começou a recuperar lentamente. Cinco semanas após o acidente, recuperou a consciência pela primeira vez. Vamos retomar a história de Mrs. James nas suas próprias palavras:

"Quando acordei pela primeira vez, pedi a uma senhora na cama ao lado que me dissesse onde estava, mas, em vez de responder, chamou a irmã da enfermaria, que me explicou que eu tinha tido um acidente muito grave e estava ali há quase seis semanas. Chamou-me Sra. James, mas eu disse-lhe que o meu nome era Dorothy Danielson* e que não era casada. Ela então foi até ao armário ao lado da minha cama, mostrou-me uma fotografia de um menino e disse que era o meu filho, Martin. Colocou a fotografia na minha mão e ajudou-me a segurá-la, pois o meu lado direito estava completamente paralisado. Olhei para a fotografia e pensei: 'Que sortuda seria uma mulher por ter dois meninos tão bonitos.' Lembro-me de ter dito que eram gémeos adoráveis. A irmã disse-me que havia apenas um menino na fotografia, e eu disse-lhe que conseguia ver dois.

"A irmã chamou então as enfermeiras responsáveis e outra jovem enfermeira para ficarem comigo enquanto ela ia telefonar. Pedi à enfermeira que me desse um espelho para que pudesse ver se era realmente Dorothy Danielson, mas ela disse que não, que o médico dissera que ainda não era altura para eu ver o meu rosto (porque estava desfigurado com pontos e pele em carne viva). Também me disse para não tocar na minha cara, senão os meus pulsos teriam de ser atados às laterais da cama. O meu marido contou-me mais tarde que, nas primeiras semanas, a minha cama era como um berço—os lados estavam erguidos para evitar que eu tentasse sair, e os meus pulsos tinham sido amarrados porque eu insistia em tentar arrancar os pontos do rosto.

"A irmã voltou com alguns médicos, e um deles disse que estava muito feliz por eu ter despertado e conseguido ver. Pediu-me para olhar para o relógio na parede e dizer-lhe as horas. Fiz o que me pediu e lembro-me de dizer que era um pouco estranho terem dois relógios tão próximos um do outro. Ele respondeu:

"Graças a Deus, irmã, ela disse-nos a hora certa." Depois afastaram-se, falando sobre metade da batalha estar ganha.

'Esforcei-me tanto para pensar nas coisas depois de terem saído do lado da minha cama, mas simplesmente não conseguia lembrar-me de nada. Lembro-me do meu pai a beijar-me na testa e a dizer: "Que Deus te abençoe, minha querida, há outros que precisam mais de ti do que eu", por isso, quando ele se foi, perguntei à doente na cama ao lado o que ele queria dizer com aquilo. Ela disse-me que ninguém estivera à minha cabeceira

desde que os médicos tinham saído. Como viria a perceber muito mais tarde, o meu pai tinha morrido anos antes.

*O nome de solteira da Sra. James.

'A minha companheira de quarto também me disse que Jeff praticamente vivera no hospital durante quase quatro semanas—tinha ficado lá dia e noite e alimentara-me—e que a fotografia do menino era, na verdade, do meu próprio filho, Martin. Disse-me que as minhas irmãs e a minha mãe vinham visitar-me frequentemente, assim como muitos outros familiares. Perguntei-lhe quando era a hora das visitas e ela disse: "Não precisas de te preocupar, a tua família e os teus parentes podem visitar-te quando quiserem." Não entendi o que ela queria dizer. Queria saber porque era tão especial ao ponto de poder receber visitas a qualquer hora. Foi então que me contou que eu estivera na lista de perigo.

'Depois a irmã voltou. Trazia consigo uma pessoa que disse ser um padre. Não sei o seu nome. A irmã disse: "Aqui está um amigo que vais ficar muito feliz por ver, Sra. James", mas eu não o conhecia. Por alguma razão desconhecida, tive medo dele e, assim que começou a falar, não quis que se aproximasse de mim. Suponho que, subconscientemente, soubesse que ele era o padre que me dera a extrema-unção, não sei. De qualquer forma, sempre que ele voltava e eu ouvia a sua voz, fingia estar a dormir.

'Mas no dia em que ia para casa, ele e a irmã apanharam-me. A irmã tinha encomendado um jantar especial—frango, etc., e pudim de Natal—e no meu prato havia um osso da sorte—ainda o tenho em casa como recordação. Pela primeira vez, permitiram-me ser apoiada na cama para me alimentar sozinha. Estávamos todos prontos para começar, quando duas enfermeiras empurraram um pequeno carrinho com rodas até ao fundo da minha cama. O carrinho parecia um altar, com velas e uma cruz ao centro. Acenderam as velas e então entrou o deão com a irmã e disse: "Ah, finalmente encontrei-te acordada!" Rimo-nos todos disso, toda a enfermaria. Depois, ele conduziu uma pequena cerimónia e foi realmente maravilhoso.

"Há apenas algumas coisas de que me consigo lembrar enquanto estive no hospital.

'Uma delas era que um homem muito bondoso costumava estar quase sempre ao meu lado—ele alimentava-me—e tinha uns olhos ternos. Depois descobri que era Jeff, o meu marido.

'Noutra ocasião, lembro-me do cirurgião a dizer a muitos outros médicos que aquele era o seu caso e que não tencionava amputar a minha perna—ia repará-la e, se uma ficasse um pouco mais curta do que a outra, eu

poderia sempre usar um sapato especial. O médico da enfermaria disse-me que eu não estivera completamente inconsciente no bloco operatório.

'Depois, noutra ocasião, lembro-me de estar numa maca e parecer que a minha perna direita tinha sido colocada num forno embutido na parede. O médico da enfermaria estava ao meu lado e ouvi a sua voz a dizer a alguém: "Ela está a acordar, devo dar-lhe a injeção agora?" A próxima coisa de que me lembro é de estar na enfermaria, com todos os biombos à volta da minha cama. A irmã e o médico da enfermaria estavam de cada lado de mim. Eu sentia uma dor terrível e o médico disse algo à irmã sobre cortar o gesso e colocar um novo. Não me lembro de mais nada depois disso. Mais tarde, as enfermeiras disseram-me que o médico residente esteve ao meu lado durante toda aquela noite.

'Também me lembro de ter visto a minha cunhada uma vez, mas disseram-me depois que ela vinha todos os dias. Vês, eu não estava totalmente ciente de tudo o que acontecia à minha volta.

'Uma situação de que me lembro claramente foi de uma senhora muito idosa, numa cama em frente à minha, que chorava porque as enfermeiras disseram que ela devia levantar-se e sentar-se numa cadeira. Disseram que era para o bem dela, caso contrário nunca melhoraria. Chamei a irmã e pedi-lhe que me deixasse levantar no lugar dela e que não incomodasse a pobre senhora, mas a irmã respondeu-me do outro lado da enfermaria para não ser tola, pois ainda demoraria meses até que me permitissem levantar. Então tentei afastar os lençóis, mas percebi que não conseguia mover o braço direito. Afastei alguns dos cobertores com a mão esquerda, mas não conseguia mexer as pernas.

'A irmã então veio até à minha cama e mostrou-me o gesso à volta das minhas pernas. Sentou-se na minha cama e disse-me que havia uma grande possibilidade de eu nunca mais voltar a andar. Mas eu apenas ri-me dela e disse: "Oh, claro que vou, mesmo que os médicos tenham de amputar as minhas pernas. Usarei umas artificiais." A irmã então disse: "Sim, minha querida, se alguma vez chegar a isso, e Deus queira que não, tenho a certeza de que conseguirás superá-lo." Disse-me que, em toda a sua carreira de enfermagem, nunca tinha conhecido alguém com uma vontade de viver tão forte e uma determinação tão grande de fazer exatamente o oposto do que se esperava.

'Depois de estar no hospital seis semanas, comecei finalmente a perceber quem era e a saber que Jeff era o meu marido. Ansiava por ir para casa e descobrir se conseguiria lembrar-me do meu filho. Estava quase no Natal e perguntei ao cirurgião se poderia ir para casa nas festas. Os médicos discutiram o assunto e, na tarde seguinte, Jeff chegou e fui levada para

casa de ambulância pelos mesmos homens que me tinham levado de urgência para o hospital. Não conseguiam acreditar que ainda estava viva.'

A Sra. Dorothy James recebeu alta do Hospital de Buckinghamshire mesmo a tempo do Natal de 1954. Ficou claro que, depois do Dia de Ano Novo, teria de regressar.

Ao chegar a casa, descobriu, desolada, que não reconhecia nada. Não estava convencida de que Martin era seu filho e nem sequer tinha certeza de que era a Sra. James.

George Chapman visitou a Sra. James logo após o Boxing Day, durante o seu tempo livre do Corpo de Bombeiros de Aylesbury. Conversou com ela por um tempo sobre o acidente e o hospital, mas, enquanto ainda falava, ela caiu num sono profundo. Só quando acordou, depois de um longo e revigorante descanso, soube pela mãe, que estivera no quarto, que George Chapman entrara em transe e que o Dr. Lang realizara várias operações espirituais, ordenando que a paciente não fosse acordada, mas deixada a dormir.

'Quando acordei, perguntei à minha mãe: "Onde está o cavalheiro?"' A Sra. James continuou. Em vez de me responder, a minha mãe disse: "Não tentes levantar-te na cama, vais magoar-te!" Eu disse-lhe: "Não, não me toques, consigo fazer sozinha." Lembro-me de ter colocado o meu braço direito para baixo—o braço que antes não conseguia mexer nem sentir—e gritei: "Consigo apoiar-me no meu braço!" E oh! Só pode haver uma explicação—o cavalheiro deve tê-lo feito.

'Porque é que ele já não está aqui? Onde está ele? Deve pensar que fui muito mal-educada por adormecer a meio da conversa. Vês, eu não sabia quem ele era, nem o que podia fazer, nem nada.

Não me tinham contado nada—minha mãe apenas me apresentou-o como o cavalheiro que queria saber como eu estava. Foi então que a minha mãe me falou do médico espiritual, Dr. Lang, que realizara operações espirituais em mim enquanto eu dormia.

'Na manhã seguinte, o Sr. Chapman voltou—diretamente do serviço de bombeiros e ainda de uniforme. Não tinha ido a casa tomar o pequeno-almoço. Queria ver que progressos, se é que havia algum, eu tinha feito desde o dia anterior. Disse-lhe: "Desculpe muito por ter adormecido ontem—não sou realmente tão mal-educada assim." Ele apenas riu e disse: "Tu não adormeceste, o Dr. Lang pôs-te a dormir." Depois explicou-me que era o médium do Dr. Lang e assegurou-me que ele e o Dr. Lang fariam tudo o que pudessem para me ajudar.

'Nessa ocasião, vi o Sr. Chapman entrar em transe. Tirou o relógio de pulso e colocou-o na mesa ao lado, depois foi até ao canto e murmurou uma oração. Observei-o e reparei que o seu corpo desceu um pouco. Pensei que os meus olhos me estivessem a pregar partidas novamente e fiquei preocupada, porque desde a sua primeira visita, no dia anterior, não tinha tido mais problemas de visão.

'Quando me falou alguns momentos depois, a voz do Sr. Chapman tinha mudado completamente. Já não era a voz calma do Sr. Chapman, era uma voz rouca e profunda, e parecia-me que as palavras saíam um pouco arrastadas. Aproximou-se de mim, movendo as mãos e estalando os dedos, e tive a impressão de que estava a falar com médicos e enfermeiros, pedindo instrumentos e outras coisas. Nunca me tocou, mas era evidente que estava a trabalhar na minha cabeça e senti uma sensação estranha. Depois começou a trabalhar nos meus ombros. Os meus braços tinham sido deslocados dos ombros durante o acidente, e o direito não tinha sido corretamente recolocado. Mais uma vez, ele não me tocou propriamente, mas senti o osso a mover-se dentro da articulação. Não doeu, apenas ficou dormente.

'Estava a falar o tempo todo, e movendo as mãos, e foi descendo pelo meu corpo. Quando chegou ao meu joelho—deves lembrar-te que as minhas pernas ainda estavam engessadas—de repente disse: "Vou despedir-me por hoje, menina, mas voltarei a ver-te dentro de dois dias." Não me lembro de mais nada—de repente, caí num sono profundo. Quando acordei, a minha mãe estava sentada junto à minha cama, a tricotar, e disse-me que o Sr. Chapman tinha saído há duas horas e meia.

'Durante aquela tarde e o dia seguinte, melhorei rapidamente. Sentia-me muito melhor—falava melhor, conseguia mexer o braço com mais facilidade e a minha visão estava muito mais nítida. Pela primeira vez desde o acidente, comecei realmente a sentir-me no topo do mundo.

'Quando o Sr. Chapman voltou—foi no dia antes de eu ter de regressar ao hospital—vi-o entrar novamente em transe, exatamente como da vez anterior. E quando o Dr. Lang operou, reparei numa coisa muito interessante. Quando era o Sr. Chapman, ele usava a mão direita; mas quando era o Dr. Lang, usava a esquerda. De facto, quando percebi isso pela primeira vez, perguntei-lhe: "Magoou-se na mão direita, Sr. Chapman?" e ele respondeu: "Estás a falar com o Dr. Lang—tenho a honra de o Sr. Chapman me permitir vir através dele para te ajudar."

'Conversámos durante algum tempo e, do nada, ele disse: "Tu acreditas que eu te vou curar?" Assegurei-lhe que sim, mas disse-lhe que tinha de regressar ao hospital no dia seguinte. "Não tenho intenção de ficar lá," disse

eu. "Não, não precisarás de ficar, menina," disse ele. "Voltarei a ver-te na próxima semana—aqui nesta casa." Depois continuou a realizar mais operações e, de repente, disse: "Receio que hoje também não te poderás despedir de mim, porque vou pôr-te a dormir."

'Depois disso, não me lembro de mais nada. Não posso dizer que operações ele fez dessa vez. Dormi mais tempo do que nunca naquele dia e, quando acordei, já era de tarde. E, mais uma vez, sentia-me muito melhor.'

No dia seguinte, a Sra. James foi levada de volta ao hospital, mas estava convencida de que não a iriam obrigar a ficar. Quando os médicos a examinaram, encontraram uma melhoria na sua condição que ultrapassava a sua capacidade de explicação. Concordaram com o seu pedido para regressar a casa, pois acreditavam que o ambiente familiar poderia ser benéfico.

A partir de então, a Sra. James passou a ir e vir do Hospital de Buckinghamshire duas, por vezes três vezes por semana. Os médicos do hospital saudavam-na invariavelmente com: "Ah, a Rapariga Milagre!" ou "Como está hoje a Rapariga Milagre?" O Dr. Lang continuou a visitá-la regularmente em casa.

'Quando retiraram o gesso no hospital, a minha perna direita era três quartos de polegada mais curta do que a esquerda, e disseram-me que teria de usar um sapato ortopédico especial,' contou-me a Sra. James. 'Bem, eu não queria isso e esperava sinceramente que o Dr. Lang pudesse fazer algo. Então, falei-lhe sobre isso quando voltou através do Sr. Chapman e sobre o meu receio. Vi que compreendia os meus sentimentos. Enquanto ele operava em mim naquele dia, de repente tive uma sensação estranha, como se alguém estivesse a levantar a minha perna e a colocar pesos na ponta dela.

'A coisa que senti a seguir foi alguém a dar-me leves palmadas no rosto. Era o próprio Sr. Chapman. Disse: "Vamos lá, vamos lá, o Dr. Lang não queria que dormisses o dia todo, acorda. Pus a chaleira ao lume para um chá. Estás bem? O que aconteceu?" Aparentemente, ele não sabe o que acontece, então contei-lhe o que conseguia lembrar, e quando terminei ele disse: "Vamos lá então, vamos testar as tuas pernas." Ele mediu-as. A direita ainda era um pouco mais curta que a esquerda, mas já estava mais comprida do que quando a mediram no hospital. De qualquer forma, quando voltei ao hospital três dias depois, os médicos ficaram espantados ao medir as minhas pernas e ver que tinham o mesmo comprimento!

'Houve outra coisa notável. Quando fixaram o tornozelo e colocaram pinos nos meus ossos, posicionaram o osso do tornozelo demasiado para a frente. Quando removeram o gesso e descobriram isso, marcaram uma operação para abril de 1955 para corrigir o problema. Contei ao Sr. Chapman quando ele veio da próxima vez e disse-lhe: "Sabe, Sr. Chapman, sinto que não consigo suportar mais nenhuma operação." Ele respondeu: "Bem, não sei nada sobre essas operações—suponho que tenham feito o melhor por ti nas circunstâncias difíceis."

'Enquanto conversávamos, ele mudou de posição na cadeira e o Dr. Lang manifestou-se. Quase imediatamente começou a operar no meu tornozelo, mexendo as mãos e os dedos e falando, e realmente senti que algo estava a ser feito. Assim que terminou, consegui ver que o osso do tornozelo tinha voltado ao seu devido lugar. Antes de partir, disse a Jeff para telefonar ao hospital dali a quatro dias e dizer-lhes que a operação já não era necessária. Bem, Jeff fez como o Dr. Lang pediu, mas o hospital não deu muita atenção.

Insistiram para que eu fosse para a operação, mas quando examinaram o meu tornozelo, ficaram sem palavras. Disseram que simplesmente não conseguiam entender como o osso do tornozelo poderia ter voltado à posição correta sem uma operação ou tratamento. E disseram que não precisavam de me operar afinal.'

Quando o Aston Martin atropelou a senhora James e fez um trabalho horrível no seu corpo, não negligenciou o seu rosto. Os seus traços foram rasgados e cruzados por cicatrizes. Quando recuperou forças suficientes, foi enviada para o famoso Hospital Stoke Mandeville para cirurgia plástica. Isto foi o que ela me contou sobre esse episódio da sua vida:

'Tendo sido submetida a todas aquelas operações no Hospital de Buckinghamshire, estava com medo do que ainda me esperava, e da próxima vez que o senhor Chapman veio, contei-lhe sobre isso. Para resumir uma história muito longa, o Dr. Lang realizou uma operação de cirurgia plástica no meu rosto. Quando terminou, quis saber exatamente quando eu teria de ir para o hospital, e eu disse-lhe que seria dentro de quinze dias.

Ele então disse: "Oh, até lá já estará resolvido. Não te esqueças de chamar a atenção do médico para isso e perguntar se podes retirar o teu nome da lista." Bem, eu fiz isso, porque o meu rosto ficou como está agora — com pó de arroz não se vê nada — e quando a médica do Hospital Stoke Mandeville me examinou, ficou espantada. Não conseguia entender. Disse que já não era necessária cirurgia plástica. Mais uma vez, o Dr. Lang tinha feito um milagre.'

Demorou muito tempo até que a senhora James recuperasse totalmente dos ferimentos que sofreu no acidente. Embora o senhor Lang e os seus colegas especialistas no mundo espiritual tivessem restaurado o seu cérebro e sistema nervoso, não houve resultados imediatos — ela recuperou a sua plena capacidade mental apenas passo a passo. No entanto, apenas seis meses após o terrível acidente, conseguiu sair. Teve de aprender a usar muletas, mas lentamente a sua força e coordenação melhoraram. Retomou os laços da vida social. Os médicos do hospital mantiveram uma vigilância contínua sobre ela e, no aniversário do seu acidente, classificaram-na como 'quase normal'. A Rapariga Milagrosa fazia jus ao seu apelido descritivo.

'Quando a Dorothy estava suficientemente bem, eu costumava levá-la à casa do senhor Chapman em Aylesbury para evitar que ele tivesse de vir até nós', contou-me o senhor James. 'Estive presente quando o Dr. Lang realizava as suas operações e, várias vezes, vi como o Dr. Lang tomava o controlo do senhor Chapman. O próprio senhor Chapman parecia encolher ligeiramente; os traços, o corpo inteiro pareciam mudar, e a voz mudava.

A voz calma e suave do senhor Chapman tornava-se, bem, um pouco áspera e velha, se me faço entender. O senhor Chapman é muito tímido quando está ele próprio, mas o Dr. Lang sabe exatamente o que quer. Tem uma autoridade que se esperaria de um homem habituado a lidar com uma equipa de assistentes, enfermeiros e médicos.

'O que o Dr. Lang fez pela minha mulher é verdadeiramente maravilhoso. Melhorou a visão dela em cada operação. Ela teve de mudar de óculos três vezes. Agora já não precisa deles. As operações dele devolveram-lhe o olfato na narina direita, tiraram-lhe as dores de cabeça horríveis e aliviaram-na dos ataques de vertigens — costumava desmaiar completamente sem sequer perceber quando isso ia acontecer... Eu poderia continuar indefinidamente a contar todas as muitas, muitas coisas que o Dr. Lang fez por ela.

'Quando voltou do hospital, ela estava realmente num estado terrível. Lembro-me de uma ocasião em que tinha feito uma sobremesa depois de reaprender a cozinhar e, quando a campainha tocou, simplesmente largou a taça com a sobremesa no chão, assim sem mais nem menos, para poder abrir a porta! Outra vez, quando queria pôr carvão no fogo, foi à despensa, pegou num punhado de ovos e atirou-os para lá. Isto mostra o quão perturbada mentalmente ela estava — naqueles dias nunca se sabia o que poderia acontecer.

'Olha para ela agora — está tão bem como antes do acidente. Se não fosse pelo Dr. Lang, e mesmo que tivesse sobrevivido, teria sido apenas para passar o resto da vida num hospital psiquiátrico.'

CAPÍTULO TREZE
O NASCIMENTO DO CENTRO DE CURA DE BIRMINGHAM

A notícia dos incríveis sucessos das curas espalhou-se lenta mas constantemente através dos pacientes que inicialmente tinham procurado o bombeiro-médium em desespero e experimentaram as operações espirituais indolores e o tratamento do 'médico falecido'. O número de pacientes crescia de dia para dia. As consultas com o senhor Lang eram gratuitas para qualquer paciente.

Apesar do facto de quase não restar tempo que o senhor Chapman pudesse chamar de seu, ele nunca recusava viajar qualquer distância se um doente necessitado realmente precisasse da ajuda do médico espiritual. Foi assim que, no início de 1956, ele embarcou numa viagem a Birmingham, dando o primeiro passo para a criação do Centro de Cura de Birmingham.

Durante muito tempo, a senhora Joan Smith — incapacitada pela artrite e acamada — não teve outra alternativa senão aceitar os vereditos dos médicos e especialistas de que nada podia ser feito para que voltasse a andar. Depois, soube que o médico espiritual William Lang tinha curado um paciente que sofria de uma doença quase idêntica, e a senhora Smith teve esperança de que também pudesse beneficiar da cura espiritual. Escreveu a George Chapman, explicou a sua situação e perguntou se ele poderia visitá-la na sua casa em Birmingham. Para sua surpresa e alegria, recebeu uma resposta dizendo que ele iria vê-la.

Uma visitante frequente da casa da senhora Smith naquela época era a senhora Hilda Carter, uma mulher bondosa que vivia em King's Heath, Birmingham. Quando a conheci em junho de 1964, contou-me sobre a preocupação que sentia pela senhora Smith. Nas suas visitas regulares às terças-feiras, tentava manter um ar alegre pelo bem da paciente, mas por dentro sentia tristeza pela condição da sua amiga acamada. E o mais terrível era que nada podia ser feito.

'Então, um dia, ela contou-me o que tinha descoberto sobre o senhor Chapman e o seu controlo espiritual', disse a senhora Carter. 'E disse-me que tinha pedido ao senhor Chapman se ele poderia vir a Birmingham tentar ajudá-la. Fiquei muito interessada em tudo isso porque, naquela altura, nunca tinha ouvido falar do senhor Chapman ou do seu médico espiritual Lang. Claro que sabia que a senhora Smith já tinha tentado muitos curandeiros no passado, mas não obteve nenhum benefício real, porque aqui em Birmingham há uma grande escassez de bons médiuns de cura.

Bem, eu tinha esperança de que o senhor Chapman pudesse expandir a cura espiritual adequadamente em Birmingham e perguntei à senhora Smith se achava que ele poderia estar disposto a formar um pequeno grupo aqui, pois conhecia várias pessoas que precisavam urgentemente de ajuda. A senhora Smith aprovou a minha ideia e sugeriu: "Bem, se quiseres, dou-lhe o teu endereço e ele pode escrever-te para ver que arranjos podem ser feitos.'"

Com o tempo, o senhor Chapman escreveu-me e disse que o Dr. Lang concordava em ajudar os pacientes que viviam em Birmingham. Combinámos que, quando ele viesse visitar a senhora Smith, atenderia também alguns pacientes que eu teria à sua espera na casa dela.

Desde o momento em que George Chapman pôs os pés em Birmingham e entrou em transe na casa da senhora Smith, o Dr. Lang correspondeu às grandes expectativas que a mulher doente tinha. Diagnosticar imediatamente que a senhora Smith sofria de artrite reumatoide e realizar uma série de operações indolores no seu corpo espiritual. Mas, embora tenha deixado claro desde o início que não poderia obter resultados rápidos e impressionantes, e que a melhoria seria lenta, exigindo um tratamento prolongado e regular, a senhora Smith, no entanto, sentiu os primeiros sinais de alívio imediatamente.

Depois de concluir o tratamento da senhora Smith, o Dr. Lang atendeu ao grupo de vinte pacientes que a senhora Carter tinha reunido para ele. A visita foi um sucesso surpreendente, e a senhora Carter perguntou ao Dr. Lang se ele estaria disposto a fazer uma demonstração pública de cura. O médico espiritual prontamente consentiu.

A exibição pública da sua habilidade única e da sua capacidade de ajudar os gravemente doentes tornou o Dr. Lang e o seu médium no centro das atenções em Birmingham — e não apenas entre pacientes gratos e espiritualistas crentes, mas também entre as pessoas que testemunharam a sua apresentação pública e espalharam a notícia. Na imprensa, embora alguns correspondentes tenham expressado dúvidas sobre o espiritualismo e temas relacionados, foi registado que 'a "cura espiritual" que vários

pacientes receberam do bombeiro-médium, que afirma ser controlado pelo espírito de um médico falecido enquanto está em transe, foi marcante e convincente'.

Após a sua primeira visita à casa da senhora Smith em Birmingham, no início de 1956, George Chapman passou a visitar a cidade com frequência. A senhora Carter recebia tantos pedidos urgentes de cura espiritual de pessoas que sofriam de doenças graves que o Dr. Lang achou necessário atender os seus novos pacientes diretamente em Birmingham.

Quanto mais os pacientes satisfeitos falavam sobre a ajuda maravilhosa que tinham recebido do médico espiritual, e quanto mais conhecidos o Dr. Lang e o seu médium se tornavam nas Midlands, mais frequentemente apareciam reportagens sobre as suas atividades e, especialmente, sobre as demonstrações públicas de cura do médico espiritual na imprensa. Em 17 de setembro de 1956, por exemplo, foi publicado o seguinte relato:

'No fim de semana passado, foi um período muito ocupado para o senhor George Chapman, o bombeiro-curador espiritual de Aylesbury, que veio a Birmingham para demonstrar publicamente como o seu espírito, Dr. Lang, tenta ajudar os doentes através de "operações espirituais" e tratamento. Essas demonstrações de cura foram realizadas nos bairros de Moseley e King's Heath, em Birmingham.

'A primeira demonstração de cura ocorreu na tarde do último sábado na recém-construída Queen's Bridge School, em Moseley, e teve uma grande assistência. Entre o público estavam algumas pessoas que viajaram de lugares tão distantes como Leamington Spa, Stafford, Walsall e outras localidades.

'O Dr. Lang selecionou casos e, depois de descrever a condição do paciente, iniciou o tratamento espiritual. Em todos os casos, o paciente confirmou que o diagnóstico que o "médico espiritual" fez apenas tocando o seu corpo totalmente vestido com as mãos do seu médium estava correto e correspondia ao diagnóstico dado pelo seu próprio médico ou pelos médicos do hospital. Vários pacientes atestaram ter sentido uma melhoria considerável após o tratamento.

'O Dr. Lang manteve o interesse com os seus comentários tanto para os pacientes quanto para o público durante toda a demonstração, deixando todos num estado de espírito positivo. Muitos permaneceram depois da reunião para falar com o curador, que rapidamente recuperou o seu estado natural.

'O domingo de manhã e de tarde foram totalmente ocupados com sessões de cura privadas para aqueles que precisavam, mas à noite foi realizada

mais uma demonstração pública durante o serviço religioso na Silver Street Christian Spiritualist Church, em King's Heath. A igreja espiritualista estava lotada, e algumas pessoas, que não queriam perder o evento, ficaram no alpendre do lado de fora durante toda a reunião.

'Tanto no sábado quanto no domingo, entrevistei um número considerável de pessoas — algumas das quais já tinham recebido cura espiritual do Dr. Lang e do senhor Chapman em visitas anteriores a Birmingham. Testemunharam os benefícios que receberam da cura espiritual.

'O senhor Chapman prometeu que voltaria em breve.'

A promessa foi cumprida.

Uma das pessoas curadas pelo Dr. Lang nesse outono de 1956 foi a senhora G. Fletcher, de Birmingham, que sofria desde 1949 com cálculos renais. Raramente estava livre da dor, que era acompanhada por crises de vómito, cólicas e o desconforto agudo de expelir pedras.

Injeções regulares de morfina impediam-na de enlouquecer com a dor.

A senhora Fletcher estava sob cuidados médicos permanentes. Eventualmente, foi decidido no hospital que possivelmente havia um crescimento na glândula paratiróide que afetava a produção e distribuição de cálcio no corpo. Isso fazia com que o cálcio cristalizasse nos rins e formasse pedras. O cirurgião e os médicos responsáveis pelo diagnóstico acreditavam que a cirurgia era a única maneira de corrigir a condição, mas um resultado positivo não era de forma alguma garantido, a menos que o cirurgião conseguisse lidar com a glândula paratiróide, da qual o excesso de cálcio poderia afetar todo o corpo — pulmões, tórax, estrutura óssea, etc. — e levar a um resultado fatal.

Tendo sido informada pelo cirurgião de que 'se a operação proposta não produzir o resultado esperado com base no diagnóstico provisório, poderão surgir complicações adicionais', a senhora Fletcher decidiu não se submeter à operação. Em vez disso, procurou uma amiga que era curadora e passou por um tratamento. A melhoria foi mínima. O sofrimento continuava a ser o seu companheiro de cama. No entanto, no fundo da sua mente, havia uma convicção de que um dia a cura espiritual a curaria.

Então, após sete anos de sofrimento, a senhora Fletcher ouviu falar de George Chapman e do seu espírito guia, William Lang, e decidiu descobrir se ele poderia fazer algo por ela. Foi vista pela primeira vez pelo Dr. Lang em outubro de 1956 e ficou profundamente impressionada com o diagnóstico preciso da sua condição. O Dr. Lang deixou claro que levaria muito tempo para aliviar a sua doença e que isso só seria possível se ela

recebesse tratamento regular. Quando lhe disse que estava determinada a cooperar, ele realizou a primeira de várias operações.

Imediatamente após este primeiro confronto, a senhora Fletcher sentiu-se melhor. Oito anos depois, li o seu historial médico em Aylesbury. O seu nome surgiu ao acaso, e eu queria confirmação das afirmações feitas a tinta e papel. Anotei o endereço junto de muitos outros que tinha registado nos meus cadernos. Em 16 de novembro de 1964, finalmente entrei em contacto com a senhora Fletcher. Eis o que ela me disse:

'Não consultei a profissão médica desde que recebi cura do Dr. Lang, embora tenha expelido várias pedras após a minha consulta com ele. A última foi em 1961. Foi doloroso, sim, mas não sofri nem de perto tanto como nos meus ataques anteriores, quando os raios-X mostravam que os meus rins estavam cheios de pedras. Visitei o Dr. Lang nos últimos meses, e ele informou-me que agora não tenho pedras nem qualquer doença. Sei que isto deve ser verdade, porque desde 1961 não fui mais incomodada por esta doença dolorosa e deprimente.'

Em março de 1957, a senhora Hilda Carter sugeriu a George Chapman que ele fosse a Birmingham todos os sábados, em intervalos de cinco a seis semanas; Chapman concordou com um período experimental de doze meses. Numa ocasião, quando o Dr. Lang conversava com a senhora Carter antes de iniciar a sua sessão de cura na Silver Street Christian Spiritualist Church, previu que 'uma casa muito perto da Igreja ficará vaga e será o nosso Centro de Cura permanente'.

A previsão do Dr. Lang concretizou-se.

Numa altura em que o número de pacientes tinha crescido tanto que se tornava difícil atendê-los na Igreja Espiritualista, a casa ao lado da igreja ficou vaga. Foi transformada no Centro de Cura de Birmingham de George Chapman em 1958. Até hoje, continua a funcionar com notável sucesso.

CAPÍTULO CATORZE
ELIMINANDO UM CANCRO

Norah Osburne, de Folkestone, M.O.A.T., S.R.N. e Matrona, adoeceu em 1943 enquanto trabalhava no Guy's Hospital durante o seu treino como enfermeira. Três especialistas confirmaram o veredicto dos médicos do hospital de que o seu problema estava relacionado com a garganta. Aconselharam-na a não se submeter a uma operação.

'O cancro nunca foi mencionado', disse-me a senhorita Osburne quando a encontrei em Folkestone, em setembro de 1964. 'Ao mesmo tempo, fiquei terrivelmente preocupada e deprimida. Um dos especialistas disse-me: "Não sei porque te preocupas tanto, isto vai melhorar." Era óbvio que os médicos achavam que eu estava a fazer uma tempestade num copo de água. Mas era eu quem sentia a dor intensa.'

Durante dez anos, a senhorita Osburne suportou o sofrimento. Depois, em 1953, o seu pai — médico e superintendente de um hospital psiquiátrico em Cork, no sul da Irlanda — adoeceu e pediu à filha que voltasse para casa para o ajudar. Ela regressou a Cork.

'Foi então que a minha doença realmente se agravou, porque, depois do falecimento do meu pai, eu trabalhava demais', continuou a senhorita Osburne. 'O médico que consultei em Cork aspirou a glândula no meu pescoço, mas a situação piorou progressivamente.

'Durante os dois anos seguintes, tive de aguentar e suportar. A dor tornava-se cada vez mais insuportável, e eu sabia que precisava de algum tipo de tratamento. Por acaso, encontrei um exemplar do *Psychic News* durante uma estadia de três dias em Inglaterra, e vi uma coluna sobre "Curadores Espirituais". Por algum motivo, escolhi o nome de George Chapman e escrevi-lhe, perguntando se poderia providenciar cura à distância para a minha dor e ansiedade. Ele respondeu-me imediatamente, disse-me que era controlado por um médico espiritual chamado William Lang e assegurou-me que a cura à distância começara assim que a minha carta fora recebida, e que o Dr. Lang faria tudo o que estivesse ao seu alcance para me ajudar. Achei tudo aquilo bastante interessante e reconfortante.

'Quando a cura à distância começou, senti um alívio muito ligeiro, mas não posso dizer honestamente que tenha sentido uma verdadeira melhoria. Fiquei satisfeita quando o senhor Chapman me escreveu dizendo que o Dr. Lang considerava necessário o contacto direto. Isso significava que eu teria de viajar de Cork para Aylesbury — uma viagem longa e dispendiosa — mas decidi ir de qualquer maneira. Foi em abril de 1957.

'Cheguei à casa do senhor Chapman meia hora mais cedo e conheci-o a ele e à sua esposa enquanto ainda era ele próprio e não estava em transe.

Pareceu-me uma pessoa muito agradável, sincera e muito reservada. Às vezes vemos médiuns bastante faladores, mas o senhor Chapman parecia um homem muito comum — na verdade, não tinha muito a dizer. E pelo pouco que conversámos, não parecia ter qualquer conhecimento de medicina.

'Vi-o entrar em transe depois de me levar ao santuário. Estava sentado e, de repente, vi-o erguer o olhar e sorrir. Tive uma sensação estranha, um arrepio — provavelmente devido à excitação, suponho.

'Depois, levantou-se e cumprimentou-me. "Como está, jovem senhora?" A sua voz era muito diferente da do senhor Chapman. Impressionou-me como sendo um homem de outra época — um tipo de pessoa que já não se encontra hoje em dia, um tipo que ainda me recordava o meu avô.

'Depois de conversarmos sobre vários assuntos, ele disse: "Que marca horrível no seu pescoço." Contei-lhe que o médico em Cork a tinha aspirado, e ele comentou que o médico tinha feito um péssimo trabalho. Pediu-me que me deitasse na marquesa de tratamento e, após me examinar, deu-me o seu diagnóstico. Ao ouvi-lo, concluí que possuía um vasto conhecimento médico.

'Realizou uma operação espiritual e parecia que estava a cortar o corpo espiritual invisível com instrumentos invisíveis. Quase conseguia ver-me na sala de operações com ele. Quero dizer, conseguia visualizar a operação que ele estava a realizar — ele estava a drenar aquilo. Veja bem, eu passei muito tempo em salas de cirurgia durante a minha formação no hospital...

'Depois de terminar a cirurgia espiritual indolor, disse-me que cuidaria dos meus olhos, pois havia ali uma fraqueza. Isso era absolutamente verdade. Às vezes, as coisas ficavam desfocadas se eu tentasse ler os números dos autocarros ou algo ao longe.

'O Dr. Lang realizou uma operação nos meus olhos e, quando terminou, perguntei-lhe se teria de usar óculos. Usava-os há anos. Ele respondeu: "Não será necessário, mas evita luzes fortes e usa os óculos apenas para leitura e talvez quando fores ao cinema ou ao teatro." Conseguiu realmente alcançar algo extraordinário. Desde a operação aos olhos, identificar autocarros à distância ou qualquer outra coisa já não é um problema. Já não uso óculos e consigo conduzir um carro.

'Mas, voltando atrás — quando deixei o Dr. Lang naquela primeira ocasião, senti-me terrivelmente mal. Regressei à Irlanda com dores ainda piores do que antes. Esperava que a minha próxima consulta, em maio, trouxesse mais benefícios. Não culpei o Dr. Lang por me sentir pior do que antes de o

ver, muito pelo contrário — por algum motivo inexplicável, sentia-me convencida de que ele acabaria por conseguir ajudar-me e curar-me.

'Tinha tanta certeza da sua capacidade de cura que falei longamente sobre ele com a minha mãe. Veja bem, ela tinha um problema grave nos olhos — queixava-se de ver objetos flutuantes diante deles, e um especialista diagnosticou um início de catarata, dando-lhe seis meses antes de perder totalmente a visão. Para encurtar a história, a minha mãe aceitou a minha sugestão de consultar o Dr. Lang quando eu fosse a Aylesbury para a minha próxima consulta em maio.'

Quando o Dr. Lang examinou a minha mãe, disse: "Isto não é um caso de catarata, é escotoma—manchas negras que interferem com a visão. Vou resolver isto rapidamente." E, enquanto realizava a sua operação espiritual nos olhos da minha mãe (tendo-me pedido para ficar atrás da marquesa de tratamento), disse-me exatamente o que estava a fazer. Mais uma vez, senti-me como se estivesse presente numa sala de operações, a assistir a uma cirurgia intricada. Tudo parecia tão real, tão verdadeiro.

O Dr. Lang cumpriu a sua promessa e curou a minha mãe—na hora. Quando saímos do santuário do senhor Chapman, a minha mãe exclamou de repente: "Os meus olhos estão bem, já não vejo objetos flutuantes!" E quando regressou a Cork e me acompanhou ao especialista em olhos, fiquei encantada com a expressão no rosto dele. Puro espanto quando examinou os olhos dela. Continuou a testá-los e, no final, olhou para mim e disse: "Eles parecem ter-se curado de forma extraordinária! A sua mãe está bem agora!" Nunca esquecerei a expressão dele!

A minha mãe achou o Dr. Lang maravilhoso—ele pertencia à mesma geração que o pai dela, que tinha sido cirurgião. Venho de uma família de médicos—cinco gerações—pai, avô, bisavô, e assim por diante, todos eram médicos e cirurgiões, e o hospital psiquiátrico em Cork foi sendo transmitido através da família.

Mas voltando ao meu próprio caso, quando o Dr. Lang terminou a operação na minha mãe, pediu-me que me deitasse na marquesa de tratamento e, depois de me examinar, disse: "Oh, isto está muito mau, lamento muito. Vou ter de drenar novamente o veneno da glândula." Então, operou-me e senti distintamente uma ligeira dor—como se estivessem a fazer incisões. Depois, pediu-me para subir as escadas e descansar na sala de estar durante cerca de dez minutos sem falar. Quando voltei a descer, ele realizou mais uma operação espiritual.

Quando terminou, disse: "Não faças nada, não vás a nenhum médico agora, não te submetas a nenhuma operação ainda; espera até eu te dizer

quando será seguro operar." Explicou-me que a glândula na parte de trás do meu pescoço estava cheia de veneno, que queria eliminá-lo e estava a tentar drená-lo para formar uma espécie de furúnculo na parte da frente, para que pudesse ser tratado mais facilmente. Não me falou de cancro, mas quando a minha mãe o visitou para um check-up dois dias depois da sua operação, ele disse-lhe que eu tinha cancro. No entanto, deixou claro que, se lhe fosse dado tempo, poderia curar-me completamente.

Regressei imediatamente à Irlanda, deixando a minha mãe para trás, e sem saber nada sobre o cancro, para retomar as minhas funções no hospital psiquiátrico. A viagem de comboio de Dublin para Cork quase me destruiu. A dor—nunca tinha sentido tamanha agonia na minha vida!

Dentro de uma semana, a glândula no meu pescoço começou a deslocar-se para a frente—passou de trás para a frente e ficou pendurada como um furúnculo. No final, tive de enviar uma carta urgente ao senhor Chapman a pedir conselhos, pois o Dr. Lang tinha-me impressionado com a importância de não fazer nada sem a sua orientação. O Dr. Lang respondeu através do senhor Chapman que eu tinha reagido tão bem à operação espiritual que agora podia consultar o meu médico e pedir para que a glândula fosse aberta. Mas acrescentou que não deveria ser removida nesta fase. Eu devia esperar até que ele me dissesse quando seria seguro fazê-lo. Ainda não sabia que isto se devia ao facto de o cancro ainda não estar completamente curado—a minha mãe manteve esse segredo para mim.

Fui ao meu médico, que ficou completamente surpreso com a transformação. Disse-me: "Nunca vi nada assim acontecer antes." Fez uma pequena incisão na glândula-furúnculo, e o pus simplesmente jorrou. A dor foi diminuindo cada vez mais.

Nos três meses seguintes, o progresso foi muito lento e a dor, por vezes, quase me enlouquecia. Recebi cura à distância do Dr. Lang e sabia que ele vinha visitar-me. Claro que não o via, mas sentia a sua presença repetidamente. Às vezes dizia à minha irmã: "O Dr. Lang está aqui." Ela perguntava: "Como sabes?" e eu respondia: "Simplesmente sei que ele está aqui." Ele disse à minha mãe que eu tinha faculdades psíquicas e sabia quando ele estava presente. E, por vezes, quando meditava, sentia um estranho formigueiro no corpo. Tudo isto provava-me que havia um contacto regular entre o Dr. Lang e eu.

Uma das coisas que o Dr. Lang insistiu que eu devia fazer para me ajudar a curar era descansar o máximo possível e ir para o meu quarto não mais tarde das oito da noite para dez minutos de silêncio. Fiz o que me foi pedido, mas uma noite, em vez de subir para o meu quarto às oito, fiquei sentada na sala por mais tempo do que o habitual. De repente, ouvi um

estalido alto de dedos—o mesmo som que conhecia tão bem das minhas visitas a Aylesbury, quando o Dr. Lang estalava os dedos enquanto operava e pedia instrumentos invisíveis.

Soube imediatamente que o Dr. Lang estava ali e pensei: "Meu Deus, estou atrasada." Corri escada acima. A minha mãe e a minha irmã, com quem eu estava a conversar, também ouviram o som dos estalos, mas não pensaram muito nisso na altura, porque nenhuma de nós podia ver o Dr. Lang. No entanto, percebi que era uma espécie de lembrete do Dr. Lang para que eu subisse....

Em agosto de 1957, voltei a ver o Dr. Lang. Houve mais uma operação espiritual e, quando terminou, ele disse: "Está curado agora, podes submeter-te à operação para a remoção da glândula no hospital. Não fiques zangada comigo pelo tempo que levou e por todo o sofrimento que tiveste de suportar, mas era maligno." Já tinha percebido isso, e assegurei-lhe que estava profundamente grata por tudo o que ele tinha feito por mim. Foi apenas nesse momento que soube que tinha sofrido de cancro, mas que agora estava completamente curada.

Em setembro, fui internada no hospital e fui operada para remover a glândula. Durante a operação, houve uma infeção—passei por momentos horríveis com isso. Depois, fiquei completamente paralisada no braço esquerdo, e o fisioterapeuta confirmou as opiniões dos médicos e cirurgiões de que a paralisia seria permanente, pois não havia nada que pudesse ser feito para a reverter.

Quando vi o Dr. Lang novamente em outubro, ele disse-me que eu era uma pessoa muito sortuda. Qualquer outra pessoa na minha condição já estaria no outro mundo. Disse-me: "Talvez te perguntes por que não removi a glândula? Vou explicar. Depois das minhas operações espirituais e do tratamento, ela era apenas um crescimento morto, que tinha de ser removido, e isso podia ser feito de forma mais fácil e rápida num hospital." Acrescentou que não estava a competir com a profissão médica terrestre—que nada lhe dava mais prazer do que cooperar o máximo possível com os seus "colegas vivos".

Disse-me então que a paralisia do meu braço esquerdo se devia ao facto de os nervos e músculos terem sido danificados durante a operação. Realizou uma operação espiritual e, depois, perguntei-lhe se deveria procurar um fisioterapeuta e fazer tratamento com calor. "Não," disse ele. "Nada de tratamento com calor, apenas massagens suaves e exercícios. E toma um banho quente diariamente." Fui ao fisioterapeuta e fiz os exercícios.

Um mês depois, voltei a ver o Dr. Lang. Sentia-me muito melhor, e ele ficou satisfeito comigo. "Oh, os músculos vão recuperar," assegurou-me, e ele estava certo. Podes ver por ti mesma que o meu braço e a minha mão estão completamente normais. Estão perfeitos, e ficaram assim depois do Natal de 1957. Desde então, nunca mais tive qualquer problema e tenho trabalhado arduamente. Posso verdadeiramente dizer que vi um milagre acontecer diante dos meus olhos.'

A senhorita Osburne parecia estar com uma saúde esplêndida. Era uma excelente matrona, respeitada e admirada. O seu caso impressionou-me profundamente. Não havia qualquer dúvida sobre os detalhes.

CAPÍTULO QUINZE
MIRABILE DICTU

O caso da senhora Barry Miron, de Saltdean, Sussex, é, na minha opinião, a contribuição mais importante para este livro. O seu foi, sem dúvida, um dos casos mais difíceis e desafiadores que William Lang alguma vez encontrou—não apenas durante a sua distinta carreira na Terra, mas também ao longo da sua prática como médico espiritual.

Quando conheci a senhora Miron, em outubro de 1964, para obter detalhes sobre a sua doença e tratamento, tive também a sorte de conhecer o seu marido, o senhor S. G. Miron, L.D.S., R.C.S. (Eng.), que concordou em explicar-me todos os aspetos complexos deste caso invulgar em termos médicos. De facto, o senhor Miron era possivelmente a pessoa mais qualificada para me dar um relato médico completo, pois não só era um dentista com vasta experiência, como também tinha trabalhado extensivamente em cirurgia oral em hospitais ao longo da sua longa carreira profissional.

Os problemas da senhora Miron começaram no final do verão de 1957, quando lhe foi extraído o primeiro molar superior esquerdo. A extração foi difícil e, devido ao facto de um pequeno fragmento de osso ter ficado aderido à raiz do dente, ocorreu uma perfuração no antro, o que levou a uma infeção dessa cavidade—uma condição considerada pela profissão médica como uma das mais difíceis de tratar. Mas deixemos que o cirurgião nos dê a sua interpretação sobre como um incidente tão infeliz poderia ter ocorrido.

"As raízes deste dente específico estão muito próximas do fundo do antro. As raízes do dente não se projetam diretamente para o seio maxilar, mas o osso que as cobre muitas vezes forma ondulações até ao fundo do seio, como se pode ver nas radiografias. Ora, ao remover o dente, pode

acontecer que um pequeno fragmento de osso fique aderido à raiz e cause uma perfuração no seio. Se essa perfuração for muito pequena, pode cicatrizar por si mesma.

No caso da minha esposa, contudo, não se tratava de uma perfuração pequena, mas sim do que é conhecido como uma fístula antro-oral—um grande orifício entre a boca e o antro. Isto foi consequência de um alvéolo seco após a extração do dente—um problema muito doloroso que traz consigo um certo grau de infeção óssea. Ao ser tratado, foi cometido um erro no procedimento, pois foi utilizado um tipo de curativo que endureceu demasiado, forçando o tecido a abrir-se a tal ponto que eu conseguia colocar um dedo no buraco. Isto dá-lhe uma ideia da extensão e gravidade da abertura.

Agora, quando se tem um antro agudamente infetado, qualquer médico lhe dirá que é uma das coisas mais difíceis de resolver. Uma operação ao antro é sempre um risco, um tiro no escuro. Nunca se sabe qual será o resultado. Em cerca de cinquenta por cento dos casos, as pessoas com problemas no antro sofrem de algum tipo de desconforto recorrente para o resto da vida. É uma das operações mais insatisfatórias que se pode imaginar.

Na altura, eu fazia parte da equipa hospitalar e, pela minha experiência em cirurgia oral—cirurgia dentro da boca—sabia que este era um caso para cirurgia plástica. Por isso, levei a minha esposa ao Churchill Hospital, em Oxford, onde foi avaliada pela equipa de cirurgia maxilo-facial, que sugeriu aproximar os tecidos moles e costurá-los.

Devido à minha experiência nesta área, adquirida em anos de trabalho hospitalar, considerei que tentar costurar o tecido era uma completa perda de tempo, pois demasiado osso estava ausente e não havia nada que suportasse o tecido mole. No entanto, eu não era o responsável pelo caso e não podia discutir com o cirurgião, que tinha uma opinião diferente. Resumindo, tentaram costurá-lo, mas não teve sucesso. Era simplesmente impossível resolver o problema desta forma—o buraco era demasiado grande para ser fechado apenas com tecido mole e suturas. Era claramente um caso para cirurgia plástica.

Dois dias após a tentativa falhada de costura, a minha esposa teve alta hospitalar. Estava com dores intensas. No fim, foi examinada por um dos principais cirurgiões plásticos, que afirmou de imediato que um enxerto era a única forma de fechar a abertura no antro e sugeriu que a operação fosse realizada assim que houvesse uma cama disponível no Hospital Stoke Mandeville.

"Este tipo de operação com enxerto é semelhante a um enxerto de pele. Retira-se um retalho de tecido do interior da bochecha, dobra-se sobre a abertura e depois cose-se ao interior do palato. O retalho de tecido precisa de um suprimento sanguíneo a partir do tecido vivo para se manter viável até que se fixe completamente, sendo apenas separado do tecido vivo quando o enxerto se tiver enraizado com sucesso. É um processo longo e desagradável, mas é o único meio de fechar uma abertura no antro deste tamanho."

Ao serem informados de que a operação só poderia ser realizada dentro de três semanas ou mais, devido à falta de camas disponíveis, o senhor e a senhora Miron decidiram consultar William Lang. Já conheciam bastante sobre ele e os seus sucessos como médico espiritual e esperavam que a cirurgia e o tratamento espirituais pudessem resolver o problema ou, pelo menos, aliviar o sofrimento da senhora Miron até que a cama no hospital estivesse disponível.

"Passei um mau bocado", disse-me a senhora Miron. "Era extremamente doloroso e, durante todo o tempo, tive de manter a abertura tapada com grandes tampões de algodão. Quando se tem uma coisa destas, tem-se de a tapar—não se pode deixá-la aberta, porque se estiver destapada, sente-se como se estivesse numa caverna subterrânea gigante—tudo ecoa e reverbera dentro da própria cabeça. Se se engole alguma coisa, ela entra imediatamente na abertura e desce pelo nariz. Sei-o demasiado bem.

De qualquer forma, fui ver William Lang e, depois de me examinar, ele afirmou: 'Acho que há uma boa possibilidade de sucesso.' Não prometeu sucesso, mas explicou que só saberia se poderia ajudar-me depois de realizar a cirurgia espiritual necessária. Achei que isto era justo e pedi-lhe que fizesse o que fosse necessário.

Ele realizou a operação no corpo espiritual. Quando terminou, disse que tinha sido bem-sucedido e acrescentou: 'A abertura vai fechar. Peça ao seu marido para a observar.' Depois, deixou claro que eu deveria voltar frequentemente para acompanhamento e mais operações espirituais.

Aconteceu algo muito interessante enquanto eu regressava a casa depois de ver o Dr. Lang. Como disse, tinha a abertura tapada com um grande tampão de algodão. Pois bem, quando estava a meio caminho de casa—levava cerca de três quartos de hora para chegar à porta de William Lang desde onde morávamos naquela época—comecei a sentir pressão sobre o tampão de algodão. Em outras palavras, sentia um processo de aperto em ambos os lados, uma sensação distinta de crescimento de algum tipo, e isso continuou, lenta mas constantemente. À medida que este processo prosseguia, o tampão teve de ser reduzido cada vez mais, até que a

abertura do antro se reduziu ao tamanho de um ponto de alfinete. Mas estou a adiantar-me aos acontecimentos—tudo isto levou bastante tempo."

O senhor Miron acrescentou: "Observei-a e tratei-a diariamente—quando digo tratar, quero dizer que assegurei que a área se mantinha limpa e coberta com a placa de plástico lisa que fizemos para esse propósito", disse ele. "Examinei-a diariamente, fiz radiografias pelo menos uma vez por semana e, bem, o tecido mole foi gradualmente fechando-se—quero dizer, simplesmente cicatrizou.

Não tinha a menor dúvida de que isto se devia à cirurgia espiritual realizada por William Lang, porque, durante o período de espera pela cama no hospital e pela operação com enxerto, a minha esposa não recebeu qualquer outro tipo de tratamento médico. A previsão de William Lang de que a abertura fecharia revelou-se correta. Se, na prática médica convencional, um especialista me tivesse dito algo assim, provavelmente teria pensado: 'Este sujeito está um pouco fora da realidade, deve estar sobrecarregado de trabalho', porque ninguém poderia afirmar tal coisa e, de facto, ninguém o faria. No entanto, William Lang disse que a abertura iria fechar e que eu deveria observá-la—e ela fechou-se!

Acompanhei a minha esposa várias vezes quando ela foi ver William Lang e vi-o realizar as suas operações espirituais. Ele trabalhava a cerca de uma polegada do rosto dela, sobre o chão do seio maxilar e em redor da zona da ferida. Pedia instrumentos, que lhe eram entregues pelo seu filho Basil e por vários assistentes, e eu conhecia os instrumentos que ele estava a usar, porque eu próprio os utilizava."

"Para além do facto de ele me dizer exatamente o que estava a fazer—estava a reconstruir o tecido, não no sentido físico, mas no corpo espiritual—eu sabia precisamente o tipo de cirurgia que estava a realizar, pelo movimento das suas mãos e pelos vários instrumentos que pedia. Quero dizer, se ele estivesse a realizar uma operação física, como um cirurgião num bloco operatório, tudo seria exatamente igual em cada detalhe—a única diferença seria que eu poderia vê-lo. Tudo o que ele fazia estava cem por cento correto—era a técnica correta para reposicionar tecidos sobre um grande buraco, para construir um enxerto plástico sobre ele."

Antes de a senhora Miron ir ver o cirurgião plástico no final do período de espera, visitou o senhor Lang. Ele ficou muito satisfeito com o seu progresso e declarou que uma operação de enxerto já não seria necessária, pois a abertura estava a fechar-se. "Farei o meu melhor para impressionar o cirurgião para que a deixe em paz", disse. "Ele é um homem sensível e talvez consigamos influenciá-lo."

"Não sabemos, é claro, se William Lang teve sucesso com o cirurgião plástico ou não, mas é um facto irrefutável que, quando o senhor me examinou antes de eu dar entrada no Hospital Stoke Mandeville, decidiu dar mais uma oportunidade", recordou a senhora Miron. "Disse-me que, devido às circunstâncias inesperadas, adiaria a operação por mais três semanas para verificar se o progresso continuava. Se assim fosse, talvez uma cirurgia plástica já não fosse necessária. No entanto, deixou claro que, se houvesse o mínimo retrocesso, eu deveria consultá-lo imediatamente."

A senhora Miron continuou as suas visitas frequentes ao senhor Lang. Foram realizadas operações espirituais adicionais. A abertura do antro continuou a diminuir cada vez mais.

Após a expiração do segundo período de espera, a senhora Miron voltou a ver o cirurgião plástico, que ficou espantado ao descobrir que a abertura do antro tinha diminuído ainda mais. Decidiu: "É melhor deixarmos assim e vermos o que acontece." Ele não sabia que a paciente tinha recebido tratamento espiritual—a senhora Miron não viu propósito em contar-lhe.

"Queria saber o que ele diria, então perguntei-lhe como explicava que uma abertura tão grande tivesse encolhido progressivamente, pois devemos lembrar-nos de que ele sempre afirmou que apenas a cirurgia plástica poderia fechá-la", continuou a senhora Miron. "Ele respondeu: 'Bem, ocasionalmente a natureza assume o controlo e é possível que duas partes separadas de pele cresçam juntas, mas casos como este são muito, muito raros.' Acrescentou, com franqueza, que durante a sua longa carreira como cirurgião plástico nunca tinha encontrado um caso semelhante, onde uma abertura tão grande se fechasse espontaneamente."

"Com todo o respeito pelo cirurgião plástico, que é um especialista com vasta experiência e habilidade, discordo totalmente da sua explicação e afirmo que isto não poderia ter acontecido simplesmente porque a natureza assumiu o controlo", disse-me o senhor Miron. "Deixem-me ser mais específico sobre isto. Não há razão para eu dizer humildemente que ele sabia mais do que eu, porque não sabia.

Ele é, claro, um cirurgião plástico de altíssima reputação e experiência, realizando inúmeras operações plásticas em várias partes do corpo, mas eu especializo-me em cirurgia oral no hospital e, portanto, sei mais do que ele sobre o que pode ou não acontecer na boca. Digo isto com toda a modéstia, mas é verdade. Se considerarmos que a pele que cobre o corpo é muito mais dura e resistente do que o tecido mole dentro da boca, compreenderemos que há uma diferença considerável entre a cirurgia de enxerto em qualquer parte do corpo e a cirurgia de enxerto na boca, embora a técnica operatória seja muito semelhante.

"Levando tudo em conta, afirmo categoricamente que o tecido simplesmente não poderia ter crescido junto pelas leis normais da natureza como as conhecemos. Veja bem, eu observei a abertura a fechar-se. Tapei-a, fiz radiografias regularmente e fizemos uma pequena placa dentária de plástico para cobri-la, e registei cada etapa do progresso até que a abertura foi coberta por uma fina camada de pele.

Se tivermos em mente que a abertura, a certa altura, era tão grande que se podia enfiar um dedo nela, como já mencionei, compreenderemos a dimensão do problema. Ninguém que tenha o mínimo conhecimento de medicina ou cirurgia pode afirmar que, onde há uma perda óssea tão grande, o tecido mole pode cobrir quase um centímetro e meio e crescer firmemente junto. Simplesmente não é possível. No entanto, aconteceu, e isso é um facto."

Após uma breve pausa, o senhor Miron acrescentou:

"De forma alguma estou a tentar desvalorizar a experiência ou habilidade do cirurgião plástico. Ele não sabia que a minha esposa tinha recebido cura espiritual e deparou-se com o facto de que algo como um milagre tinha acontecido. Tendo sido questionado sobre como explicar racionalmente o encerramento da abertura no antro, é compreensível que tenha atribuído o fenómeno à ação natural do corpo. Para ser franco, se eu não soubesse que isto foi resultado das operações espirituais e do tratamento de William Lang, não sei o que teria pensado se me deparasse com um caso semelhante. Provavelmente teria dito que algo inexplicável tinha acontecido."

À medida que o senhor Lang continuava o tratamento e a abertura se reduzia a um pequeno orifício quase invisível a olho nu, ele alertou a senhora Miron:

"Tem de ter muito cuidado. Como o fundo do antro é muito fino e não tem estrutura óssea para suportar o tecido, há, nesta fase inicial, o perigo de o romper novamente. Até que passe tempo suficiente para que o tecido fique mais forte, deve ter um cuidado extremo ao assoar o nariz quando tiver constipações, porque a força da pressão pode rasgar novamente o tecido."

Infelizmente, foi exatamente isso que aconteceu.

Para além do problema no antro, a senhora Miron estava, naquela altura, muito debilitada e tornou-se vítima de constipações constantes e ataques de gripe. Lutou contra uma batalha perdida e desenvolveu uma nova infeção no antro. Por causa disto, a cicatrização foi comprometida e, embora a abertura não tenha voltado a ser tão grande como antes, o problema recomeçou.

"Se conseguir vir até aqui todos os dias, posso evitar que isto piore", disse-lhe o senhor Lang. Quando ela respondeu que o melhor que poderia fazer seria ir a Aylesbury uma vez por semana, ele tranquilizou-a: "Não se preocupe, farei tudo o que puder para conter este veneno acumulado."

Durante muito tempo, os seus esforços foram bem-sucedidos, mas de repente a senhora Miron piorou drasticamente.

"Nos seis meses seguintes, fiquei progressivamente mais doente, porque, devido à reabertura da abertura, estava a engolir veneno", descreveu a senhora Miron. "Fisicamente, era uma experiência revoltante e repugnante, pois estava constantemente ciente de um fluxo interminável de veneno que tentava cuspir. O sabor era horrível e fazia-me sentir doente. Estava a drenar para o meu estômago e a envenenar todo o meu sistema. Fiquei extremamente inchada, a minha pele adquiriu um tom amarelo estranho e fiquei exausta. No entanto, continuei a fazer o que podia e até fui com o meu marido de férias de verão, como tínhamos planeado. A única coisa que queria fazer era descansar na cama.

"Por acordo com William Lang, fomos ver um especialista em ouvidos, nariz e garganta em Oxford, mas em circunstância alguma ele deveria ser autorizado a operar. O Dr. Lang explicou as suas razões: 'O veneno infiltrou-se na medula dos seus ossos e no seu sistema, e se o especialista for autorizado a operar, o veneno permanecerá no seu organismo, e, independentemente de quão bem-sucedida possa ser a operação, isso ainda afetará gravemente a sua saúde.

Estou a fazer tudo o que posso para remediar isto, dando-lhe cura presencial todas as semanas e trabalhando no seu corpo espiritual todas as noites durante o seu estado de sono. Estou a tentar localizar o veneno. Isto levará tempo, mas quando tiver sucesso, poderá pedir ao especialista para operar, porque então será seguro realizar a cirurgia.' Percebi quão difícil, senão impossível, seria dizer ao especialista o que deveria ou não fazer, mas estava determinada a seguir as minhas instruções o mais fielmente possível."

Para dar ao especialista o devido reconhecimento, ele não estava extremamente interessado em operar. As radiografias mostravam que o pus se tinha espalhado por todo o lado sob a órbita do olho, e ele disse com bastante franqueza que uma operação não parecia aconselhável. Prescreveu-me várias lavagens, o que William Lang não gostou nada (ele disse que causavam muitos danos ao seu tratamento), mas eu não conseguia impedi-lo de o fazer.

Eventualmente, o Dr. Lang conseguiu concentrar o veneno numa área localizada, e parecia que tinha um peso enorme debaixo do olho. Disse-me então que deveria procurar o especialista sem demora e dizer-lhe para operar.

Fui ter com o especialista e disse: "Lamento ter de dizer isto, mas sinto com uma urgência terrível que deveria ser operado agora." Senti-me desconfortável a dizer a um cirurgião eminente o que fazer. Ele não disse nada enquanto me examinava e, durante algum tempo, limitou-se a caminhar pela sala. Depois virou-se e disse: "Sabe, não sei porque estou a dizer que irei operar, porque não creio que venha a ser um sucesso. O normal seria eu dizer: 'Não, não irei operar', mas irei." E operou. Depois da operação, disse-me que era o pior caso que alguma vez tinha encontrado.

A minha mulher fez uma operação de Caldwell-Luc, que é algo problemático porque o resultado é geralmente pouco satisfatório em cinquenta por cento dos casos, explicou o Sr. Miron. É uma operação rudimentar e só é realizada porque é a única opção disponível, mas nenhum cirurgião de verdade gosta de a fazer. Muitas vezes, o resultado é um sinusite crónica que nunca desaparece completamente e continua a causar problemas. No caso da minha mulher, no entanto, foi totalmente bem-sucedida. Fui ver o cirurgião de ouvidos, nariz e garganta após a operação, e ele disse-me que estava extremamente satisfeito e até um pouco surpreendido com o resultado completamente satisfatório.

O normal depois deste tipo de operação é a dor ser tão terrível que o paciente recebe morfina durante vinte e quatro horas, disse-me a Sra. Miron. Bem, eu estava sentada na cama a comer uma refeição ao fim de seis horas e a fumar tranquilamente, o que eles acharam extraordinário. Vieram todos ver-me, espantados, e perguntaram: "Como é que está tão bem-disposta e sem dores?" No final, disse à enfermeira: "É porque estou a receber cura espiritual." Ela respondeu: "Ah, então já percebo."

Depois da minha libertação relativamente rápida da casa de saúde onde a operação foi realizada, deveria voltar imediatamente para William Lang, e claro que voltei. Durante mais uma semana recebi tratamento regular dele e, a partir daí, comecei a recuperar rapidamente a minha saúde plena. Ele conseguiu efetuar uma cura completa—não tive qualquer recaída desde que o tratamento espiritual de William Lang terminou em abril de 1959.

Se considerar as várias fases deste caso, chegará à conclusão de que William Lang realmente curou a minha mulher em tempo recorde, resumiu o Sr. Miron. Durante a primeira parte do tratamento, ele conseguiu fechar a fístula oral com sucesso. Durante a segunda fase surgiu a complicação do antro infetado, que se deveu ao estado debilitado da minha mulher. O

terceiro período viu a degradação dos tecidos que ele tinha reconstruído, e isto ocorreu devido à infeção. Finalmente, ele conseguiu reunir o veneno de todo o corpo num único ponto central e então conseguiu reconstruir o tecido uma segunda vez.

Na minha opinião fundamentada, ele conseguiu tornar o impossível possível.

CAPÍTULO DEZASSEIS
CURA A TEMPO INTEIRO

George Chapman achava cada vez mais difícil continuar a conciliar as suas duas ocupações, e chegou o momento em que teve de tomar uma decisão. Poderia continuar na carreira segura e com direito a pensão como funcionário público, que já lhe tinha valido a Medalha de Longo Serviço em reconhecimento pelos dez anos de trabalho, ou tornar-se curador espiritual a tempo inteiro, atuando como médium para o Sr. Lang. Tinha a mulher e a família para considerar. Conseguiriam viver sem um rendimento estável e garantido? Refletiu longamente sobre o problema e, a 31 de outubro de 1957, demitiu-se do Serviço de Bombeiros de Aylesbury.

Agora com bastante tempo para a cura espiritual, Chapman não só conseguiu reduzir a lista de espera dos pacientes de Lang, como também aceitar muitos mais doentes.

As viagens regulares ao Centro de Cura de Birmingham deixaram de ser um problema. No passado, muitas vezes foi obrigado a pedir aos colegas para trocarem turnos com ele para poder viajar até às Midlands. Agora essa preocupação tinha terminado. E, acima de tudo, podia finalmente realizar o seu desejo de fazer da terça-feira o dia da Clínica Gratuita, onde qualquer pessoa necessitada de cura espiritual poderia receber tratamento de William Lang sem qualquer pagamento.

Desde o dia em que George Chapman se tornou médium "profissional", o seu santuário nunca ficou sem pacientes. Pelo contrário. Tantos doentes com todos os tipos de doenças pediam consultas com o Sr. Lang que, frequentemente, Chapman era obrigado a permanecer em transe das 10h da manhã até às 17h. Houve mesmo muitas ocasiões em que a afluência de pacientes necessitados de operações espirituais demoradas e de cura era tão grande que Chapman ficava sob o controlo de Lang até bem dentro da noite. No entanto, mesmo as jornadas de trabalho mais longas nunca foram um sacrifício demasiado para o médium dedicado—o pensamento de que o seu controlo espiritual o forçava a passar tempo excessivo em transe nunca

lhe passou pela cabeça. Ele dedicara a sua vida à cura e aceitava integralmente todas as condições necessárias.

A 1 de novembro de 1957, passou o seu primeiro dia como médium a tempo inteiro de William Lang, F.R.C.S.

Um dos primeiros pacientes a procurar Chapman nesse primeiro dia foi o Sr. Cyril G. Woodley, de Brill. Contactei-o para saber como tinha evoluído a sua doença sob o tratamento de William Lang. Isto foi o que o Sr. Woodley me disse:

Há cerca de sete anos (em 1950), comecei a ter dores nas pernas. Depois de tentar todos os tipos de linimentos e pomadas sem sucesso, fui finalmente forçado a ir ao médico, que disse que era fibrosite e sugeriu um período de repouso. No entanto, com o passar do tempo, o problema foi-se agravando, e fui enviado para o hospital para fazer radiografias. Disseram então que tinha inflamação na coluna. Fiz oito semanas de tratamento com calor e massagens, sem qualquer benefício aparente. Fui novamente radiografado e, por fim, disseram-me que tinha uma doença grave chamada espondilite.

Em 1953, estive internado no Hospital Mount Vernon, onde fui submetido a um tratamento com raios profundos. Quando tive alta, para ser sincero, sentia-me ainda pior!

Depois de dois anos a receber o subsídio da Segurança Social, fiz mais oito semanas de tratamento com calor e massagens, mas, mais uma vez, sem qualquer efeito. Voltei ao trabalho na minha loja, mas tinha dificuldades em ficar de pé durante muito tempo. Frequentava uma consulta hospitalar regularmente, e tudo o que me podiam fazer era dar-me uns comprimidos para tomar sempre que a dor piorasse.

Então, a minha mulher Jessie, que tinha ouvido falar do Sr. Maurice Barbanell sobre o Sr. Chapman e o Dr. Lang, convenceu-me a tentar a cura espiritual. No fim, acabei por concordar e marquei uma consulta com o Dr. Lang para novembro de 1957.

Quando o Dr. Lang me viu e examinou, diagnosticou exatamente o que eu tinha. Foi muito franco comigo e disse que poderia ajudar-me a melhorar bastante, mas que levaria algum tempo, e que eu teria de ser paciente e visitá-lo com frequência. Disse-lhe que estava disposto a seguir as suas indicações. Afinal, já sofria há sete anos e não esperava uma cura instantânea. Na verdade, pensei: se ele conseguir curar-me, estará a fazer algo que os médicos falharam em fazer.

O Dr. Lang realizou então o que chamou de "operação no meu corpo espiritual" e, embora não tenha sentido nada na altura, estava muito melhor quando cheguei a casa.

Cumpri todas as consultas marcadas pelo Dr. Lang e, sempre que lá ia, ele fazia algo por mim que me fazia sentir muito melhor depois. Em fevereiro de 1959, sentia-me quase cem por cento recuperado e, como estava na altura de uma revisão médica no hospital, estava muito curioso para saber qual seria o veredicto. Posso dizer que o médico ficou estupefacto, e isso não é exagero. Murmurou algo sobre "coisas inexplicáveis que às vezes acontecem". Falei-lhe do tratamento que tinha recebido do espírito do Dr. Lang. Ele ouviu, mas não disse nada. Pediu-me para voltar dali a dois anos. E assim fiz—em fevereiro de 1961—e, depois de me examinar novamente, com muito cuidado e atenção, disse-me que não precisava de voltar, pois estava completamente curado. Ah, e comentou algo no sentido de que era um caso extraordinário e difícil de acreditar que algo assim pudesse acontecer.

A 6 de dezembro de 1964, o Sr. Woodley teve a amabilidade de me fornecer as seguintes informações sobre o estado atual da sua saúde:

Estou feliz por dizer que, embora já tenham passado mais de sete anos desde que consultei o Dr. Lang pela primeira vez, estou praticamente a cem por cento de novo. Desde que nos mudámos para a nossa casa atual, tenho conseguido cuidar do nosso jardim, que tem sessenta metros de comprimento na parte de trás e nove metros na frente. Com a ajuda do meu filho, consegui fazer as escavações mais pesadas—o solo é argiloso, e isso já diz tudo!

Quando o Sr. Woodley visitou o Dr. Lang pela primeira vez, a 1 de novembro de 1957, a sua esposa Jessie acompanhou-o. Ela também ficou profundamente impressionada com o Dr. Lang e a sua eficaz cura espiritual, pois sofria de tensão alta e de problemas associados há muitos anos, e os médicos não tinham conseguido fazer mais do que prescrever-lhe comprimidos. As visitas regulares com o marido ao Dr. Lang permitiram ao médico espiritual curá-la completamente da sua doença, e em dezembro de 1964, ela também confirmou que tinha desfrutado de boa saúde desde o tratamento com o Dr. Lang.

Talvez lhe interesse saber que, antes de consultar o Dr. Lang, eu passava mais tempo acamada no inverno do que fora da cama, devido à asma brônquica, declarou. Agora é maravilhoso poder estar ativa no tempo húmido e com nevoeiro, apenas com um ocasional pieira! A minha habitual bronquite costumava começar em qualquer altura depois de setembro, mas

tudo isso pertence agora ao passado. Acho que pode imaginar o quão glorioso é respirar livre e profundamente, graças à cura do Dr. Lang.

Quando o Sr. e a Sra. Woodley foram ao santuário de George Chapman em agosto de 1958, receberam, assim como outros pacientes, um folheto com um pedido para notificarem qualquer fenómeno observado após o tratamento do Dr. Lang.* A Sra. Woodley atendeu ao pedido e enviou a George Chapman a seguinte carta:

Escrevo para lhe dar conhecimento de algumas das experiências que o meu marido e eu tivemos ao consultar o Dr. Lang.

Durante a nossa consulta com o Dr. Lang, em janeiro deste ano, ele disse-me que tinha injetado profundamente no meu peito em dois locais e avisou-me para não me alarmar caso aparecessem marcas no meu corpo. Não senti nada e não achei que pudesse surgir qualquer marca. Estava completamente enganada. Duas marcas apareceram no meu corpo! Perfeitamente visíveis. E permaneceram lá durante quatro dias.

Duas vezes durante o inverno, não pude visitar o Dr. Lang e, em ambas as ocasiões, ele disse ao meu marido que me visitaria. Todas as noites fui despertada por uma espécie de choque elétrico. Era uma sensação de formigueiro da cabeça aos pés, semelhante à que se sente com urtigas, e durava talvez um minuto. Em ambas as manhãs, sentia-me bem e conseguia levantar-me.

*Um número considerável de pacientes do Dr. Lang também cumpriu o pedido expresso no folheto e notificou George Chapman. Algumas dessas descobertas de fenómenos estão incluídas nos registos clínicos dos pacientes.

Depois de o Dr. Lang ter tratado o meu marido e a mim durante a nossa visita em junho passado, explicou-nos que tinha retirado algum fluido da coluna do meu marido. E lá estava, sem dúvida, a mancha húmida no forro da marquesa! Isto foi extremamente notável porque, como sabe, o Dr. Lang apenas realiza cura espiritual e nunca toca no corpo físico. Observei-o sempre com muita atenção e vi, em todas as ocasiões, que as suas mãos estavam ligeiramente acima do corpo físico.

Quando George Chapman recebeu a carta da Sra. Woodley, ela deu-lhe a explicação para um mistério que o intrigava há dois meses. No dia de junho de 1958, quando recuperou a consciência após o Dr. Lang ter tratado o último paciente, George notou uma mancha húmida no forro da marquesa. Não conseguiu encontrar qualquer explicação para o sucedido e, sem pensar que poderia ter ocorrido um fenómeno, simplesmente trocou o forro sujo por um limpo. Mas a carta da Sra. Woodley deu-lhe a resposta.

CAPÍTULO DEZASSETE
NÃO OLHAREI PARA TRÁS COM RANCOR

Enquanto estava sentada em frente a Miss Ilse Kohn e ouvia o seu relato sobre um acidente que lhe acontecera sete anos antes, em 1957, sentia novamente aquele horror que me invade sempre que penso em seres humanos atirados para o trauma físico. Havia, neste acidente, a familiaridade aterradora que caracteriza tanto do massacre e quase massacre que ocorre diariamente nas nossas estradas. Uma enfermeira-chefe no seu triciclo, um carro, um embate, aço retorcido e o corpo mutilado de uma mulher caída na estrada, a cabeça a sangrar. Seguiu-se a corrida de urgência até ao Hospital de Amersham, o exame e o registo dos ferimentos—fratura do crânio, olho direito lesionado, nariz fraturado e costelas partidas.

Fiquei inconsciente durante dez dias e dez noites. Quando recuperei os sentidos, não sabia onde estava nem o que tinha acontecido. Veja, tive uma concussão e, depois disso, normalmente não se recorda do que aconteceu, contou-me Miss Kohn. Não conseguia levantar a cabeça da almofada—nem queria fazê-lo. Sentia-me completamente exausta. Estava realmente aliviada por estar na cama.

Alguns dias depois de ter recuperado a consciência, um grupo de médicos estava ao lado da minha cama a conversar, a discutir o meu caso. Ouvi um deles dizer discretamente a outro que estava preocupado com a minha visão. Um dos seus colegas disse algo no sentido de duvidar que eu voltasse a ver. Eles não sabiam que eu podia ouvir o que estavam a dizer. Estive prestes a dizer "sei que voltarei a ver". Tinham recolocado um olho que tinha sido arrancado da órbita e fechado a pálpebra para o proteger. Mas deixaram uma pequena parte aberta no centro, e através dessa abertura conseguia ver uma fração do céu.

Estava determinada a recuperar. Quando ouvi um especialista expressar dúvidas sobre se recuperaria totalmente o meu equilíbrio mental e explicar que demoraria muito tempo até poder voltar às minhas funções como enfermeira-chefe, encarei isso como um desafio para me curar rapidamente. Acho que os médicos ficaram surpreendidos ao ver como recuperei depressa. Em três semanas, aprendi a sentar-me direita, a levantar-me e a andar novamente, a cuidar de mim mesma e a conversar com outros pacientes. Depois tive alta e fui autorizada a regressar a casa.

Seguiu-se um período muito difícil. Estava terrivelmente fraca e o meu olho direito continuava fechado. Sofria frequentemente de dores de cabeça

insuportáveis e era alarmante perceber que não conseguia pensar de forma clara e lógica. Por vezes, perguntava-me se o especialista do hospital não teria razão ao dizer que demoraria muito tempo (se é que alguma vez aconteceria) até estar apta para retomar as minhas funções. E quando um amigo psiquiatra disse: "Ela terá de recomeçar do princípio, como se tivesse acabado de nascer, e passar por todas as fases da vida novamente", fiquei chocada. Pensei: "Meu Deus! Ouvir isto aos 33 anos!" Foi muito difícil aceitar esta realidade amarga, mas, eventualmente, aceitei-a.

Depois de um mês em casa, tive de regressar ao hospital para que abrissem o meu olho direito. Foi extremamente doloroso, quase como reviver o acidente. Quando voltei para casa, tive uma recaída e senti-me mais fraca e pior do que nunca.

Pouco tempo depois, fui para uma casa de convalescença em Farnham e fiz bons progressos. Queria demonstrar que estava suficientemente bem para retomar as minhas funções como enfermeira-chefe, mas, aparentemente, a minha mente ainda não estava completamente normal.

Por mais que tentasse, não conseguia superar o meu próprio desafio e tudo o que tentava parecia falhar. Não conseguia compreender porquê. Olhando para trás, diria que foi porque tentei apressar tudo em demasia. E não se pode forçar o ritmo da recuperação para além do que a natureza permite.

Houve momentos em que cedi à depressão, e as noites eram especialmente difíceis. Sem conseguir dormir, só conseguia chorar e sentia-me terrivelmente só, apesar da simpatia e do carinho dos amigos que cuidavam de mim tanto quanto os meus pais teriam feito se estivessem vivos. Mas não conseguia valorizar isso. Sentia-me como se estivesse numa prisão, sem ninguém com quem falar. No fundo, creio que sabia que aquela miséria era culpa minha. Era como estar presa numa armadilha cruel, sentindo que nunca sairia dela e que iria morrer ali.

O meu estado não mudou muito até ao Ano Novo, quando me sugeriram que consultasse o médico espiritual William Lang para ver se ele poderia ajudar-me de alguma forma. Como não era espiritualista, perguntei-me se algo resultaria dali, mas estava curiosa e muito disposta a tentar qualquer coisa.

Quando finalmente conheci o Dr. Lang, em fevereiro de 1958, foi uma experiência muito agradável. Havia nele tanta simpatia que me senti imediatamente à vontade.

Quando se aproximou de mim, fez-me lembrar um professor alemão com quem gostava de trabalhar no hospital. Pensei imediatamente: "Estou em

boas mãos, aqui está alguém que compreende." Percebi que tinha feito bem em ir vê-lo.

O Dr. Lang conversou comigo durante algum tempo sobre vários assuntos. Quis saber de onde eu vinha, qual era o meu trabalho e como tinha acontecido o acidente. Depois pediu-me que me deitasse na marquesa e examinou-me, tocando muito levemente no meu corpo com as mãos. Disse muito pouco sobre o meu estado, mas, de alguma forma, transmitiu-me a sensação de que podia confiar nele para me ajudar.

Enquanto eu estava deitada, explicou que iria realizar várias operações indolores no meu corpo espiritual. Falou com assistentes invisíveis e pediu instrumentos cirúrgicos. As suas mãos pairavam um centímetro ou dois acima do meu corpo, como se segurassem delicadamente alguns instrumentos e realizassem uma operação, mas eu não sentia absolutamente nada. Instintivamente, sabia que ele me ajudaria, embora me questionasse como.

Quando saí, senti-me muito melhor—mais leve e animada. Senti que algo tinha acontecido, embora não soubesse exatamente o quê. Era como se alguém tivesse aberto a porta da minha prisão imaginária.

No início, não sabia como aproveitar esta nova liberdade. No fundo da minha mente, temia que essa maravilhosa sensação de liberdade, de voltar a ser eu própria, pudesse não durar, mas consolei-me com o pensamento de que, dentro de quinze dias, voltaria a ver o Dr. Lang, e ele poderia ajudar-me ainda mais. À medida que os dias passavam, fiquei encantada ao perceber que essa liberdade mental não desaparecia, nem sequer diminuía, mas, pelo contrário, tornava-se mais real e permanente a cada dia. Já não me sentia sozinha.

Quando fui a Aylesbury pela segunda vez, conheci o Sr. George Chapman antes de ele entrar em transe. Era um homem muito mais jovem do que o Dr. Lang, e reparei que falava de maneira diferente. Como enfermeira treinada, naturalmente falei sobre assuntos médicos, especialmente sobre o meu caso. Ele não tinha qualquer conhecimento de medicina e estava longe de ser um médico.

O Dr. Lang voltou a realizar uma operação e deu-me cura espiritual, e novamente senti-me melhor. A melhoria foi, de facto, tão notável que fiquei totalmente apta a retomar as minhas funções como enfermeira-chefe.

Após a sua terceira e última visita ao Dr. Lang, Miss Kohn soube que tinha finalmente alcançado o estado de bem-estar que lhe permitia desempenhar as suas exigentes funções com a mesma competência de antes do acidente.

Nem sempre me sentia no auge, mas o Dr. Lang conseguiu, de alguma forma, implantar em minha mente a confiança absoluta de que iria melhorar, disse-me Miss Kohn. Claro que ainda havia dificuldades a enfrentar, mas no final consegui superá-las.

Há anos que me sinto muito bem—não poderia desejar estar melhor. Gosto da vida e gosto de conhecer pessoas. Leio e escrevo mais do que nunca.

Nunca olharei para trás com tristeza ou rancor. Às vezes, quando penso em tudo o que me aconteceu, pergunto-me se, na verdade, teria encontrado o caminho para a felicidade se não tivesse conhecido o Dr. Lang. Rezo para que Deus me conserve a força para ajudar aqueles que precisam de mim, assim como um dia precisei de ajuda.

CAPÍTULO DEZOITO
A BUSCA DA COOPERAÇÃO

Uma das primeiras coisas de que me apercebi nas minhas conversas com William Lang, durante a preparação deste livro, foi o seu profundo desejo de estabelecer uma maior cooperação entre ele e os membros da profissão médica. Era um tema ao qual voltava frequentemente. Este anseio não era motivado pela ideia de que a ajuda dos médicos terrenos lhe permitiria obter resultados ainda mais impressionantes. O catálogo destes falava por si. Mas ele queria transmitir, de alguma forma, algo da sua habilidade e conhecimento únicos a homens cujos horizontes eram limitados no campo da cura.

Essa ambição foi parcialmente concretizada. Vários dos seus pacientes que consultavam os seus próprios médicos ou hospitais para exames periódicos falaram sobre o médico espiritual e as suas operações indolores, que os tinham curado ou melhorado as suas doenças. Muitos membros da profissão, naturalmente, não aceitavam nada disso ou recusavam-se a comentar, mas havia alguns médicos e cirurgiões que concordavam que a cura divina ou espiritual não devia ser descartada ou ridicularizada. Alguns chegaram mesmo a aconselhar os seus pacientes a continuar a receber tratamento do Dr. Lang, ao mesmo tempo que compareciam a exames médicos regulares, para que o seu estado de saúde pudesse ser clinicamente observado.

Um desses médicos era o Sr. G. S. Miron, L.D.S., R.C.S. (Eng.), cuja cooperação com o Dr. Lang já foi relatada no capítulo *Mirabile Dictu*. Ele também colaborava com o médico espiritual sempre que acreditava que isso poderia ajudar o paciente.

Outros casos envolvendo médicos e especialistas conceituados poderiam ser mencionados.

Embora essa cooperação com certos membros da profissão médica fosse uma realização notável e muito bem-vinda, ela apenas satisfazia parcialmente a grande ambição do Dr. Lang, pois ele aspirava a trabalhar de perto com o maior número possível de médicos.

Em 1958, ele deu o seu primeiro passo decisivo nessa direção, pois, enquanto controlava George Chapman num determinado dia, ditou a seguinte carta e pediu que fosse enviada ao Registo do Hospital Oftalmológico Real (Moorfields Eye Hospital):

"Sei que esta é uma carta invulgar para o vosso hospital receber, mas tanto eu como o meu filho Basil fomos membros ativos da vossa equipa durante muitos anos."

Se consultarem os meus registos anteriores, encontrarão bastante informação sobre mim, por exemplo, escrevi um livro intitulado *O Exame Médico do Olho*, e o meu filho escreveu vários livros sobre o exame e a abordagem ao paciente.

É meu desejo convidar membros da vossa equipa médica ativa, ou mesmo antigos membros, a entrarem em contacto com o meu médium, George Chapman, com vista a marcarem consultas comigo.

Sei que, na cirurgia ocular e na técnica, posso ser de grande ajuda e tenho a certeza de que muitos dos membros da equipa, que são tão interessados e amam o seu trabalho, apreciarão conhecer-me.

Não foi recebida qualquer resposta. Quando perguntei ao Sr. Lang, durante uma das nossas entrevistas, se ficou desapontado por o Registo ter ignorado a sua carta, ele respondeu:

"Oh, não, não fiquei desapontado, não. Na verdade, não esperava que o Registo respondesse—é talvez pedir demasiado a um cavalheiro numa posição como a dele que corresponda com um 'homem morto'—mas simplesmente senti que devia escrever a carta para que soubessem que estou de volta e sempre disposto a ajudar da forma que me for permitida. Mas não considero que tenha sido um esforço desperdiçado. Não recebi resposta à minha carta, mas, como consequência dela, alguns dos rapazes queridos vieram ver-me."

Duas semanas depois de George ter enviado a carta, ele recebeu uma comunicação de—não posso mencionar o nome, pois foi uma consulta privada—mas posso dizer-lhe que se tratava de um especialista muito

capaz e qualificado. Não conhecia o rapaz pessoalmente, era um dos colegas de Basil, mas gostei de falar com ele.

"Primeiro, entrou no meu consultório como um verdadeiro lutador de boxe," continuou o Sr. Lang. "Pelo tipo de perguntas que me atirou, ficou claro que queria provar que eu não poderia ser o William Lang que afirmei ser na carta. Fez-me perguntas extremamente complexas sobre oftalmologia, e eu respondi a cada uma delas em detalhe, falando também sobre várias abordagens de tratamento. No final, o rapaz querido pediu desculpa pela sua atitude hostil e perguntou-me se eu lhe permitiria consultar-me caso alguma vez se deparasse com um problema que não soubesse bem como resolver. Claro que disse que sim."

"Com o passar dos anos, tornámo-nos bons amigos e ele visita-me frequentemente. De facto, esteve comigo há poucas semanas para falar sobre um caso no qual, fico feliz em dizer, pude ajudá-lo." Olhou para mim com um ar travesso e acrescentou com um sorriso: "Ajudei-o, claro, à minha maneira. Estive presente no bloco operatório enquanto ele realizava a operação e consegui guiá-lo. Depois, visitei o paciente durante o seu estado de sono e tratei do seu corpo espiritual. Claro que o rapaz querido não sabe nada disto, e prefiro que acredite que foi a sua própria perícia e cuidado que salvaram a visão do paciente."

Durante esta entrevista, ficou claro que vários especialistas de diferentes hospitais oftalmológicos visitavam o Sr. Lang ocasionalmente para discutir casos complexos.

Estas visitas resultaram na divulgação do médico espiritual entre outros especialistas e profissionais noutras áreas da medicina. George Chapman tem um arquivo considerável marcado *Confidencial*. Contém cartas de médicos hospitalares e privados—alguns deles especialistas renomados, outros médicos menos conhecidos. Muitos destes pediram consultas com o Sr. Lang porque queriam discutir com ele alguns casos que os preocupavam e que esperavam poder ser curados, ou pelo menos melhorados, pelo tratamento do médico espiritual; cada carta demonstrava que o paciente não tinha respondido ao tratamento médico convencional e era, tanto quanto se podia julgar, incurável.

Há cartas que solicitam abertamente consultas para que pacientes sejam vistos pelo Sr. Lang e se possa tentar a cirurgia e o tratamento espiritual. Como todas estas comunicações estão marcadas como *Privado e Confidencial*, a identidade dos remetentes não pode ser revelada. Mas asseguro-lhe que as vi todas e as li. E os nomes desses correspondentes provavelmente surpreendê-lo-iam.

Um especialista de renome na Harley Street escreveu:

"Estou a deixar a minha prática, que será assumida por ——, que se formou no Guy's Hospital e foi vencedor do prémio ——. —— passou um ano numa clínica no Canadá, especializou-se em lesões industriais e casos de pólio, e passou ainda períodos em dois hospitais (nomes indicados) em Londres. Espero que —— o visite e que lhe possa prestar toda a ajuda possível."

O sucessor desse especialista, de facto, foi ver o Sr. Lang para discutir um caso específico que lhe causava grande preocupação. O Sr. Lang deu-lhe o seu conselho e, sem que o visitante soubesse, iniciou uma cura à distância para o paciente. O tratamento foi bem-sucedido.

George Chapman continua a receber cartas de membros da profissão médica. Uma das mais recentes—escrita em dezembro de 1964—dizia:

"Para o mês que vem, inauguro o meu novo departamento no Hospital ——. Peço que o Dr. Lang conceda a sua bênção a este departamento médico e me dê força, consciência, calma e confiança para dirigi-lo. Contarei com a ajuda do Dr. Lang."

No final, a carta do Sr. Lang ao Registo de Moorfields cumpriu o seu propósito, embora não de forma oficial. Mas o Sr. Lang nunca se preocupou com burocracia ou reconhecimento público—o seu único objetivo é ajudar qualquer doente que precise. Se puder obter apoio da profissão médica e, através da cooperação médica, proporcionar a recuperação de um paciente, fica completamente satisfeito.

Há alguns anos, o jornalista Desmond Shaw escreveu:

"Chegará o dia em que nenhum grande médico, fisiologista ou patologista tentará curar doenças sem consultar o mundo espiritual, tal como não entraria numa sala de operações sem o seu bisturi."

Talvez a profecia do Sr. Shaw esteja prestes a tornar-se realidade.

CAPÍTULO DEZENOVE
ABRIR AS PORTAS DA MENTE

Os médicos são tão obstinados quanto qualquer outra pessoa. Por terem obtido um diploma universitário e concluído a faculdade de medicina, presume-se que sejam pessoas razoavelmente inteligentes. Mas quando se trata de expressar opiniões, mostram-se singularmente hesitantes. Os mais vocais e os mais reservados partilham pelo menos uma característica—uma enorme inibição em relação ao uso público dos seus nomes em conexão com as suas opiniões sobre certos assuntos.

Falei com muitos médicos enquanto preparava este livro. Alguns reagiram com desdém ao ouvir falar de cura espiritual. Riram, ridicularizaram, descartaram, desprezaram. Outros sorriram de forma condescendente, encolheram os ombros ou ofereceram frases inacabadas como: "Sim, bem, sabe como é..." ou "Bem, as pessoas têm direito a acreditar no que quiserem, mas eu, bem, como é que eu hei de dizer...".

Ficou a impressão de que, no que diz respeito ao corpo principal da profissão médica, a cura espiritual era algo totalmente marginal. Não só era algo que não compreendiam ou em que simplesmente não acreditavam, como também não consideravam que merecesse qualquer investigação objetiva.

Apenas uma pequena fração dos médicos com quem falei aceitou que eu citasse os seus nomes juntamente com as suas opiniões. Isto é algo que não consigo compreender. Porquê o medo?

Mesmo os médicos que tiveram contacto com George Chapman e William Lang mostraram alguma relutância. E não se tratava de procurar apenas opiniões favoráveis—eu teria ficado satisfeito em citar tanto as opiniões contrárias quanto as favoráveis à cura espiritual (ou ao Dr. Lang). Mas a resposta que encontrei foi quase unanimemente uma atitude de *proibido mencionar*.

Um dos médicos que conheceu o médico espiritual em várias ocasiões, e que gentilmente permitiu que o nomeasse, foi o Dr. Theodore Stephanides. Após uma vida inteira de experiência como médico, serviu durante a Segunda Guerra Mundial como Major no R.A.M.C. e, posteriormente, integrou a equipa do Hospital de Lambeth, em Londres, onde trabalhou até se reformar do serviço hospitalar em 1961.

Conheci o Dr. Lang pela primeira vez no início de 1958, disse-me o Dr. Stephanides no seu apartamento em Chelsea. Um amigo meu, o Sr. Eric Raymond, de Haddenham, que sofria de surdez (ele tinha esclerose progressiva do tímpano—endurecimento do tímpano), pediu-me para o acompanhar a Aylesbury. Ele decidiu, segundo disse, consultar um médico

espiritual e queria que eu ouvisse o que o médico espiritual teria a dizer e visse o que poderia fazer.

O Sr. Raymond tinha recebido algum tratamento médico antes de ir a Aylesbury? perguntei.

Oh, sim, tentou a medicina convencional durante muito tempo, sem obter qualquer resultado, disse o Dr. Stephanides. Infelizmente, o Dr. Lang também não conseguiu melhorar a surdez do Sr. Raymond. Mas isto, penso eu, pode ter sido um teste injusto para o Dr. Lang, porque, veja, a esclerose do tímpano é uma condição progressiva, praticamente impossível de curar com a medicina convencional. Continua a agravar-se até que a pessoa fique completamente surda. Praticamente nada pode detê-la.

De qualquer forma, quando fomos ver o Dr. Lang no início de 1958, ele diagnosticou corretamente a condição do Sr. Raymond. Não prometeu que o curaria; disse que esperava poder melhorar a sua audição. Realizou o que chamou de "operação" no "corpo espiritual" do Sr. Raymond, o que, segundo ele, resultaria numa cirurgia virtual no tímpano. Esta "operação" foi, claro, realizada sem quaisquer instrumentos ou assistentes visíveis.

Imediatamente após o tratamento, a surdez do Sr. Raymond pareceu ligeiramente melhor, mas isso não durou. Vi o Sr. Raymond há cerca de duas semanas e, lamento dizer, não houve qualquer melhoria significativa. Mas, como já disse, este não foi realmente um teste justo e o fracasso do Dr. Lang não indica que não tenha tido sucesso com outros casos. Considerar isso seria manifestamente injusto—e, claro, ilógico.

Falando como médico, que impressão o Dr. Lang lhe causou? perguntei.

Oh, competente, amável, ligeiramente pedante. Como um médico da velha guarda, respondeu o Dr. Stephanides. Durante as minhas conversas com ele—acompanhei o Sr. Raymond a Aylesbury umas oito ou nove vezes—ele nunca cometeu erros médicos. Mas como eu estava lá como convidado e não como investigador científico, nunca lhe fiz perguntas para o testar.

Aparentemente, havia nele um vasto conhecimento médico, mas de um tempo passado, se me entende. Não parecia mencionar nenhum dos desenvolvimentos modernos—coisas como a penicilina, etc.—mas isso pode ter sido coincidência. No entanto, o que disse sobre vários assuntos indicava claramente que tinha uma grande experiência e conhecimento médicos.

Tenho conhecimento pessoal de um incidente ocorrido numa das minhas visitas ao médico espiritual que me impressionou bastante.

Em fevereiro de 1958, fui operado no Hospital de Lambeth a um descolamento da retina no olho direito. Em junho seguinte, visitei o Dr. Lang com o Sr. Raymond. Nessa ocasião, o Dr. Lang aproximou-se de mim, parou à minha frente (com os dois olhos firmemente fechados, como sempre) e disse-me que estava satisfeito por a minha operação a um "distúrbio da retina"—ele não usou o termo "descolamento da retina"—ter sido tão bem-sucedida.

Não havia qualquer sinal visível que indicasse que eu tinha sido operado, e eu nunca mencionei o assunto. Nem o Sr. Raymond—confirmaria isso com ele mais tarde.

Claro que não há garantia absoluta de que essa informação não pudesse ter vindo de alguém ligado ao Hospital de Lambeth, mas não creio que isso seja provável, pois, tanto quanto sei, o Sr. Chapman não tem qualquer ligação com aquele hospital.

Outra possibilidade é, claro, a telepatia; mas, novamente, não creio que a telepatia tenha desempenhado um papel no meu caso, pois certamente não estava a pensar na operação quando fui a Aylesbury. Não havia razão para que estivesse a pensar nisso. A operação tinha sido realizada quatro meses antes do meu encontro de junho com o Dr. Lang e eu não tive problemas depois.

Quando o Dr. Lang me falou da operação, fiquei surpreendido, muito surpreendido. Eu próprio inclino-me a acreditar que o Dr. Lang fez ou sentiu o diagnóstico por meios que eu chamaria de "supernormais".

Durante a minha entrevista com o Dr. Stephanides, soube-se que ele tinha conhecido George Chapman no seu estado normal, fora do transe, durante uma das suas visitas a Aylesbury. Perguntei-lhe quais foram as suas impressões.

Bem, parecem ser duas pessoas completamente diferentes, disse o Dr. Stephanides. Claro que nunca conheci o Dr. Lang—ou o Sr. Lang, para lhe dar o seu título correto—em vida, mas creio que as pessoas que o conheceram e falaram com o Sr. Chapman em transe, quando estava sob a influência do Dr. Lang, o reconheceriam e encontrariam uma semelhança. O seu modo de falar e a maneira como se comporta, entre outras características, eram bastante diferentes das de George Chapman.

Acredita que George Chapman é realmente controlado pelo Dr. Lang? perguntei.

Essa é uma pergunta muito difícil de responder. Deixe-me colocar a questão desta forma: Ou o Sr. Chapman é um ator extraordinariamente bom ou ele é, de facto, controlado pelo Dr. Lang.

Se o Sr. Chapman fosse apenas um ator extraordinário, como poderia alcançar os seus notáveis resultados de cura?

Bem, aí, claro, não posso falar por experiência própria, pois o único caso que vi foi o inconclusivo do Sr. Raymond, respondeu o Dr. Stephanides. Mas deixe-me dizer isto: acredito que a cura espiritual realmente acontece. A única questão é que, até agora, não sabemos quais são as suas leis nem como funciona.

Embora eu não tenha tido qualquer experiência direta, li bastante sobre cura espiritual. Até agora, não descobrimos o suficiente sobre as suas leis. Muitas vezes, pessoas que não acreditam na cura espiritual são curadas, enquanto outras que acreditam descobrem que os efeitos, por vezes, são insignificantes, até mesmo negativos.

O próprio curador parece, também, ter altos e baixos. Ao longo de um período, pode ter uma longa série de sucessos e, de repente, perder parte ou toda a sua capacidade durante algum tempo. Mesmo que isso não aconteça, pode ocorrer outro fenómeno curioso, em que trata três pacientes consecutivamente e obtém bons resultados com dois deles, enquanto o terceiro, cujo caso parece exatamente semelhante, não mostra qualquer melhoria. E é por isso que é difícil avaliar exatamente quais são os resultados globais da cura espiritual.

Existe também a grande dificuldade de saber até que ponto a auto-sugestão desempenha um papel. Esta é uma força muito importante, pois pode fazer com que uma pessoa melhore ou piore. Quero dizer, uma pessoa pode imaginar-se muito pior ou muito melhor do que realmente está.

É possível curar o cancro, por exemplo, através da auto-sugestão? interrompi.

Pessoalmente, não conheço nenhum caso em que isso tenha sido feito ou tentado, mas tão pouco se sabe sobre as forças do próprio corpo, que realmente não se pode dizer o que a auto-sugestão pode ou não curar.

A auto-sugestão parece ser uma força muito poderosa. Há casos conhecidos—digamos, por exemplo, numa epidemia de peste na Índia—em que pessoas morrem de medo porque se convencem de que realmente contraíram a peste. Por mais incrível que pareça, essas vítimas da auto-sugestão morrem com muitos dos sintomas da doença, embora as autópsias provem que o bacilo está ausente.

Também se sabe que, quando um paciente tem uma doença—praticamente qualquer doença—e o médico lhe diz: "Oh, em breve estará melhor", o paciente tem uma probabilidade muito maior de recuperação. Mas se o médico abanasse a cabeça e dissesse: "Não há muito a fazer, estará morto dentro de alguns dias", as probabilidades são de que o paciente piorasse quase imediatamente.

Há uma grande lacuna no nosso conhecimento sobre o que exatamente influencia o corpo humano. É aí que penso que deveria ser feita investigação para tentar descobrir o que chamaria de leis da cura espiritual. Assim, poder-se-ia saber mais sobre ela e avaliar mais facilmente quais os pacientes que poderiam beneficiar da cura espiritual e quais não.

De um modo geral, aceita que a cura espiritual possa ajudar um paciente que não responde ao tratamento médico convencional? perguntei.

Sim, penso que sim, disse o Dr. Stephanides. Creio que há provas mais do que suficientes da grande eficácia da cura espiritual. Veja Lourdes, por exemplo. Ninguém pode negar que inúmeros casos foram tratados lá com um sucesso impressionante. E não apenas em Lourdes, mas também na Ilha de Tinos, na Grécia, onde a Virgem de Tinos tem realizado, e continua a realizar diariamente, curas maravilhosas.

O meu pai viveu muitos anos na Índia e disse-me que resultados semelhantes eram obtidos por pessoas que se banhavam no Ganges. Não se trata apenas de uma determinada religião ser capaz de proporcionar curas milagrosas. Lourdes é o centro de cura da Igreja Católica Romana; Tinos é a ilha de cura da Igreja Ortodoxa Grega; e o Ganges é o rio de cura do Hinduísmo. Só aqui temos três religiões diferentes a praticar a cura espiritual, e acredito que existem outras que produzem exatamente os mesmos resultados extraordinários.

Se tivesse um paciente que não respondesse satisfatoriamente ao tratamento médico convencional, aconselhá-lo-ia a procurar a ajuda de William Lang? perguntei.

Aconselhá-lo-ia primeiro a tentar a medicina convencional e depois, se isso não resultasse, a experimentar a cura espiritual.

Tenho a certeza de que compreende que as suas opiniões são bastante excecionais, disse. Porque a minha própria experiência com membros da sua profissão é que eles recusam sequer considerar a ideia da existência de um corpo espiritual. Não veem nada para além da sua própria esfera e acham inconcebível que a cura espiritual, que não compreendem, possa ter sucesso onde a medicina frequentemente falha.

Bem, na minha opinião, a medicina convencional, por mais avançada que seja à luz das descobertas científicas, sabe muito pouco sobre as forças do corpo, respondeu o Dr. Stephanides. Parece haver muitas coisas que influenciam o corpo humano e que ainda não foram comprovadas ou reconhecidas. Esta é a razão pela qual gostaria de ver uma investigação completa sobre a cura espiritual, para que se pudesse avaliar a assistência que poderia prestar à medicina convencional.

Então, aceitaria a cooperação entre a profissão médica e os médicos espirituais?

Sim, se soubesse que um paciente tentou o tratamento médico convencional sem sucesso, ficaria certamente muito satisfeito em aconselhá-lo a experimentar a cura espiritual, a consultar o Dr. Lang. E pode acreditar em mim quando digo que não sou, de forma alguma, o único médico que acredita nas vastas possibilidades da cura espiritual. Já leu, por exemplo, os livros sobre o assunto do Professor Charles Richet e do Dr. Alexis Carrel? Ambos eram médicos ortodoxos, mas acreditavam que era possível obter resultados surpreendentes com a cura espiritual. Não afirmavam saber como esses resultados eram alcançados, mas tinham a certeza de que eram obtidos.

Agradeço ao Dr. Stephanides por me permitir publicar as suas opiniões. Gostaria apenas que mais membros da sua profissão cultivassem a sua atitude, nem que fosse apenas pelo motivo de que qualquer forma de tratamento, ortodoxa ou não, que beneficie a humanidade, merece consideração. Talvez uma interpretação mais abrangente do Juramento de Hipócrates os ajudasse a abrir as portas das partes das suas mentes que permanecem tão rigidamente fechadas.

CAPÍTULO VINTE
A AJUDA INESPERADA DE UMA ENFERMEIRA-CHEFE

O caso seguinte é diferente dos outros na medida em que os detalhes da história clínica e da cura espiritual realizada pelo Sr. William Lang não me foram revelados pelo paciente, mas pela enfermeira-chefe do *Seven Gables Nursing Home*, onde as operações espirituais e o tratamento foram realizados. A enfermeira-chefe é a Sra. D. M. Williamson, S.R.N., S.C.M., de Winslow, e acredito que o valor do seu testemunho é reforçado não apenas pelo seu extenso conhecimento médico, adquirido ao longo de uma vida dedicada à enfermagem, mas também pelo facto de estar presente em todas as ocasiões em que o Sr. Lang veio visitar o seu paciente. A Sra.

Williamson pôde, assim, comprovar por si mesma as habilidades únicas do médico espiritual.

A Sra. Jo Brown, que foi transferida para nós do Hospital Stoke Mandeville no início de setembro de 1958, contou-me a Sra. Williamson quando a vi em Winslow, a 26 de outubro de 1964, tinha sofrido uma fratura no pescoço e outras lesões múltiplas num acidente. Estivera no Hospital Stoke Mandeville durante vários meses, mas o seu estado era considerado irremediável. O caso tinha desafiado tudo o que a ciência médica podia fazer. A paciente estava completamente paralisada do pescoço para baixo. Não conseguia levantar a cabeça do travesseiro, nem sequer virá-la, e tinha dificuldade em ingerir alimentos quando era alimentada. Havia também certas disfunções funcionais.

Quando a Sra. Brown foi admitida aqui, o seu marido disse-me que tinha organizado para que um Sr. George Chapman, de Aylesbury, viesse ver a sua esposa para tentar ajudá-la. Explicou que o Sr. Chapman era o médium do médico espiritual William Lang. O Sr. Brown estava preocupado com a minha reação à notícia e, para me tranquilizar e garantir a minha cooperação, explicou que o seu único objetivo era tentar qualquer coisa que pudesse, possivelmente, ajudar a sua esposa.

Tenho de admitir que fiquei sem palavras. Tendo estado tão intimamente ligada à profissão médica durante toda a minha vida profissional, era natural que nunca tivesse pensado em cura espiritual ou em médicos espirituais—para ser completamente franca, nem sequer sabia que existiam. Embora estivesse longe de estar convencida de que isso poderia trazer algum benefício, conseguia compreender perfeitamente o marido ansioso, que estava disposto a tentar qualquer coisa para ajudar a esposa. Conhecendo o veredicto dos médicos sobre esta paciente e o seu estado deplorável, tive de admitir que nada se perderia ao tentar a cura espiritual—ainda que fosse difícil entender o que se poderia ganhar. Nas circunstâncias, disse ao Sr. Brown que achava que ele estava certo em tentar.

Quando o Sr. Chapman chegou à Casa de Saúde, por uma razão que não consigo explicar, senti imediatamente que estava perante um homem honesto e sincero. Antes de o levar ao quarto da Sra. Brown, falei com ele por um momento sobre o estado dela e expliquei-lhe que os médicos do hospital estavam convencidos de que ela nunca mais voltaria a andar ou a mover-se. No entanto, era óbvio para mim que ele não tinha qualquer conhecimento médico, e não pude deixar de sentir que a sua visita seria uma perda de tempo e, pior ainda, uma desilusão devastadora para o pobre Sr. Brown, sem mencionar a sua esposa.

Assim que entrámos no quarto da Sra. Brown, o Sr. Chapman disse-lhe, de forma muito tranquilizadora, que o Dr. Lang faria tudo o que fosse possível para ajudá-la. Sentou-se à beira da cama e eu observei-o atentamente, notando que os seus olhos estavam fechados, como se estivesse a adormecer. Pareceu-me que o seu rosto mudou e envelheceu. O seu corpo também parecia encolher. Depois de algum tempo, levantou-se, estendeu a mão para me cumprimentar e disse:

"Bom dia, jovem senhora, estou-lhe grato por me ter permitido vir."

A sua voz era completamente diferente da do Sr. Chapman. Era mais áspera, a voz de um homem idoso, e a sua maneira de falar era extremamente culta. Foi, asseguro-lhe, uma experiência notável para mim.

O Sr. Chapman apresentou-se como Dr. William Lang e dirigiu-se à cabeceira da Sra. Brown. Enquanto tocava levemente na sua cabeça, braços e corpo com as mãos, diagnosticou corretamente a sua condição. Fiquei estarrecida. Sou uma enfermeira treinada, com bastante experiência, e fiquei impressionada com a precisão do seu diagnóstico. Por mais incrível que pareça, quando ele disse que tinha a certeza de que poderia ajudar, acreditei nele, pelo menos em parte. Não sei porquê, mas acreditei. O seu aviso de que o processo de recuperação seria longo aumentou a minha confiança nele, porque, se a Sra. Brown pudesse ser ajudada de alguma forma, era óbvio que só poderia ser feito passo a passo.

A Sra. Williamson lembrou-se da explicação do Sr. Lang sobre o corpo espiritual e o corpo físico, e de como operar no primeiro transferiria o efeito para o segundo. "Foi um pouco difícil de assimilar," disse ela. "Nunca tinha ouvido nada parecido. Ele irradiava tanta confiança que não conseguia tirar os olhos dele. Tenho muita experiência no bloco operatório, e a maneira como as suas mãos se moviam ligeiramente acima da cabeça e do corpo da paciente era tão real que sugeria que uma operação extremamente delicada estava a ser realizada. Digo-lhe, fiquei completamente fascinada.

Depois, o Dr. Lang disse-me que estava absolutamente certo de que o efeito da sua cirurgia se transferiria do corpo espiritual para o corpo físico, e que voltaria dentro de dois dias para realizar mais operações. Perguntou-me se eu cooperaria com ele e, quando assenti, explicou-me exatamente o que queria que eu fizesse—uma massagem suave no pescoço da paciente, na área das vértebras.

Depois, voltou para a sua cadeira e, em pouco tempo, eu estava novamente diante do Sr. Chapman. Ele estava outra vez tão alto e ereto como quando o conheci pela primeira vez, o seu rosto tinha voltado a ser o de um homem jovem e a sua voz retomara o tom normal de antes de entrar

em transe. Não tive dúvidas de que, na realidade, tinha conhecido duas pessoas completamente diferentes.

O Dr. Lang continuou a visitar a Sra. Brown uma ou duas vezes por semana, e estive presente em todas as ocasiões em que realizou as suas operações espirituais. Durante cada visita, instruía-me exatamente sobre o que queria que eu fizesse, e, claro, eu fazia. Ele mostrava-se muito grato pela cooperação. Mas deveria ter visto a Sra. Brown!

Gradualmente, conseguiu mover os dedos; depois começou a levantar ligeiramente o braço e também as pernas; conseguiu virar a cabeça de um lado para o outro e fazer outros movimentos. Foi realmente maravilhoso ver como recuperou, especialmente depois do que os médicos tinham dito.

Assegurei-me de que todas as instruções do Dr. Lang fossem seguidas à risca. A massagem suave nas vértebras da Sra. Brown ajudou a melhorar o alinhamento dessa parte da coluna e permitiu que o líquido espinhal fluísse de forma mais normal. Encorajávamo-la a empurrar, mover-se, dobrar as pernas e usar as mãos. Com ajuda, começou a alimentar-se sozinha e, eventualmente, conseguiu fazê-lo com conforto. A próxima conquista foi pentear-se—muito hesitante no início, mas, com persistência, conseguiu. Foi um verdadeiro caso de cooperação entre o médico espiritual e a medicina.

Então, num dia maravilhoso, o Sr. Lang decidiu que deveríamos tentar pô-la de pé. Lembro-me dele dizer-lhe: "Agora já podes ficar de pé, consegues fazê-lo, estás bem e em breve poderás andar." Ela estava terrivelmente nervosa, mas demos-lhe todo o encorajamento possível e dissemos-lhe que tudo ficaria bem. Com um pouco de ajuda, levantou-se, muito devagar e trêmula, depois endireitou-se e ficou ali, sem conseguir acreditar, tremendo de emoção e com os olhos brilhantes. Depois disso, estávamos ao lado da sua cama duas vezes por dia para lhe dar confiança enquanto se punha de pé. Demorou cerca de seis meses até que pudesse, com ajuda, caminhar pelo quarto.

Três meses depois da primeira visita do Dr. Lang à Sra. Brown, conseguimos levá-la de carro até à estação de Bletchley para encontrar o marido todos os fins de semana, quando ele vinha visitá-la. Lembro-me da primeira vez. Não dissemos nada ao Sr. Brown sobre o que pretendíamos fazer, apenas a preparámos, colocámo-la no carro e lá estava ela, à espera dele na estação. Ele ficou tão emocionado que não conseguia acreditar que era realmente a sua esposa que estava ali à sua espera.

A Sra. Brown permaneceu na nossa casa de saúde durante um ano e, durante todo esse tempo, o Dr. Lang visitou-a semanalmente. Ele estava

tão feliz e entusiasmado com o progresso maravilhoso dela quanto nós todos.

Quando ela nos deixou, já conseguia andar—com alguém ao seu lado, porque ainda estava nervosa, mas era capaz de ficar de pé sem apoio. Era apenas uma questão de tempo e de ganhar confiança.

Durante as suas visitas, falei com o Dr. Lang usando o que se poderia chamar de jargão médico—como falaria, na minha posição de enfermeira-chefe, com qualquer especialista que viesse ver um paciente. Com o passar dos meses, passei a ter uma grande admiração por este homem dotado, e, tendo visto os resultados do seu tratamento, comecei a procurá-lo sempre que eu ou a minha filha precisávamos de algum tipo de ajuda.

Perguntei à Sra. Williamson sobre a sua própria condição e ela disse-me:

Sofri durante muito tempo com problemas na bexiga e também com problemas nas pernas. Recebi tratamento médico, mas não me fez bem algum, e pensei que teria de aceitar a situação.

Quando consultei o Dr. Lang, ele disse-me que me ajudaria. Foi completamente indolor, e não estou a exagerar quando digo que ele, de facto, conseguiu curar o meu problema.

No que diz respeito à minha filha Chérie, a visão dela deteriorou-se bastante depois de um ataque de sarampo. Percebemos isso pela primeira vez quando a professora de piano nos disse que ela não conseguia ler a partitura. Foi vista por um especialista em olhos, que tentou corrigir a visão debilitada prescrevendo-lhe óculos, mas, mesmo assim, a sua visão continuava fraca... O especialista disse que não havia mais nada que pudesse ser feito por ela.

Levei Chérie para ver o Dr. Lang. Ele tratou dos seus olhos e o resultado foi que a visão dela melhorou imensamente. Agora já não tem dificuldades e, de facto, passou no exame de condução. Antes de consultar o Dr. Lang, a sua visão não teria sido suficientemente boa para isso. Antes, tinha de usar óculos regularmente, mas agora pode tirá-los quando quiser e consegue ver perfeitamente sem eles. Chérie é atriz, e esta melhoria foi bastante importante para ela, especialmente quando aparece na televisão. Na verdade, quando interpreta um papel que exige uma rapariga com visão normal, pode desempenhá-lo sem problemas.

Não somos aquilo a que se poderia chamar de "espiritualistas convictos", mas passámos a ter um grande interesse no assunto desde que conhecemos o Dr. Lang. Ele faz um excelente trabalho neste mundo, e gostaria apenas que muito mais membros da profissão médica

trabalhassem com ele. Ao fazê-lo, ajudariam-no a ajudar pessoas que, de outra forma, poderiam estar condenadas a morrer antes do tempo ou a viver na miséria e na dor.

CAPÍTULO VINTE E UM
DRAMA NA A-41

O sábado, 6 de setembro de 1958, começou como qualquer outro dia de trabalho para George Chapman. Saiu de casa de manhã, como de costume, para conduzir de Aylesbury a Birmingham, permitindo ao Sr. Lang cumprir os seus compromissos com os pacientes no Centro de Cura. Foi uma viagem sem incidentes—George Chapman conhecia bem a estrada e conduzia à velocidade habitual para chegar à cidade das Midlands a tempo.

E, como na maioria das vezes, havia tantos pacientes no Centro que já era bastante tarde quando o último visitante saiu e George Chapman pôde voltar a ser ele próprio.

George teve de passar a noite em Birmingham, pois estavam marcadas consultas para alguns pacientes na manhã de domingo, na Igreja Espiritualista de Brownhills.

A viagem de regresso a Aylesbury, no início da tarde de domingo, foi mais uma dessas rotineiras. Chapman, viajando a cerca de 85 m.p.h. nos trechos retos da A-41, rapidamente deixou Solihull, Warwick e Banbury para trás. Se as condições se mantivessem favoráveis, esperava percorrer os próximos doze milhas até Bicester em menos de dez minutos e chegar a casa dentro de meia hora. Estava a cerca de quatro milhas a noroeste de Bicester quando aconteceu.

O pneu dianteiro esquerdo rebentou enquanto o ponteiro do velocímetro subia para os noventa. O carro perdeu o controlo e começou a capotar repetidamente. O condutor de um carro que vinha atrás viu tudo. Mais tarde, disse à polícia que o Citröen em alta velocidade deve ter dado pelo menos dez voltas antes de parar. A sua esposa confirmou a contagem.

Quando perguntei a George Chapman o que pensou e fez no momento do acidente, ele respondeu:

"Quando o carro ficou descontrolado e começou a capotar, pensei: *Tenho de sair rapidamente.* O meu depósito estava quase cheio de gasolina e temi que pudesse explodir e envolver o carro em chamas. Quase ao mesmo tempo, vi-me deitado no banco traseiro como se estivesse a dormir, e ocorreu-me o pensamento de que o meu corpo espiritual estava, na verdade, a examinar o meu corpo físico."

"Depois vi-me, de repente, de pé fora do carro, olhando para os destroços. Naquele momento, não sabia se existia no meu corpo físico ou espiritual. Cheguei mesmo a perguntar-me se aqueles que falavam comigo eram desencarnados, mas a sensação de que ainda estava na Terra foi-se impondo gradualmente."

O automobilista que testemunhou o acidente disse que, quase imediatamente após o carro parar de capotar, ele e a esposa viram o condutor de pé ao lado do carro, olhando para ele enquanto repousava de cabeça para baixo.

"Como conseguiu sair?" perguntei a Chapman.

"Não tenho qualquer lembrança de sair do carro," respondeu ele. "No meu estado de confusão, assumi que devia ter rastejado pelo para-brisas partido, mas isso não podia ter acontecido, pois estava intacto, tal como as restantes janelas."

"Talvez tenha conseguido sair pela sua janela do lado do condutor, que estava aberta?"

"Estava aberta, mas apenas cinco polegadas," disse ele. (O relatório da polícia confirma isso.) "Mesmo assim, não sei como saí, apenas sei que me encontrei cá fora sem ferimentos graves," continuou. "A única lesão que tive foi um corte na cabeça."

"E as portas?" insisti, tentando obter uma explicação para a sua fuga. "Não poderia ter aberto uma porta e...?"

"Isso também não é possível," respondeu Chapman. "Nem o condutor atrás de mim, nem a polícia ou o perito da seguradora conseguiram explicar como foi possível sair do carro. Nenhuma janela estava partida, mas não podiam ser abertas, e quando a patrulha da polícia chegou ao local, verificaram que todas as portas ainda estavam trancadas por dentro! Não poderia ter aberto uma porta e saído por ela, e as janelas também estavam emperradas."

O carro estava tão danificado que a seguradora considerou-o perda total. No entanto, nem o para-brisas nem nenhuma das janelas estavam quebrados ou sequer rachados!

O incidente foi investigado pela polícia de Bicester (Oxfordshire Constabulary), e os factos registados pelos agentes que analisaram o acidente confirmaram cada palavra de George Chapman. O relatório da polícia indicava:

Portas trancadas por dentro. Portas e janelas imóveis devido aos danos. Para-brisas e janelas intactos e fechados, exceto a janela dianteira do lado do condutor, que estava aberta cinco polegadas. O condutor não consegue explicar como saiu do carro destruído.

"Como acha que saiu?" insisti.

"Bem, realmente não sei. Só posso dizer que sinto que, embora este incidente seja um bom exemplo de projeção involuntária do espírito, também vai muito além disso e mostra que, em circunstâncias de extrema gravidade, o poder espiritual pode aparentemente superar as leis físicas. Poder-se-ia talvez chamar a isto uma materialização ao contrário ou algo assim."

Outro detalhe inexplicável precisa de ser mencionado.

"No dia seguinte, na companhia de um ex-superintendente da polícia, visitei o local do acidente," recordou Chapman. "Ambos examinámos cuidadosamente o veículo destruído e depois a superfície da estrada. Ficámos surpreendidos ao descobrir que não havia sinais de um acidente—nem sequer uma marca de pneu podia ser vista."

Talvez deva acrescentar que o corte na cabeça que sofreu no acidente desapareceu completamente após um dia inteiro de cura em transe, na segunda-feira, 8 de setembro de 1958. O Sr. Lang cuidou do seu médium tão perfeitamente que, ao sair do transe, não restava o menor sinal da ferida sangrenta que trazia naquela manhã.

CAPÍTULO VINTE E DOIS
O FIM DE VINTE ANOS DE SOFRIMENTO

Patrick P. Calder, de Ballinger, sofreu durante vinte anos de espondilite. No entanto, apesar de estar sob constante acompanhamento médico e de ter sido submetido a todos os tratamentos disponíveis, não encontrou alívio para a sua doença.

"Sofri de espondilite desde 1942 até 1961," disse-me o Sr. Calder em dezembro de 1964. "Durante esses anos, fui tratado no hospital em 1944, enquanto estava em Itália com as Forças Armadas, e novamente em 1948, quando estava na Escócia. Mais tarde, quando vim para o sul, recebi tratamento regular no Hospital Lambeth, em Londres. O especialista ortopédico era o Dr. Robb, e ele fez tudo o que pôde para me ajudar. Recebia radioterapia em intervalos regulares, mas não surtiu efeito.

"Passaram-se dez anos e eu estava pior. Os médicos não podiam fazer mais do que já estavam a fazer e deixaram claro que se tratava de um daqueles casos em que o paciente tem de aceitar o facto de que nenhum outro tratamento era possível.

"O meu estado de saúde deteriorou-se tão alarmantemente em 1958 que fiquei verdadeiramente desesperado, mas, felizmente para mim, alguém me falou sobre a cura espiritual, e em particular sobre o médico espiritual William Lang, que trabalhava através da mediunidade do Sr. George Chapman, em Aylesbury. Disseram-me que o Dr. Lang tinha curado muitas pessoas que os médicos e hospitais consideravam incuráveis, e aconselharam-me a descobrir se também poderia ser ajudado. Não tinha nada a perder—ao longo da minha doença, o único alívio que tive foram comprimidos de codeína—por isso, decidi experimentar o Sr. Chapman e o seu médico espiritual.

"Conheci o Dr. Lang a 27 de outubro de 1958. Embora estivesse um pouco nervoso—e naturalmente também algo cético—o médico espiritual idoso, com a sua abordagem gentil e o seu modo tranquilizador, pôs-me logo à vontade. Tivemos uma pequena conversa e depois pediu-me que me deitasse na marquesa de tratamento."

Enquanto me examinava, falámos sobre o tratamento de radioterapia que eu tinha recebido no Hospital Lambeth; ele disse-me que não aprovava, pois secava o fluido natural das articulações e deixava-as sem qualquer lubrificação natural. Disse-me que operaria o meu corpo espiritual e estava certo de que poderia curar a minha doença, desde que eu estivesse disposto a submeter-me ao tratamento em intervalos regulares durante um período considerável de tempo. Eu estava disposto a fazer qualquer coisa que me ajudasse a livrar-me da espondilite que me estava a incapacitar.

Foi uma experiência estranha. Embora ele não usasse instrumentos visíveis, eu sentia as injeções quando a agulha espiritual era inserida na minha coluna. Era uma sensação difícil de descrever, porque ao levantar-me da marquesa sentia-me como se estivesse embriagado de felicidade.

O Dr. Lang pediu-me para voltar a vê-lo dentro de seis meses para mais tratamento de contacto e pediu-me, entretanto, que informasse regularmente o Sr. Chapman sobre o meu estado de saúde, para que o contacto pudesse ser mantido e eu continuasse a receber tratamento espiritual durante o sono. Fiz isso e comecei a melhorar lenta, mas seguramente.

Vi o Dr. Lang a cada seis meses—em abril e outubro de cada ano—e em cada visita ele realizou operações adicionais. Após seis visitas—a última foi

em abril de 1961— as minhas costas estavam completamente curadas e nunca mais senti a menor dor. Sou empreiteiro de jardinagem e realizo um trabalho diário árduo e pesado. Sem o Dr. Lang, certamente não teria sido capaz de fazer o que faço.

Além de libertar o Sr. Calder da espondilite, o Dr. Lang também tratou de um quisto no seu pulso direito através de uma operação no seu corpo espiritual. Este quisto incomodava tanto o Sr. Calder que ele já planeava consultar um médico a respeito. No entanto, o Dr. Lang percebeu a sua existência e tratou do problema da sua maneira habitual e indolor.

O Sr. Calder recorda o momento:

"O quisto no meu pulso direito tinha aproximadamente o tamanho de um ovo de pombo, era muito doloroso, e o Dr. Lang livrou-me dele sem alarde ou complicações.

Poucos dias depois de ele ter realizado a operação espiritual, apareceu uma pequena cicatriz vermelha no pulso. Com o passar dos dias, desapareceu, e então percebi que algo estranho estava a acontecer no topo do inchaço. A pele parecia estar a morrer e a ressequir, e depois começou a formar-se uma pequena bolha entre as camadas da pele.

Então, um dia, quando a minha esposa e eu estávamos no carro, ela perguntou-me repentinamente o que era aquilo no meu pulso. Do topo do inchaço estava a sair uma substância gelatinosa e transparente. Com a ajuda da minha esposa, pressionei o inchaço até que todo o fluido fosse expelido. Não doeu nada e, depois disso, o quisto desapareceu.

Tudo o que me resta é uma pequena cicatriz vermelha, do tamanho de uma moeda de seis pence. Na verdade, tenho orgulho nela e mostro-a sempre que tenho oportunidade."

CAPÍTULO VINTE E TRÊS
O OCULISTA CÉTICO

Dez anos atrás, a Sra. Joan D. Harris, M.A. (Oxon), de Maidenhead, teve de encarar o desagradável facto de que teria de usar uma cinta de aço. A razão para isso remontava a muitos anos, a uma época em que uma lesão grave lhe causou o esmagamento de um disco na coluna. A lesão nas costas foi eventualmente tratada, mas, como a Sra. Harris me contou em novembro de 1964, houve um outro efeito colateral preocupante.

"A minha visão foi afetada," disse ela. "Sempre que pegava num livro, conseguia ler apenas uma página e depois tudo ficava terrivelmente

desfocado. Eu não era muito velha, e ser incapaz de ler foi um golpe terrível.

Fui ver o oftalmologista que cuidava de mim há anos, mas quando ele examinou os meus olhos, especialmente o esquerdo, que era o problemático, perguntou-me se eu costumava fazer muito trabalho minucioso. Disse-lhe que tinha um diploma em matemática, o que implicava fazer muitos desenhos detalhados, e que também tinha feito bastante bordado.

Ele disse: "Bem, não há hipótese de voltar a fazer esse tipo de trabalho, terá de o abandonar, porque não consigo corrigir os seus olhos. Não posso fazer nada por si. Terá de se contentar em ler um pouco de cada vez e, quando a visão ficar desfocada, pousar o livro, olhar em volta da sala e fazer uma pausa antes de retomar a leitura. Mas não leia demasiado."

Consolou-me dizendo que não achava que a minha visão piorasse e disse que me prescreveria uns óculos para visão à distância e para leitura. A ideia, creio eu, era que ajudassem um pouco, mas que não poderia esperar uma mudança radical para melhor. E ficou por aí.

Então, felizmente para mim, um amigo deu-me um exemplar do *Psychic News* que continha um artigo sobre o Dr. Lang, onde se revelava que ele fora, em tempos, um médico do Hospital Moorfields. Cheguei à conclusão de que deveria vê-lo. Percebi que não havia nada que qualquer especialista em olhos pudesse fazer por mim, e não tinha nada a perder ao procurar ajuda noutro lado.

A minha consulta com o Dr. Lang foi marcada para o início da tarde de 17 de junho de 1959.

Quando cheguei à casa do Sr. Chapman e fui recebida pela esposa dele, pensei no ambiente maravilhoso que havia na casa e em como a Sra. Chapman era encantadora. Então, o Sr. Chapman entrou e percebi que gostava imensamente dele. Era um homem genuíno, muito interessado na cura, e muito gentil.

Ao conhecer certas pessoas, pode-se ter reservas imediatas, até arrependimento, mas com o Sr. Chapman aconteceu exatamente o oposto. Confiei nele de imediato e pensei: *Tudo vai correr bem.*"

Depois de conversarmos um pouco sobre assuntos triviais, fomos para a sala de consultas do Dr. Lang, onde ele se sentou numa cadeira, um homem de meia-idade muito saudável, vigoroso e ereto. E, enquanto estava ali sentado com os olhos fechados, vi-o mudar—ele encolheu-se até se

transformar num homem idoso de uma maneira verdadeiramente extraordinária!

Quando se levantou um ou dois minutos depois e me cumprimentou com um "Boa tarde, Sra. Harris," a sua voz era completamente diferente. Na voz do Dr. Lang não há a menor semelhança com a de Mr. Chapman, nenhuma mesmo. A voz do Dr. Lang é culta, muito velha e um tanto cansada. A escolha das palavras e o seu modo de falar eram marcantes. Enquanto o ouvia, ocorreu-me como falamos mais rapidamente nos dias de hoje.

Aquela tarde foi, talvez, uma das mais espantosas de toda a minha vida. Fiquei surpreendida quando o Dr. Lang me disse: "Veio por causa dos seus olhos, não foi?" Quando confirmei, ele tranquilizou-me, dizendo: "Oh, vamos tratar disso." Não tinha mencionado na minha carta ao Sr. Chapman a razão pela qual pedia a consulta, e quando conversámos antes de ele entrar em transe, não falámos sobre a minha dificuldade.

Quando o Dr. Lang me disse: "Há mais uma coisa, sabe, que também precisa de ser tratada," olhei para ele com uma interrogação no olhar e pensei imediatamente nas minhas costas. Mas logo afastei esse pensamento, pois tudo o que poderia ter sido feito já tinha sido feito.

"Sabe," disse ele, "parece que está com excesso de peso. De certa forma, está, mas grande parte do que vê não é gordura, é inchaço." Respondi: "Sim, sei que sou um pouco roliça, mas não tinha percebido que estava inchada, como diz." Ele disse: "O seu peso não me preocupa tanto quanto esse inchaço. Isso tem de ser corrigido. É muito prejudicial para si."

Olhei para ele com surpresa, e ele continuou: "Vou dar-lhe uma dieta que a ajudará, mas deve segui-la sob a minha orientação e por não mais do que um mês. Não deve passá-la a ninguém nem voltar a utilizá-la, a menos que eu lhe diga para o fazer."

Depois disse: "Vamos agora tratar do seu olho. Não precisa de se preocupar, será indolor e tudo o que tem de fazer é deitar-se quieta, relaxar e manter os olhos fechados—não os abra." Normalmente, não me é fácil seguir esse tipo de conselho, porque sou muito nervosa. Sei disso. No entanto, ao deitar-me na marquesa de tratamento, senti-me relaxada de uma maneira absolutamente extraordinária, quase como se tivesse sido ajudada por alguém, semelhante à sensação que se tem quando se recebe uma anestesia antes de uma cirurgia.

Não abri os olhos, mas penso que ele deve ter percebido, pela minha expressão, que eu me perguntava o que ele estava a fazer. Disse-me: "Oh, Basil é o meu filho e está a ajudar-me. Ele sabe o que quero dizer quando estalo os dedos."

A operação foi completamente indolor, mas senti algo frio, como metal, acima e abaixo do olho. Tudo foi muito rápido.

Quando me disse que estava tudo terminado, o Dr. Lang acrescentou: "Aguarde um momento, mantenha os olhos fechados e descanse." E, enquanto permanecia deitada na marquesa, ele continuou a operar. Explicou-me que deveria esperar um mês antes de voltar a ver o oftalmologista e aconselhou-me a fazer exames anuais aos olhos. Até então, via o especialista a cada dois anos, mas aceitei de bom grado o conselho.

Antes de sair, o Dr. Lang disse-me que lamentava não poder deixar a minha visão suficientemente boa para dispensar completamente os óculos, mas isso já não me preocupa, porque consigo ver bem com essa ajuda. Disse: "Não terá mais problemas com os seus olhos. Verá com clareza e nunca mais será incomodada por visão distorcida. Nem agora, nem no resto da sua vida."

Perguntou-me se, por acaso, tinha papel e lápis ou uma caneta comigo, pois queria que eu escrevesse um recado para o meu oftalmologista. Por sorte, tinha. Mas perguntei-lhe se queria mesmo que eu passasse a mensagem ao médico. Afinal, parecia algo um pouco estranho, não parecia?

"Sim, quero que lhe diga o que fiz," disse o Dr. Lang, e começou a soletrar para mim a palavra "quimose". "Significa," explicou, "que o fluido aquoso não está claro. É por isso que, quando tenta ler, tudo parece estar debaixo de água." Nunca tinha ouvido falar em "quimose" ou "líquido aquoso"! O Dr. Lang continuou a soletrar as palavras "occipito-frontal", explicando: "Isso significa que o músculo desceu e, por isso, há pressão sobre a retina; estas duas condições combinadas tornavam difícil para si ver, mas agora já corrigi tudo. Quero que transmita esses detalhes ao seu oftalmologista." Prometi que o faria.

Quando voltei para casa, em Maidenhead, no final da tarde, sentia-me cansada e sem vontade de fazer nada. Decidi que não tentaria ler e que, dado que tinha sido operada, daria um descanso aos meus olhos. Mas, na manhã seguinte, quando peguei no jornal à mesa do pequeno-almoço, percebi que conseguia ler as letras pequenas facilmente, sem que ficassem desfocadas.

Foi então que me dei conta de repente. "Meu Deus, não precisei de levantar os olhos nem piscar uma única vez!" Sabe do que estou a falar, não sabe? Isso significava que a minha visão estava normal. E, desde aquela tarde de 17 de junho de 1959, quando o Dr. Lang realizou a sua

operação espiritual no meu olho esquerdo, nunca mais tive o menor problema.

Segui à risca as instruções do Dr. Lang em relação à dieta. O regime foi severo, para dizer o mínimo, e normalmente teria tido muitas dificuldades em segui-lo. Mas, por alguma razão desconhecida, consegui fazê-lo sem esforço, e o inchaço desapareceu completamente ao longo daquele mês. E desapareceu para sempre, como se se tivesse esvaziado um balão. Nunca mais voltou e, como resultado, sinto-me muito melhor.

Fui ao oftalmologista um mês depois de ter visto o Dr. Lang. Ele examinou o meu olho esquerdo e confirmou que o impossível tinha acontecido—o meu olho estava completamente curado. Contei-lhe sobre o Dr. Lang e li-lhe a mensagem que me fora ditada. Ele olhou para mim com as sobrancelhas erguidas e disse: "Bem, claro que já não vê turvo." Respondi: "Não, não vejo." Mas ele não teve mais nada a dizer, nem naquela altura, nem nas consultas seguintes, quando o voltei a ver todos os anos.

Pensei muitas vezes que foi uma pena ele não ter respondido de alguma forma, pois sentia que o Dr. Lang gostaria de tê-lo envolvido.

Quatro anos se passaram, e durante esse tempo recebi cura à distância do Dr. Lang. Sofri de artrite, especialmente nas mãos e no joelho, e também de asma e febre dos fenos. Senti um alívio considerável com a cura à distância, mas, no ano passado, fiquei com uma bronquite grave, asma, febre dos fenos, sinusite, catarro, tudo—estava completamente congestionada. Decidi ver o Dr. Lang novamente e marquei uma consulta para 12 de junho de 1963. Mais uma vez, não especifiquei o que tinha, apenas escrevi que queria vê-lo.

Quando entrei na sala de consultas, o Dr. Lang disse: "Boa tarde, Sra. Harris, fico feliz por vê-la novamente." Quase imediatamente acrescentou: "Sabe, está cheia de catarro, tanto na cabeça como no peito." Fiquei perplexa, só consegui dizer: "Foi exatamente por isso que vim vê-lo."

O Dr. Lang pediu-me então que me deitasse na marquesa e começou a trabalhar no meu pulmão esquerdo, que é sempre o primeiro a encher-se. Senti como aquela sensação de bloqueio simplesmente desapareceu. Ele estalou os dedos e pediu a Basil uma injeção—gostaria de lembrar o nome que lhe deu—e quase pude sentir a pressão da injeção. "Isto vai aliviá-la bastante," disse-me, e tinha razão.

Até então, eu tinha de respirar pela boca e sentia uma pressão como se tivesse uma faixa apertada sobre as sobrancelhas devido ao inchaço dos seios nasais, mas ele aliviou tudo isso. Foi incrível a rapidez com que me trouxe alívio.

Após a operação espiritual e o tratamento, o Dr. Lang explicou-me que não podia curar a asma e a febre dos fenos nem impedir que essas doenças surgissem. O máximo que podia fazer era mantê-las sob controlo, continuando a dar-me cura à distância. Este tratamento tem sido mantido e, sem dúvida, ajuda-me.

Não voltei a ver o Dr. Lang desde junho de 1963, pois a cura à distância tem mantido a minha artrite, a asma e a febre dos fenos sob controlo. No entanto, no que diz respeito ao meu olho e ao inchaço, nunca mais tive qualquer problema desde que ele realizou as suas operações espirituais naquela tarde memorável de junho de 1959.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO
A RECUPERAÇÃO DE UM EX-DEPUTADO CONSERVADOR

O caso do Sr. Norman Bower, M.A.—advogado não praticante e ex-deputado conservador pelo círculo de Harrow West—é notável porque ele sofria de problemas no fígado e de cólon espástico há quase trinta e cinco anos. Foi o seu estado de saúde que o forçou a abandonar a carreira no Parlamento. Quando mais precisava de ajuda, ouviu falar do Sr. Lang e decidiu ir a Aylesbury. O Sr. Lang realizou uma operação indolor no seu corpo espiritual e, como resultado disso e do tratamento subsequente, o Sr. Bower ficou completamente curado da sua doença em menos de dez meses.

George Chapman mencionou-me o caso do Sr. Bower no verão de 1964 e disse-me que este ex-paciente poderia estar disposto a fornecer-me todos os detalhes sobre a sua experiência. Contactei o Sr. Bower e, alguns dias depois, fui convidado ao seu apartamento em Mayfair, Londres. A primeira impressão ao conhecê-lo foi a de um homem altamente culto, de mente perspicaz e com um pensamento racional.

Norman Bower nasceu em 1907, em Hampstead, filho de um empresário próspero. Foi educado em Rugby e Oxford.

"Desde cerca dos vinte anos sofri do fígado," contou-me. "Para ser honesto, não sabia exatamente o que se passava comigo até encontrar um médico no sul de França, numa ocasião em que estava a visitar a minha mãe. Ela costumava passar os invernos lá. Bem, eu estava a conversar com esse médico, a explicar-lhe como me sentia, e ele disse-me que o meu fígado estava aumentado e que devia seguir uma dieta. Não deveria comer

nada frito, evitar todo o álcool exceto clarete e deixar de lado ovos, doces, chocolate, etc.

"Tenho de admitir que, enquanto segui essa dieta, senti-me muito bem, mas, sempre que me desviava dela, adoecia novamente. Claro que, nessa idade, tende-se a esquecer os conselhos médicos. Infelizmente, foi o que fiz, e, passado um ano, já não cumpria nada do que me tinha sido dito. Mas paguei caro pela minha estupidez. Voltei a ter crises muito desagradáveis."

O Sr. Bower estudou Direito e, embora tenha obtido a sua qualificação como advogado, nunca exerceu a profissão, optando, em vez disso, por entrar no mundo dos negócios. O seu interesse pela política surgiu desde os tempos de Rugby e Oxford. Era um tema que estava sempre presente na sua mente.

"Mas conseguir uma oportunidade na política não é fácil. Leva tempo, especialmente se não se tem influência, e eu não tinha nenhuma. O meu pai não tinha ligações políticas e não se interessava por assuntos partidários. Bom, fiz as coisas da única forma que sabia.

"Em Oxford, participei com entusiasmo nas atividades políticas, fiz vários discursos na União e noutros encontros. Quando terminei os estudos, fui ao escritório central do Partido Conservador, em Londres. Nessa altura, já tinha decidido que era esse o partido ao qual queria pertencer. Inscrevi o meu nome na lista de candidatos. Eventualmente, fui colocado numa lista curta, e nem sei quantas vezes tentei ser selecionado. Percorri o país inteiro, tentando vários círculos eleitorais, e fui rejeitado vezes sem conta.

"Finalmente, tive a oportunidade de concorrer num círculo praticamente impossível nas eleições gerais de 1931. Fui derrotado, e novamente em 1935, em circunstâncias semelhantes. Mas não me saí tão mal assim."

Quando a Segunda Guerra Mundial começou, as campanhas políticas foram interrompidas. A guerra também forçou o encerramento do negócio bem-sucedido do Sr. Bower, e ele alistou-se no exército.

"Praticamente coloquei a política de lado naquela altura," continuou o Sr. Bower. "Mas, por um golpe de sorte extraordinário, houve uma eleição suplementar em Harrow durante a guerra, e a minha candidatura foi aceite. A minha sorte política tinha mudado. Eu já tinha experiência e, tendo concorrido anteriormente, possuía bastante conhecimento político, o que lhes agradou. Além disso, tinha a idade certa—trinta e quatro anos. Gostaram da ideia de ter alguém vindo do exército. Assim, tornei-me deputado."

As atividades do Sr. Bower como deputado conservador por Harrow West pareciam indicar um futuro político promissor. Ele não só era apreciado e respeitado pelos colegas no Parlamento, como também se tornou relativamente próximo de Winston Churchill. No entanto, a sua ascensão foi abruptamente interrompida.

"O que finalmente me forçou a abandonar a política foi o cólon espástico," recordou com pesar. "Esta condição desagradável e grave afetou tanto a minha saúde que tanto o meu médico como o especialista me avisaram que não iria recuperar se continuasse a levar uma vida tão intensa. O especialista alertou-me de que a minha doença era agravada por um estado nervoso e que seria essencial levar uma vida mais tranquila para evitar problemas ainda mais sérios. Assim, não tive outra alternativa senão renunciar ao meu assento no Parlamento."

Nem os antibióticos nem qualquer outro tratamento melhoraram a saúde de Norman Bower e, no final de 1961, começou a sofrer de um tipo angustiante de distensão após as refeições. Temendo que pudesse ser um tumor ou outra condição grave, consultou o seu médico, que lhe disse que só poderia fazer um diagnóstico após uma radiografia. Antes disso, decidiu tentar um tratamento com comprimidos, mas estes não tiveram qualquer efeito.

O Sr. Bower encarava o exame com apreensão. Já tinha tido experiências anteriores com bário—o pó de sulfato que os pacientes devem ingerir antes de um raio-X interno.

"É uma substância terrível," recordou o Sr. Bower. "E tinha medo de que me fizesse sentir dez vezes pior. Estava aterrorizado.

"Felizmente, a Srta. Yeatman, do *College of Psychic Science*, falou-me sobre o Dr. Lang e o Sr. Chapman, e decidi que queria ir vê-lo. Sentia-me bastante desesperado e tinha grandes esperanças de que a cura espiritual pudesse ajudar-me."

A 20 de fevereiro de 1962, o Sr. Bower escreveu a George Chapman, pedindo uma consulta com o Dr. Lang. Foi particularmente cuidadoso em não revelar qualquer detalhe sobre a sua condição e limitou-se a dizer: "Sinto-me muito doente. O meu médico sugere um exame que gostaria de evitar. Dado o meu estado grave, ficaria muito grato se pudesse ser marcada uma consulta o mais cedo possível."

George Chapman marcou a consulta para 27 de fevereiro. Foi assim que o Sr. Bower descreveu a sua visita a Aylesbury:

Quando entrei na sala de consultas, não estava preparado para o que encontrei. Esperava ver primeiro o Sr. Chapman e fiquei surpreso ao perceber que ele já estava em transe. Achei isso muito estranho. Já tinha visto a sua fotografia e ele não se parecia em nada com ela. Sabia que o Sr. Chapman tinha cerca de quarenta anos, mas o cavalheiro à minha frente era, sem dúvida, um homem idoso.

Só então me apercebi de que estava a conhecer o Dr. Lang. Ele cumprimentou-me e apresentou-se. Falou-me sobre o Hospital Middlesex e Moorfields, e expressava-se da forma que eu imaginava que um médico da época vitoriana ou eduardiana falaria. Fiquei espantado.

Reparei que os seus olhos estavam fechados, o que me pareceu peculiar. No entanto, conseguia deslocar-se pela sala sem qualquer dificuldade e evitava facilmente os obstáculos. Perguntou-me a minha idade e, quando lhe disse, comentou que eu aparentava ser mais jovem.

Falou-me sobre ele próprio e sobre o seu filho Basil, que também tinha sido cirurgião. Disse que Basil agora o ajudava nas suas operações espirituais. Depois começou a examinar os meus óculos e comentou: "Meu Deus, como os fazem grandes hoje em dia." Imagino que, no seu tempo, os óculos fossem ou sem aro ou tivessem armações finas de prata ou ouro.

Passou as mãos sobre os meus olhos—gentilmente, sem realmente tocar—e disse-me imediatamente que o líquido na parte posterior dos meus olhos tinha ficado alterado anos antes, quando levantei de repente um peso muito grande, e que desde então eu via periodicamente pequenas manchas negras a flutuar no meu campo de visão. Elas não prejudicavam realmente a minha visão. Eu sabia disso, claro. Mas como é que ele sabia? Não creio que pudesse ter sido telepatia, porque nada disso me passava pela cabeça. Eu tinha vindo procurar ajuda por outra razão e, certamente, não estava preocupado com os meus olhos.

Depois passou as mãos por todo o meu corpo, completamente vestido, e quase de imediato começou a falar-me sobre a minha doença. Mencionou os vários sintomas que eu tinha e explicou como afetavam cada órgão. Estes sintomas eram-me familiares, naturalmente, e perguntei-me se ele poderia tê-los descoberto através da telepatia. Mas houve um detalhe que me convenceu definitivamente de que não era telepatia. Ele mencionou os termos "divertículo intestinal" e "diverticulose", que fez questão de soletrar para mim. Posso jurar que nunca os tinha ouvido antes e, consequentemente, não poderiam estar na minha mente. Mais tarde, perguntei a um médico se conhecia esses termos, e ele confirmou que sim.

Disse ao Dr. Lang que o meu médico queria que eu fizesse um exame que eu desejava evitar, e ele respondeu: "Bem, os raios-X não teriam mostrado nada, porque o que está a sofrer não se revelaria dessa forma. Provavelmente, depois disso, quereriam realizar uma operação exploratória. Foi melhor que não a tenha feito."

Aceitei tudo o que ele disse como razoável.

O Dr. Lang disse-me então que, no passado, eu tinha tido um fígado aumentado e que isso agora estava a causar inflamação. Disse que realizaria uma operação espiritual.

Enquanto estava deitado na marquesa, ele disse-me: "Tenho aqui o meu filho Basil, que me vai ajudar," e depois chamou por vários instrumentos. Sempre que usava um, estalava os dedos. Imaginei que, ao fazer isso, estivesse a utilizá-lo de uma forma específica, mas não senti nada—absolutamente nada. Passados cerca de cinco minutos, fez o gesto de costurar.

Depois disse-me que estava tudo terminado e pediu-me para me sentar novamente na cadeira. Explicou-me que continuaria a dar-me cura à distância, mas disse que sentia que a minha condição só melhoraria gradualmente. "Acho que ficará completamente bem," disse ele. "Não será uma cura instantânea, mas estou confiante de que está no caminho certo e que verá uma melhoria constante."

Instruiu-me sobre a dieta que deveria seguir, e o regime que recomendou era muito semelhante ao que o médico francês me tinha sugerido anos antes. Pediu-me para escrever uma vez por mês para relatar o meu estado de saúde.

Ao sair da consulta do Dr. Lang, ou do Sr. Chapman, senti que não deveria ser hostil ou cético, mas simplesmente aceitar o que acontecera e aguardar os resultados. Se estes fossem positivos, teria uma prova do poder único da cura espiritual. Devo dizer, no entanto, que estava muito esperançoso quanto aos resultados e, de certa forma, grato por—qualquer que fosse a explicação deste fenómeno—ter tido uma oportunidade de recuperação.

Quanto mais pensava na minha visita a Aylesbury—e refletia sobre a possibilidade de o Dr. Lang ser apenas uma personalidade secundária do Sr. Chapman—mais forte se tornava a minha convicção de que tinha, de facto, conhecido o velho médico. Teria gostado que ele fosse o meu médico. Era muito direto e bondoso, e possuía um grande conhecimento e experiência médica.

Fui para casa e, nessa mesma noite, após o jantar, senti uma ligeira melhoria. Conseguia sentir que o problema estava a resolver-se de alguma forma, sob a forma de gases, que fui capaz de libertar. A distensão começou a diminuir. Era menos dolorosa do que tinha sido nos últimos meses.

O Sr. Lang continuou a dar-me cura à distância e, quatro meses depois da minha visita a Aylesbury, a 25 de junho, pude escrever a seguinte carta:

"Tenho o prazer de informar uma melhoria muito significativa na minha condição durante o último mês. Desde então, tenho estado praticamente a cem por cento normal—melhor do que em qualquer momento desde que o problema começou em outubro passado. Sinto que, desde que continue a ter cuidado com a minha dieta, o que é claramente muito importante, a minha recuperação está agora tão bem estabelecida que não será necessário mais tratamento à distância."

Cumprindo o desejo do Sr. Bower, a cura à distância foi interrompida, mas o resultado foi a seguinte carta, que ele escreveu a George Chapman no mês seguinte:

**"Acho que talvez o tratamento à distância tenha sido interrompido prematuramente, antes que a minha recuperação estivesse completamente consolidada, pois não me tenho sentido tão bem este mês. Tenho voltado a ter ataques intermitentes de inflamação intestinal, causando alguma dor e distensão, embora não sejam tão graves como eram quando visitei o Dr. Lang em fevereiro.

Acha que retomar o tratamento à distância por mais um ou dois meses poderá ser benéfico, ou uma recuperação completa e absoluta deste tipo de condição é demasiado para esperar? Ficaria extremamente grato se fosse possível obter a opinião do Dr. Lang sobre este ponto."**

A opinião de William Lang foi: "Esta condição pode ser curada completamente," e recomendou que a cura à distância fosse retomada.

A próxima carta do Sr. Bower a George Chapman, escrita a 26 de agosto de 1962, dizia:

"Tenho o prazer de dizer que me tenho sentido consideravelmente melhor no último mês. Na maior parte do tempo sinto-me perfeitamente bem, embora ainda tenha alguns pequenos contratempos se houver alguma irregularidade no funcionamento dos intestinos, o que por vezes é difícil de evitar. No entanto, esses episódios são quase sempre passageiros, e os sintomas são muito menos severos do que costumavam ser.

Acredito que talvez mais um mês de cura à distância me leve ao ponto em que esta possa ser descontinuada permanentemente sem que eu sofra mais nenhum retrocesso significativo. Estou verdadeiramente grato pela grande melhoria que ocorreu no meu estado desde que visitei o Dr. Lang, quando estava quase em desespero."

Um mês depois, a 23 de setembro, o Sr. Bower escreveu novamente a George Chapman:

"Tenho o prazer de informar que houve mais uma grande melhoria na minha saúde no último mês. Desde o dia em que lhe escrevi pela última vez, os meus intestinos têm funcionado com muito mais facilidade e regularidade do que há muitos anos, o que me permitiu evitar até os mais suaves laxantes e, consequentemente, não tenho tido mais distensão ou qualquer outro desconforto intestinal."

Na verdade, pareço estar completamente normal outra vez agora. Deixe-me repetir o quão grato estou por tudo o que o Dr. Lang conseguiu fazer por mim, desde o momento do seu notável diagnóstico até aos verdadeiramente maravilhosos efeitos da cura à distância. Parece que chegou o momento de interromper a cura, mas prefiro deixar esta decisão a seu critério.

O Sr. Lang, aconselhado por George Chapman sobre o relatório do Sr. Bower, decidiu: "A sua doença respondeu maravilhosamente bem, mas gostaria de o acompanhar durante mais três meses." O Sr. Bower, no entanto, não foi informado da decisão do Sr. Lang e acreditava que a cura à distância já não estava a ser administrada. De facto, quando falei com ele cerca de dois anos e meio após a sua visita ao Sr. Lang, ele disse-me:

"Apesar de a cura à distância ter sido interrompida no início do outono de 1962, fiquei completamente bem passados mais três meses. A minha doença desapareceu e nunca mais tive problemas."

O Sr. Bower está genuinamente grato ao Sr. Lang e a George Chapman pela cura completa e sem dor. Diz que, se alguma vez voltar a adoecer, recorrerá imediatamente a George Chapman e ao seu controlo espiritual, William Lang.

CAPÍTULO VINTE E CINCO
UM CIRURGIÃO AQUI E OUTRO ALI

Muitos dos que rejeitam por completo o conceito de cura espiritual fazem-no com base num conhecimento superficial da sua real importância. O preconceito é talvez uma das falhas humanas mais comuns, tanto neste século como nos anteriores, e uma mente aberta é uma virtude rara. Por isso, é refrescante encontrar um exemplo de julgamento claro e isento de

preconceitos numa profissão que tem a sua quota de filisteus e mentes fechadas. Esta história diz respeito a uma enfermeira e a um cirurgião de Harley Street. É verdadeira em todos os detalhes e pode ser verificada.

A enfermeira é a Srta. Evelyn B. Habershon, de Lindfield, Sussex, e o cirurgião é o Sr. Vincent Nesfield, F.R.C.S. Eng. L.R.C.P. Lond.; Major L.M.S. reformado.

Evelyn Habershon nasceu com astigmatismo e um ponto cego no olho esquerdo. A certa altura, pareceu que o seu futuro poderia ser comprometido devido à deficiência visual, mas, com a ajuda de óculos, conseguiu prosseguir os estudos e, eventualmente, qualificar-se como enfermeira. Então, em 1958, a sua visão deteriorou-se alarmantemente. Um conhecido cirurgião oftalmológico disse-lhe: "Tem uma catarata que terá de ser operada a certo momento no futuro." Esta perspetiva demorou quatro anos a concretizar-se, mas, em 1962, a visão de Evelyn Habershon tornou-se tão fraca que ela soube que teria de agir rapidamente.

"Tentei marcar uma consulta com o cirurgião oftalmológico no final de 1962", disse-me, "mas disseram-me que a primeira data disponível seria no início do ano seguinte.

"Já conhecia o nome do Sr. Nesfield como um eminente oftalmologista, então telefonei-lhe e marquei uma consulta para 15 de novembro de 1962. Quando me examinou, confirmou que eu tinha astigmatismo, um ponto cego no olho esquerdo, e acrescentou: 'Tem uma catarata avançada no olho direito e indícios de uma no esquerdo. Uma operação é necessária. Posso fazê-la no final de dezembro. Isso convém-lhe?'

"O Sr. Nesfield deve ter percebido o quanto eu temia a operação, porque, quando o vi novamente em dezembro e ele voltou a examinar-me, disse: 'Não há urgência imediata nisto, sabe. Vou ausentar-me no final de janeiro, por isso, suponho que possamos adiar para março ou abril, quando o tempo estiver mais quente? Avisá-la-ei. Entretanto, não há necessidade de preocupação.' E deixou o assunto por aí. Escusado será dizer que fiquei muito feliz com esta inesperada prorrogação.

"Durante a ausência do Sr. Nesfield, recebi cura espiritual de Mrs. Catherine Sheppard, uma curadora psíquica, no seu santuário. Na primeira semana de abril de 1963, percebi que a catarata tinha começado a separar-se repentinamente e, como não tinha notícias do Sr. Nesfield, escrevi-lhe a perguntar se podia ver-me, pois acreditava que a catarata estava a separar-se. Com razão ou não, tinha a certeza de que isso se devia ao facto de ter recebido cura espiritual. O Sr. Nesfield dissera-me que era uma catarata

avançada. Como enfermeira, sabia algo sobre o assunto e estava certa de que uma catarata não começa a separar-se assim, por si só.

"O Sr. Nesfield marcou uma consulta para mim e, depois de examinar os meus olhos, disse que a catarata estava, de facto, a separar-se. Simplesmente afirmou: 'A melhoria dos seus olhos deve-se à cura divina.' Eu não lhe tinha dito que tinha recebido cura espiritual. E, no entanto, ele fez esta observação sem hesitação.

"Pouco depois, soube através do *Psychic News* do espírito médico William Lang, que tinha sido um notável cirurgião oftalmológico em vida. Senti que ele poderia ajudar-me ainda mais do que Catherine Sheppard, que, naquela altura, estava muito doente. Escrevi ao Sr. Chapman para marcar uma consulta com o Sr. Lang e fui a Aylesbury a 28 de maio de 1963.

"O Sr. Lang diagnosticou imediatamente e com precisão o meu problema apenas tocando levemente nos meus olhos com os dedos. 'Uma operação física não é para si, menina', disse. 'Vou realizar agora uma operação espiritual', e foi o que fez. Pude ouvi-lo a pedir bisturis e outros instrumentos, conversando com alguém a quem chamou Basil. Após a operação, o Sr. Lang perguntou-me se regressaria a Lindfield nesse mesmo dia. Disse-lhe que ficaria hospedada num hotel em Aylesbury, pois temia que a longa viagem de comboio de regresso pudesse ser um esforço demasiado grande para mim e anulasse o que Deus fizera por mim, através do médico. Veja, depois da operação, senti-me desesperadamente cansada. O Sr. Lang ficou muito satisfeito ao ouvir as minhas intenções e disse: 'Deite-se às nove horas, depois de uma refeição ligeira, e irei visitá-la durante o seu estado de sono para ver se algo precisa de ser ajustado.'

"Quando saí da casa do Sr. Chapman, fiquei surpreendida com a extensão da melhoria que a operação espiritual trouxera. Antes, só conseguia deslocar-me de táxi devido à névoa que pairava constantemente diante dos meus olhos. Mas agora conseguia, de repente, ver o que me rodeava. Senti que poderia retomar a minha vida normal, usando uma bengala como antes. Claro que usei o bom senso, tive de ter cuidado com os degraus, mas conseguia ver. Depois disso, até comecei a ir a Londres sozinha.

"Em junho, três semanas após a consulta com o Sr. Lang, fui ver o Sr. Nesfield. Confessei-lhe que tinha sido submetida a uma operação espiritual, e ele pareceu muito interessado. Examinou os meus olhos e disse que encontrava uma melhoria enorme, embora o centro, as lentes, ainda não estivessem claras. Mas repetiu que parte da catarata estava muito melhorada. Ele sabia, claro, que eu não tinha sido submetida a qualquer operação física e repetiu o que dissera dois meses antes: 'A melhoria dos

seus olhos deve-se à cura divina.' Acrescentou ainda: 'Desenvolveu visão adicional no olho esquerdo.'"

Miss Habershon voltou a consultar o Sr. Lang em julho de 1963, altura em que ele realizou mais operações no seu corpo espiritual. Houve uma nova melhoria na visão e, quando consultou novamente o Sr. Nesfield, este confirmou esse facto. Essas visitas alternadas ao médico espiritual e ao eminente especialista de Harley Street continuaram.

"Quando vi o Sr. Lang novamente em julho passado", disse-me a Srta. Habershon em novembro de 1964, "ele disse-me que os meus olhos tinham melhorado de forma notável e que agora precisavam de óculos diferentes. 'Pode pedir ao Sr. Nesfield para lhe receitar óculos para ver ao longe', disse ele, e pediu-me para transmitir uma mensagem ao seu 'colega', de quem tinha tão boa opinião: 'Diga ao Sr. Nesfield, quando lhe der os óculos, para prestar especial atenção ao músculo macabus.' (Como nunca tinha ouvido esse termo antes, nem sabia qual era a sua função, é pouco provável que tenha inventado a mensagem.)

"Agora, imagine-se no meu lugar— uma enfermeira a dar a um eminente cirurgião uma mensagem de um médico espiritual sobre o que fazer! Senti-me muito desconfortável com a situação, mas sabia que tinha de transmitir a mensagem. Quando vi o Sr. Nesfield, disse-lhe, algo hesitante: 'Tenho uma mensagem do médico espiritual William Lang para si. Só posso transmiti-la, Sr. Nesfield.' Ele foi absolutamente maravilhoso, sinceramente. Disse que aqueles que estão no espírito sabem mais do que nós. 'Os cirurgiões não aceitam o facto de que há mais coisas do que o homem compreende— podem sabê-lo, mas não o aceitam', disse ele. E quando testou os meus olhos e escreveu a receita para os novos óculos, disse que a mensagem do Sr. Lang fazia sentido e que iria ter isso em consideração.

"Quando vi o Sr. Lang novamente em setembro, disse-me o quanto estava satisfeito com o progresso que eu tinha feito e pediu-me para transmitir os seus parabéns ao Sr. Nesfield pelo excelente trabalho que fizera com os meus óculos. No entanto, o Sr. Nesfield estava ausente, por isso tive de dizer ao Sr. Lang, quando o vi novamente em outubro, que lhe daria a mensagem quando visse o Sr. Nesfield em novembro. Perguntei ao Sr. Lang se já poderia usar óculos para ler. 'Não, não quero que os tenha ainda, porque, por agora, isso pode causar tensão', disse ele. 'Pergunte ao Sr. Nesfield o que ele pensa sobre a ideia. Mas não se preocupe, menina, não terá de usar os que tem agora por muito mais tempo, terá óculos normais quando for a altura certa.'

"Quando vi o Sr. Nesfield há poucos dias, a 13 de novembro de 1964, finalmente transmiti-lhe a mensagem do Sr. Lang sobre o excelente trabalho

que tinha feito com os meus óculos. Ele sorriu em reconhecimento e, depois de me examinar minuciosamente, disse que estava muito satisfeito com a minha condição, que tinha melhorado significativamente desde a última consulta. Confirmou tudo o que o Sr. Lang tinha dito. Ainda não tenho óculos para leitura. Mas não estou preocupada. Sei que os terei quando chegar a altura certa.

"Palavras dificilmente podem expressar a minha gratidão pelo poder de Deus e pelos dois distintos cirurgiões oftalmológicos que me ajudaram a ver novamente— o que significa que estou viva mais uma vez. E, embora saiba que o Sr. Lang me devolveu a visão com as suas numerosas operações no meu corpo espiritual, estou igualmente ciente de quão importante foi a habilidade e a compreensão do Sr. Nesfield para a minha recuperação. Foi ele quem me receitou os óculos certos e cooperou com o seu 'colega' médico espiritual, William Lang."

CAPÍTULO VINTE E SEIS
UM REENCONTRO INESPERADO

A Sra. Ethel J. Bailey, de Streatham Hill, conheceu o Sr. William Lang nos seus tempos como consultor oftalmológico em Moorfields. E quando foi ver o médico espiritual William Lang no outono de 1963, em Aylesbury, não teve dúvidas de que estava perante o mesmo especialista.

Aqui estão as recordações pessoais da Sra. Bailey.

"A minha pálpebra direita esteve completamente fechada desde o nascimento e todos os médicos a quem a minha mãe me levou disseram que poderia corrigir-se à medida que eu crescesse ou, caso contrário, poderia ser feita uma pequena operação mais tarde para corrigir o problema.

"Em 1915, quando tinha vinte e um anos, fui com a minha mãe a Moorfields na esperança de que tivesse chegado o momento de realizar a tão esperada operação. Estava noiva e ansiosa por ter uma visão normal antes do meu casamento.

"Fui examinada pelo Sr. Lang e, depois da consulta, o seu veredicto foi que não poderia fazer muito pela pálpebra da 'criança' (ele chamou-me 'criança'), porque, como explicou, se operasse, a pálpebra permaneceria permanentemente aberta. Decidimos pensar melhor antes de decidir se avançaríamos ou não com a operação. Eu não queria tomar a decisão sozinha, por isso escrevi ao meu noivo, que estava nas trincheiras em França, e perguntei-lhe o que achava. Sempre guardarei com carinho a

carta que me enviou em resposta. Terminava dizendo: 'Lembra-te, Ethel, escolhi-te como és, por isso deixa tudo como está.' Assim fiz. Nada foi feito e fiquei feliz por saber que era isso que ele queria.

"Anos mais tarde, interessei-me pelo Espiritualismo e pela cura divina. Depois, tive um acidente de carro e fiquei com ferimentos tão graves nas costas e nas pernas que, por um tempo, os médicos duvidaram que algum dia voltasse a andar normalmente. Sempre fui muito ativa e, de repente, ao perceber que não conseguia sair de casa e sofria dores constantes, a minha saúde começou a piorar.

Antes do acidente, era paciente do Sr. J. J. Thomas, um curador em transe espiritual, mas ele mudou-se para Brighton e, devido ao meu estado, outras visitas tornaram-se impossíveis. Felizmente, uma amiga sugeriu que eu visitasse a Sra. Durrant— irmã de Harry Edwards— que morava perto de mim, em Streatham. Eu não conseguia andar e tinha de apanhar um táxi para todo o lado, por isso, como pode imaginar, os custos eram elevados. Mas valeu a pena, porque, com o tempo, consegui voltar a andar.

"Parecia-me estranho, no entanto, que ninguém falasse sobre o meu olho 'preguiçoso' e a pálpebra permanentemente fechada, ou que os guias espirituais não tivessem considerado correto ajudar-me com isso. Mas um dia, em 1963, li sobre um Dr. Lang que trabalhava através da mediunidade do Sr. George Chapman. Pensei que este Dr. Lang devia ser o falecido Arcebispo de Cantuária e talvez fosse irmão do meu Sr. Lang de Moorfields, então decidi que, se realmente pertencesse à família Lang, gostaria de o conhecer e escrevi ao Sr. Chapman para marcar uma consulta.

"Quando cheguei a Aylesbury e entrei no consultório, o Sr. Chapman, que era, claro, o Dr. Lang, saudou-me dizendo: 'Oh, venha cá, minha filha, já nos conhecemos antes.'

"Reconheci imediatamente a sua voz e disse: 'Sim, senhor, já nos encontramos. Fui a Moorfields em 1915 e o senhor disse-me que não podia fazer muito pela minha pálpebra fechada. Foi a última vez que o vi.'

"Ele colocou o braço sobre o meu ombro e disse: 'Oh, como cresceste. Eras tão pequenina e muito frágil quando nos conhecemos. Tinhas o quê, vinte e um, vinte e dois anos?'

"Eu disse: 'Vinte e um.'

"'Pesavas cerca de sete pedras e pouco, não era?'

"Respondi: 'Bem, pesava por aí nessa altura, mas engordei desde que tive filhos.'

"Quanto mais falava com o Sr. Lang, mais certeza tinha de que era a mesma pessoa que eu tinha ido ver com a minha mãe em Moorfields. Reconheceria-o apenas pela maneira como falava. Quando me mostrou fotografias de si mesmo, do seu filho Basil (que, claro, ainda era vivo na altura) e dos seus colegas, tive uma estranha sensação de que o tempo tinha voltado atrás e que eu estava novamente em Moorfields a falar com ele."

"O Sr. Lang então disse-me para me deitar no seu divã de cura para que pudesse realizar uma operação no meu corpo espiritual, o que, segundo ele, corrigiria a minha pálpebra. Chamou Basil para o assistir, pediu instrumentos e tive a estranha sensação de que nem sequer estava presente, embora algo maravilhoso estivesse a ser feito por mim. E não senti absolutamente nada. Simplesmente fiquei ali deitada e, creio, fiz uma oração.

"Quando me disse que tinha terminado a cirurgia espiritual e que a minha pálpebra estava agora corrigida, preparei-me para me levantar do divã, mas ele impediu-me e disse: 'Oh não, fique onde está, temos algo mais para fazer por si.' E então fez outra operação, desta vez no meu fígado. Quando tudo terminou, pediu-me para me levantar e descansar um pouco na cadeira. Enquanto eu me sentava em frente a ele, descreveu em detalhe o meu vestido, a cor, o padrão e até os botões grandes, e depois falou sobre várias coisas. Eu apenas fiquei ali sentada, pensando como era maravilhoso reencontrá-lo depois de quarenta e oito anos e ainda recordá-lo tão vivamente.

"Quando saí para junto do meu marido, que me esperava, perguntei-lhe: 'Então, como estou?' Ele olhou para mim, mas não conseguiu dizer uma palavra. Mas o nosso amigo Frank Hill, que teve a amabilidade de nos levar a Aylesbury no seu carro, exclamou: 'Graças a Deus, oh, graças a Deus!' Veja, a minha pálpebra estava aberta. Lembre-se de que tinha estado permanentemente fechada toda a minha vida — durante sessenta e nove anos! No entanto, a partir do momento em que o Sr. Lang realizou a sua operação espiritual, fui capaz de abrir e fechar a pálpebra tão facilmente quanto faço agora— como se nunca tivesse havido qualquer problema.

"Isto, por si só, já teria sido um milagre e eu teria ficado imensamente grata. Mas o Sr. Lang fez muito mais por mim. Veja, devido ao facto de a minha pálpebra ter estado permanentemente fechada toda a minha vida, eu tinha muito pouca visão no olho direito— era o que chamam de 'olho preguiçoso'. Mas o Sr. Lang não se limitou a operar apenas a minha pálpebra, também tratou da visão."

A Sra. Bailey voltou a visitar o Sr. Lang para um exame de acompanhamento na primavera de 1964.

"O Sr. Lang ficou muito satisfeito com o progresso que eu tinha feito. Decidiu que seria necessária uma operação adicional para melhorar ainda mais a visão do olho direito e posso dizer que conseguiu alcançar esse objetivo.

"Depois, descobriu que um osso no meu polegar estava deslocado. Tinha-me causado dores durante algum tempo, mas não lhe mencionei nada porque não queria ocupar demasiado do seu precioso tempo, especialmente porque achava que não era nada grave e que eventualmente se resolveria sozinho. De qualquer forma, o Sr. Lang operou-o e suturou a articulação. Depois, pediu-me que apertasse a sua mão para provar que tudo estava bem. A partir desse momento, as tarefas domésticas, como polir e engomar, tornaram-se muito mais confortáveis para mim."

A Sra. Bailey disse-me que estava prevista uma nova consulta com o Sr. Lang a 20 de novembro de 1964. Contactei-a após a sua visita a Aylesbury e ela explicou:

"Quando vi o Sr. Lang há quinze dias, ele ficou muito satisfeito com o progresso que fiz desde a última visita e realizou novamente algumas operações no meu antigo 'olho preguiçoso'.

"Posso dizer que a minha visão melhorou muito com isso— de facto, consigo ler o seu manuscrito. Considerando que praticamente não tinha visão neste olho, creio que concordará que o que o Sr. Lang fez por mim foi verdadeiramente maravilhoso."

CAPÍTULO VINTE E SETE
UM HOMEM DA ALEMANHA OCIDENTAL

Seria errado pensar que aqueles que vieram a Aylesbury em busca de ajuda eram apenas de países vizinhos. Ao trabalhar neste livro, deparei-me com um nome nitidamente alemão nos arquivos de George Chapman. Movido tanto pela curiosidade como por qualquer outra razão, segui o endereço e, embora o caso estivesse longe de estar encerrado, decidi mencioná-lo aqui, nem que fosse apenas para mostrar que a fama do médico espiritual se espalhou muito para além das fronteiras da Grã-Bretanha.

Em 1938, quando tinha dezoito anos, Alfred Prehl, um escriturário alemão de Würzburg, notou que um tremor alarmante se tinha desenvolvido no seu

braço direito. Surgiu sem aviso e piorou com o tempo. No final de cinco anos, tinha perdido quase completamente o uso dos músculos principais.

Durante este período, Herr Prehl consultou médico após médico. Foi visto por especialistas distintos nas Clínicas Universitárias de Würzburg e Freiburg, mas nenhum deles conseguiu ajudá-lo. Não conseguiam compreender a natureza da sua doença.

"Tomar medicamentos contendo beladona e manter uma dieta rigorosa à base de alimentos crus"— este foi o máximo de aconselhamento que recebeu. Mas nada teve efeito e o seu estado piorou. Com o passar dos anos, a perda de controlo muscular de Alfred Prehl tornou-se desesperante. A Segunda Guerra Mundial tinha terminado e, por toda a Alemanha, as marcas da guerra estavam a ser apagadas. Mas Alfred Prehl afundava-se cada vez mais na miséria. Quando tinha quarenta e cinco anos, um especialista disse-lhe sem rodeios: "Como homem normal, estás acabado. Nunca mais andarás normalmente."

Complicações adicionais surgiram no outono de 1963. Herr Prehl começou a sofrer dores intensas na parte inferior do corpo e a urinar sangue. Em abril de 1964, a dor aumentou tanto que um especialista ordenou a sua hospitalização na Clínica Urológica, onde radiografias revelaram um cálculo renal. Foi submetido ao tratamento ortodoxo para a sua condição, com soluções salinas e infusões, e também foi colocada uma alça. No entanto, não obteve qualquer melhoria, e as cólicas renais persistentes tornaram-se tão angustiantes que lhe foram administradas drogas para aliviar a dor.

Durante esse período, Herr Prehl leu na revista alemã *Die Andere Welt* um artigo sobre as atividades de George Chapman e do seu controlo espiritual, o Dr. Lang. Ficou impressionado e começou a considerar a possibilidade de consultar o médico espiritual. Mas perguntou-se se justificaria gastar tanto dinheiro numa viagem que poderia revelar-se inútil. O que tornava a situação ainda mais difícil era o facto de, nos últimos vinte e cinco anos, a sua doença o ter impedido de trabalhar e de não poder viajar para qualquer lado sem a companhia da esposa.

Eventualmente, Herr e Frau Prehl decidiram empreender a viagem juntos e, a 15 de setembro de 1964, viajaram de avião da Alemanha Ocidental para Inglaterra.

Quando soube da visita de Herr e Frau Prehl a Aylesbury, fiquei ansioso por descobrir o que lhes dera confiança para acreditar que o Sr. Lang poderia ajudá-los. Por isso, entrei em contacto com Herr Prehl na sua casa em Würzburg e ele teve a amabilidade de me fornecer a informação que eu procurava.

"Eu sabia que nenhum médico em exercício poderia ajudar-me, por isso, quando li sobre o Dr. Lang e o Sr. Chapman, senti um desejo avassalador de descobrir se estes senhores poderiam fazer por mim o que diziam que tinham feito por outros", disse-me Herr Prehl.

"Calculei que a viagem aérea e a estadia em Inglaterra custariam cerca de mil marcos alemães— uma quantia enorme para alguém na minha posição. Veja, devido à minha doença, fui incapaz de continuar a minha ocupação como escriturário, e vivemos com o salário da minha esposa, que é enfermeira num hospital. Mas que homem não faria tudo para recuperar a saúde, nem que fosse parcialmente? A minha esposa mostrou grande compreensão, e isso facilitou a minha decisão de viajar para Aylesbury.

"Chegámos à casa do Sr. Chapman a 15 de setembro, precisamente no momento em que outro paciente estava a sair de carro. Como viemos sem marcação, a minha visita foi uma surpresa para o Sr. Chapman, que acabava de sair do transe, pois pensava que tinha terminado o trabalho do dia. No entanto, ele aceitou-me como paciente e recebeu-nos de forma muito cordial.

"Após uma breve conversa no consultório, disse-nos que entraria agora em transe. Sentando-se confortavelmente na cadeira em frente a mim, fechou os olhos e, apoiando a cabeça como se fosse dormir, permaneceu nesse estado por um momento. Depois, apresentou-se como Dr. Lang..."

"A sua forma de falar era agora mais difícil de compreender do que quando estava desperto. Creio que devo salientar que o meu conhecimento da língua inglesa é bastante limitado e, naturalmente, não compreendi todas as palavras que ele disse.

"Quando começou a falar com a minha esposa e eu lhe disse que ela trabalhava como enfermeira-chefe no hospital, Lang, na pessoa do Sr. Chapman, pareceu muito satisfeito por conhecê-la. Atravessou a sala até ela e cumprimentou-a cordialmente. O seu comportamento era muito diferente do que o Sr. Chapman apresentava no estado desperto— parecia mais velho, mais deliberado e antiquado.

(*Todas as perguntas e respostas foram feitas em alemão e são uma tradução fiel.*)

"O Dr. Lang examinou-me e deu-me o seu diagnóstico. Não sou médico e o meu conhecimento da língua inglesa é insuficiente para compreender tudo corretamente. Mas, como considerei o seu diagnóstico de extrema importância, perguntei-lhe se poderia confirmá-lo por escrito para que tivesse a certeza de o ter compreendido corretamente. Ele concordou, dirigiu-se ao ditafone que estava na sua secretária e gravou exatamente o

que considerava estar errado comigo e a causa disso. O seu diagnóstico, que o Sr. Chapman me enviou três semanas depois, foi o seguinte: 'Infeção viral numa fase inicial. Isto causou uma condição de esclerose disseminada lentamente progressiva, espalhada em manchas de degeneração na substância branca do cérebro.'

"Ainda em transe, o Sr. Chapman pediu-me que me deitasse no divã encostado à parede para que pudesse iniciar o tratamento. Durante cerca de quinze minutos, atendeu-me. As mãos do Sr. Chapman pairavam ao longo do meu corpo, dos pés à cabeça. Voltou várias vezes à zona do meu abdómen, pois, obviamente, sentia que ali era necessário um tratamento adicional.

"Isto foi, de facto, intrigante, pois ele voltou repetidamente à parte do corpo onde eu tinha tido as cólicas mais violentas e dolorosas. Eu não mencionara nada sobre essas dores, nem a minha esposa. A verdade é que considerávamos esses sintomas muito menos importantes do que a outra doença de que eu sofria e que fora a razão para a nossa viagem a Inglaterra. Assim, como digo, nada sobre essas dores foi mencionado ao Sr. Chapman.

"Quando terminou o tratamento ao meu corpo, o Dr. Lang pediu-me que me sentasse no divã e tratou da minha coluna da mesma maneira que descrevi antes— sem nunca realmente me tocar. Mais tarde, disseram-me que ele tinha realizado uma operação no meu corpo espiritual. Não senti nada, mas devo acrescentar que, devido à paralisia, o meu corpo não é muito sensível a estímulos.

"E não posso afirmar que senti uma melhoria imediata ao sair do consultório naquele dia. Mas, dentro de algumas horas, a diferença era notável. Fui capaz de andar com mais confiança e força do que em qualquer altura dos últimos doze meses. E, após o nosso regresso à Alemanha, a melhoria continuou. No entanto, dez dias depois da minha visita a Aylesbury, fui acometido por uma cólica súbita e violenta, causada pela pedra no rim, e escrevi imediatamente ao Sr. Chapman, pedindo-lhe que informasse o Dr. Lang sobre este problema inesperado. Alguns dias depois, a pedra deixou o ureter e entrou na bexiga!

"Na altura, tanto eu como o meu médico pensávamos que uma pedra no rim, ao chegar à bexiga, já não causaria mais problemas e que acabaria por ser eliminada. Mas esta pedra em particular devia ser demasiado grande para ser expelida sem dificuldades. Como resultado, cada vez que urinava, sofria dores agudas.

"Duas semanas depois, escrevi novamente ao Sr. Chapman para informá-lo sobre essa condição. Dentro de alguns dias, a pedra saiu da bexiga! Ficámos surpreendidos com o seu tamanho e formato— tem aproximadamente quinze por cinco milímetros e tem arestas afiadas. Guardei-a como recordação! A melhoria constante da minha doença principal continua até ao presente dia."

Apenas três meses se tinham passado desde que Herr Prehl recebeu o primeiro tratamento espiritual do Sr. Lang até ao momento em que me forneceu a informação que eu pedira. Dada a gravidade da sua doença e o facto de, no momento em que escrevia este livro, estar sob os cuidados do Sr. Lang há um período relativamente curto, embora com sucesso, mantive-me em contacto com Herr Prehl. Os seus relatórios frequentes registavam uma cadeia ininterrupta de sucessos— a sua saúde melhorava constantemente, embora ainda estivesse longe de ser um homem saudável.

Um ano depois de ter realizado a primeira série de operações no corpo espiritual de Herr Prehl, o Sr. Lang considerou que tinha chegado o momento de o paciente passar por mais tratamentos de contacto em Aylesbury. Embora isso significasse mais cerca de 100 libras de despesas de viagem (um custo que Herr Prehl dificilmente podia suportar), ele e a esposa decidiram voar para Inglaterra.

A melhoria geral da condição de Herr Prehl tinha sido tão notável que acreditavam que mais operações espirituais só poderiam significar mais progressos consideráveis. E quando Herr Prehl me informou sobre a sua decisão de ver o Sr. Lang novamente, perguntou-me se eu poderia estar presente para testemunhar o que acontecia e, ao mesmo tempo, atuar como intérprete. O conhecimento de inglês de Herr Prehl ainda era limitado e, naturalmente, ele queria compreender tudo o que o Sr. Lang dissesse.

Em 29 de novembro de 1965, encontrei Herr e Frau Prehl na casa de George Chapman em Aylesbury. Alfred Prehl ainda estava um farrapo. A sua fala estava apenas um pouco menos comprometida do que um ano antes, a sua mão ainda não conseguia apertar firmemente a minha ao cumprimentar-me e caminhava com fraqueza. Pelos relatórios escritos que me enviava, eu imaginara que o seu estado de saúde era muito melhor do que na realidade se revelou ser. Conhecendo a sua situação financeira, comentei: "Estou surpreendido por terem empreendido a dispendiosa e extenuante viagem até Inglaterra."

"Não compreendo muito bem", disse ele.

"Bem, não me parece que a sua melhoria seja assim tão grande…"

"Mas é!", disse ele enfaticamente. "Pode parecer a um observador externo que não houve grande melhoria porque ainda pareço um inválido, mas sei o quanto mais forte me tornei durante este último ano. E se o Dr. Lang conseguir obter uma melhoria adicional semelhante, então todo o custo e esforço físico da nossa viagem terão valido mais do que a pena."

Quando entrámos no consultório do Sr. Lang, ele saudou-nos a todos com a sua habitual cordialidade. Passou rapidamente ao exame de Herr Prehl e, em poucos minutos, disse: "Estou muito satisfeito com o progresso que fez, jovem. Reagiu admiravelmente ao tratamento."

Em seguida, realizou, com os seus colegas e assistentes invisíveis, várias operações no corpo espiritual de Herr Prehl, mantendo Frau Prehl, a irmã hospitalar e eu informados sobre o que estava a fazer.

"Acha que algum dia ficarei melhor, Dr. Lang?", perguntou Herr Prehl quando a última operação foi concluída.

"Ficará curado", respondeu o médico espiritual com firme convicção. "Devido à gravidade da sua doença e ao facto de me ter consultado um pouco tarde, levará algum tempo considerável até que fique curado, mas posso prometer-lhe que recuperará a normalidade — desde que não desista e continue a colaborar comigo."

Lágrimas de gratidão e felicidade escorriam pelas faces de Prehl. "Pode ter a certeza de que nunca desistirei", sussurrou ele.

O Sr. Lang então demonstrou como e onde Frau Prehl deveria massajar o marido, o tipo de exercícios que Herr Prehl deveria fazer diariamente e indicou-lhe os alimentos que deveria consumir.

"Ele quase não come nada", interrompeu Frau Prehl. "Não me ouve quando lhe digo que tem de fazer refeições adequadas e insiste que não consegue comer nada além de algumas fatias de pão seco por dia…"

"É imperativo que o seu corpo físico seja bem nutrido", disse-lhe Lang, "porque, se isso não acontecer, a força que estou a colocar no seu corpo espiritual não poderá transferir-se eficientemente para o seu corpo físico. Tem de compreender isto e seguir o meu conselho se quiser ser curado."

"Oh, vou, vou", murmurou Prehl.

"Prometo-lhe, Dr. Lang, que farei com que o meu marido faça tudo o que quiser que ele faça", assegurou Frau Prehl.

"Continuarei a visitá-lo durante o seu estado de sono, jovem, e dentro de um mês notará uma nova melhoria", disse o Sr. Lang no final da consulta.

"Espero que tenha uma viagem agradável para a Alemanha — na verdade, sei que terá uma boa viagem de regresso."

Dez dias após a sua visita a Aylesbury, Herr Prehl contactou-me e disse que já tinha sentido uma melhoria muito acentuada. Na altura em que este livro estava na fase de provas e pronto para ser impresso (em janeiro de 1966), ele forneceu-me os detalhes mais recentes sobre si próprio:

"A minha esposa segue religiosamente as instruções do Dr. Lang e massaja a minha coluna exatamente como ele lhe mostrou; faço todos os exercícios que o Dr. Lang me pediu para fazer; também estou a fazer refeições regulares e nutritivas.

"A melhoria do meu estado nos últimos dois meses foi muito maior do que a melhoria que experimentei durante o ano entre as minhas duas consultas com o Dr. Lang. Sinto-me muito mais forte e sou capaz de usar os meus membros muito melhor do que quando nos encontrámos em Aylesbury, em 29 de novembro de 1965. A minha gratidão e a da minha esposa ao Dr. Lang e ao Sr. George Chapman é tão grande e avassaladora que não pode ser expressa adequadamente em palavras. Este bom médico espiritual realizou um milagre, pois já me permitiu locomover-me, enquanto todos os outros médicos e especialistas que me trataram deixaram bem claro que eu estava além de qualquer ajuda."

CAPÍTULO VINTE E OITO
"…E NÃO HAVERÁ MAIS MORTE, NEM PRANTO, NEM CLAMOR…"

Jonathan Bell tinha cinco anos e era tão vivo como qualquer criança dessa idade. A família vivia em Worksop e, para o Sr. e a Sra. Bell, embora só o dissessem um ao outro, nunca houve uma criança como Jonathan.

Ora o observavam a brincar com os amigos, ora viam o seu rosto sujo, travesso e traquinas depois de alguma peripécia, e trocavam olhares significativos. Tinham-no visto crescer desde bebé, maravilharam-se com a chegada do seu primeiro dente, que sobressaía das gengivas como uma minúscula lápide branca, e abraçaram-no e mimaram-no no dia em que deu os primeiros passos. E, à medida que se desenvolveu num pequeno endiabrado, estavam lá, os espectadores orgulhosos e protetores. Aquela

felicidade rara que só as crianças podem trazer pertencia aos Bell, até ao final do verão de 1964.

Foi então que começaram a ficar um pouco inquietos, mas não alarmados. Naquela altura, era difícil perceber a mudança que lentamente ocorria no seu pequeno rapaz. Num dia, brincava com um pouco menos de energia do que em outras ocasiões. Mas as crianças são criaturas de humor e capricho. Talvez estivesse apenas demasiado cansado, como acontece quando se esgotam a brincar.

No dia seguinte, Jonathan Bell ainda estava cansado. Mas nunca se sabe com crianças. Dentro de um ou dois dias, voltaria a ser o mesmo de sempre.

Jonathan não recuperou o seu entusiasmo. Já não queria sair para brincar, só queria descansar. No dia em que o rosto da criança começou a inchar, os pais decidiram chamar um médico. Após o exame, ele virou-se para os pais e disse:

"Receio, Sr. e Sra. Bell, que Jonathan esteja a sofrer de leucemia em estado avançado."

O que disse depois mal foi ouvido por eles. Sabiam o suficiente sobre leucemia para perceber que qualquer pessoa que a contraísse ficava sob o domínio de uma doença fatal. De tempos a tempos, tinham lido os relatos dilacerantes de crianças que haviam sido "condenadas à morte" por ela. E agora, atingira-os, os Bell, e ao seu pequeno Jonathan.

O médico quis certificar-se do seu diagnóstico e providenciou um exame de sangue e uma segunda opinião de um especialista.

O menino foi levado para o Hospital Kilton Hill, em Worksop, onde o diagnóstico do médico foi confirmado. Era leucemia. A doença estava particularmente presente no líquido espinal e encontrava-se tão avançada que ao pequeno rapaz foi dada uma esperança de vida de apenas cerca de dois meses.

O Sr. e a Sra. Bell desesperaram-se e recusaram-se a aceitar a sentença de morte sobre o seu pequeno filho. Erros já tinham ocorrido antes em hospitais, e disseram a si próprios que o diagnóstico poderia estar errado. Porque haveria Jonathan de ter de morrer? Sempre fora tão saudável e cheio de vida. Era impensável que pudesse ser levado deles agora. Tinham ouvido falar do famoso Hospital for Sick Children, Great Ormond Street, em Londres. Lá, esperavam que talvez os médicos pudessem provar que o hospital local estava errado. Ou, se o menino realmente tivesse leucemia,

talvez descobrissem que ainda estava nos estágios iniciais e conseguissem curá-lo.

Jonathan foi levado ao famoso hospital. Mas o veredicto foi o mesmo:

Leucemia avançada.

O Sr. e a Sra. Bell receberam comprimidos que Jonathan teria de tomar diariamente, e a família regressou a Worksop. Foram feitas diligências para que a criança voltasse a ser avaliada.

De volta a casa, os pais dedicaram-se ao seu filho moribundo. As poucas semanas de vida que lhe restavam, sabiam, seriam marcadas pelo esmorecimento gradual da sua força, e queriam estar com ele em cada preciosa hora que ainda tinham. Se houvesse algo que a criança desejasse, fariam tudo ao seu alcance para lho dar.

No desespero, passaram por períodos em que rejeitavam a cruel verdade e esperavam que a tragédia que invadira o seu lar pudesse dissipar-se. Rezavam por um milagre. Seria pedir demasiado? Que uma única vida pequena fosse poupada? Mas, quando visitas adicionais ao hospital de Londres convenceram os pais de que nada poderia ser feito por Jonathan, decidiram que tudo o que lhes restava era tentar mantê-lo feliz — até ao fim.

Foi então que o Sr. e a Sra. Rose, amigos dos Bells em Birmingham, fizeram uma sugestão hesitante. O casal Rose estava profundamente comovido com a dor dos amigos em Worksop e com o que ainda estava por vir. Eles próprios conheciam William Lang e o seu médium, George Chapman. Tinham conhecimento de algumas das curas surpreendentemente bem-sucedidas que haviam ocorrido na casa chamada St. Brides e no Birmingham Healing Centre. No entanto, sugeriram com relutância aos Bells que Jonathan poderia ainda ser salvo pelo médico espiritual. Essa relutância provinha da consciência da desconfiança que muitas pessoas sentiam por tudo o que estivesse relacionado com a cura espiritual.

Em circunstâncias normais, os Bells dificilmente teriam aceitado aproximar-se de um médico espiritual. Estavam longe de acreditar que algo além da perícia médica pudesse ser de valor. Mas o que tinham a perder? O seu filho estava a morrer. Essa era a brutal verdade.

No sábado, 19 de dezembro de 1964, o Sr. Rose levou Jonathan para ver William Lang no Healing Centre. O menino, claro, era demasiado jovem para compreender o propósito da visita. Para ele, tratava-se apenas de ver mais um médico, um dos muitos que o tinham examinado, feito expressões sérias, tomado notas e falado em voz baixa com a sua mãe e o seu pai.

Quando Lang examinou Jonathan, confirmou que ele tinha leucemia avançada e que estava particularmente presente no líquido espinal. Disse então ao Sr. Rose que precisava de operar para ajudar o menino.

William Lang operou o fígado de Jonathan e abriu a válvula cardíaca para aumentar a sua contagem sanguínea. Tudo aquilo era muito misterioso e estranho para a criança, que nada sentiu e se perguntava porque razão aquele homem de bata branca, de olhos fechados, falava com pessoas que não estavam lá. Depois havia aquele episódio curioso de o médico lavar as mãos, embora Jonathan não o tivesse visto fazer nada que as sujasse. Mas gostou da maneira como o homem engraçado fazia aqueles gestos com as mãos e os dedos. Para ele, era um jogo curioso, mas divertido.

O Sr. e a Sra. Rose observaram William Lang a atender o menino. O ponteiro dos minutos do relógio movia-se com uma lentidão agonizante. Haveria alguma esperança? Mesmo que fosse mínima? Quase não trocaram uma palavra em sussurros. Havia muito a dizer, e, ao mesmo tempo, tão pouco que pudesse ser posto em palavras. O que estava a acontecer? Algo?

E então Lang levantou-se. As operações estavam terminadas. Jonathan levantou-se da marquesa e sorria tranquilamente. Quando a Sra. Rose levou a criança para fora do alcance do ouvido, o seu marido encarou o homem de bata branca.

"Bem", disse o Sr. Rose, "acha que há alguma hipótese de se conseguir algo?"

"Oh, sim", respondeu Lang. "Bastante boa. Quero ver Jonathan novamente dentro de seis semanas e, nessa altura, poderei dizer-lhe mais. Até que ponto as operações foram bem-sucedidas e assim por diante. Mas posso dizer-lhe já que não há muito com que se preocupar. Estamos a fazer tudo o que podemos pelo menino e visitá-lo-ei durante o seu estado de sono para lhe dar tratamento adicional."

O Sr. Rose passou alguns minutos a falar com Lang, fazendo muitas perguntas e tentando desesperadamente estabelecer alguma base de confiança da qual ele e a esposa pudessem extrair força e transmitir aos pais do menino. Havia muito de consolador no que Lang dizia, mas, ao mesmo tempo, Rose sabia que os medos dos Bells estavam agora tão profundamente enraizados e a sua suspeita em relação à cura espiritual era tão forte que mal sabia como convencê-los de que havia esperança para Jonathan.

Dentro de três semanas após as operações de Lang, Jonathan deveria ir ao Hospital Kilton Hill para o exame de sangue de rotina. Mas, em apenas

duas semanas, o menino tinha melhorado tanto que os pais mal podiam acreditar. Os médicos ficaram espantados com a sua contagem sanguínea.

Cinco semanas após as operações de Lang, Jonathan compareceu à consulta no Hospital Great Ormond Street. Os exames estabeleceram que o líquido espinal estava livre de leucemia. A equipa médica parecia atónita e disse, com toda a franqueza, que não sabia como tal mudança poderia ter ocorrido.

Seis semanas após as operações de Lang, Jonathan teve a sua segunda consulta com o médico espiritual. Foi no Birmingham Healing Centre, no sábado, 30 de janeiro de 1965. Lang estava muito satisfeito com o progresso que o menino fizera desde a primeira vez que o vira. Disse ao Sr. Rose que as operações no corpo espiritual tinham sido bem-sucedidas. "Jonathan vai ficar perfeitamente saudável outra vez — agora não há mais nada com que se preocupar", explicou. Pediu que o menino fosse trazido novamente dentro de três semanas.

A terceira consulta com o médico espiritual — no sábado, 20 de fevereiro de 1965 — foi naturalmente cumprida. William Lang estava encantado com a forma como o seu jovem paciente reagira ao tratamento e confirmou: "Agora tudo está a funcionar perfeitamente, o líquido espinal está limpo e resta apenas um ligeiro vestígio na corrente sanguínea, mas isso irá desaparecer. Jonathan será novamente um menino perfeitamente saudável, mas o tratamento deve continuar por algum tempo."

A melhoria na saúde de Jonathan foi notável. Sentia-se bem, estava cheio de energia e perdera completamente o aspeto inchado do rosto.

Qualquer pequena dúvida que ainda pudesse persistir na mente dos pais foi completamente dissipada. No início, estavam naturalmente cientes de que, em muitos casos, uma aparente melhoria precede a deterioração e a morte; de facto, os primeiros meses resumiram-se a um período de quase insuportável contenção da respiração.

Mas, pouco a pouco, etapa por etapa, os sinais de melhoria surgiram, consolidaram-se e permaneceram. As visitas ao Birmingham Healing Centre de William Lang foram mantidas e o corpo jovem de Jonathan Bell tornou-se mais forte a cada dia que passava.

Chegou um dia em que se considerou que ele poderia voltar à escola, depois outro dia em que o mais rigoroso exame de sangue demonstrou que a criança estava livre de leucemia.

Hoje (em novembro de 1965), corre, salta, grita e prega partidas como qualquer outro rapaz da escola.

E o seu progresso na escola é suficiente para despertar pequenos orgulhos no coração de duas pessoas que pensavam que os seus dias de escola tinham terminado.

A 29 de novembro de 1965, falei com William Lang sobre Jonathan Bell. O rosto do velho homem sorriu com um contentamento interior. Após um momento, disse: "Graças a Deus que ele me foi trazido a tempo."

E os pais, que haviam sido perseguidos pela tragédia, já não têm o semblante cinzento da tristeza. A sombra da morte desapareceu do seu lar e podem maravilhar-se com a nova oportunidade que lhes foi concedida, devolvendo-lhes o seu pequeno filho e restaurando-lhes plenamente a fé no futuro.

CAPÍTULO VINTE E NOVE
MAIS COISAS NO CÉU E NA TERRA

Durante a extensa pesquisa que realizei sobre todos os aspetos da cura espiritual de William Lang, decidi discutir as suas curas com um eminente médico, membro sénior de um famoso hospital londrino.

O médico em questão concordou em encontrar-se comigo, sob a estrita condição de que, sob nenhuma circunstância, eu revelaria a sua identidade ou o nome do seu hospital. Explicou que não desejava arriscar problemas com a British Medical Association por "colaborar com um praticante não registado", nem expor-se a uma acusação de "conduta não profissional". Dei-lhe essa garantia, pois não poderia fazer de outra forma, mas posso assegurar aos leitores deste livro que o relato desta entrevista é genuíno e baseado numa transcrição literal de um encontro ocorrido no final do outono de 1964.

Levei comigo vários dos mais impressionantes relatos de casos de Lang, juntamente com provas fornecidas por médicos, autoridades hospitalares e especialistas conceituados, confirmando que os pacientes em questão não haviam reagido ao tratamento que lhes fora ministrado; que, na opinião deles, a ciência médica nada mais poderia fazer; e que eram incuráveis.

Contrastando com isso, havia provas de que esses incuráveis não tinham morrido e, na verdade, haviam melhorado após o tratamento de William Lang. As suas melhorias e curas foram verificadas pelos mesmos médicos

que anteriormente os haviam tratado, e, em alguns casos, até mesmo dado como perdidos.

Este, talvez, fosse o testemunho mais valioso de todos.

Depois de examinarem minuciosamente os pacientes e os submeterem a todos os tipos de testes clínicos, esses peritos médicos confirmaram que as doenças tinham sido completamente curadas, sem qualquer vestígio de sinais ocultos ou latentes.

Quando apresentei ao médico essas provas bem documentadas e lhe pedi a sua opinião, ele examinou os documentos cuidadosamente e, após um longo momento de reflexão, respondeu:

"Bem, do ponto de vista estritamente médico, não tenho explicação para o facto de pacientes considerados sem esperança se recuperarem ocasionalmente. Quando curas deste tipo ocorrem, presume-se geralmente que a própria natureza tenha, de alguma forma, provocado o que de outra forma seria inexplicável. Mais de uma vez ouvi médicos e cirurgiões eminentes dizerem que 'um milagre aconteceu'. E, de certo modo, têm razão, pois, com algumas doenças incuráveis, é evidente que apenas um milagre — algo além da nossa compreensão — poderia ter levado à cura de um paciente que, segundo os tratamentos convencionais, estava além de qualquer esperança de recuperação.

Encontramos em várias instituições médicas a inscrição: 'Nós tratamos a ferida, Deus a cura', algo que a nossa rigorosa associação tolera benevolamente. Mas creio que, na realidade, muitos de nós aceitam a verdade contida nessa frase."

"Tendo examinado as provas do sucesso de Lang em curar pessoas incuráveis, concordaria que essas curas foram resultado das suas operações espirituais e de outros métodos de cura?" perguntei.

"Bem, as provas que apresentou são certamente muito convincentes. O que mais posso dizer?" Fez uma pausa e acrescentou: "Se tivesse de considerar esses casos estritamente à luz do código médico que seguimos, seria forçado a rejeitar qualquer possibilidade de operações e curas espirituais conseguirem algo. Segundo a nossa forma de pensar, apenas médicos qualificados e pessoal treinado podem tratar devidamente os pacientes. Mas… bem, pessoalmente, não tenho tanta certeza quanto a este princípio."

Fez outra pausa e, depois de um momento, disse: "Mas, respondendo à sua pergunta, sim, acredito que as curas completas e confirmadas dos

pacientes cujas histórias me mostrou se devem à ajuda espiritual — às operações e tratamentos espirituais de William Lang, devo dizer."

"Aceita, então, que, ao realizar operações invisíveis e indolores no corpo espiritual de um paciente, Lang consegue produzir um efeito correspondente no corpo físico?"

"Eu não disse isso", afirmou o médico. "Veja bem, não estou de todo convencido de que exista tal coisa como um 'corpo espiritual' e, portanto, não posso aceitar que tratar um suposto 'corpo espiritual' tenha qualquer efeito sobre o corpo físico do paciente. Posso, naturalmente, estar enganado — talvez tal coisa realmente exista — mas, nos muitos anos em que exerci a medicina, nunca me deparei com isso.

Mas não vamos discutir se há ou não um 'corpo espiritual', pois nenhum de nós pode fornecer provas conclusivas das nossas crenças. Em vez disso, consideremos a questão da ajuda espiritual de forma objetiva e racional. Para mim, o que realmente importa não é como Lang cura os seus pacientes, mas o facto de que os cura. Estou disposto a aceitar isso."

Quando surgiu a questão da cura à distância, lamentei não ter levado provas documentais dos sucessos alcançados pelo Dr. Lang com muitos pacientes, mas fui capaz de lhe relatar vários casos que investigara. O médico ouviu-me atentamente, erguendo as sobrancelhas ocasionalmente, mas não fez qualquer comentário até que terminei.

"Bem, não estou a sugerir que o que me contou seja incorreto ou exagerado", disse ele. "Mas é difícil para mim acreditar que a cura à distância, apenas por meio de correspondência, tenha produzido os resultados que mencionou. Embora eu não saiba exatamente como a cura espiritual pode funcionar, como aparentemente funciona, ainda acredito que algo acontece e que coisas extraordinárias ocorrem. Talvez, ao tocar diretamente o corpo de um paciente e estabelecer contacto físico, Lang consiga, de alguma forma, canalizar um tipo de energia espiritual. Não sei. Talvez raios curativos.

Mas aceitar que o mesmo pode acontecer à distância, através de uma espécie de curso por correspondência, é realmente pedir demasiado a um membro da profissão médica."

"Gostaria que lhe fornecesse o mesmo tipo de provas das conquistas de Lang na cura à distância que lhe apresentei sobre a cura por contacto?" perguntei.

"Bem, sim, estaria muito interessado", respondeu ele. "Mas não me envie nada para o hospital. Não quero correr o risco de que a carta seja aberta por engano. Envie-a para o meu endereço particular, por favor."

Mantive a minha promessa.

Poucos dias depois, o médico devolveu-me os relatos dos casos de cura à distância. Não disse o que pensava das provas, e a sua carta continha apenas as seguintes linhas, escritas com uma caligrafia firme e decidida:

"É espantoso, para dizer o mínimo!

Espero que não me considere banal por citar William Shakespeare, mas, como de costume, ele encontrou as palavras mais apropriadas para esta situação:

'Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia.'"

CAPÍTULO TRINTA
QUÃO EFICAZ É A CURA À DISTÂNCIA?

Esta questão é melhor respondida através do relato de alguns dos muitos casos de cura à distância que selecionei aleatoriamente do volumoso arquivo de George Chapman.

A Sra. Marjory Hemsworth, de Hull, solicitou cura à distância ao Sr. Lang e escreveu a George Chapman em março de 1959:

"Poderia ajudar-me com a minha garganta? O meu médico diz que é nervoso, mas tenho de limpar a garganta a cada poucos segundos. Posso acrescentar que sofro com esta condição há mais de cinco anos."

A cura à distância teve início assim que a carta foi recebida e, duas semanas depois, a Sra. Hemsworth relatou:

"Estou muito intrigada; por volta das 11h fui fazer as camas e, ao chegar ao topo das escadas, senti o cheiro de violetas; ao alcançar o pequeno patamar e o quarto da frente, o cheiro tornou-se avassalador, era um aroma maravilhoso. Sentei-me na cama, perguntando-me de onde vinha; depois de

alguns segundos, desapareceu gradualmente, deixando-me com uma sensação maravilhosa que não consigo explicar. Só gostaria que alguém estivesse lá para partilhar a experiência comigo."

Sete semanas após o início da cura à distância, a Sra. Hemsworth estava curada. A 29 de abril de 1959, escreveu a George Chapman:

"Gostaria de dizer o quão bem me sinto agora. A minha condição da garganta desapareceu completamente."

A cura do Sr. Lang foi duradoura. Confirmei isto quando entrei em contacto com a Sra. Hemsworth em dezembro de 1964. O marido de Marjory, George Hemsworth, também se tornou paciente de William Lang e deu-me o seguinte relato da sua própria experiência:

"A minha esposa escreveu a pedir cura à distância para mim em dezembro de 1962", contou-me. "Tinha desenvolvido cataratas em ambos os olhos e, como tinha ouvido falar de pessoas que às vezes tinham de esperar muito tempo até ser aconselhável operar, estava naturalmente preocupado. Desisti do meu trabalho como motorista em novembro de 1962 e, no final de agosto de 1963, a minha visão estava tão afetada que precisava de ser guiado.

Uma das cataratas foi removida em outubro de 1963 e a outra em maio de 1964 e, embora use óculos grossos, agora tenho uma visão esplêndida. De facto, o meu optometrista diz que vejo melhor do que ele!"

Perguntei ao Sr. Lang sobre o tipo de cura à distância que havia dado ao Sr. Hemsworth, e ele explicou: "É verdade que as cataratas demorariam muitos anos a crescer o suficiente para serem removidas com sucesso, então os meus ajudantes espirituais e eu acelerámos o crescimento para que o paciente pudesse ser operado no hospital o mais rapidamente possível."

William Lang poderia ter provocado um destacamento completo da catarata, explicou ele, mas isso teria exigido cura por contacto e teria sido um processo mais longo do que se a catarata fosse removida cirurgicamente no hospital. Assim, decidiu concentrar-se em forçar o crescimento da catarata para que estivesse pronta para remoção.

Em fevereiro de 1962, o Sr. Joseph C. Manuel, de Hoylake, começou a sofrer dores no reto e consultou o seu médico, que diagnosticou hemorroidas externas. Prescreveu-lhe o tratamento convencional, mas a condição piorou lentamente. O médico enviou então o paciente a um especialista, que diagnosticou uma fístula no reto. No final de abril de 1962, o Sr. Manuel foi internado no hospital para ser operado. A cirurgia foi

realizada, mas a ferida não cicatrizou e toda a área ficou inflamada e inchada a tal ponto que o paciente não conseguia sentar-se e só podia deitar-se de lado.

"Voltei inúmeras vezes ao hospital para ver o especialista, mas a dor e o desconforto persistiam", afirmou o Sr. Manuel. "Tinha a certeza de que não tinham resolvido o problema desde o início. Fui ficando cada vez mais deprimido e parecia que nunca me livraria desta condição."

Em setembro de 1962, o Sr. Manuel soube de George Chapman e do seu médico espiritual, Lang. Tendo ouvido falar de um caso em que a cura espiritual tinha sido eficaz, decidiu "dar uma hipótese" e escreveu a seguinte carta a George Chapman:

"Escrevo para perguntar se teria a amabilidade de me dar cura à distância para o problema retal de que sofro. Os médicos diagnosticaram-no como uma fístula e, após a operação, têm-me tratado há seis meses sem sucesso. Disseram-me agora que não há mais nada que possam fazer. Como a condição parece estar a piorar muito, pergunto-me se poderia ajudar-me."

A cura à distância teve início a 25 de setembro de 1962. Uma semana depois, o Sr. Manuel enviou o seguinte relato a George Chapman:

"Tenho o prazer de dizer que, nos últimos três dias, houve uma melhoria na minha condição. Sinto muito menos dor e irritação e espero que continue a melhorar."

Depois, a 26 de novembro de 1962, o paciente escreveu novamente:

"Gostaria de dizer que o senhor e o seu guia espiritual (Dr. Lang) fizeram um trabalho maravilhoso de cura no meu caso, como tenho a certeza de que fizeram por muitos outros. Obrigado, Sr. Chapman, pelo seu trabalho extraordinário."

O último relato do Sr. Manuel, enviado no mês seguinte, dizia:

"Tenho o grande prazer de dizer que toda a dor desapareceu e que o inchaço e a irritação sumiram. Estou imensamente grato ao Dr. Lang e ao Sr. Chapman e desejo-lhes o maior sucesso no futuro."

Exatamente dois anos depois — a 5 de dezembro de 1964 — entrei em contacto com o ex-paciente do Sr. Lang para saber como estava a sua saúde. Ele gentilmente respondeu:

"Tenho o prazer de dizer que não houve qualquer recorrência do problema e gostaria de expressar mais uma vez a minha gratidão ao Dr. Lang e a George Chapman pela cura que recebi, que me curou completamente."

As atividades curativas bem-sucedidas de William Lang na casa da família Hutton não se limitaram a mim. O que foi feito pelo meu filho Harold, de doze anos, foi, do ponto de vista médico, insignificante. Mas quem pode afirmar com certeza o que é importante ou secundário? Para algumas pessoas, a menor sensação de doença causa preocupação; outras, mesmo sofrendo de uma doença grave, tentam convencer-se de que não é tão grave quanto parece.

Mas deixem-me contar-vos sobre Harold.

Durante muitos meses, o meu filho ansiara por meados de dezembro de 1964, quando iria fazer um cruzeiro à Terra Santa para o Natal com alguns dos seus colegas. Se a perspetiva de visitar Jerusalém e outros lugares era verdadeiramente emocionante, também o era a ideia do cruzeiro — o primeiro da sua jovem vida. A viagem levá-lo-ia a Itália e à Grécia, bem como à Terra Santa, e, sendo o mais novo do grupo da escola secundária, talvez estivesse ainda mais entusiasmado do que os outros.

O grupo deveria partir de Worthing na manhã de quarta-feira, 16 de dezembro. Mas, na noite de domingo anterior, Harold adoeceu repentinamente com uma forte constipação, acompanhada de ataques severos de tosse e uma temperatura de 38,5°C.

CAPÍTULO TRINTA E UM
SALVA DE UMA CADEIRA DE RODAS

No domínio da cura espiritual, encontram-se muitos grupos distintos de pessoas. Até agora, apresentei relatos da maioria deles, desde os zombeteiros aos céticos, aos que estão dispostos a dar uma última oportunidade e aos que afirmam estar prontos para tentar qualquer coisa. No entanto, há um grupo que mal mencionei: os crentes convictos, aqueles que abraçam completamente a fé e os seus princípios, o seu ritual e ensinamentos.

A Sra. Barbara Haines, enfermeira registada do Estado, de Canterbury, é uma espiritualista convicta. O mesmo se aplica ao seu marido. A 27 de abril de 1960, a Sra. Haines escreveu a George Chapman nos seguintes termos:

"Há quatro anos, no recreio da escola, a minha filha Janet caiu e fraturou a perna no colo do fémur.

O cirurgião ortopédico, que a examina a cada seis meses desde que colocou um pino no colo do fémur, disse-me que terá de operar novamente

para fixar a anca. Como Janet sofreu tanta dor e limitação ao longo dos últimos quatro anos, sinto-me muito relutante em concordar com esta operação.

Nem o meu marido nem eu aprovamos o tratamento que Janet tem recebido. Sou enfermeira registada e sei bem o quanto alguns especialistas hoje em dia se preocupam com os seus pacientes. Já não são tratados como indivíduos, mas como números num cartão, empurrados para salas de espera e catalogados como um rebanho de gado.

Acreditamos na cura espiritual e li muito sobre o maravilhoso trabalho realizado pelo Dr. Lang através das suas mãos. Tenho a certeza de que, com a sua ajuda, ele me guiará espiritualmente na tomada da decisão correta, que é tão importante, pois pode afetar todo o futuro da criança, esta criança de Deus. É um passo muito sério para tomarmos sozinhos, especialmente porque o meu marido e eu sentimos que, através da sua ajuda e das nossas orações, pode não ser necessário realizar esta operação dentro de seis meses.

O especialista deseja fixar a anca porque diz que o suprimento de sangue para a cabeça do fémur foi interrompido. Por favor, aconselhe-me sobre o que devo fazer."

O Sr. Lang pediu a George Chapman que informasse a Sra. Haines de que a cura à distância para Janet tinha começado assim que a sua carta foi recebida e que a visitaria durante o seu estado de sono, esperando ajudá-la o suficiente para que a operação planejada não fosse necessária.

No mês seguinte, a Sra. Haines escreveu novamente a George Chapman:

"Muito obrigada pela sua carta de instruções. Sinto agora que algo será alcançado dentro de seis meses e que Janet não terá de ser operada.

Todas as noites, às dez horas, o meu marido e eu ficamos em meditação ao lado da cama da nossa filha, para nos ligarmos ao Dr. Lang. Desde que a cura à distância do Dr. Lang começou, sentimos a presença espiritual à nossa volta, e tenho colocado as minhas mãos na anca e na perna de Janet. Sinto o brilho do poder espiritual a percorrer-me os braços e a fluir para as minhas mãos, e uma grande força a pressionar a minha cabeça. Isso traz também uma grande paz.

Janet diz que a dor na anca melhorou muito e que esta já não enrijece como antes quando fica muito tempo de pé. Antes, tinha grande dificuldade em sentar-se ou levantar-se se permanecesse muito tempo na mesma posição. Agora, também consegue dobrar-se com mais facilidade. Para

mim, parece haver menos deformidade e a perna tem um aspeto melhor. Graças a Deus.

Por favor, transmita os meus mais sinceros agradecimentos ao Dr. Lang pela sua visita e a todos os ajudantes espirituais que também vieram, por tudo o que está a ser feito pela minha filha. Sabemos que, com a ajuda e o poder de Deus — se for essa a Sua vontade — todas as coisas são possíveis."

CAPÍTULO TRINTA E DOIS
"POR FAVOR, AJUDE A MINHA PEQUENA IRMÃ!"

A Sra. Pauline Perry, técnica de laboratório de Swansea, estava terrivelmente preocupada. Não por si própria ou pelo seu bem-estar, mas porque a vida da sua irmã de treze anos, Gwynneth, estava em perigo. Amava profundamente a criança, cujo doce temperamento encantava todos. Gwynneth estava condenada a uma morte precoce, e Pauline Perry estava desesperada. A raiva também a invadia — raiva perante a incapacidade da ciência médica de salvar a sua jovem irmã.

Quando tudo parecia mais negro, Pauline ouviu falar do médico espiritual William Lang. O que lhe contaram pareceu-lhe fantástico. Sendo alguém que trabalhava numa profissão onde tudo tinha de ser comprovado, não conseguia aceitar as surpreendentes afirmações que lhe foram feitas. Mas o que havia a perder? A sua irmã estava a definhar no hospital, então por que não tentar a cura espiritual à distância, mesmo que fosse algo que muitas pessoas desconsideravam ou ridicularizavam?

Pauline escreveu imediatamente a George Chapman. Cito as suas cartas exatamente como foram escritas, pois fornecem detalhes completos de mais um caso que ilustra o notável sucesso da cura à distância.

"Por favor, ajude a minha pequena irmã!" escreveu a Sra. Perry a 30 de março de 1962. "Espero que possa devolver a saúde à criança, apesar de não a poder levar pessoalmente para o ver.

Os meus pais não acreditam nestas coisas e não lhes contei sobre os seus poderes de cura, mas seria uma maravilhosa vitória se Gwynneth pudesse ser curada. Ela tem treze anos e está neste momento no Morriston Hospital (Enfermaria 2), em Swansea, para onde foi levada após o colapso de um pulmão, o que afetou o seu coração.

Desde a infância, Gwynneth tem sofrido ataques graves de asma e, juntamente com bronquite recorrente, a sua condição tornou-se insuportável. A minha pequena irmã sofreu tanta dor e desconforto que já

não deseja viver, algo assustador e horrível de se ouvir da boca de uma criança.

Por favor, faça o milagre e conceda a Gwynneth o dom da saúde para que possa ser como as outras crianças. Ela é tão brilhante, normalmente uma tagarela cheia de alegria, frágil e magrinha, mas de uma beleza excecional. Como a casa está vazia sem ela! Os meus pais estão de coração partido, especialmente a minha mãe, que está à beira de um colapso nervoso após tantas noites de vigília ao lado de Gwynneth.

A saúde da minha mãe é geralmente fraca, a sua pressão arterial está extremamente baixa e ela vive literalmente de injeções administradas pelo médico para estimular a circulação. Tem quarenta anos, e todo o seu organismo está a colapsar rapidamente, a sua resistência e vontade de continuar estão assustadoramente debilitadas. É uma mulher quebrada e exausta que parece definhar diante dos meus olhos.

Por favor, faça algo por elas! Sei que há tantos outros em situações piores, mas estas são a minha família, o meu sangue, e eu amo-as."

Após a receção desta carta, George Chapman comunicou imediatamente o seu conteúdo ao Dr. Lang e a cura à distância começou quase de imediato. Foi pedido à Sra. Perry que enviasse relatórios regulares sobre a saúde da mãe e da irmã. No mês seguinte, escreveu:

"Aqui está o primeiro relatório sobre o progresso da minha mãe e da minha irmã Gwynneth.

A minha mãe parece estar consideravelmente melhor, mas atribui isso ao facto de ter recebido duas injeções do médico. Normalmente, ela recebe uma por mês como um tipo de estimulante, mas devido à sua preocupação com Gwynneth, o médico deu-lhe duas em vez de uma."

Gwynneth, de acordo com o relatório médico, está a melhorar lentamente, mas desenvolveu uma constipação forte. No entanto, está animada e ansiosa por deixar o hospital. Foi-nos dito que o pulmão voltou a colapsar.

Tenho a certeza de que ficará interessado em saber que os meus pais agora conhecem o tratamento que iniciou, embora, naturalmente, a minha irmã mais nova não saiba, e eles estão extremamente curiosos.

Tive de lhes contar, devido ao fenómeno da noite de domingo passado.

Completamente alheia ao que estava a acontecer tanto com Gwynneth como com a minha mãe, a família foi para a cama como de costume. São pessoas sólidas, sem propensão para devaneios imaginativos e

extremamente cautelosas em relação a qualquer coisa que tenha a ver com o mundo dos espíritos.

A minha irmã mais velha, Janet, que dormia sozinha no quarto que Gwynneth anteriormente partilhava, estava a deitar-se quando ouviu vozes a sussurrar ao pé da cama. (Ela tem dezanove anos e é muito sensata.) Sentindo dificuldade em colocar os pés debaixo dos cobertores, pensou que alguém estaria sentado na cama e, nervosa, acendeu a luz. O sussurro parou e não viu ninguém.

Mais ou menos à mesma hora, a minha mãe, que dorme na sua própria cama no mesmo quarto que o meu pai, tentava adormecer quando sentiu alguém sentar-se na cama. Houve uma pressão nítida e o colchão cedeu, como se suportasse um peso extra. Então, enquanto permanecia deitada, sentiu uma mão fria e suave tocar-lhe ligeiramente no ombro e depois mover-se até à cabeça.

Bastante abalada, a minha mãe contou ao meu pai e, pouco depois, Janet entrou no quarto ansiosa por relatar a sua própria experiência.

Não havia animais na casa e a família não tinha assistido nem ouvido nada mórbido ou desagradável na televisão ou na rádio. Assim, contei-lhes sobre si e eles estão muito interessados em saber se pode haver uma ligação entre os acontecimentos que descrevi e os médicos espirituais.

Obrigado por tudo o que está a fazer e tentarei ao máximo seguir as suas instruções.

Quando entrevistei o Sr. Lang sobre a cura à distância, perguntei-lhe se estava envolvido nos acontecimentos em Swansea e ele disse: “Eu próprio não estive lá, mas o Basil e um colega dele visitaram a casa.” O impacto significativo dessa visita dos médicos espirituais revelou-se numa carta posterior de Mrs. Perry, ainda nesse mês.

“Estou radiante por lhe dizer que Gwynneth parece estar completamente curada!” relatou. “Desde que saiu do hospital, não teve mais ataques e nunca mais precisou do cilindro de oxigénio ao lado da cama. Está mais animada, feliz e, embora ainda muito magra, cheia de energia.

A minha mãe ainda não consegue dormir sem sedativos, mas parece mais serena e muito mais calma e feliz. Já não recebeu mais injeções do médico, mas, ainda assim, parece estar muito mais saudável.”

Duas semanas depois, a 6 de maio, Mrs. Perry enviou a seguinte carta:

“Deixe-me agradecer-lhe novamente pela sua maravilhosa ajuda na cura da minha jovem irmã Gwynneth. Ela continua a melhorar e a ficar mais forte

a cada dia. O líquido nos pulmões secou completamente, para grande espanto dos médicos e do pessoal do hospital. Na verdade, agora anda de bicicleta e come muito bem. Os meus sinceros agradecimentos a si e ao Dr. Lang.

A minha mãe parece muito mais saudável, mas continua a tomar os comprimidos para dormir por mero hábito. No entanto, não tem recebido injeções para estimular a circulação e acalmar os nervos, o que é um bom sinal."

Depois, a 20 de junho de 1962, Mrs. Pauline Perry escreveu esta última comunicação a George Chapman:

"Acredito que esta será a minha última carta de agradecimento, juntamente com o relatório médico sobre a minha mãe e a minha irmã.

As duas pacientes em questão progrediram de forma tão surpreendente que penso que, a partir de agora, tudo correrá bem com elas, e resta-me apenas dizer-lhe mais uma vez que tem a minha mais profunda gratidão pela sua maravilhosa ajuda.

Espero sinceramente que esteja tão bem quanto a sua ex-paciente, a minha jovem irmã Gwynneth. Graças a si, ela não voltou a ter problemas com asma ou qualquer complicação pulmonar. Que Deus o abençoe abundantemente e agradeça ao Dr. Lang pelo milagre que realizou."

Esta última carta foi recebida há quase dois anos e meio e, tanto quanto sei, o caso estava encerrado. Mas não seria possível que tivesse havido uma recaída e que Mrs. Perry não tivesse escrito sobre isso? Era imperativo descobrir o estado de saúde atual da mãe e da irmã de Mrs. Perry, por isso entrei em contacto com ela em dezembro de 1964.

"A saúde da minha mãe melhorou desde que recebeu cura à distância", disse-me Mrs. Perry. "Ela nunca foi uma pessoa robustamente saudável, mas, em comparação com o que era antes, eu diria que agora está muito melhor.

Gwynneth está agora notavelmente saudável e cheia de energia. O seu entusiasmo pela vida é verdadeiramente notável. Ocasionalmente, sente um 'aperto' no peito, mas aqueles terríveis episódios de asfixia devido à asma desapareceram.

Ela está sempre sob acompanhamento médico, realmente, por causa do que lhe aconteceu em 1962, e o seu médico está obviamente preparado para outro ataque. No entanto, fico feliz por dizer que ele ainda está à espera! O facto é que a minha jovem irmã está curada, e ninguém pode contestar isso."

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
A COMPLEXIDADE DA CURA ESPIRITUAL

Depois de ter questionado um número considerável de pacientes do Sr. Lang sobre as suas doenças e experiências com o médico espiritual, e de ter analisado os seus testemunhos, era natural que quisesse saber exatamente como as operações espirituais são realizadas e de que forma o corpo espiritual do paciente é tratado. Questionei longamente o Sr. Lang sobre isso.

"A resposta mais simples à sua pergunta sobre como funciona a cura espiritual é: a cura espiritual é uma cura do mundo espiritual, realizada por médicos espirituais num paciente", respondeu Lang. "A cura ocorre no corpo espiritual do paciente, o que provoca uma mudança positiva no corpo físico. É tão simples quanto isso.

Se eu entrasse em todos os detalhes técnicos, não conseguiria compreender – ninguém poderia conceber completamente as complexidades da cirurgia e do tratamento espirituais até estar no próprio mundo espiritual e dotado do entendimento do espírito. Mesmo assim, a menos que alguém se torne um médico espiritual, não conseguiria entender todos os métodos e técnicas complexas. Portanto, penso que a melhor e mais fácil maneira de responder à sua pergunta é reiterar o que disse há pouco – a cura espiritual é uma cura vinda do espírito, através do espírito, para o corpo espiritual do paciente e, consequentemente, para o seu corpo físico."

"Concordo que não conseguiria entender completamente as complexidades das técnicas de cirurgia espiritual, pois sou um escritor e não um médico", disse eu. "Mas não poderia explicá-lo de uma forma que fosse compreendida por pessoas comuns?"

"Vou tentar", consentiu o Sr. Lang. Depois de um momento de reflexão, disse: "Acho que a melhor forma de explicar a conceção básica da cura espiritual é deixando claro que as vibrações curativas utilizadas na cura espiritual têm uma origem divina, vindo diretamente de Deus. São exatamente as mesmas vibrações que foram usadas por Jesus Cristo – o maior curador que já viveu! – e mais tarde pelos Seus discípulos na realização de milagres de cura. Essas mesmas vibrações também foram utilizadas nos primeiros tempos pelos soberanos deste país, quando exerciam o seu poder divino de cura, mas, à medida que o conhecimento médico cresceu, o poder que possuíam tornou-se dormente.

Até hoje, exatamente as mesmas vibrações são utilizadas por alguns clérigos de todas as denominações e religiões, e frequentemente resultam em curas bem-sucedidas ou melhorias em diversas doenças. No entanto, esses clérigos atribuem os seus feitos à religião e fazem tudo para ocultar o facto de que os seus sucessos se devem, na verdade, à cura espiritual.

O uso de vibrações curativas para curar os doentes é uma ciência e não uma religião. Fazem parte das leis naturais do Universo e, consequentemente, devem ser usadas como tal.

Quando eu ou qualquer outro médico espiritual atendemos um paciente, fazemos pleno uso dessas vibrações curativas. Eu extraio o poder de cura do espírito e este poder passa através de mim para o corpo espiritual do paciente doente e, a partir daí, para o seu corpo físico."

"Quando discuti as suas operações espirituais com várias pessoas, e particularmente com um médico, percebi que eles recusam-se a aceitar a existência de um corpo espiritual invisível, mesmo reconhecendo os seus sucessos na superação de doenças curáveis", disse eu.

"Bem, sei que muitas pessoas – especialmente membros da profissão médica – simplesmente não aceitam o facto de que existe um corpo espiritual", disse o Sr. Lang. "Pessoas com uma visão materialista do mundo não conseguem entender que, além de terem um corpo físico que podem ver, também possuem um corpo espiritual que não podem ver. Mas cada pessoa tem um corpo espiritual, isso é inegável.

Seria mais fácil para elas aceitarem e compreenderem se dissessem: ‘Quando a minha vida na Terra terminar, passarei para o mundo espiritual e, ao fazê-lo, viverei no meu corpo espiritual, que é o mesmo que habitei na Terra – a única diferença é a sua textura e o facto de que o corpo físico é mortal, enquanto o corpo espiritual continua a viver após a morte.’ E se dessem um passo além e dissessem: ‘Tenho um corpo espiritual no qual o médico espiritual pode operar ou aplicar tratamento e provocar mudanças; essas mudanças transferir-se-ão para o meu corpo físico e melhorarão a minha condição física’, compreenderiam melhor o funcionamento geral da cura espiritual.

Vejo com demasiada frequência o quão difícil é para algumas pessoas – e especialmente para médicos – aceitarem realmente essas coisas. Por exemplo, se falo com alguns médicos que vêm consultar-me ou com outros pacientes inteligentes e conhecedores sobre, digamos, o cérebro, e digo: ‘Bem, tem um cérebro, tem oito ossos cranianos, podemos separá-los e remover o tumor’, eles sabem do que estou a falar. Mas se eu disser: ‘Tem um corpo espiritual aqui que não pode ver e vou realizar uma operação

invisível e indolor nele, remover o tumor e, ao removê-lo do seu corpo espiritual, provocar uma mudança satisfatória no seu corpo físico', isso já ultrapassa a sua compreensão. Simplesmente dizem 'sim', mas na verdade não entendem o que estou a dizer. Por isso, vê, é necessário expressar-se em termos simples."

"Pode dizer-me como consegue fazer um diagnóstico tão preciso da doença de um paciente e como opera no corpo espiritual?", foi a minha próxima pergunta.

"Bem, como preâmbulo, talvez deva dizer-lhe que, como médico espiritual, consigo ver o corpo espiritual, que é invisível para si e para a maioria das pessoas. Assim, quando olho para um paciente, consigo ver simultaneamente o seu corpo físico e o corpo espiritual. Também consigo ver a aura da pessoa, ou seja, a luz refletida, que está em constante movimento e mudança de cor e que existe a cerca de cinco centímetros do corpo. A aura consiste em vibrações de cor refletidas pelos órgãos do corpo, que mudam constantemente de acordo com o estado da sua saúde. Cada órgão, quando saudável, reflete uma cor definida na aura, mas quando o órgão adoece ou a sua condição se deteriora, a reflexão muda de cor. Assim, ao olhar para a aura de um paciente, sei imediatamente o estado geral da sua saúde, o que, naturalmente, ajuda no diagnóstico.

No entanto, para diagnosticar com precisão o problema de um paciente, é necessário examinar o corpo, pois a reflexão da aura, como disse antes, fornece apenas uma visão geral. Agora, como examino os pacientes não preciso de descrever-lhe, pois conhece isso pela sua própria experiência, e também sabe que examino sempre o corpo espiritual do paciente. A razão pela qual sou capaz de dar-lhe um diagnóstico preciso e detetar condições que médicos e especialistas terrestres não conseguem descobrir através do exame físico deve-se à minha capacidade de examinar o corpo espiritual.

Mas não deixe que lhe passe pela cabeça que a razão pela qual médicos e especialistas por vezes não conseguem diagnosticar corretamente ou curar certas doenças difíceis é porque são incompetentes ou simplesmente não se preocupam com os seus pacientes! A profissão médica é nobre e não deve ser atacada ou criticada desnecessariamente. É a minha própria profissão e foi ela que, afinal, me proporcionou a minha educação e conhecimento. Foi o meu passaporte para regressar à Terra como médico espiritual, trabalhando através do meu médium.

A razão pela qual alguns médicos não conseguem diagnosticar ou curar certas doenças é que as condições terrenas, que regem o corpo físico, frequentemente dificultam o seu sincero desejo de curar. Como médico espiritual, estou numa posição privilegiada, pois as condições terrenas não

interferem no meu trabalho. Ao tratar do corpo espiritual, posso examinar cada órgão com facilidade e não sou prejudicado pela pele e outros tecidos que cobrem os órgãos do corpo físico. Consigo ver e reconhecer imediatamente o que está errado.

Isso, creio, responde à sua pergunta sobre como faço o diagnóstico. Agora, quanto à próxima – como opero no corpo espiritual e assim por diante.

Se preciso de operar no corpo espiritual ou de lhe dar qualquer outro tipo de tratamento, devo afastá-lo ligeiramente do corpo físico para estabelecer a vibração curativa com o mundo espiritual – recorrer ao poder espiritual – de forma a que o corpo espiritual esteja numa condição adequada para ser tratado.

Ora, as pessoas – e talvez o senhor seja uma delas – não têm uma imagem completa do corpo espiritual, e aqueles que aceitam a existência de um corpo espiritual invisível geralmente assumem que ele está dentro do corpo físico. No entanto, isso não é assim – o corpo espiritual está, na verdade, fora do corpo físico, envolvendo-o, por assim dizer, embora também possa retrair-se para dentro do corpo físico. Mas, apesar de o corpo espiritual estar do lado de fora, é essencial puxá-lo ligeiramente para a frente para que eu possa criar as vibrações que o tornem 'vivo'. Veja, quando o corpo espiritual se torna 'vivo', os órgãos que antes eram diminutos assumem o seu tamanho correto e podemos operar ou fornecer o tratamento adequado.

Nem sempre realizo operações. Se descubro, por exemplo, que um paciente tem um problema no fígado que posso curar através de injeções, uso um fluido astral que injeto no órgão do corpo espiritual. Todas estas atividades que descrevi até agora são realizadas, não se pode esquecer, com a ajuda de Basil, dos meus colegas e assistentes."

"As operações no corpo espiritual são semelhantes às realizadas pelos cirurgiões nos hospitais?", perguntei.

"Bem, sim, no geral há uma semelhança no que diz respeito à cirurgia propriamente dita", explicou o Sr. Lang. "A maioria dos instrumentos espirituais é idêntica aos usados nos hospitais, mas usamos menos instrumentos porque a textura do corpo espiritual é diferente e, assim, conseguimos alcançar rapidamente o local da operação. Um cirurgião ou uma enfermeira que me observa a operar sabe o que estou a fazer pelos instrumentos que peço e pela forma como os utilizo, embora não consigam ver a operação propriamente dita."

Eu sabia que era assim porque várias pessoas com formação médica me haviam dito exatamente o mesmo quando as entrevistei sobre os seus próprios casos ou sobre casos que tinham observado no consultório do Sr. Lang.

A seguir, perguntei ao Sr. Lang como era possível que ele, um reconhecido cirurgião oftalmológico durante a sua vida, agora conseguisse realizar operações altamente especializadas em diferentes áreas da cirurgia.

"Oh, consigo realizar a maioria das operações porque, veja, embora me tenha especializado em oftalmologia, também fui cirurgião geral no London Hospital, em Whitechapel, e estudei todas as formas de cirurgia", explicou o Sr. Lang. "Mas, geralmente, não sou apenas eu a operar. Por exemplo, ali mesmo agora está um grupo de amigos meus que trabalharam comigo no hospital, e com eles estão também vários contemporâneos de Basil. Entre eles estão David Little, Arnold Lawson, Adams, McEwen e vários outros. Cada um deles é especialista na sua área e tem os seus próprios métodos e técnicas, e todos trabalhamos juntos como uma equipa, ajudando-nos mutuamente.

Se eu tiver um paciente, digamos, com uma exostose desenvolvida, posso falar com um dos meus colegas e pedir a sua opinião. Normalmente realizamos uma consulta e ouço o que os meus colegas dizem, pois são especialistas em determinadas áreas. Agora, se for necessária uma operação muito especializada, prefiro que um dos meus colegas a realize, mas sou eu quem fala com o paciente e assisto ativamente na operação, pois sou aquele que trabalha através de um médium. O meu filho Basil, um excelente cirurgião, frequentemente opera – ele é um cirurgião muito competente."

"Quando realiza as suas operações, frequentemente estala os dedos. Fazia isso também quando estava na Terra?"

"Sim, sim, claro. O ponto é que, quando trabalhava com pessoas treinadas, elas sabiam exatamente o que eu queria apenas pelo estalar dos dedos. O mesmo se aplica agora. Se quero iniciar uma cirurgia ocular, por exemplo, digo 'injeção' e estalo os dedos, mas depois disso apenas estalo os dedos. Não preciso de dizer mais nada, eles sabem exatamente o que quero porque são tão bons quanto eu – e até melhores. Somos todos iguais – cirurgiões, enfermeiras, e assim por diante – não há ninguém superior ou inferior, somos uma equipa."

"Ao entrevistar um número considerável dos seus pacientes, descobri que alguns notaram cicatrizes de operação nos seus corpos físicos – na

verdade, eu próprio descobri uma marca rosada semelhante a uma cicatriz no meu corpo", disse eu. "Pode dizer-me como surgem esses fenómenos – marcas rosadas claras que parecem cicatrizes, com pequenos pontos rosados que parecem marcas de sutura, mas que são tão suaves que a pele não é afetada?"

"Já lhe expliquei que trato sempre do corpo espiritual e que as operações que realizo refletem-se no corpo físico, trazendo a melhoria ou cura desejada do paciente. Acho que isso responde à sua pergunta, pois as cicatrizes fazem parte das operações."

"Mas como é que então alguns pacientes não apresentam essas marcas nos seus corpos?" perguntei.

"Penso que estou justificado ao dizer que as cicatrizes aparecem em todos os casos, mas a maioria é tão ténue que o olho humano não consegue discerni-las. No entanto, certos pacientes possuem uma pele muito sensível, e as marcas tornam-se claramente visíveis."

"Pode esclarecer-me sobre o uso de ectoplasma para substituir partes danificadas ou doentes do corpo?"

"Bem, o ectoplasma é uma substância retirada do corpo do médium – ou do mundo espiritual – por isso preciso de um bom médium", respondeu o Sr. Lang. "Quando um paciente, como você, chega, crio o que chamo de uma ligação, e essa ligação une-o ao corpo do meu médium. Depois, extraio uma certa quantidade de ectoplasma, que posso moldar.

Se um paciente, por exemplo, tiver um crescimento que esteja a causar-lhe problemas de saúde, eu removo-o através de uma operação, e isso resolve o problema. O paciente acabará por se curar. Mas se um paciente tiver um pedaço de intestino doente, por exemplo, então opero para removê-lo e substituo-o por ectoplasma, porque essa parte ainda é vital para o corpo humano. Assim, vê, o ectoplasma desempenha um papel bastante importante na cirurgia espiritual, mas não é algo de uso universal e ilimitado. Por vezes ouve-se dizer que o ectoplasma é usado para isto e para aquilo, mas isso é um disparate, simplesmente não é verdade."

"Se, por qualquer razão, um cirurgião terrestre removesse uma parte excessiva de um órgão durante uma operação, poderia substituir essa parte em falta com ectoplasma?", perguntei.

"Sim, tento fazer isso, mas nem sempre é bem-sucedido, depende das circunstâncias e também do próprio paciente. Mas já tive um número considerável de pacientes nos quais reconstruí partes ausentes dos seus corpos desta forma com bastante sucesso. De facto, em alguns casos,

quando os pacientes foram ao hospital para exames de raio-X depois de eu ter reconstruído uma parte ausente dos seus corpos com ectoplasma, os raios-X mostraram que as partes anteriormente ausentes haviam ‘crescido novamente’."

"Diria que os espiritualistas, pessoas que acreditam implicitamente na cura espiritual, beneficiam mais das suas operações ou tratamentos do que outras que não têm fé nisso, mas simplesmente esperam pelo melhor?"

"De modo nenhum, isso não faz diferença", afirmou o Sr. Lang com ênfase. "Tudo depende da sintonia da pessoa, como eu costumo dizer."

"Alguns dos que vêm ter comigo não acreditam em absolutamente nada, mas são, intrinsecamente, boas pessoas. Também recebo alguns que, no seu íntimo, são maus. Mas isso não me preocupa, sou um médico espiritual e estou aqui para ajudar os doentes. Então, coloco-os no leito de cura, falo com eles e puxo ligeiramente os seus corpos espirituais – como já expliquei antes. Mesmo nas situações mais difíceis, consigo criar um ambiente calmo e livre de emoções e, quando o paciente está mental e fisicamente relaxado e em condições de receber o tratamento de que necessita, começo a tratar do seu corpo espiritual.

Não posso enfatizar o suficiente que a cura espiritual não tem absolutamente nada a ver com fé ou cura pela fé e, consequentemente, está disponível para todos os que necessitam de cura. Na cura espiritual, neste aspeto, é exatamente o mesmo que o tratamento médico. As crenças ou descrenças pessoais do paciente não influenciam a eficácia do tratamento que recebe do seu médico ou no hospital, e isso também se aplica à cura espiritual. A única coisa que pode ajudar a cura espiritual a produzir resultados mais rápidos no corpo físico é a vontade do paciente de melhorar, mas isso também é verdade para a medicina em geral.

Acho apropriado mencionar os serviços de cura que, ocasionalmente, são frequentados e conduzidos por pessoas com fortes convicções religiosas.

Durante esses serviços, cantam-se hinos e fazem-se orações fervorosas pelos membros da congregação que estão doentes. Essas cerimónias continuam até se atingir um estado emocional elevado e, com ele, uma certa quantidade de poder magnético. Esse poder então passa para os corpos dos pacientes e, como o reservatório de energia é temporariamente revitalizado, a aura ilumina-se e os pacientes sentem-se um pouco melhor."

No entanto, o efeito não é duradouro e, passado pouco tempo, o paciente recai no seu antigo estado de doença, mas com a importante diferença de que o seu estado mental piora. Não compreendem a razão da sua recaída e, se forem profundamente religiosos, tendem a tornar-se introspetivos. Isso

leva-os a questionar se demonstraram fé suficiente em Deus e começam a perguntar-se se já não têm o Seu favor e se foram privados do Seu amor e compreensão.

A maioria deles começa agora a duvidar de que a cura espiritual possa restaurar a sua saúde e, muito provavelmente, nunca mais procurará essa ajuda.

Nas circunstâncias que acabo de descrever, nunca houve realmente uma cura. Os doentes receberam apenas um tónico espiritual que não teve efeito duradouro, pois a doença permaneceu intocada. Não quero dizer que essas igrejas, que procuram trazer cura espiritual através da oração, devam desistir de tentar ajudar os doentes. Mas, se não quiserem apenas arranhar a superfície de algo que, neste momento, não compreendem, devem procurar uma nova abordagem para o problema e adotar os métodos da cura espiritual, treinando os seus membros para serem instrumentos dos Poderes Divinos, tal como foram Jesus Cristo e os Seus discípulos.

Há muitas pessoas que possuem o dom latente da cura e que poderiam ser treinadas para servir tanto a igreja como a profissão médica. Não é um privilégio exclusivo de alguns poucos, mas muitos desconhecem que possuem esse dom. Porém, se essas pessoas pudessem entrar no domínio da cura espiritual da mesma forma que o meu médium fez, tornar-se-iam disponíveis para muitos médicos espirituais que estão ansiosos por trabalhar na Terra da mesma forma que eu, restaurando a saúde aos doentes.

Deixe-me dizer que a cura espiritual é uma ciência – uma ciência do Universo – e, para alcançar os resultados que ela pode proporcionar, é necessário obedecer às suas leis. Sendo uma ciência, a cura espiritual não exige cerimónia religiosa, invocações ou emoções. Quero deixar claro, no entanto, que respeito aqueles que, num espírito de gratidão a Deus, recorrem a hinos e orações de louvor pelos benefícios e bênçãos que esperam receber; mas essas coisas não são essenciais.

Se digo que as orações não são necessárias para que a cura espiritual seja eficaz, não se deve assumir, nem por um momento, que os espíritos curadores não são de Deus. Somos todos de Deus e nunca inicio uma sessão de cura sem dar graças a Deus por me permitir regressar à Terra, assim como pelo uso do meu médium.

Perguntei ao Sr. Lang como conseguia visitar os milhares de pacientes que o procuram através de George Chapman e que regularmente necessitam de cura à distância.

"Oh, simplesmente não posso estar em todo o lado, isso é impossível", respondeu o Sr. Lang. "Visito, naturalmente, muitos pacientes durante o seu estado de sono, mas apenas aqueles que considero necessitarem da minha atenção pessoal. Outros pacientes são visitados pelos meus colegas espirituais. Para o paciente, não importa realmente se sou eu, Basil, Lister ou qualquer outro médico espiritual que o visita; o importante é que receba a cura espiritual e beneficie dela."

"Como é que o senhor, ou os seus colegas médicos espirituais, encontram os pacientes?"

"É fácil – mas, na verdade, é mais correto dizer que os pacientes é que me encontram. Veja, quando um paciente está doente, ele pensa em mim e, assim, emite uma vibração de pensamento muito forte. Agora, quando essa vibração chega ao mundo espiritual, é captada por alguém que depois a transmite para mim.

Muitas vezes, quando uma pessoa se sente muito doente e quer que eu a atenda o mais rapidamente possível, posso estar a realizar uma operação ou a examinar um paciente aqui e, consequentemente, não posso receber a mensagem de imediato. Então, quem captou a vibração do paciente vai ajudá-lo e depois vem dizer-me o que aconteceu. Assim que estou livre, levam-me até onde o paciente está."

"Diria que a cura à distância é tão eficaz quanto a cura por contacto?"

"Oh, meu Deus, não. A cura por contacto é muito mais eficaz. Deixe-me explicar. Quando vem ter comigo aqui, sei que posso ajudá-lo, então opero-o. Depois, digo-lhe que o visitarei durante o seu estado de sono, e assim o faço. Agora, quando o visito durante o seu sono, posso tratar do que precisa de ser feito – porque já operei o seu corpo espiritual durante a cura por contacto – e frequentemente uso raios de cura; é por isso que as pessoas muitas vezes veem luzes.

De um modo geral, quando uma pessoa escreve a pedir apenas cura à distância – e é alguém com quem nunca estabeleci contacto direto antes – os resultados não são tão marcantes.

Claro que a cura à distância é de grande importância. Em muitos casos, quando o paciente está muito, muito doente – pode ser uma criança pequena ou alguém acamado e sei que posso realmente ajudar –, então a ajuda é muito eficaz, mesmo que o paciente nunca tenha recebido cura por contacto. Mas nunca pense que podemos prescindir da cura por contacto e passar totalmente para a cura à distância. A cura à distância, de um modo geral, é apenas um tratamento espiritual, enquanto que, com a cura por contacto, posso realizar qualquer operação necessária e, por poder extrair

tanta energia do médium, sou capaz de usar um poder quase ilimitado do mundo espiritual."

"Após investigar vários dos seus casos de cura à distância, descobri que alguns resultaram em curas verdadeiramente milagrosas."

"Exatamente. Alguns pacientes que visitamos são muito sensíveis espiritualmente e, quando estão no nível mais baixo de consciência, conseguimos afastar os seus corpos espirituais o suficiente – por assim dizer, para dentro do mundo espiritual. Assim, posso operar e dar ao paciente o mesmo tratamento que ofereço na cura por contacto. Em certas ocasiões, enquanto o médium está a dormir profundamente no seu descanso normal, posso também usar parte da sua energia para complementar o tratamento nesses casos específicos de cura à distância e, se houver um médium forte na família, posso fazer muito mais. É por isso que alguns casos de cura à distância são tão eficazes quanto a cura por contacto. Mas deve lembrar-se sempre de que esses casos especiais são raros."

"Então aconselharia qualquer pessoa que sofresse de uma doença grave a procurar a cura por contacto sempre que possível?"

"Sim, se for possível."

"Um dos seus pacientes disse-me que o senhor tem um secretário no mundo espiritual que mantém registos completos de todos os seus pacientes. Isso é verdade? E, se for, o seu nome é Hunt?"

"Sim, é verdade. O seu nome era originalmente John Hunter, mas por disposição legal alterou-o para Hunt. Ele foi, na verdade, um amigo meu durante a minha vida na Terra e, aqui, a nossa amizade continua, naturalmente. Agora, embora tenha dito que ele é o meu secretário, isso não está totalmente correto, porque, antes de tudo, ele dá-me conselhos, ajuda-me consideravelmente e também mantém os meus registos organizados.

Graças ao querido Hunt, sei qual é o problema de um paciente assim que ele chega aqui, porque, veja, enquanto eu atendo um paciente, Hunt regista tudo o que acontece durante a consulta. Ontem, por exemplo, um paciente chamado Clark apareceu, mas Margaret não se lembrava dele porque ele não vinha cá há anos. No entanto, assim que abriram a porta, eu fui capaz de dizer: 'Oh, sim, eu conheço-o' e contar-lhe tudo sobre a sua visita há alguns anos – tudo graças aos registos inestimáveis de Hunt."

A conversa voltou ao tema da cura espiritual e o Sr. Lang confirmou-me que ele e os seus colegas são capazes de curar quase qualquer doença –

desde que não seja demasiado tarde, mesmo para a cura espiritual. Mencionou o seu sucesso com várias vítimas de poliomielite, removendo o vírus mortal e prevenindo a paralisia. Também me forneceu provas de que ele e os seus colegas conseguiram salvar vítimas de leucemia.

"A palavra 'incurável', que há muito tempo é usada na terminologia médica – e suponho que eu próprio a tenha usado em certas ocasiões – nem sempre é precisa", concluiu o Sr. Lang. "Se consigo avaliar a força vital de um paciente – a centelha, se preferir, o desejo de recuperar – e se o paciente está determinado a lutar contra a doença, então, naturalmente, posso ajudar.

Não adianta procurar a ajuda de um curador ou médico e esperar desempenhar um papel passivo. Um paciente, especialmente um 'incurável', deve cooperar com o seu próprio desejo de melhorar.

De um modo geral, nada é incurável – desde que o paciente procure ajuda assim que a sua saúde comece a deteriorar-se e não resista à ajuda que lhe é oferecida."

CAPÍTULO VINTE E QUATRO
SEMPRE VITORIOSO?

Seria razoável presumir que qualquer pessoa que leia este catálogo de sucessos possa perguntar-se se não será inevitável. Perguntei a William Lang se isso poderia ser dito do seu trabalho.

"Não. Eu não realizo milagres e não levo os pacientes a acreditar que posso fazê-lo. Quando as minhas operações espirituais e tratamentos falham – e, infelizmente, isso acontece de tempos a tempos, embora, graças a Deus, apenas raramente – deve-se ao facto de que mesmo os médicos espirituais trabalham dentro de um quadro de leis naturais. A idade, inevitavelmente, cobra o seu preço a todos. As partes do corpo que se desgastam com o tempo não podem ser inteiramente substituídas.

Mas, nos casos em que reconheço que a vida terrena de um paciente se aproxima do fim, continuo a fazer tudo o que posso para aliviar o sofrimento. Ainda posso realizar operações nos seus corpos espirituais com ectoplasma, mas isso é apenas uma medida temporária para proporcionar algum alívio e conforto. Quando a vida terrena está a chegar ao seu fim inevitável, não podemos prolongá-la, mas esforçamo-nos por tornar a passagem para o mundo espiritual o mais tranquila possível para o paciente.

Outra razão para que as operações espirituais e os tratamentos nem sempre sejam bem-sucedidos é que alguns pacientes vêm ter comigo demasiado tarde. Nestes casos, a doença – muitas vezes causada por uma infeção viral grave – já tomou conta do paciente de forma devastadora. Como resultado, nada do que eu possa fazer terá um efeito duradouro. Não, as operações espirituais e os tratamentos espirituais nem sempre têm sucesso. Mas gostaria de enfatizar novamente que nenhuma doença é incurável, desde que o paciente me consulte a tempo."

Também falei com George Chapman sobre o mesmo assunto, e ele disse-me de forma muito franca que algumas pessoas não beneficiam de modo algum do tratamento do Sr. Lang. Recordou um caso ocorrido sete anos antes.

"Os familiares de um paciente que estava num grande hospital no oeste do país pediram-me para o visitar e dar-lhe cura espiritual", disse ele. "Disseram-me que o cirurgião responsável pelo caso tinha dado permissão. Também me disseram que havia um histórico de pneumonia e remoção do apêndice, e que na altura se pensava que o paciente sofria de uma hérnia discal. No entanto, durante uma operação, o cirurgião removeu um abcesso canceroso; mais tarde, foi realizada outra operação em Londres para remover uma úlcera duodenal. Pouco antes de me pedirem para visitar o hospital, foi realizada uma nova cirurgia para tratar de problemas no fígado e na próstata. Havia uma preocupação séria com o estado do paciente, e o hospital tinha poucas esperanças de recuperação. O paciente estava em dor constante e severa, sendo-lhe administradas grandes doses de morfina.

Quando o vi num quarto privado, parecia que o seu fim estava muito próximo. A equipa do hospital foi muito gentil e cooperante, e uma enfermeira permaneceu com o paciente enquanto eu entrei em transe e o Sr. Lang assumiu o tratamento. Naturalmente, fez tudo o que podia para aliviar a dor do pobre homem – e conseguiu. O paciente ficou mais tranquilo e confortável. O Sr. Lang falou com a enfermeira durante o tratamento e explicou à mãe do paciente o que estava a fazer, dizendo-lhe que, embora o filho estivesse demasiado debilitado, era possível aliviar o seu sofrimento. A mãe ficou profundamente agradecida. Alguns dias depois, o homem faleceu pacificamente."

"Uma tarde, cerca de um ano depois deste incidente, a minha esposa recebeu uma chamada telefónica a dizer que uma criança estava em estado muito grave num grande hospital das Midlands. O cirurgião responsável disse que duvidava que a criança sobrevivesse à noite. Os pais estavam desesperados. Fiquei muito abalado, porque adoro crianças, e, embora o caso parecesse sem esperança, prometi que conduziria imediatamente até

ao hospital para que o Sr. Lang pudesse fazer tudo o que fosse possível pela criança. A noite estava escura, chovia intensamente, e as condições da viagem eram péssimas.

Quando cheguei ao hospital, soube que a criança sofria de leucemia e estava a receber uma transfusão de sangue. Tive de esperar muito tempo na atmosfera deprimente da sala de espera, tentando confortar os pais, que estavam em desespero. Ao contrário do que me tinham dito, não tinham obtido permissão das autoridades hospitalares para a minha visita, o que causou mais atrasos. No entanto, quando abordado, o cirurgião responsável concedeu prontamente a autorização e até assistiu ao tratamento do Sr. Lang à criança.

Eram uma da manhã quando saí do hospital, mas, apesar das condições desanimadoras da viagem de regresso, senti que, mesmo que a criança não pudesse ser salva, tínhamos feito tudo o que era possível. Não consegui voltar ao hospital, e a criança recebeu apenas cura à distância depois disso. Foi triste que a vida daquela menina não pudesse ser salva. O pedido de ajuda chegou demasiado tarde. O único que pôde ser feito foi tornar as suas últimas horas na Terra o mais confortáveis possível.

Tanto a cura por contacto quanto a cura à distância tiveram o efeito esperado. Três semanas após a minha visita ao hospital, a criança pôde regressar a casa, onde passou alguns meses felizes, sem dor, antes de falecer pacificamente e partir para o espírito."

Numa nota mais animadora, George Chapman continuou:

"Nem todas as nossas visitas aos hospitais terminaram de forma infeliz. Por exemplo, o Sr. O. escreveu a pedir cura à distância para a sua esposa, que estava internada com cancro da mama. Perguntou se eu poderia vê-la no hospital e dar-lhe cura por contacto. O cirurgião concedeu permissão para isso, então fui.

William Lang decidiu que era necessário realizar algumas operações no corpo espiritual da mulher e, quando finalmente terminou a cirurgia, afirmou que ela estava livre do cancro e pediu que o cirurgião confirmasse.

O cirurgião reexaminou a paciente e, por estar em dúvida, decidiu obter uma segunda opinião. A mulher foi examinada por outro especialista, mas também ele não conseguiu chegar a uma conclusão definitiva. A situação foi explicada ao marido, que foi questionado se permitiria uma operação exploratória para que o cirurgião pudesse verificar exatamente o que tinha ocorrido. O marido concordou e, após a operação, foi declarado que ‘o diagnóstico inicial estava errado; devia ter sido apenas um pequeno quisto, que desapareceu.’

A paciente teve alta do hospital três dias depois. Isto ocorreu em fevereiro de 1954, e a paciente tem estado saudável desde então."

Perguntei a Chapman se poderia fornecer-me uma percentagem geral de falhas.

"Receio não saber", respondeu ele. "Não é fácil para mim compilar registos precisos sobre os efeitos do tratamento de William Lang, porque dependo inteiramente das informações dos pacientes.

Cada paciente que vem aqui para a cura por contacto, e aqueles que recebem cura à distância, são convidados a enviar relatórios de saúde regularmente. Enquanto o fazem, sei até que ponto a cura foi bem-sucedida. O problema, no entanto, é que a maioria deles para de escrever-me quando se recupera completamente.

Mas não tenho como saber se a cura é duradoura. É verdade, claro, que quando um paciente experimenta alguma deterioração na saúde, escreve rapidamente para marcar uma consulta com o Sr. Lang ou para que a cura à distância seja retomada; mas isso não garante que aqueles pacientes que não comunicaram mais comigo desde que relataram a cura completa da sua doença estejam, de facto, curados permanentemente.

O senhor próprio descobriu que os pacientes simplesmente 'desaparecem' quando examinou os meus arquivos. Viu que muitos registos de pacientes não estão atualizados e que a última entrada em muitos deles remonta a até dez anos, ou ainda mais. Gostaria de pensar que, quando um paciente deixa de me informar sobre o seu estado de saúde, é porque conseguimos curá-lo permanentemente. Mas como se pode ter certeza?

Na verdade, a única evidência autêntica que tenho de pacientes que experimentaram curas duradouras desde que pararam de me escrever foi fornecida por si, depois de os ter rastreado até às suas casas.

Se eu quisesse manter todos os históricos de casos atualizados para saber exatamente o que lhes aconteceu, teria de empregar uma equipa administrativa apenas para tratar da correspondência e do arquivamento. E eu próprio teria de dedicar muito tempo a isso.

Como as coisas estão, simplesmente não há tempo suficiente para permitir que William Lang veja todos os pacientes que pedem consultas. Tenho de tentar encaixá-los em datas futuras e organizar para que, durante o tempo de espera, recebam cura à distância. Considero mais importante dedicar o tempo disponível que me resta (depois de lidar com os relatórios de saúde dos pacientes, etc.) a estar em transe e permitir que William Lang ajude os doentes, do que a manter registos confiáveis do pós-tratamento."

Dadas as circunstâncias, receio não poder fornecer uma resposta sobre a proporção de falhas entre o enorme número de sucessos do Sr. Lang.

Durante as minhas investigações, entrevistei 153 ex-pacientes de Lang-Chapman e, após a mais minuciosa investigação de todas as circunstâncias, descobri que essas pessoas foram completamente e permanentemente curadas pelo Sr. Lang – a maioria delas há muitos anos.

Seguindo as opiniões expressas por Lang e Chapman sobre se a cura espiritual é sempre bem-sucedida, decidi procurar a opinião de um médico sobre o assunto. A pessoa mais qualificada para responder a essa pergunta pareceu-me ser o Sr. S. G. Miron, L.D.S., R.C.S. (Eng.), pois ele é capaz de falar com autoridade tanto do ponto de vista ortodoxo quanto do conhecimento pessoal dos feitos de William Lang. Perguntei-lhe diretamente: "Como investigador do trabalho de William Lang, diria que as suas operações espirituais são sempre bem-sucedidas?"

"Não, não concordaria. Diria que não são mais bem-sucedidas do que as operações comuns nesta fase da existência. As razões, no entanto, são muito mais profundas e obscuras.

Estive presente em muitas operações realizadas em hospitais onde a intervenção, do ponto de vista técnico, foi completamente bem-sucedida, mas o paciente acabou por falecer, por uma razão ou outra. Em alguns casos, a causa exata da morte nunca foi totalmente estabelecida.

Basta dizer, contudo, que a maioria dos casos que chegam a William Lang são de pacientes que obtiveram poucos benefícios da medicina e da cirurgia ortodoxas, e muitos estão em fases muito avançadas da doença. No entanto, eu próprio conheço vários doentes com cancro, considerados casos sem esperança, que recuperaram e voltaram à saúde normal após a cura espiritual de William Lang."

Os propósitos das operações espirituais são múltiplos, mas geralmente não diferem das operações realizadas por cirurgiões comuns. Mesmo quando as operações espirituais ou os tratamentos de William Lang não curam um paciente gravemente doente, posso dizer, sem hesitação – falando com base na experiência e em pesquisas aprofundadas do trabalho de Lang – que o doente é tremendamente ajudado e que a sua passagem para o próximo nível de existência se torna muito mais suave."

Durante as muitas entrevistas que tive com William Lang e George Chapman, muitas vezes falámos sobre a impossibilidade de marcar consultas para novos pacientes, exceto para alguns poucos.

"Só se houver um cancelamento é que um novo paciente, cujo caso seja urgente, pode ser encaixado. Caso contrário, significa ter de esperar a sua vez, por mais infeliz que seja a situação", disse-me George Chapman.

"A verdadeira solução para o problema seria treinar mais médiuns para trabalharem com os médicos espirituais que aguardam o dia em que também possam exercer a sua habilidade na Terra da mesma forma que William Lang", disse eu.

"Isso é verdade no que diz respeito aos princípios das atividades de William Lang, visto no método direto de médico para paciente, mas exige um longo treino", disse Chapman. "Lembre-se de quantos anos levou para que o mundo espiritual me treinasse antes de eu me tornar capaz de trabalhar com William Lang."

"Sabe se médiuns do seu tipo estão a ser treinados agora para trabalhos futuros com médicos espirituais na Terra?"

"Não sei que tipo de treino está a ser dado aos médiuns de cura pelas entidades espirituais, mas suponho que tais esforços estejam a ser feitos, pois William Lang mencionou isso em várias ocasiões", respondeu Chapman. "A única coisa que posso dizer com certeza é que um médium de transe e um curador não-transe estão a receber treino aqui, na clínica gratuita de terça-feira."

"Como está a ser feito o treino do médium de transe?"

"Bem, acho que é melhor perguntar ao meu guia. Tudo o que eu poderia dizer seria em segunda mão, porque, como sabe, enquanto estou em transe, não tenho qualquer conhecimento do que está a acontecer aqui. William Lang pode dizer-lhe muito melhor, pois ele é quem está a fazer o treino."

Coloquei a questão ao médico espiritual, e ele deu-me a seguinte explicação:

"Tenho uma aluna na clínica gratuita de terça-feira, e ela tem um enorme potencial para ser uma médium de cura. Na verdade, está a ser treinada para se tornar o instrumento do seu pai e permitir-lhe trabalhar da mesma forma que George me permite trabalhar. Veja, o pai dela foi um excelente médico enquanto viveu na Terra, e é um querido amigo meu. Ele aguarda ansiosamente o dia em que poderá retomar o seu trabalho de cura. Está determinado a estabelecer a sua própria prática como médico espiritual, com a filha como médium, em Hayes, Middlesex."

"Como é realizado o treino?"

"Eu apenas estou a ajudar no treino", corrigiu-me o Sr. Lang. "O treino mediúnico propriamente dito é feito pelas entidades espirituais que possuem o conhecimento necessário nessa área – é o mesmo processo que foi usado com George quando ele estava a ser preparado para se tornar o meu instrumento antes de eu assumir o controlo do seu corpo em transe.

No entanto, para tentar encurtar o período de treino o máximo possível e permitir que o pai dela se torne um médico espiritual mais rapidamente, a filha recebe aqui uma espécie de formação preliminar em cirurgia espiritual. E, enquanto está aqui, a desenvolver-se e a conhecer os seus próprios dons de cura, o pai observa e familiariza-se com os nossos métodos de cura, aproveitando também todas as oportunidades para experimentar assumir o controlo do corpo do seu futuro instrumento."

"Quando acha que esta senhora estará suficientemente treinada?"

"É muito difícil dizer", respondeu diplomaticamente o Sr. Lang. "O período de treino de um médium de cura – um médium como George – é um processo longo. Mas a jovem está a fazer progressos muito promissores."

"Quando chegar o dia em que este novo médico espiritual puder trabalhar através do seu médium, isso significará que o senhor e George não estarão tão sobrecarregados como estão atualmente?"

"Bem, sim. Veja, há muitos curadores espirituais não-transe neste país, e alguns deles são realmente notáveis, com muitos sucessos comprovados. Mas muitos pacientes hoje em dia não se contentam apenas em receber cura e serem curados por um curador através da energia espiritual, sem que este possa falar com eles como um médico faz, explicando-lhes o que está errado. Gostam de falar com o médico espiritual, de lhe fazer perguntas – tal como fazem com médicos e especialistas terrenos – e é por isso que é tão importante que o maior número possível de médiuns de cura seja treinado, para que os médicos espirituais possam trabalhar através deles."

"Tanto quanto sabe, há muitos médiuns de cura a serem treinados para servirem como futuros instrumentos de médicos espirituais que desejam regressar à Terra?"

"Um número razoável está a ser treinado, mas, claro, apenas médiuns natos podem ser desenvolvidos para esta tarefa especial. Mas, à medida que o tempo passa, novos médiuns de cura surgirão e mais e mais médicos espirituais poderão realizar operações e tratar todos aqueles que necessitam urgentemente de ajuda."

"Se o número de médicos espirituais aumentar com o tempo, isso não afetará o sustento dos curadores não-transe, muitos dos quais, como disse, obtêm sucessos notáveis com doenças incuráveis?"

"Não, nunca haverá curadores suficientes. Cada vez mais pessoas procuram ajuda na cura espiritual. É evidente que são necessários muitos mais curadores e médicos espirituais."

"Se eventualmente existir uma rede muito maior de médicos espirituais e curadores não-transe, isso afetará a profissão médica?"

"Meu Deus, não! Não estamos a competir com a profissão médica, estamos a fazer tudo o que podemos para cooperar com eles, na medida em que nos permitem fazê-lo. Atualmente, há apenas um número relativamente pequeno de médicos que aceitam a nossa cooperação; a maioria recusa-se teimosamente a reconhecer qualquer sucesso alcançado através das operações espirituais ou da cura espiritual.

Mas quando um grande número de médicos espirituais e curadores não-transe altamente qualificados puder operar por todo o país, e a prova irrefutável da eficácia da cura espiritual estiver estabelecida além de qualquer contradição, a profissão médica revisará a sua atitude hostil atual e acabará por cooperar.

E então a humanidade beneficiará, como tem direito, numa escala grandiosa. O sofrimento desnecessário e as mortes prematuras tornar-se-ão coisas do passado.

Quem pensa em termos de competição entre a cura espiritual e a profissão médica está a ver a questão pelo ângulo errado. Resumindo:

A cura espiritual trata doenças e traz conforto aos doentes, mas todos devem sempre reconhecer que a profissão médica também o faz. É uma profissão nobre, sem a qual a humanidade não poderia sobreviver. Cirurgiões, médicos e enfermeiros prestam um serviço magnífico aos doentes em todo o mundo. Nenhum curador deve desencorajar um paciente de procurar um médico – de facto, deve sempre aconselhá-lo a procurar a ajuda da profissão médica.

Sempre que possível, os médicos devem ser informados quando os seus pacientes recebem cura espiritual. Deve haver a mais ampla cooperação entre as duas profissões, pois cada uma pode aprender muito com a outra.

Afinal, a medicina científica moderna deve muito aos seus antecessores. E, na maioria dos casos, os médicos espirituais que regressam para curar na Terra foram médicos durante a sua vida terrena.

Portanto, veja, embora, de um modo geral, estejam atualmente muito distantes, os médicos espirituais e os médicos terrenos pertencem à mesma profissão – a profissão cujo nobre objetivo é curar os doentes."

A intensidade apaixonada com que Lang falou revelou o quanto ele se preocupava – e se preocupa – com o bem-estar humano. Também indicou, mais uma vez, o quão fortemente ele sente sobre a abolição das barreiras entre a medicina ortodoxa e a cura espiritual. Seguramente, estas são razões suficientes para um grande esforço na obtenção de uma unidade que beneficiará, sem dúvida, a humanidade.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO
A CURA ESPIRITUAL CURA – FACTO OU FICÇÃO

Quando fui ver William Lang a 6 de janeiro de 1964, conduzi até Aylesbury como um cético, mas, no momento em que escrevo, catorze meses depois, estou firmemente convencido de que o aparentemente velho senhor de bata branca que recebe pacientes em St. Brides é, de facto, o espírito do falecido William Lang, F.R.C.S., agindo através do corpo do seu médium. Estou igualmente convencido de que, na casa de Aylesbury, ocorrem diariamente curas de natureza milagrosa.

A minha convicção foi fortalecida pela investigação rigorosa e exaustiva em que me envolvi nos últimos doze meses.

Naturalmente, os primeiros sinais de crença surgiram da minha própria experiência com os meus olhos, cuja visão continua a melhorar constantemente. Mas, como referi no início deste livro, não tenho a intenção de tentar converter ninguém à minha forma de pensar.

Enquanto trabalhava neste livro, conversei frequentemente com médicos e enfermeiros sobre as curas atribuídas a William Lang. Muitos deles tiveram contacto, de uma forma ou de outra, com as mudanças curativas notáveis que ocorreram depois de os pacientes procurarem ajuda em Aylesbury.

Alguns deles endossaram abertamente o facto de que curas extraordinárias de doenças consideradas incuráveis realmente aconteceram através das operações e tratamentos do médico espiritual.

Outro grupo, apesar de confrontado com provas autênticas de curas, insistiu que as leis da natureza devem ter sido responsáveis – isto apesar das enormes probabilidades médicas e matemáticas contra essa possibilidade.

E, claro, houve aqueles que não quiseram comprometer-se de nenhuma das formas.

Simplesmente disseram que não estavam convencidos de que os fenómenos foram ou não causados pela cura espiritual.

Para ser honesto, devo confessar que este último grupo, os não comprometidos, era o mais numeroso.

Também se destacavam por concordarem unanimemente num ponto em particular – todos disseram que, no fundo, não estavam demasiado preocupados sobre como as curas aconteceram. O mais importante era que tinham acontecido.

Em várias ocasiões, também falei com o meu amigo Liam Nolan – escritor e um homem extremamente crítico e realista, que considero possuir um alto grau de inteligência – sobre a parceria Lang-Chapman, os seus extraordinários sucessos e, em particular, sobre a fantástica melhoria da minha própria visão.

Só nos conhecemos e tornámos amigos depois de William Lang me ter salvo da cegueira iminente, então Nolan não sabia, por observação própria, o quão terrível era a minha visão antes da minha visita a St. Brides.

Estava ciente de que Nolan estava longe de estar convencido de que o médico espiritual poderia realizar todas as curas milagrosas de que lhe falei.

No início, foi demasiado educado para me interrogar diretamente ou desafiar abertamente o que eu dizia.

Mas o brilho cínico nos seus olhos traía o facto de que ele estava longe de aceitar que os acontecimentos que lhe descrevi poderiam ser possíveis.

A certa altura, ocorreu-me que ele pensava que eu poderia ter-me tornado vítima de autoilusão.

À medida que o tempo passou e continuámos a discutir William Lang e o seu trabalho, tornou-se mais óbvio do que nunca que Nolan não conseguia entender como o jornalista e escritor cético e desconfiado que ele conhecia poderia ter sido completamente convencido por algo que, na sua opinião, poderia facilmente ter sido um embuste ou uma ilusão.

Claro que ele nunca fez um comentário que o expressasse de forma tão direta, mas eu tinha uma boa ideia de quais eram os seus pensamentos.

Então, um dia, enquanto lhe contava um exemplo particularmente impressionante da habilidade de Lang que acabara de investigar, sugeri ao meu amigo escritor que viesse comigo a Aylesbury para conhecer o médico espiritual e o seu médium. Ele concordou prontamente.

Isso não me surpreendeu. Eu conhecia a sua mente fria, analítica e perspicaz e estava razoavelmente certo de que diria sim quando fizesse a sugestão.

A nossa consulta com William Lang estava marcada para as quatro da tarde – depois de o médico espiritual ter atendido o seu último paciente do dia.

Liam Nolan sentou-se em frente ao médico, com o ceticismo e a atenção estampados no rosto. Eu sentei-me no sofá do outro lado do consultório, observando os dois e ouvindo o interrogatório que o meu amigo iniciou. À medida que a conversa prosseguia, a cortês sinceridade do médico espiritual começou a ter algum efeito sobre a semi-hostilidade de Nolan. A sua abordagem tornou-se ligeiramente mais amigável, embora continuasse a questionar o médico espiritual sobre uma ampla variedade de temas.

Uma ou duas vezes, as perguntas levaram Lang a levantar-se da cadeira e a caminhar até um quadro na parede e até uma estante de livros.

A entrevista durou cerca de uma hora.

Depois, quando George Chapman recuperou a consciência, Nolan conversou com ele de forma descontraída sobre Liverpool, a juventude de Chapman, o seu trabalho e muitos outros assuntos.

Era bastante óbvio para mim que ele estava a manter a conversa a fluir, tentando, através de perguntas astutas e artifícios conversacionais, fazer Chapman falar o máximo possível.

Ele dissera-me, em algumas ocasiões, que se uma pessoa falar durante tempo suficiente e de forma livre, acabará por revelar a chave do seu caráter. Agora parecia-me que ele estava a tentar identificar semelhanças na fala entre Chapman e Lang.

Mais tarde, quando me sentei ao lado de Nolan enquanto ele conduzia o carro pela A-413 em direção a Londres, perguntei-lhe o que achava do seu encontro com o médico espiritual e o seu médium.

"Lamento dizer isto, Joe, mas não estou de todo convencido de que o homem de bata branca seja William Lang, o cirurgião", disse ele.

"E quanto às marcadas diferenças na fala e nos gestos entre o homem no consultório e Chapman, com quem acabaste de tomar chá?" perguntei.

"Isso não me convence minimamente. Qualquer pessoa com talento para a representação e alguma habilidade poderia interpretar os dois papéis de forma bastante convincente. Truques vocais não são assim tão difíceis, sabes?"

"Discordo", disse eu, mas não insisti no assunto e passei para a próxima questão: "E quanto ao vasto conhecimento médico do médico espiritual, que tu próprio verificaste até certo ponto ao interrogá-lo? George Chapman não tem qualquer conhecimento médico – ele trabalhou numa oficina, foi talhante, serviu na RAF durante a guerra e acabou como bombeiro antes de se tornar médium a tempo inteiro."

"Como sabes isso?", retorquiu ele.

"Verifiquei o seu histórico e confirmei que ele teve apenas uma educação básica. Além disso, várias pessoas com formação médica questionaram-no, enquanto estava consciente, sobre temas médicos e confirmaram que ele não tem qualquer conhecimento de medicina."

"Tudo isso pode ser um ato bem calculado", disse Nolan. "Mesmo que não tenha frequentado uma escola superior, isso não significa que não seja inteligente. E não é assim tão difícil para uma pessoa com inteligência adquirir um vocabulário impressionante de termos médicos a partir de uma enciclopédia ou de livros de referência médica numa biblioteca. Especialmente se tivesse um forte desejo de o fazer."

"Não estarás a ir longe demais, Liam?"

"Não me parece, Joe. Se, por alguma razão conhecida apenas por ele, quisesse criar a impressão de que, no seu consultório, é o médico espiritual Lang, mas no seu estado consciente é apenas um homem comum, seria a coisa mais fácil do mundo dizer que não, que não sabe nada sobre medicina, quando está a representar o papel de George Chapman outra vez."

"Muito bem", disse eu, "vamos assumir que a alegação sobre o médico espiritual é falsa – uma fraude, se preferires..."

"Eu não disse isso", interrompeu-me Nolan.

"Eu sei. Mas vamos assumir que tudo isto é uma farsa, um embuste, truques, ou seja o que for. Que benefício traria a Chapman?"

"Bem, há duas razões básicas pelas quais ele poderia estar a fazê-lo."

"Nomeadamente?"

"Primeiro, dinheiro. Segundo, pode ser que ele esteja genuinamente interessado em enganar as pessoas para que acreditem que estão a melhorar. Quero dizer, talvez haja um motivo de poder – uma espécie de 'curandeiro-mestre'. Ou um sentimento humano profundo pelas pessoas doentes que, devido ao seu poder de convencimento, acreditam que não

estão assim tão mal. Algumas pessoas, sabes, quase gostam da ideia de que não estão bem."

"Vamos deixar de lado o motivo financeiro por agora", disse eu, "porque penso que posso provar eficazmente que não existe. Vamos focar-nos na tua segunda razão – que ele quer, como dizes, 'enganar' as pessoas para que melhorem. Como é que ele faz isso? Como, se não houver um médico espiritual a trabalhar através dele?"

"Não pensarias que os milagres fossem uma exclusividade dos médicos espirituais, pois não?", respondeu ele. "Afinal, mais de quinhentos milhões de fiéis da Igreja Católica Romana têm um catálogo bastante sólido de milagres que remontam a quase dois mil anos. E a crença deles é em Deus e nos santos. E Lourdes? Até não cristãos e anticristãos participaram em painéis de médicos e investigadores que certificaram curas milagrosas lá. E eles fizeram-no.

Os cristãos poderiam muito bem dizer que as curas que acontecem em Aylesbury são atos de Deus. E tu poderias afirmar que não são?"

"Não, mas tanto William Lang como George Chapman reiteram sempre que rezam a Deus pedindo a Sua ajuda e que toda a cura vem de Deus. Tu não descrês que milagres podem acontecer?", perguntei.

"Como católico, como poderia?", disse ele. "Tudo o que estou a dizer é que não estou convencido de que, se os milagres acontecem em Aylesbury, acontecem porque William Lang supostamente controla George Chapman.

E, além disso, ainda não estou certo de que milagres sejam realmente realizados lá. Um verdadeiro milagre é algo bastante fenomenal, sabes, e exige uma enorme quantidade de provas.

Existe tal coisa como a auto-sugestão, e isso pode ser muito poderoso nas mãos certas."

Deixámos o assunto por ali, concordando em discordar.

Algum tempo depois, perguntei a Nolan se me ajudaria com o livro, editando-o e, quando necessário, reescrevendo algumas partes.

Ele concordou, e fiquei satisfeito por várias razões, sendo a principal o facto de saber que ele abordaria o assunto com uma mente equilibrada e objetiva. Ele não se deixaria enganar.

À medida que reunia material, viajando por todo o país com o meu gravador, ia-lhe fornecendo as informações. Abstive-me de perguntar-lhe se a sua opinião sobre William Lang havia mudado.

Queria que ele visse todas as provas, que lesse o que os pacientes e os médicos tinham a dizer.

Passaram-se alguns meses antes de voltar a abordar o assunto, já o livro estava quase concluído.

"O que achas agora dos sucessos de cura de Lang-Chapman?", perguntei.

"Ainda não estou cem por cento convencido de que o homem que conheci em Aylesbury seja o médico espiritual que afirma ser", disse ele num tom semi-apologético.

"E quanto aos sucessos únicos na cura? Também os refutas?"

"Não, não os refuto", disse ele. "Os históricos de casos autenticados tornariam isso muito difícil de fazer. Parece que algumas coisas espantosas foram realizadas, e não posso fingir que entendo como. Mas ainda é demasiado para mim aceitar que existe tal coisa como um corpo espiritual invisível e que Lang, através de Chapman, opera nele e obtém sucesso. Isso seria atribuir-lhe os poderes de um Deus, e isso eu não posso aceitar."

"Mas estás disposto a aceitar que milagres acontecem de alguma forma inexplicável depois de as pessoas visitarem St. Brides e que também George Chapman está, de alguma maneira estranha, envolvido?"

"Estou muito relutante em comprometer-me com isso, Joe", disse ele. "Algo semelhante a milagres parece ter ocorrido. Milagres reais? Não sei. E qual o papel de Chapman em todo este esquema também não estou certo.

Mas sim, concordo que fenómenos de maior ou menor grau têm ocorrido em torno das visitas de George Chapman a doentes, e das visitas dos doentes a ele. Não aceito a tua explicação. Estou intrigado."

"Quanto a mim", disse eu, "estou convencido de que é William Lang quem trabalha através da mediunidade de George Chapman, mas todos têm o direito de ter a sua própria opinião e de aceitar ou rejeitar a minha crença pessoal.

Na minha opinião, a única questão importante é se estes resultados de cura aconteceram ou não. Eu acredito que foram causados por Lang-Chapman. Estou convencido disso, mas tu e muitas outras pessoas podem argumentar contra. Também acredito que as únicas pessoas qualificadas para fazer uma declaração autoritativa sobre a eficácia das curas e sucessos terapêuticos de William Lang são os seus inúmeros pacientes, que experimentaram tanto a medicina ortodoxa como a cura espiritual.

Todos os pacientes cujos casos estão publicados neste livro são pessoas vivas, e não podem estar todos errados. Eles estão dispostos a testemunhar

a grande ajuda e benefício que receberam através das operações espirituais e tratamentos de William Lang, caso seja necessário. Não me parece razoável que qualquer pessoa rejeite por completo todas as alegações de sucesso das curas Lang-Chapman quando existe um número tão grande de pessoas – pacientes, médicos e enfermeiros – que podem testemunhar em favor do cirurgião 'falecido' e do seu médium."

Liam Nolan concordou que o volume de evidências era impressionante e que descartá-lo levianamente seria irrazoável.

O número de pessoas, de todas as áreas da vida – neste país e em muitos outros –, que acreditam que a cura espiritual pode ajudar os doentes e que, consequentemente, recorrem às suas possibilidades únicas, está a crescer constantemente.

No que diz respeito a George Chapman e William Lang, o rápido aumento de pacientes que solicitam consultas antecipadas com o médico espiritual é tão grande que Chapman tem extrema dificuldade em atender a todos.

Apesar dessa tendência e do facto de alguns médicos, especialistas e autoridades hospitalares aceitarem os sucessos de William Lang, a profissão médica como um todo ainda não aceita, neste momento, a cura espiritual em qualquer grau.

Na verdade, não era incomum que, quando um caso convincente de uma cura milagrosa realizada por William Lang num paciente supostamente incurável era apresentado para investigação, alguns membros da profissão médica simplesmente abanassem a cabeça e dissessem, essencialmente: "Não podemos aceitar isso. Deve ter havido um erro no diagnóstico inicial."

Na sua persistência em recusar aceitar provas, esses membros ultraortodoxos da profissão médica são, de certa forma, inimigos da humanidade, porque, sem sequer tentarem envolver-se em qualquer investigação, rejeitam determinantemente qualquer possibilidade de cura que não se origine na medicina ortodoxa.

Felizmente, no entanto, nem todos os membros da profissão médica pensam e agem desta forma restritiva. Mas enquanto a atitude 'oficial' atual em relação à cura espiritual prevalecer, a maioria deles não ousará expressar abertamente as suas opiniões, nem poderá envolver-se em pesquisas por receio de ser acusado de 'conduta não profissional'.

Não é estranho que cientistas em todo o mundo estejam a competir para estabelecer ligações entre a Terra e os planetas, mas que nenhuma investigação científica séria esteja a ser feita sobre a cura espiritual – um assunto que afeta eminentemente todos?

Estabelecer uma ligação com George Chapman e William Lang poderia fornecer uma base científica para muitas descobertas na cura de doentes e na assistência à profissão médica.

Embora nem George Chapman nem William Lang alguma vez tenham afirmado que a cura de qualquer caso espetacular tenha sido resultado de um milagre – na verdade, ambos sempre enfatizaram fortemente para mim, e para inúmeras outras pessoas, que Lang não realiza milagres – milagres acontecem em Aylesbury.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS
MUDANÇAS PROFUNDAS

Na primeira edição de *Healing Hands*, apresentei em grande detalhe uma descrição precisa e honesta das formidáveis operações espirituais e dos sucessos terapêuticos que George Chapman e William Lang alcançaram em Aylesbury e no Centro de Cura Espiritual de Birmingham – então ainda em funcionamento.

Passei bem mais de um ano a investigar minuciosamente todos os aspetos das realizações incomparáveis de Chapman e Lang.

Comecei por selecionar, ao acaso, um conjunto de registos contendo informações sobre como as operações espirituais e os tratamentos curaram permanentemente várias doenças diferentes, anteriormente consideradas ‘incuráveis’ pela medicina.

O passo seguinte foi gravar entrevistas detalhadas com William Lang, enquanto Chapman estava em transe profundo, para procurar a sua explicação sobre como e por que razão as operações espirituais poderiam curar doenças que a medicina ortodoxa altamente avançada dos nossos dias não conseguia tratar.

Também entrevistei extensivamente George Chapman – bem como a sua esposa, Margaret, que na altura atuava como rececionista e estava em contacto direto com os inúmeros pacientes que falavam com ela sobre as suas doenças, os seus progressos e até questões pessoais – para conhecer toda a informação que cada membro da ‘equipa de cura espiritual’ poderia fornecer-me.

Talvez a minha tarefa mais importante tenha sido determinar se os históricos médicos ortodoxos confirmavam que os pacientes haviam realmente sofrido das doenças alegadas como ‘incuráveis’, e se exames clínicos e testes posteriores estabeleciam que a doença já não era

detetável, que o paciente estava com boa saúde e – de alguma forma – curado.

Para que pudesse obter qualquer informação sobre o estado de saúde anterior e atual junto dos médicos dos pacientes, das autoridades hospitalares e dos especialistas, era naturalmente necessário que os pacientes me dessem autorizações por escrito, permitindo que os seus médicos e hospitais divulgassem informações confidenciais.

No entanto, antes de tentar obter provas médicas, primeiro quis encontrar-me com os pacientes e gravar os seus relatos sobre as suas experiências, tal como as interpretavam e recordavam.

Com a minha esposa, Pearl, que assumiu a dupla função de ser a minha motorista e secretária, percorremos milhares de quilómetros para entrevistar detalhadamente cada paciente, pois eu estava determinado a registar todos os pormenores sobre as suas doenças, tratamentos médicos, operações espirituais e o seu regresso aos médicos e especialistas hospitalares depois de William Lang lhes ter dito que estavam agora curados.

Lang acrescentava que a cura era o resultado final do seu longo tratamento espiritual e reiterava que a cura seria permanente ao longo das suas vidas, sugerindo por fim que voltassem aos seus médicos e especialistas hospitalares para confirmarem que a sua doença, antes considerada 'incurável', já não estava presente.

Fiquei surpreendido com a disposição dos pacientes para revelar todos os detalhes de que eu precisava – mesmo quando a entrevista informal, por vezes, se transformava numa espécie de interrogatório – e detalharam como Lang realizou operações espirituais especializadas que eventualmente trouxeram curas duradouras.

Recordaram também como depois visitaram os seus médicos e especialistas hospitalares, que ordenaram uma série de exames clínicos e testes necessários.

Os especialistas então anunciaram: não havia qualquer vestígio da doença, confirmando que o paciente estava curado.

E, quando a entrevista terminava, cada paciente concordava sem hesitação em fornecer-me uma carta autorizando os médicos e hospitais a divulgarem os seus históricos médicos confidenciais e a fornecerem quaisquer informações adicionais de que eu pudesse precisar.

Embora tenha apresentado as cartas de autorização dos pacientes, foi necessário um esforço bastante determinado para persuadir alguns

médicos, e especialmente as autoridades hospitalares, a cumprirem as instruções dos seus pacientes.

Eventualmente, consegui estabelecer, a partir dos registos dos históricos médicos, que os pacientes haviam sido de facto classificados como 'incuráveis do ponto de vista médico', mas os registos mais recentes indicavam: todos os exames estabeleceram que não havia vestígios da doença.

Assim, obtive confirmação médica oficial de que as operações espirituais e o tratamento de Lang tinham realmente curado os pacientes que anteriormente eram considerados incuráveis.

Enquanto investigava e escrevia *Healing Hands*, visitei regularmente William Lang e George Chapman em St. Brides e, realizando operações espirituais nos meus olhos a intervalos de três meses, Lang conseguiu o quase impossível.

A seu pedido, fui eventualmente examinado por um oftalmologista, e o exame de visão especializado estabeleceu: a minha visão melhorou tão drasticamente que passou a cumprir os requisitos obrigatórios para a obtenção de uma carta de condução.

Tendo reunido provas irrefutáveis que estabeleceram que apresentei factos – os quais não apenas eu, mas vários investigadores experientes, especialistas em pesquisa e até membros da profissão médica altamente qualificados examinaram, reexaminaram e confirmaram –, considerei meu dever registar cada detalhe em *Healing Hands*.

O meu motivo era estritamente humanitário.

Raciocinei que, pelo menos, alguns doentes considerados incuráveis, que viviam em sofrimento e desespero absoluto, poderiam talvez ser ajudados, ou até mesmo curados, se tivessem a possibilidade de conhecer os detalhes sobre as operações espirituais e tratamentos de Lang e Chapman.

E se, no auge do desespero, decidissem 'dar uma oportunidade à cura espiritual', não teriam nada a perder; muitos poderiam ter a sorte de beneficiar enormemente, e alguns poderiam até ser curados, ao procurar ajuda espiritual em St. Brides ou no Centro de Cura Espiritual de Birmingham.

Quase como se para justificar a minha crença de que *Healing Hands* poderia tornar-se uma espécie de 'salvação' para muitos sofredores cuja condição de saúde se deteriorava constantemente e evoluía a ponto de tornar a vida insuportável – quando os medicamentos mais potentes já nem sequer conseguiam atenuar a dor brutal e muitas dessas pessoas

atormentadas rezavam intensamente a Deus para que pusesse fim ao seu sofrimento desumano e as deixasse morrer misericordiosamente – fui inesperadamente provido de mais provas de como as operações espirituais de William Lang, por vezes, podem produzir resultados que normalmente seriam considerados impossíveis.

Enquanto *Healing Hands* estava em fase avançada de produção e perto da data de publicação, sofri um acidente.

O cirurgião do hospital diagnosticou uma cartilagem rasgada no meu joelho esquerdo, os raios X revelaram uma rótula fraturada e outras lesões.

O tratamento revelou-se ineficaz, o meu joelho parecia mais um balão do que parte do corpo e um inchaço considerável espalhou-se – sem mencionar a dor crescente e severa.

O cirurgião ortopédico decidiu que a minha perna esquerda teria de ser amputada, consolou-me dizendo que seria logo acima do joelho e pediu-me que assinasse um formulário que autorizava a amputação.

Esperava que William Lang pudesse salvar-me de perder a perna ao realizar uma ou mais operações no meu corpo espiritual e, em vez de assinar o formulário, disse ao cirurgião que precisava de refletir sobre a perda da perna e, consequentemente, não assinaria o formulário por enquanto.

Telefonei imediatamente a George Chapman e consegui contactá-lo pouco antes de ele entrar em transe.

Depois de lhe explicar a situação, ele propôs que fôssemos a St. Brides o mais rápido possível e prometeu manter-se em transe até à nossa chegada.

Pearl conduziu-me até Aylesbury em tempo recorde e chegámos enquanto Lang ainda atendia o seu último paciente do dia.

Quando finalmente me examinou no leito de cura, Lang comentou que a minha lesão era muito grave e que seria necessária uma habilidade considerável para salvar a minha perna.

O seu outrora famoso colega cirurgião ortopédico escocês, o Sr. McEwen, realizou a operação complexa, assistido por William Lang, pelo seu filho, o cirurgião Basil, e por vários outros cirurgiões e assistentes famosos que faziam parte da equipa de William Lang.

Observei atentamente Lang a usar instrumentos invisíveis e, embora nunca tenha tocado no meu corpo durante a operação espiritual, que durou cerca de cinquenta minutos, senti incisões dolorosas e outros procedimentos cirúrgicos sendo realizados.

Quando a operação no meu corpo espiritual terminou, William sentou-se exausto numa cadeira próxima; pelo seu comentário, percebi que McEwen, Basil e o restante da equipa de cirurgiões e assistentes também precisavam de um breve descanso.

Foi necessário um conjunto especial de habilidades e técnicas para realizar as operações das diversas lesões simultaneamente e no menor tempo possível; além disso, tiveram de usar métodos especiais para garantir que as operações no corpo espiritual fossem eficazmente transferidas para o corpo físico nos dias seguintes, a fim de satisfazer o cirurgião ortopédico do hospital de que a amputação já não era necessária.

"Não vais perder a tua perna, Joseph", assegurou-me Lang com grande alívio. "As operações foram extremamente bem-sucedidas e nunca mais terás problemas com o teu joelho e perna."

Depois, instruiu-me a ficar de cama no dia seguinte para contribuir para a transferência imediata do efeito para o meu corpo físico.

"Quando vires o cirurgião do hospital depois de amanhã, quando ele planeia amputar a tua perna", concluiu Lang, "observa o rosto dele e as reações ao descobrir que o teu problema desapareceu.

Uma pena que ninguém estará lá para capturar a sua expressão facial numa fotografia. Seria uma imagem única."

A previsão de Lang provou-se correta em todos os aspetos.

A expressão facial do cirurgião era indescritível quando constatou a mudança drástica na minha condição.

E quando ordenou raios X imediatos do meu joelho esquerdo e os comparou com os tirados logo após o acidente – que mostravam a fratura da rótula –, murmurou para o seu assistente:

"É incrível que algo assim possa acontecer!"

Durante os seus trinta anos como cirurgião ortopédico, tinha-se deparado com várias mudanças no estado de saúde dos pacientes que, mesmo considerando todos os aspetos médicos, permaneciam como enigmas sem explicação, para os quais nem os consultores mais qualificados e investigadores médicos conseguiam encontrar uma resposta plausível; tinha visto inchaços de várias naturezas e dimensões desaparecerem repentinamente, por isso não ficou perplexo ao ver que o inchaço do meu joelho – mesmo sendo um dos maiores e mais graves que já tivera de tratar – tinha praticamente desaparecido.

Mas o facto de o primeiro raio X mostrar claramente a fratura escalonada da rótula e, em seguida, um novo raio X confirmar que a mesma rótula estava em perfeitas condições, sem qualquer sinal de dano anterior, mesmo sob exame minucioso com uma lupa forte, fê-lo quase estremecer.

Ao dar-me alta, o cirurgião ortopédico deixou claro que, caso houvesse alguma recorrência, deveria consultá-lo imediatamente.

No entanto, passaram-se mais de doze anos desde as operações espirituais de emergência, e, como William Lang previu na época, o meu joelho e a minha perna permaneceram permanentemente em perfeitas condições.

Pouco depois da publicação da primeira edição de *Healing Hands*, ocorreram mudanças significativas e, consequentemente, *Healing Hands* tornou-se, em partes, um livro desatualizado e possivelmente até enganador sobre o atual funcionamento do Estabelecimento de Cura Espiritual de George Chapman e William Lang.

Uma dessas mudanças foi a construção do *Healing Annexe* – um edifício tipo bangalô – que inclui uma sala de espera, o consultório de William Lang, escritórios, entre outras acomodações.

Assim que o *Healing Annexe* foi concluído, o consultório de William Lang foi transferido da sala da frente da residência de Chapman, juntamente com a pequena sala de espera no final do edifício principal.

Um anexo de cura espiritual, construído com todas as comodidades necessárias, proporcionou melhores instalações para as operações espirituais de William Lang e maior conforto para os seus pacientes.

Ao perguntar a Lang se a construção do *Healing Annexe* foi ideia dele ou de George, ele respondeu:

"O anexo foi criado, simplesmente, para conveniência da família Chapman. Talvez um deles quisesse ouvir música ou ver um programa de televisão, mas tinham de manter o volume baixo porque, se fosse demasiado alto, interferia com o nosso trabalho. Isto significava que nunca tinham realmente a sua própria casa.

Por isso, sugeri que fosse construído um anexo onde pudéssemos trabalhar sem interrupções e que também proporcionasse privacidade à família Chapman.

Disse um dia a Margaret para pedir a George que construísse um anexo para o pessoal administrativo e para mim. Foi construído para conveniência de todos."

"No seu consultório original em St. Brides, o senhor criou certas vibrações favoráveis ao sucesso da cura", comentei. "Foi difícil transferir essas vibrações auxiliares do seu antigo consultório para o novo anexo?"

"Não, isso não faz diferença", respondeu Lang. "Venho aqui para trabalhar e as minhas vibrações são criadas porque tenho a minha equipa. O que quero, simplesmente, é trabalhar com sucesso em qualquer sala onde haja uma boa atmosfera, onde – como dirias – me sinta em casa.

Isso é o mais importante. Mas posso trabalhar em qualquer lugar. Algumas pessoas disseram-me – tanto ligadas à imprensa como ao mundo espiritual – 'Criaste boas condições aqui em St. Brides, e disseram-nos que outros curadores não trabalham noutro sítio senão no seu santuário, porque acreditam que não obterão resultados em nenhum outro lugar.'

Bem, isso pode ser verdade para esses curadores, mas, no que me diz respeito, posso trabalhar com sucesso em qualquer lugar."

"Então, não houve qualquer interrupção", comentei.

"A única coisa é que, quando se tem um edifício novo, ele é frio", explicou Lang. "Então, tem de se colocar luz nele, mas isso é algo que se faz rapidamente."

Outra grande mudança foi o encerramento do *Birmingham Spirit Healing Centre*, que anteriormente permitia que pacientes que viviam naquela região da Inglaterra recebessem as operações espirituais e tratamentos de Lang sem precisar de viajar até Aylesbury.

O registo de curas de doentes considerados incuráveis nesse centro de cura, de modelo clínico, foi verdadeiramente fenomenal.

No entanto, o encerramento estava fora do controlo de George Chapman e William Lang.

"O senhor alguma vez lamentou o facto de o centro de Birmingham ter sido encerrado?", perguntei a Lang.

"Em alguns aspetos, sim, lamento", disse Lang. "Trabalhava lá com bastante satisfação. Mas a igreja foi vendida, e essa foi a razão para a interrupção das viagens para Birmingham.

Agora, os pacientes de Birmingham vêm de autocarro para St. Brides para receber tratamento.

Portanto, na verdade, não parou. Aliás, os habitantes de Birmingham dizem que gostam das suas viagens mensais de autocarro para Aylesbury."

O *Healing Annexe* tornou-se a sede da cura espiritual de George Chapman e William Lang em Aylesbury.

No início, a esposa de George, Margaret, atuava como rececionista, organizando, conforme as instruções de Lang, as consultas futuras e cuidando dos pacientes.

No entanto, mais tarde, foi feita outra mudança: Michael Chapman, filho de George, assumiu as funções de rececionista da sua mãe.

Esse foi o seu primeiro passo para, mais tarde, tornar-se membro da equipa de cura do cirurgião espiritual.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

O MELHOR DOS DOIS MUNDOS

John Leadbitter, um ex-mineiro de Newton Aycliffe, Inglaterra, foi um dos muitos doentes que aceitaram o diagnóstico devastador dos seus médicos e especialistas hospitalares de que era ‘incurável’ e estava condenado a viver para sempre em agonia.

Mas, como tantos outros com doenças desesperantes, deparou-se com a primeira versão de *Healing Hands* e, após lê-la, decidiu procurar a ajuda de William Lang, na esperança natural de que as operações espirituais e tratamentos pudessem ser tão bem-sucedidos quanto os descritos no livro.

Escolhi este caso específico de um vasto arquivo de casos igualmente bem-sucedidos porque revela claramente que:

Lang identificou com precisão a raiz do grave problema de saúde deste paciente, algo que o seu médico e os especialistas do hospital não conseguiram detetar.

Mantendo a sua prática habitual ao lidar com casos ‘desesperados’, aconselhou Leadbitter a continuar a receber tratamento médico convencional em simultâneo.

"Combinar as nossas operações espirituais e tratamentos com o tratamento médico convencional não causa conflito algum – pelo contrário", explicou Lang.

"Se a medicina ortodoxa for sincronizada com as nossas operações espirituais e se todas as minhas instruções forem plenamente seguidas, este esforço conjunto pode reverter o diagnóstico inicial de ‘incurável’.

Por vezes, um tratamento conjunto prolongado e ininterrupto é essencial para alcançar uma melhoria gradual, mas – por vezes, muitos anos depois – a condição outrora ‘desesperada e incurável’ pode finalmente ser curada!"

Investiguei minuciosamente o caso de John Leadbitter, verifiquei os seus registos médicos, estudei os relatórios de Lang e discuti o caso com ele enquanto George Chapman estava em transe.

Também submeti Leadbitter a um interrogatório detalhado para obter o seu próprio relato sobre o que aconteceu.

Ele foi extremamente colaborativo e, para garantir que fornecia apenas factos precisos sobre o seu caso, que teve origem há tantos anos, verificou cuidadosamente todas as anotações detalhadas que fez regularmente.

John Leadbitter nasceu em abril de 1915. Frequentou a escola de *Browney Colliery*, que deixou aos catorze anos.

Não tinha alternativa senão trabalhar na mina de carvão – como todos os outros jovens que saíam da escola, e como o seu pai fizera durante toda a vida.

"Trabalhei na mina durante vinte e seis anos, até que a pneumoconiose – o pó de carvão nos pulmões – deteriorou tanto a minha saúde que já não consegui continuar como mineiro", explicou Leadbitter sobre a origem do seu sofrimento crescente.

"A Junta de Pneumoconiose em Newcastle-Upon-Tyne confirmou a minha doença.

Fui afastado da mina em 1956 e recebi uma pensão.

Tenho de ser examinado pela Junta de Pneumoconiose a cada dois anos, mas o diagnóstico é sempre o mesmo: ‘Sem melhorias.’

A minha pensão de invalidez foi sempre reconfirmada e, desde que fui afastado da mina em 1956, após os meus vinte e seis anos de trabalho, permaneceu em vigor."

Entre 1956 e 1969, John Leadbitter desempenhou vários trabalhos que o seu estado de saúde debilitado lhe permitia realizar com eficiência.

A sua pensão era insuficiente para viver, mesmo de forma modesta, mas, em vez de solicitar um benefício suplementar a que tinha direito, decidiu complementar a sua pensão com trabalho leve.

Não suportava a mera ideia de ser visto como ‘um inútil preguiçoso’ ou ‘um aproveitador sem vontade de trabalhar’.

Mas, depois de trabalhar ininterruptamente durante treze anos – muitas vezes com grande esforço –, a sua saúde foi-se deteriorando de forma constante, até que finalmente perdeu toda a esperança de voltar a trabalhar.

"Eu costumava ir à loja de jornais todos os sábados de manhã para comprar o meu jornal", descreveu Leadbitter sobre o seu 'colapso final' em outubro de 1969.

"Então, assim que entrei na loja, as minhas pernas começaram a dobrar-se como se fossem feitas de borracha, o meu peito e garganta arderam como fogo, eu lutava para respirar e não sabia o que estava a acontecer.

Com grande esforço, consegui voltar ao carro e conduzir para casa."

"Tive de esperar até segunda-feira de manhã para que o meu médico viesse examinar-me.

Ele não conseguiu diagnosticar o que estava errado e decidiu que eu deveria ser examinado por um especialista no nosso hospital local, em Bishop Auckland.

Eu estava num estado deplorável e o meu médico reiterou que o meu caso era urgente, mas tive de esperar duas semanas antes de ser examinado no hospital."

"O diagnóstico foi 'angina' e receitaram-me comprimidos que não faziam qualquer efeito.

O especialista então declarou que eu era 'incurável' e acrescentou que a medicina convencional e o tratamento não poderiam fazer nada por mim que melhorasse a minha condição de saúde."

"Eu estava no meu limite, porque estava claramente a transformar-me num vegetal", continuou ele. "Já não me restava energia e era quase continuamente atormentado pela sensação de queimadura no peito e na garganta, e além disso muitas vezes tinha de lutar para respirar e, por vezes, temia estar a ser sufocado até à morte. Pior ainda era o facto desmoralizante de que não conseguia andar mais do que uns dez metros sem ter de parar, apoiar-me na bengala e esperar até que as minhas pernas 'de borracha' recuperassem força suficiente para me permitir caminhar mais um curto percurso. A minha saúde estava tão debilitada que já não me importava se vivia ou morria.

No auge do desespero, numa noite de outubro de 1969, fui visitar a minha filha, a Sra. Marian Wheeler, que vivia a cerca de dez quilómetros da minha casa. Foi um esforço quase sobre-humano conduzir até lá, mas quando finalmente cheguei, acabou por ser a minha salvação", recordou ele o

acontecimento. "Ela tinha acabado de ler o teu livro *Healing Hands* e sugeriu que eu o lesse.

Estava numa condição tão desesperada que estava disposto a tentar qualquer coisa para melhorar, por isso pedi emprestado o livro, li-o e escrevi imediatamente para Aylesbury a pedir uma consulta o mais cedo possível.

Infelizmente para mim, George Chapman respondeu que estava com a agenda totalmente preenchida, mas sugeriu que eu escrevesse novamente em 1970. Fiz isso em janeiro e fiquei feliz por conseguir uma consulta para abril de 1970..."

Enquanto John Leadbitter sofria e aguardava a sua consulta com William Lang, a sua filha mudou-se para Nuneaton.

A sua mudança de residência facilitou bastante para o pai a deslocação até Aylesbury.

Ele podia iniciar a sua longa viagem no dia anterior à consulta, pernoitar na casa da filha e seguir viagem na manhã seguinte.

"Bem, chegou o grande dia da minha primeira visita a St. Brides", disse Leadbitter, com entusiasmo ainda percetível na voz. "Chegou finalmente a minha vez de ver o homem que esperava há tantos meses para conhecer.

O Sr. Lang, um homem claramente idoso, saudou-me com as palavras: 'Entre, jovem, é um prazer vê-lo...' Fiquei exultante por ser chamado de 'jovem', pois tinha então cinquenta e cinco anos. O Sr. Lang colocou-me no leito de cura, examinou-me tocando levemente no meu corpo totalmente vestido e depois disse:

A primeira e mais importante coisa a fazer era fortalecer os músculos do coração no meu corpo espiritual e tentar limpar os pulmões.

Ouvi o estalar dos seus dedos e também o chamar de 'Basil' – o seu filho cirurgião espiritual 'falecido', que o auxilia sempre que é realizada uma operação espiritual ou outro tipo especial de cura espiritual. Cerca de meia hora depois, o Sr. Lang disse que eu deveria levantar-me devagar do leito de cura, pois a minha primeira sessão de cura estava concluída, e instruiu-me: Nas quatro horas seguintes, não deveria comer mais do que dois biscoitos e beber apenas uma chávena de chá. Ao fim das quatro horas, teria de tomar um banho quente e, depois disso, poderia fazer uma boa refeição. Deveria certificar-me de o voltar a ver dentro de seis meses."

Leadbitter seguiu as ordens do cirurgião espiritual à risca.

O regresso de carro a Nuneaton demorou quase quatro horas, por isso, ao chegar à casa da filha, estava pronto para cumprir as instruções rigorosas e tomar o seu banho quente.

"Assim que saí do banho para me secar, senti um cheiro peculiar", descreveu Leadbitter sobre a sua experiência impressionante.

"Cheirava a éter – como se alguém tivesse estado num hospital para ser operado.

Depois de puxar o tampão para escoar a água, o cheiro desapareceu. Foi algo inexplicável. Mas, para me certificar de que não estava a imaginar alguma espécie de fenómeno sobrenatural, perguntei à minha filha, que preparara o banho para mim, se tinha colocado algum desinfetante na água. Quando ela confirmou que não tinha adicionado nada, concluímos ambos que provavelmente se tratava de algum tipo de fenómeno psíquico, possivelmente relacionado com a operação espiritual e talvez um sinal sobrenatural de que a visita ao Sr. Lang tinha sido um sucesso."

Ao regressar a casa, John Leadbitter manteve-se atento a qualquer progresso, por menor que fosse.

Mas, quando se deu conta de que apenas houve uma melhoria muito insignificante, não ficou desapontado por a sua primeira visita ao Sr. Lang não ter resultado numa ‘cura milagrosa’.

Percebeu que os trinta e nove anos de deterioração contínua da sua saúde não poderiam ser curados, ou significativamente melhorados, com apenas uma primeira operação espiritual para fortalecer os músculos do coração e limpar parcialmente os pulmões das camadas profundas de pó de carvão – e especialmente não quando, na altura da sua primeira visita a St. Brides, a sua energia estava no nível mais baixo de sempre, ficava ofegante e exausto ao tentar caminhar distâncias mínimas e vivia num estado de sofrimento quase insuportável.

Em outubro de 1970, seis meses após a sua primeira visita a Aylesbury, John Leadbitter voltou a ver o Sr. Lang.

Esperava que operações espirituais e tratamentos adicionais pudessem resultar numa melhoria mais evidente. As suas esperanças não foram em vão, pois Lang assegurou-lhe que a primeira operação espiritual e o tratamento tinham sido bem-sucedidos. Os músculos do coração estavam um pouco mais fortalecidos e algum pó de carvão fora removido dos pulmões. Enquanto realizava mais operações espirituais, Lang declarou com autoridade:

"As glândulas do seu corpo estão desequilibradas e, enquanto não forem reguladas, a sua condição não poderá melhorar satisfatoriamente."

Sugeriu que Leadbitter consultasse o seu médico e lhe pedisse, com cuidado, um tratamento convencional para as glândulas. Explicou que isso traria resultados muito mais rápidos do que se o tratamento fosse limitado apenas às operações espirituais realizadas semestralmente.

"Consultei o meu médico após o regresso de St. Brides e perguntei-lhe diretamente: 'As minhas glândulas poderão estar desequilibradas?'", contou-me Leadbitter.

"O médico respondeu 'É possível' e enviou-me para um exame de sangue no hospital de Bishop Auckland.

Quando recebeu o relatório do hospital, explicou-me: 'A glândula tiroide, a principal glândula do corpo, está um pouco subativa.' Prescreveu-me comprimidos para a tiroide e comecei a recuperar a energia. Então, o meu médico disse: 'Fico contente por ter descoberto isso.'

Mas se o Sr. Lang não tivesse sugerido que eu perguntasse ao médico sobre o desequilíbrio das minhas glândulas, sinto que não teria feito qualquer progresso e já estaria há muito 'seis palmos abaixo da terra', ou, alternativamente, estaria aqui sentado como um zombie."

O tratamento de John Leadbitter foi longo – viajou a cada seis meses, durante sete anos, até Aylesbury para receber operações espirituais e tratamento regular de William Lang, que, com a assistência do médico do paciente, conseguiu finalmente reverter o diagnóstico inicial de 'incurável' e restaurou a saúde de Leadbitter a tal ponto que ele agora pode viver uma vida quase normal.

"Graças ao nosso grande amigo, o Sr. Lang, já não preciso de usar bengala e consigo caminhar muito bem", confirmou Leadbitter.

"E se não fosse a minha filha, que encontrou o teu maravilhoso livro *Healing Hands*, nunca teria sabido do Sr. Lang e das operações espirituais.

Aquela terrível sensação de queimadura no peito e na garganta, a luta desesperada para respirar e todo o sofrimento que tive de suportar são agora apenas torturas do passado – como pesadelos assustadores e horríveis."

Ele concluiu o seu relato de "final feliz", que me contou em 27 de novembro de 1977, com um tom jubiloso na voz:

"Visitei George Chapman pela última vez há três semanas. Cheguei demasiado cedo a St. Brides e tive o prazer de conhecer George pela

primeira vez enquanto ele ainda era George e não estava ainda em transe, com o seu corpo tomado pelo Sr. Lang.

Tomámos café juntos e tivemos uma pequena conversa.

E quando chegou o momento de ele entrar em transe profundo, levou-me ao consultório do Sr. Lang.

Isso deu-me a oportunidade muito privilegiada e única de ver George e o Sr. Lang juntos.

Observei George como um falcão e fiquei espantado com a facilidade e rapidez com que ele entrou em transe e emergiu como o Sr. Lang.

Em três minutos ou pouco mais, tinha-se transformado exatamente no mesmo Sr. Lang idoso que encontrei em todas as minhas visitas a St. Brides e que agora me saudava com o seu habitual 'é um prazer vê-lo, jovem'.

Era completamente diferente de George!

Nunca esquecerei esta transformação inacreditável de um homem a tornar-se outro diante dos meus olhos atentos, que observavam concentradamente cada fase desse processo.

E isso permanecerá firmemente gravado na minha mente por toda a vida, especialmente porque essas transformações diárias ocorrem para permitir ao Sr. Lang, ao usar o corpo de George, mudar diagnósticos 'incuráveis do ponto de vista médico' em curas, ou pelo menos semi-curas, de doentes outrora sem esperança.

Não consigo expressar adequadamente o quão profundamente agradeço a Deus por me ter concedido o raro privilégio de ser destinado a experimentar o verdadeiro milagre de a minha condição outrora 'incurável' ter sido transformada no meu atual e duradouro estado de boa saúde."

Quando discuti o caso de John Leadbitter com William Lang, ele declarou:

"Sim, foi um caso muito difícil. Trinta e nove anos de deterioração progressiva da saúde não podem ser curados ou substancialmente melhorados do dia para a noite, por assim dizer.

Desde o início, avisei o jovem Leadbitter de que a sua condição era excecionalmente grave, de que ele tinha vindo ver-me mesmo a tempo, e que talvez fossem necessários muitos anos até conseguirmos estabilizá-lo.

Ele era – e ainda é – muito recetivo, e isso ajudou-nos bastante quando realizámos as muitas operações urgentes no seu corpo espiritual, que suplementámos com injeções espirituais adicionais e tratamento, não

apenas quando ele vinha ver-me em St. Brides, mas também na maioria das noites, enquanto dormia, na sua própria casa.

Estávamos bem cientes do facto de que, apesar dos nossos esforços mais concentrados, até mesmo a mais pequena melhoria inicial seria muito, muito lenta;

mas também sabíamos que, mais tarde, quando conseguíssemos estabilizar a causa mais grave da sua condição em constante agravamento, progressos consideráveis e contínuos seriam feitos, e o jovem Leadbitter acabaria por colher os frutos do nosso sucesso duradouro e desfrutar de uma vida sem problemas."

"Foi imperativo combinar operações espirituais e cura com tratamento médico ortodoxo?" perguntei.

"Não foi imperativo, de forma alguma; poderíamos ter alcançado exatamente o mesmo sucesso por nós próprios e sem cooperação externa", respondeu Lang.

"Mas, neste caso particular, o progresso dele teria sido muito mais lento se tivesse apenas cura espiritual, e essa consideração foi a razão pela qual sugeri que o jovem Leadbitter complementasse a sua cura com o tratamento médico ortodoxo adequado prescrito pelo seu médico, para obter progressos muito mais rápidos.

Expliquei tudo a ele, e ele compreendeu e aceitou a minha sugestão.

Para garantir que o seu médico lhe fornecesse exatamente o tratamento ortodoxo suplementar adequado, enfatizei que deveria abordar com diplomacia a possibilidade de as suas glândulas estarem desequilibradas, e assim por diante.

Como sabes, funcionou maravilhosamente bem."

"Não acha um pouco estranho que, embora o paciente tenha transmitido ao médico o seu diagnóstico sobre o desequilíbrio das glândulas, o médico tenha anunciado com orgulho que foi ele quem detetou o problema glandular?"

"Bem, isso realmente não importa", disse ele, sorrindo condescendentemente, como costuma fazer em ocasiões semelhantes.

"A única coisa que importa para mim e para todos nós é:

Ao ouvir e agir imediatamente sobre a referência ‘delicada’ do seu paciente à possibilidade de um problema glandular, este médico provou ser um profissional que se preocupa com o bem-estar dos seus pacientes e que

está disposto a ir além do que é estritamente necessário se isso puder contribuir para aliviar o sofrimento.

Lembra-te, Joseph, de que, muitas vezes, mesmo o médico mais qualificado, ao examinar um corpo físico, simplesmente não consegue detetar certas causas tão facilmente como eu posso ao examinar o corpo espiritual.

O facto de ele se vangloriar de ter detetado o problema glandular deve-se a uma súbita cedência ao ego humano – uma das falhas humanas mais comuns e de consequência insignificante, a que um número considerável de pessoas no vosso mundo está sujeito, mesmo que não tenham consciência de que essa é uma das muitas influências peculiares do vosso planeta.

Mas nada disso tem a menor relevância para o facto de este médico ser um bom e atencioso profissional."

Ele concluiu com considerável ênfase:

"As únicas duas questões que importam para mim, para os meus colegas cirurgiões espirituais e para os assistentes, neste caso específico, são:

(1) que o jovem Leadbitter é agora um homem muito diferente daquele que era quando o vi pela primeira vez, há sete anos;

e (2) que um médico de carne e osso, no vosso mundo, agiu ativamente e fez tudo ao seu alcance para restaurar a saúde do seu paciente.

Afinal de contas – independentemente de vivermos no vosso mundo ou no nosso mundo espiritual – todos somos médicos cuja primeira consideração e dever é que, com a ajuda de Deus, consigamos curar os nossos pacientes."

O DOUTOR LANG DISCORRE ACERCA DA MEDIUNIDADE

O doutor Lang frequentemente falava acerca da mediunidade nos encontros em que a minha mulher e eu tínhamos com ele, e aqui narro algumas das observações que chegou a fazer.

“A ambição faz-se necessária na vida, a fim de estimular o esforço e a determinação por alcançar objetivos que ajudarão ao progresso da pessoa na vida terrena. Por tratar de conseguir experiência, conhecimento, qualificações numa ocupação que conduza a um serviço digno prestado à família ou mesmo remotamente à humanidade, seja credível.

A disciplina e a negação pessoal envolvida possui um impacto espiritual dependente da sinceridade com que tal ambição seja perseguida e os

resultados empregues. Isso é ótimo. Se o homem na Terra não puder usar o cérebro e a mente de uma forma bem-sucedida, tão pouco o poderão as pessoas espirituais. Alguém que não possua ambição, e que, contente em se recostar sem alcançar nada, não sinta interesse algum pela vida nem busque oportunidades, quando voltar para o espírito e se voltar para trás, dirá: "Valha-me Deus, se eu ao menos tivesse sido mais ambicioso para me realizar na vida e torná-la digna!"

"Quando estive na Terra, embora fosse ambicioso na careira que exerci, não era u homem de negócios de forma nenhuma. Na verdade, conversava muito pouco, conforme aqueles que me são chegados na terra poderão confirmá-lo, o que representou um transtorno para a minha mulher. Eu era um homem religioso e não tinha qualquer contacto com o Espiritualismo, e frequentava a Igreja do Estado de vez em quando, mas não estava ligado a atitudes ortodoxas.

"A minha vida era preenchida pelo trabalho e pelo retiro subsequente para o meu estudo, para a leitura e para a minha música, que prezava muito. Assegurava-me de que a minha família era zelada – ainda há quem, na terra, esteja a ser tratado em virtude de arranjos feitos por mim. Os meus que se encontravam comigo no espírito não desejariam que eu fosse de outra maneira – tornámo-nos espiritualmente iluminados, porém, não seres espirituais magníficos.

"Deviam perceber que os seres iluminados magníficos que se encontram deste lado fazem muito pouco em relação a um trabalho com os médiuns na Terra. As responsabilidades repousam sobre nós, que aprendemos o suficiente para ser capazes de satisfazer os requisitos e sentimos a dedicação pelo serviço pela humanidade. Os mais avançados permanecem em segundo plano a exercer uma supervisão.

"Eu não tenho um corpo físico, porém, possuo partes correspondentes à circulação sanguínea e ao batimento cardíaco, assim como uma alma, ainda amo o trabalho que exerço e os pacientes que tenho na Terra. Mas tenho u amor ainda maior pelo George o meu instrumento; ele foi meu irmão numa vida passada. Nesses dias discutíamos muito e estávamos sempre em desacordo. O George é livre de discordar de mim agora, e ocasionalmente fá-lo. Foi muito divertido quando ele certa vez me disse: "Vai para o diabo." Eu não fui por não gostar do cavalheiro. Mas se o George examinasse a sua árvore genealógica haveria de descobrir que não se poderia ver livre de mim facilmente, por fazer parte da minha alma, e isso representar a base do nosso presente relacionamento.

"Conforme provi para a minha família, é meu dever agora assegurar-me de que o George seja bem tratado, e não o deixarei ficar mal com respeito a

isso. Se o George tivesse que me dizer: “Dr. Lang, não quero que me controle mais,” eu acataria a sua vontade e deixá-lo-ia, mas ele haveria de permanecer como um reservatório vazio lançado num mar revolto, e partiria para o espírito rapidamente.

“Tu poderás discordar de algumas das minhas opiniões em diversos assuntos que isso deverá querer dizer muito pouco. Tudo quanto faz parte do nosso trabalho parte de um plano estabelecido aqui, no qual desempenho um papel. No âmbito desse plano não iremos fazer nada que venha a prejudicar ninguém na Terra. Se nós, da banda da cura, por vezes parecemos rígidos, e o nosso médium é encarado por alguns na Terra com uma certa dúvida, pergunto o que poderemos fazer com as pessoas que conduzem continuamente o sofrimento a si.

“A mediunidade representa um potencial na natureza da pessoa, infelizmente um potencial que geralmente se encontra profundamente submerso pelas exigências da vida na Terra que deixam muito pouco ou nenhum interesse pela pesquisa sobre a nossa natureza, origem e destino.”

O doutor Lang sempre realça a santidade do serviço espiritual exercido por parte do Espírito, e a enorme responsabilidade que repousa sobre quantos na Terra possuem a capacidade de cooperar de uma forma objetiva enquanto canais e têm consciência disso, mas também mencionou algumas ciladas e erros comuns.

“O clarividente que audaciosamente diz a alguém: “Tu possuis poder de cura,” por constatar uma cor azulada característica na sua aura e ao redor da cabeça e dos ombros, pode provocar incompreensão. A evidência de tal aptidão poderá não ir além de um reflexo de uma natureza simpática para com as pessoas no geral, e por aqueles que padeçam de sérios problemas em particular, para além da doença. Tal aura azulada nem sempre é indicador de mediunidade física, embora constitua um atributo importante e digno. Há muita gente saudável que goza de uma abundância excessiva de energia – uma qualidade física e não psíquica nem espiritual. Se uma pessoa dessas colocasse as mãos sobre alguém que se encontrasse doente ou deprimido ou exaurida nas suas forças, poderia dar-se uma transferência de energia que provocasse no doente um estímulo que o fizesse sentir–se melhor, mas uma cura raramente é obtida.

“Quem quer que, a despeito de tal sinceridade, não possua tal abundância implícita, não devia praticar o método de cura da imposição das mãos. Se o fizer, poderá ter uma altura em que se encontre numa maré mais baixa que a do paciente, e se isso suceder, então o pretenso curador irá retirar energia ao paciente, e este irá sentir-se com menos energia que antes. Dá-se uma inevitável transferência do mais forte para o mais debilitado. E se o

aspirante a curador estiver longe de ser adequado, nem que seja temporariamente, e o paciente se encontrar num estado baixo e negativo, o próprio curador poderá ficar indisposto, ou pior do que estava, e o sofredor mais reduzido na sua energia. Quando existir antipatia entre ambos, por qualquer que seja a razão, não existirá afinidade, e nenhum deles poderá beneficiar em qualquer dos casos; isso refletir-se-á na cor de ambas as auras, por se tingirem de vermelho."

Ele começou por explicar que levou vários anos a coordenar os laços existentes entre ele e o George, de modo a torná-los numa parceria efetiva ao mais alto nível possível. O trabalho tinha envolvido uma média de 20 a 30 pacientes por dia, além de milhares de pacientes tratados à distância. Mas ele prosseguiu:

"Encontramo-nos ocupados sete dias por semana. Para além disso, tenho o trabalho que exerço num vasto hospital deste lado, e não poderia suportar todo o trabalho envolvido sem o auxílio constante da minha equipa de médicos cirurgiões ao mesmo tempo. Simplesmente não me é possível empreender trabalho com outros médiuns mesmo que me sentisse inclinado a isso, coisa que não estou. Além disso, há um limite espiritual para o que podemos empreender – contrariamente ao que alguns possam dizer, o espírito afadiga-se devido ao esforço e às energias gastas e não resta tempo para o relaxamento nem para a recuperação.

"Os meus pacientes são a minha preocupação... Não me associo a nenhum médium para além do George, nem tão pouco alguma vez tive vontade de o fazer. Muitos médiuns induzem as pessoas em erro com afirmações de que eu me encontro presente e a comunicar por diversos modos, que eu sou o terapeuta que opera por intermédio de mais alguém para além do George, etc. Todas essas afirmações são inverídicas. Não estou a dizer que tenham a intenção de enganar, mas interrogo-me da razão porque tais médiuns fazem tais declarações e com base em que fundamentos.

"A representação pode ocorrer sem o meu conhecimento, possivelmente com óculos pequenos e uma barba grisalha são apresentados de forma errónea, de modo que não posso dizer que os médiuns estejam conscientemente em erro, mas errado está. Atividades para além da cura e a cirurgia que pratico, e a companhia de que aqui gozo, não têm interesse para mim, e eu não seria levado a tentar a escrita automática por intermédio de outro médium. A escrita automática, assim como o tabuleiro Ouija, prestam-se muito à representação, a menos que conduzidos por um poder da mais elevada qualidade.

“Há outras razões convincentes para o trabalho que empreendo com o George e mais nenhum. Há um ciclo cármico que me envolve a mim e ao meu filho cirurgião Basil, que trabalha comigo, e ao George e o seu filho curandeiro Michael. Todos nós estivemos previamente associados noutras vidas, e irá prosseguir deste lado, e através da reincarnação na Terra. Quando o George passar para este mundo, passado algum tempo eu reincarnarei na terra, seguido por Basil e por Michael no seu devido curso, de modo que o ciclo cármico irá seguir o seu curso.

“Não conheço o indivíduo que trouxe isso a conhecimento, não o conheço de jeito nenhum nem nunca estive associado com ele; não o culpo pelas declarações que fez, mas gostaria de saber que evidência terá ele obtido. Se alguém tivesse que ser informado por um médium que eu, William Lang, esteja com eles, deveria receber em resposta a pergunta se eu tive alguns irmãos ou irmãs, quais os seus nomes, além de perguntarem com quem terá casado essa irmã; qual tenha sido o nome da minha mãe, a data da sua passagem, etc. Tais elementos são passíveis de verificação e a comprovarem estar corretos, deveriam constituir uma boa prova. Os médiuns deveriam ser capazes de fornecer os detalhes que possibilitassem isso.”

Posso acrescentar que frequentemente o doutor Lang expressa a sua firme opinião de que a comunicação através dos vários meios ao seu dispor deveriam fornecer provas substanciais da sua identidade, e não concorda com aqueles que adotam pseudónimos, considerando, ao invés, que se estivessem na disposição de assumir o trabalho deveriam estar preparados para dizer quem são e prová-lo. Em relação às crianças, ele disse-me:

“Uma criança nasce sem pecado, mas a partir desse momento encontra-se sujeita às influências. Se um pai alimentar más ideias, elas poderão sem qualquer intenção passar a ser implantadas na mente da criança e o anjo da guarda – caso queiram usar essa expressão – ver-se-á forçado à retaguarda. As influências oriundas do mundo do espírito debater-se-ão, e muito dependerá da extensão do que for absorvido pela criança do ambiente criado pelos pais. Assim, a criança atrai boas e más influências. Muitos jovens que se encontram em instituições de detenção constituem o produto disso. Algumas terão tendências psíquicas e até mesmo mediunidade, e ao envelhecer poderão chegar a sentir-se atraídas e interessadas por questões ligadas ao Espiritualismo.

“O mal poderá chegar a ter algum peso na sua vida, assim como poderá encontrar-se num estado de indecisão, mas seja como for, ainda se deverá dar um choque entre as influências do bem e do mal. Ainda poderá subsistir algum bem nele, mas e o mal tiver supremacia, e se obtiver algum

desenvolvimento psíquico, não alcançará mais do que um tipo inferior de clarividência, ou seja, quaisquer impressões que possa receber do espírito será da parte dos espiritualmente menos desenvolvidos, daqueles que se encontram no limiar, (talvez maliciosos ou perniciosos ou vingativos) assim como poderá apresentar evidência de fenómenos físicos de baixo padrão.

"Jamais se envolverão na cura espiritual, nem virão a tornar-se oradores inspirados. Quando as pessoas adequadas tiverem sido bem preparadas na terra, na linha correta, conforme virá a ser exposto no seu trabalho, então uma corrente de influência e de suporte da parte do espírito será formada e tais influências perniciosas irão à sua vida em qualquer altura. Certas pessoas, mas poucas, são selecionadas pelo criador para cumprir a missão de Cristo, de Deus que quiserem, mas ninguém se acha livre do conflito espiritual na sua vida sobre a Terra.

"As pessoas no vosso mundo em especial médiuns em potencial, deveriam compreender a importância do controlo pessoal. Não só do temperamento – a referência do costume – mas do controlo das operações da mente, das ideias que entretém. Se incapazes de se controlar por esses processos, se destituídas da compreensão da necessidade constante de dirigir as energias mentais para a compreensão do puro e do verdadeiro na vida que Jesus ensinou, então não deveriam penetrar neste domínio a qualquer nível que fosse, nem tão pouco no da mediunidade, porquanto seriam influenciadas por forças oriundas do meu mundo que não são boas. Poderiam, por todos os meios, conversar com as pessoas espirituais por intermédio de médiuns, como os outros fazem, poderiam receber cura, mas jamais deveriam propor-se a um desenvolvimento nem deveriam juntar-se a um círculo familiar que estivesse em desenvolvimento.

"Há gente tola que penetra neste trabalho, devido à falta de compreensão, mas se agirem de forma idiota ou insensata ou colocarem perguntas insensatas receberão respostas insensatas e mesmo perigosas da parte do espírito. É fácil abrir as portas psíquicas pessoais mas as influências de muito podem penetrar. Mas as pessoas de confiança não brincam com isso."

COMO O DOUTOR LANG COOPERA COM GEORGE CHAPMAN

Não é possível estabelecer uma demarcação clara entre a experiência de transe experimentada por George e a do doutor Lang. Ambos os caracteres acham-se de tal modo interligados que nunca podem dizer: "Este é o meu lado; aquele é o teu."

Para completar a história do transe, William Lang disse-me que podia encontrar-me com ele para lhe fazer perguntas relativas às questões aqui apresentadas. Fomos para a sala de consultório e o meu encontro começou com um pedido de esclarecimento relativo ao que o Dr. Lang faz para assumir o controlo do seu médium. Eis o que me disse:

"Vou começar com o exemplo do dia de hoje. Percebi, pelo George, que se encontraria comigo depois de amanhã, de modo que não considerei que quisesse falar comigo hoje, apesar de também saber que o George não tinha qualquer mudança em mente. Quando ele discutiu isso consigo hoje, poderá ter notado que ele se ausentou por uns instantes do escritório lá de casa. Foi para uma outra sala onde emitiu pensamentos dirigidos a mim a indagar se hoje calharia bem, uma vez que não havia pacientes e ele se sentia relaxado. Ele estabelece contacto comigo tipo telefone. Eu concordei, e ficamos junto dele para a viagem até ao aeroporto para nos assegurarmos de que ele conduzia adequadamente e de que permanecia relaxado. Quando chegou eu estava preparado mas não regateei por ele ir aqui ou acolá com o Michael.

"Continuando, quando aqui chegou com o George ao consultório, eu já tinha estabelecido contacto com ele, de modo a combinar a minha vibração com a cor da sua aura. Na sua mente, ele conseguia divisar a minha face tão logo se sentou na cadeira, e eu sorri-lhe. Ele encontrava-se preparado e relaxado; o seu corpo espiritual deslocou-se eu simplesmente avancei e assumi o controlo. Sempre que asseguro o controlo asseguro-me de que o seu corpo físico continua a viver, e a minha banda de cura representa igualmente uma proteção. Eu encontro-me em sintonia com este trabalho de cura, sou simplesmente eu próprio mais as minhas expressões, as minhas próprias ideias, como se estivesse num consultório – que para o efeito é meu mesmo – e eu sinto-me completamente à vontade no corpo dele. Foi assim que cheguei a falar consigo hoje."

Em resposta à minha pergunta, ele disse que não se apossa dele por estágios:

"O George por vezes interroga-se se será ele próprio ou o Dr. Lang – e há alturas em que eu sinto o mesmo em relação a ele, mas em transe isso não sucede. Recentemente, o George teve um problema com o seu braço direito; contraiu aquilo de que eu padeci, que provoca um tremor na minha mão direita, de modo que tinha que usar a esquerda mais nas operações cirúrgicas. Mais tarde o meu filho, que foi cirurgião, passou a trabalhar comigo com frequência e conseguia operar sob a minha orientação.

"Quando desejo contactar o George em qualquer altura, deixo o que estou a fazer e venho até onde ele me consiga ver. Desse modo ele obtém

conhecimento e presta atenção. No caso de uma sessão de cura, que evidentemente é previamente combinada e tem o meu conhecimento e concordância, eu conduzo a mim os membros da minha equipa e revelo-lhes o propósito. Passamos para o consultório. Sempre que me aproximo o George tem consciência de luz e assim que me nota eu falo com ele. O seu corpo espiritual precisa deslocar-se antes que eu possa assumir o corpo. Ao fazê-lo, é aplicada uma pressão por entre os olhos e o cérebro do George, que abranda de modo a não captar pensamentos da sua mente enquanto se encontrar do lado do espírito.

"Se o George estiver cansado, serão precisos uns empurrões daqui e dacolá, da minha parte a ajudar, a fim de completar o processo. O maior impedimento é a preocupação – se ele tiver passado por um período de preocupação, talvez com respeito aos afazeres domésticos, acúmulo de trabalho etc., isso ainda permanecerá ao redor do cérebro dele e impedi-lo-á de relaxar adequadamente. A interferência será ligeira mas ficará a pairar e agarra-se à aura com a qual preciso completar a integração. A mina própria mente espiritual sente isso como uma intromissão e precisamos tratar o George a fim de lhe remover essa energia de preocupação. Nessas alturas não quero que os pacientes acorram em rápida sucessão porque até que o problema esteja resolvido preciso dispensar tempo junto dos primeiros dois ou três pacientes a fim de conseguir assegurar-lhes que a cura não estará por forma nenhuma em falta, nem nunca esteve."

Perguntei se a preocupação retornava após o transe e o doutor Lang disse que sim, que começava de novo, como quando se coloca os problemas que temos para trás das costas e eles regressam.

"Quando todos os pacientes tiverem sido vistos e for tempo de deixar o George, fazendo ainda uso dele dou graças a Deus pelo privilégio que me é concedido e pela faculdade que e é prestar este serviço de cura, e expresso gratidão pela mente do médium, o meu instrumento, que me permite utilizar o seu corpo físico. A essa altura, membros da equipa dizem ao George que é tempo de regressar, e encaminham-no até aqui. Ao se aproximar eu sorrio-lhe e dirijo-lhe umas quantas palavras, como: "Voltarei a ver-te; agora alguém permanecerá contigo para te assegurar que nenhum espírito desnecessário interfira." Nessas alturas o George sente paz e harmonia, sente-se completamente relaxado e gradualmente apossa-se do próprio corpo, retornando assim ao estado consciente, enquanto eu me ajusto às condições em que vivo."

William Lang falou pessoalmente da passagem desta vida por que passou, a mim e à minha esposa. Tal como nas ocasiões anteriores, ele expressou o desejo de conversar connosco em nossa casa, de modo que combinamos

com o George. Sentamo-nos no salão, o George numa poltrona. Após uma conversa de minutos o olhar dele tornou-se vidrado e ele deixou a conversa, que cessou, sentou-se ereto, inclinou-se ligeiramente para a frente três vezes e a seguir afundou-se um pouco na poltrona, e ficou em transe. William Langa falou, primeiro com respeito ao filho Basil, cuja morte prematura tinha sido motivada pela pneumonia, conversou também acera de sua filha Lyndon, a quem se sentia muito agradecido por se ter devotado durante tantos anos a tratá-lo, por ele ter vivido até idade muito avançada (85) e ter-se tornado frágil antes de passar desta vida. O médico prosseguiu:

"Tenho o prazer de me ver concedida a oportunidade de entrar no vosso lar para lhes falar, e pretendo falar-lhes acerca do meu mundo. Quando passei para este mundo o trabalho de cirurgião que eu exercera ajudou-me com respeito a certas ideias vagas que se prendem com a continuidade da vida das pessoas. Embora eu não antecipasse o modo, a par com a firma crença que tinha em Deus. Eu sabia que estava em busca, que estava a conseguir abranger, porém, não sabia o quê. A seguir cochilei durante muito tempo e enquanto o fiz, vi a minha mulher Susan, o meu pai, a minha mãe e a minha irmã. Estavam todos muito satisfeitos por me ver e eu a eles.

Perguntei-lhes: "Onde é que estou? Estou a sonhar?" E a Susan disse: "Anda comigo." Eu não tinha noção de a estar a acompanhar mas aquilo que vi a seguir foi uns enormes portões a uma certa distância, semelhantes aos portões de ferro das mansões adornados com complexas decorações. Não recordava ter visto qualquer suporte a sustentá-los. Caminhei na sua direção mas não tenho ideia do que teria sob os pés; os portões era tudo quanto podia divisar, e uma vez junto deles, coo que vinda do nada, surgiu muita gente alegre e acolhedora que não consegui identificar, mas sentia-me satisfeito e tranquilizado por os ver, ao sentir que emanavam uma efusão de amor por toda a parte.

"Eu senti uma libertação. Sentia-me completamente livre dos cuidados e do fardo que tinha sido um corpo físico esgotado. Aquilo que vim a conhecer como o meu corpo etérico, a fonte de energia na Terra, deixou-me, por não mais necessitar dele, vi o meu corpo físico como uma caixa vazia e ele desvaneceu-se. Tinha sido o meu verdadeiro "Eu" que tinha atravessado aqueles portões.

A vós, minha querida senhora, tenho referido muitas vezes o imenso amor que vejo em vós, de modo que se fosse capaz de sentir um amor que jamais pudesse ser posto em palavras, um amor espiritual não só por uma pessoa mas por todas as pessoas que vê, isso equivaleria ao que senti ao passar por aqueles portões, pois aí pude ver aqueles que tinha operado e

aliviado ou curado. Eles tinham passado porventura motivados por doenças, mas ocorreu-me também, talvez vitimados por erros cometidos por mim. Era capaz de recordar cada um, e assim me revelaram o seu amor.

"Para além dos portões entrei num caminho em que agora me encontrava só. Toda aquela gente tinha desaparecido da vista e não mais conseguia sentir-lhes a presença. Pensei que estaria a sonhar e que dentro de pouco tempo acordaria. Mas não. Percorri o caminho e havia muitas outras veredas de ambos os lados. Fiz uma pausa a pensar e a tentar decidir, mas enquanto ali estava tive a perceção de que tinha mesmo morrido. Estava morto, tinha de estar, mas estaria a experimentar morte alguma?

Estava surpreendido por nada de estranho me ter acontecido. Decerto que não deveria passar da condição em que me encontrava até que Deus viesse e se pusesse diante de mim com uma presença impressionante conhecedor de todas as coisas, que eu não iria suportar, para me dizer que eu não iria para o céu, ou, se eu acreditasse ser o destino a ter, um inferno de sofrimento e de penitência. Mas por mais que esperasse, nenhum Deus me surgiu enquanto olhava por entre a trepidação e névoa era a única coisa que vislumbrava. Nenhum Deus me surgiu, o que me levou a pensar que talvez não fosse assim, não fosse uma presença, de modo que prossegui.

"De imediato a minha mente tornou-se viva e alerta. Não mais parecia estar morto mas dotado de uma nova energia, e a névoa agora apresentava brilho. Surgiu uma senhora sorridente ao meu encontro que chegou bem perto e me pegou pelo braço para me conduzir por um dos caminhos que ela escolheu. Movi-me lenta mas facilmente, imaginando o que viria a seguir. Chegamos a um amplo hall; não tinha tido consciência de me aproximar de um edifício, somente de entrar no amplo hall, onde a senhora me deixou. Vi médicos e enfermeiros presentes, gente da minha própria profissão que me reconheceu ao chegar-se a mim, e que me disse que tinha passado para o mundo espiritual, mas como eu não compreendia os meus novos arredores, as atividades nem a minha própria situação, encontrava-me presentemente num plano inferior.

"Disseram que eu era livre de fazer perguntas, de modo que andei por ali e conversei com alguns e fiz perguntas; disseram-me para nada recear, mas que quando se morre e se passa da vida no corpo, se não tivermos um pouco de discernimento poderemos abrigar temor, e eu sentia receio, receio de Deus por ter consciência dos erros que tinha cometido. A seguir fui levado por essa gente da minha profissão e vi-me numa estrada comprida que percorri sozinho, uma vez mais a imaginar o que me iria suceder e onde iria dar. Agora conseguia perceber as redondezas: uma zona rural, havia trabalhadores nos campos, árvores de diversos tipos. Achava-me em meio

à beleza, uma abundância de flores, criações de um tipo que não encontram na Terra. Encontrava-me mais decidido à medida que avançava. Então, ouvi uma voz clara e distinta que me disse: “É um bom espírito o que tens em ti, o que te guia e mantém no caminho reto.”

“Pareceu-me que caminhara por um tempo demasiado longo a pensar no que tinha sucedido, procurando captar o sentido. Então, irrompeu em mim um amor profundo como jamais tinha sentido antes, e com ele sobreveio a compreensão de coisas espirituais, que me limparam os problemas da mente. As névoas afastaram-se de mim e eu senti-me no limiar da descoberta de uma realidade espiritual. Em primeiro lugar, soube que estava vivo. A seguir fiquei meio suspenso, porque mais do que alguma vez antes, estabeleceu-se em mim uma profunda consciência das omissões, negligências, rejeições e outros erros cometidos na Terra porque que era responsável. Mas nenhum Deus veio até mim, julgar-me. Encontrava-se só e dispunha de toda a prova que me corria pela alma e me levava a julgar por mim próprio com sinceridade e a té ao mínimo detalhe. Nada além da revelação da verdade. A minha alma estava a ser purificada.

“Era agora meu desejo realizar a minha vida ao serviço dos meus semelhantes – um desejo avassalador – e então os céus pareceram abrir-se e foi-me permitido entrar num céu de beleza. Uma voz clara disse-me que com o amor que tinha descoberto e o conhecimento que possuía, poderia ajudar muita gente no espírito que tinha trazido consigo as condições de que padecera. Assim, fui tratar de lhes restituir a saúde dos eus corpos enfermos. Enquanto trabalhava apercebi-me que desejava ajudar os enfermos na Terra, e que para o fazer, precisava voltar por intermédio de um médium adequado e disposto a tanto. E conforme pude constatá-lo, fiz exatamente isso.

“Deixem que lhes conte um pouco acerca do mundo do espírito para o qual passarão. Não temos telégrafo nem jornais, telefone, e toda a gente aqui aprende a usar a sua mente e pensamento para comunicar com os demais. Além disso, as pessoas são treinadas para usar a mente, de modo que a informação possa ser prestada àqueles que na Terra disponham do dom de a receber. Também esses são treinados deste lado a desenvolver o dom, se o desejarem. Quando deixam a terra e passam para o espírito não acharão nada estranho; o mundo espiritual não apresenta nada de estranho. O vosso tempo aqui está destinado a esgotar-se e acham-se tão estreitamente ligados um ao outro que o intervalo entre a sua passagem e a da sua esposa será muito curta. Aqueles que os amam juntar-se-lhes-ão e viverão numa grande felicidade; obterão uma enorme compreensão das coisas.

“Enquanto estiverem na Terra obtenham conhecimento por isso ser muito importante quando retornarem ao vosso lar espiritual, mas por ora permitam que divague um pouco e permitam que o guia deste instrumento converse convosco numa voz que eu amei, mas que pedirei que mantenha tão suave quanto possível, antes de partir. Neste compartimento encontra-se muita gente espiritual esplêndida que demonstra um enorme amor; poderá tentar transfigurar o rosto deste meu instrumento, mas agora – Estrela Solitária.”

George Chapman ergueu-se lentamente e dando uns quantos passos deteve-se em frente à lareira, de frente para a parede do lado com os pés afastados e os braços abertos. Ergeu lentamente os braços para os lados até ficarem estendidos acima da cabeça. Ao empreender esses movimentos o que testemunhamos era impossível – o seu corpo físico alagou e cresceu em altura uns 45 cm. Os braços alongaram e o peito expandiu metade do seu tamanho normal. Quer isso tenha sido uma impressão mental depositada na nossa mente ou não, é coisa que não sei, mas o sucedido foi suficientemente real para nós, e estávamos em plena luz do dia naquela tarde.

Erguendo lentamente a face para o teto saiu do George uma voz num volume de profundidade de barítono como jamais ouvira nada igual. A esta altura a minha mulher encontrava-se verdadeiramente assustada, e a primeira reação que teve foi imaginar o que a vizinha do lado pensaria daquela voz, enquanto ao mesmo tempo tinha a esperança de que não se encontrasse em casa. Então, ergueu-se da cadeira em que se encontrava num lanço e apressou-se a sair da sala dizendo que ia fazer uma chávena de chá. A voz extraordinária disse:

“Eu, estrela Solitária, o guia deste instrumento, saúdo-os a partir do meu mundo no espírito. Conforme o Lang lhes disse, que controla este instrumento, não há razão alguma para que sintam medo. O vosso Deus é um Deus poderoso e enquanto utiliza esta mesma sala convosco, estende-lhes a Sua proteção; jamais temam. Deus é todo-poderoso, Deus, o Grandioso Espírito Branco, derrama o Seu amor pelos seus filhos, e não deseja que nenhum deles na terra padeça de sofrimento. (A minha esposa tinha regressado depois de ter posto a chaleira ao lume)

“Para si, senhora Cross, minha senhora, que emite excelentes condições do seu próprio corpo físico e da alma espiritual, se se sentasse num círculo com mais gente do seu género, desenvolveria em breve o dom da clariaudiência. Para o senhor Cross, o senhor emite a partir do seu corpo um poder magnético tal que, quanto certas pessoas com quem se cruza conversam algum tempo consigo, esse poder é-lhe tirado e o seu estado de saúde diminui. É por meio disso que a doença se instala nos músculos da

língua e lhe causa dilatação e outros estados. Isso é produzido pelo espírito. Possui uma mente que o ajuda a pensar e a conversar com sensatez. Continue a aprender por meio da literatura conforme o Lang lhe disse, e jamais se sentirá só com respeito ao espírito.

"O homem destrói os animais que adoramos. Neste mundo os animais deambulam com o homem mas não o destroem conforme poderão pensar. O homem come-lhe a carne e adopta as vibrações do medo, o que provoca doença. Amor e compreensão fazem-se necessários se o homem quiser livrar-se dos alimentos que lhe são prejudiciais, e o homem aproximar-se-á uma vez mais de Deus. Agradeço-lhes."

George lentamente baixou os braços para os lados ao mesmo tempo que retornava à sua estatura normal e voltava a ocupar o assento. Estrela Solitária tinha partido e William Lang regressou dizendo: "Agora que retorno a esta sala constato raios maravilhosos que iluminam o meu mundo. Estrela Solitária é o Padrinho Espiritual do George. Ele possui muitas atividades espirituais e é um curador ainda maior do que eu. Vocês os dois podiam ir de mãos dadas procurar mais, com consciência de que aquilo que fazem é certo. Deus caminha a vosso lado todos os dias, e chegará tempo em que os vossos espíritos constatarão a sobrevivência.

"Queremos que as pessoas na terra conversem mais connosco no espírito; não nos temam como algo mau, conforme muitos dos meus amigos hoje fazem nas Igrejas. Então, a religião ocupará um lugar apropriado nos corações das pessoas e elas seguirão uma religião de bondade e de amor e de gentileza para com as criaturas companheiras. Se o Arcebispo Lang, que indagava acerca do Espiritualismo há muitos anos atrás, pudesse voltar a gozar do seu tempo na Terra de novo, haveria de falar acerca da verdade do que descobriu. Lamentamos que a vossa gente não venha a público revelar a verdade. Conforme dissemos antes, as pessoas que frequentam as Igrejas poderão ser profundamente sinceras naquilo que dizem e no que acreditam seja certo, mas muitas das suas crenças não possuem verdade. Não há qualquer garantia de verdade em parte alguma. Busquem sempre no vosso coração e na história dos diferentes povos. Deus é amor.

"Vejo diante de vós os dois um grupo de homens reunidos como numa Igreja. Vocês entram e escuta-se uma música maravilhosa como jamais terão ouvido na Terra, que comporta amor, sentimento e beleza, e enquanto falo, uma bela senhora, a senhora Cross, estende ambas as mãos e toma as suas nas dela. O poder do amor escorre dessa criança para si.

"Na Terra, uma irmã que não chegou a casar e que sempre seguiu o caminho da ajuda aos outros, como fazem todos os homens e mulheres da profissão médica. Ela deu a sua vida pelos outros; agora, a vida brota

fortemente dela. Ela possui conhecimento do mundo do espírito e se vocês se interessarem em profundidade por este mundo, essa senhora será uma das que os guiarão, guardarão, falarão convosco e os deixarão comovidos. O seu nome foi Joana. Também vejo uma irmã de caridade com uma cruz sobre ela – ela ajudá-los-á a compreender o verdadeiro significado de Deus. Senhor Cross, parecer-lhe-á estranho que um homem dotado de uma mente poderosa e repleta de conhecimento se lhe venha a dar-se a conhecer á medida que se estender neste trabalho. Ele é um mestre que irá contribuir para a sua mente com muitas coisas maravilhosas, que virão a ser postas por escrito. Fico grato a ambos."

In: 'Facts Not Fiction' de W.R. Cross